



Programa de Pós-Graduação em
Antropologia • UFPÁ



Manuela do Corral Vieira



Os jovens flâneurs.com

A construção e a liquidez da identidade no
espaço das redes sociais da Internet



Belém, Pará
2013



Manuela do Corral Vieira

**Os jovens flâneurs.com: A construção e a liquidez da identidade no espaço das redes
sociais da internet**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em Antropologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Pará.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Cristina Donza Cancela

Belém, Pará

2013

**Os jovens flâneurs.com: A construção e a liquidez da identidade no espaço das redes
sociais da internet**

Manuela do Corral Vieira

A Banca Examinadora dos trabalhos de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em _____ de _____ de _____ considerou a candidata Manuela do Corral Vieira _____.

Prof.^a. Dr.^a. Cristina Donza Cancela
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Jane Felipe Beltrão
Examinadora Interna

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco
Examinador Interno

Prof.^a. Dr.^a. Alda Cristina Silva da Costa
Examinadora Externa

Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa
Examinador Externo

Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves
Examinador Suplente

Prof. Dr. Márcio Couto Henrique
Examinador Suplente

Belém, Pará

2013

Dedico este trabalho aos meus pais, Manuel e Filomena, pelo apoio e dedicação,
e à Mônica, minha irmã, pelo carinho e cumplicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha orientadora, Professora Dra. Cristina Donza Cancela, quem aceitou o projeto desta pesquisa ainda no período de sua licença maternidade e acreditou na viabilidade da pesquisa, por todos os inúmeros ensinamentos que me repassou, tanto sobre reflexões teóricas e acréscimo profissional, até à inspiração da simpatia pessoal.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA), pela oportunidade de realização dos estudos de Doutorado e deste projeto. A todos os professores das disciplinas cursadas que engrandeceram meu olhar e minhas reflexões. Agradeço especialmente à cordialidade e atenção oferecidas pela Professora Dra. Jane Beltrão, desde o auxílio com minhas dúvidas protocolares, ao longo do processo seletivo para o Programa de Doutorado o qual a Professora Dra. Jane Beltrão estava Coordenadora, além das contribuições e debates sobre esta pesquisa e inspirações profissionais.

À Professora Dra. Alda Costa, quem incentivou a realização desta pesquisa quando esta era ideias rascunhadas em pensamento. Sou grata a todas as conversas que tivemos em seu despacho e que foram fundamentais para traçar a execução e a motivação destes estudos. Ao carinho e recomendações das professoras Dras. Lucilinda Teixeira e Rosa Assis, incentivadoras de meus estudos de Pós-Graduação. Ao Professor Dr. Luiz César, quem, desde a orientação de meu Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação, incentivava-me a seguir adiante na realização de pesquisas e estudos.

Agradeço à minha família, pela compreensão na realização de minhas Pós-Graduações, o que implicou em mudança de país e saudades, no campo pessoal, e aprofundamento de debates e surgimento de possibilidades, no campo profissional. A minha irmã, companheira de doutorado e de sonhos, Mônica Vieira, pela revisão dos escritos e contribuições diversas a esta pesquisa. Ao meu namorado André Dias, pelo apoio e incentivo para que continuasse realizando os estudos e esta pesquisa, por compreender minhas ausências e o que este projeto significa, e pela confiança e carinho de sempre acreditar nos projetos que traçamos.

À minha tia Domingas Barra, por ter sempre sido a primeira leitora e revisora dos textos que escrevi desde a graduação.

À Miedja Okada, pelo companheirismo e por todos os telefonemas, desde nossos 5 anos de idade. Agradeço ainda por ter me apresentado à amiga Tônia Chalu que, com seu pensamento otimista, me fazia acreditar sempre um pouco mais de que era possível.

Ao amigo de todas as horas, Renato Nogueira, pela cumplicidade de quem passou pelo que passei para conciliar trabalhos e estudos e pelas chamadas que me faziam voltar à escrita.

Ao feliz reencontro com a amiga Helaine Miranda, pelos resgates realizados e pelas saídas inspiradoras que em muito me ajudaram a refletir este projeto.

Ao Raffael Regis, pelas conversas trocadas sobre o tema desta pesquisa e pela dedicação e pesquisa realizadas na construção da capa deste trabalho.

Aos meus colegas da Pós-Graduação, Ney Gomes, Edyr Batista, Rafael Noleto, Rhuan Lopes, Clarisse Callegari, Ângelo Pessoa, Almiros Martins, Robson de Oliveira, companheiros de envio de materiais, e-mails, conversas, ideias, disciplinas, missões e cafés.

E, finalmente, e em principal, a todos os interlocutores que participaram deste estudo e compartilharam narrativas, desabafos, silêncios e olhares.

“Que teia é esta, a do será, do é e do foi?”

(Jorge Luis Borges)

OS JOVENS FLÂNEURS.COM: A construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da internet

Resumo: O presente estudo se propõe a analisar, através de um olhar antropológico, a importância que as redes sociais da internet desempenham no processo de construção das identidades dos jovens. Desta forma, objetiva-se realizar uma leitura das performances sociais adotadas pelos sujeitos em questão, em diversos momentos de suas interações com o outro, consigo e com o social. Estas análises baseiam-se, sobretudo, nas abordagens advindas das leituras das categorias de sociabilidade, performance e gênero. Além disto, busca-se avaliar, tendo como base os estudos de objetificação da cultura material, no campo da cibercultura, de que maneira e em qual nível estas tecnologias são capazes de encantar e de exercer influência à medida que interagem com os sujeitos, influenciando assim em suas subjetividades, interações sociais e, conseqüentemente, nas experimentações e construções de suas identidades.

Palavras-chave: Redes sociais da internet; sociabilidade, performance, identidade e cultura material.

YOUNG FLÂNEURS.COM: The construction and the liquidity of the identity within the social networks of the internet

Abstract: This study aims to analyze, through an anthropological view, the importance that the social networking sites play in the construction of identities of young people. Thus, the objective is to analyze the social performances adopted by the subjects in question, in various moments of their interactions with each other, themselves and the social environment. These analyses are based mainly on the approaches coming from categories such as sociability, gender and performance. Furthermore, reflections are made, through studies of objectification of material culture, in the field of cyberculture, how and at what level these technologies are able to charm and influence as they will interact with the subjects, thereby influencing in their subjectivities, social interactions and, consequently, in trials and constructs of their identities.

Keywords: Social networking sites, sociability, performance, identity and material culture.

LES JEUNESSES FLÂNEURS.COM: La construction et la liquidité de l'identité au sein des réseaux sociaux de l'internet

Résumé: Cette étude vise à analyser, à travers un point de vue anthropologique, l'importance qui les sites de réseaux sociaux jouent dans la construction des identités des jeunes. Ainsi, l'objectif est d'effectuer une lecture des performances sociales adoptées par les sujets en question, dans les différents moments de leurs interactions d'uns avec les autres, eux-mêmes et le social. Ces analyses sont basées principalement sur les approches des lectures de catégories de la vie sociale, le genre et la performance. Par ailleurs, des réflexions sont faites, sur des études d'objectivation de la culture matérielle, dans le domaine de la cyberculture, comment et à quel niveau ces technologies sont capables de charme et d'influence, car ils interagissent avec les sujets, ce qui influe sur leurs subjectivités, les interactions sociales et, par conséquent, à des essais et des constructions de leurs identités.

Mots-clés: Sites de réseaux sociaux, sociabilité, performance, identité et culture matérielle.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.COM	13
1. (RE)CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO E OS INTERLOCUTORES	29
1.1 Vivências e impressões	31
1.2 Jovens. Quem são?	35
1.3 Repensando categorias e conceitos	44
1.3.1 Sobre a escolha do local e o sentir-se à vontade: de onde e como se fala	51
1.4 O campo e as reflexões	57
2. SUJEITO E IDENTIDADE	71
2.1 (Des)Construção do sujeito	81
2.1.2 Identidades, sujeitos e tecnologias	92
2.2 Da sociabilidade	99
2.2.1 Informação e sociabilidade	105
3. SOBRE PERFORMANCE	111
3.1 A questão do corpo	123
3.2 Práticas de performance e exercícios de sociabilidade nas redes da internet	131
3.3 Performance e identidade	142
4. CULTURA MATERIAL DAS REDES SOCIAIS DA INTERNET	148
4.1 Interação e redes sociais da internet	154
4.2 Objetificação e internet	159
4.3 Sujeitos e tecnologias	166
4.4 Sociabilidade e cultura material nas páginas de internet	173
4.5 Sobre o encantamento e algumas considerações	182
CONCLUSÃO	189
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	194
APÊNDICE - ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO PARA TRABALHO DE CAMPO	214
ANEXOS	216
ANEXO 1 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO	216

DO ORKUT**ANEXO 2 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO 217****DO FACEBOOK****ANEXO 3 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO 218****DO TWITTER****ANEXO 4 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA INICIAL DO YOUTUBE 219****ANEXO 5 – DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM MTV 220**

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.COM

“Tudo que existe, existe talvez porque outra coisa existe.
Nada é, tudo coexiste.”
(Fernando Pessoa)

Uma das principais características das Ciências Sociais é a conexão com assuntos de relevância humana, uma vez que estar conectado com o construto social é primordial para o desenvolvimento das análises. No caso específico da Antropologia, soma-se a isto que o objeto/sujeito da pesquisa e o sujeito pesquisador estão ambos inseridos em contextos sociais, sejam eles mais ou menos diferentes e devem ser sempre estranhados, em uma prática hermenêutica de constante questionamento acerca do que está dado ou captado em primeiras impressões. Falar em diversidade de pensamento é também estar aberto a posturas diversas, em eterna construção e aprimoramento. Por este motivo devem ser acompanhadas de análises contextualizadas em tempo e cenários, caso contrário, corre-se o risco da fidelidade teórica vir acompanhada de certas amarras. Neste sentido, a liberdade de ir e vir deve ser capaz de construir uma prática do conhecimento, permitindo o frequente questionamento sobre as próprias ideias e conclusões.

Início este texto com estes apontamentos, uma vez que eu mesma me coloco neste cenário de conhecimentos matizados: comecei meus estudos na Universidade da Amazônia (Unama), no período dos anos de 2002 a início de 2006, no campo das Ciências Sociais, neste caso o da Comunicação Social, mais especificamente na área da Publicidade e Propaganda. Uma vez encerrada a graduação, estendi as análises acerca dos comportamentos de mercado, iniciados ao longo da Graduação, na forma do mestrado em Marketing, realizado pela Universidad Autónoma de Madrid (UAM), durante os anos 2006 e 2007. Finalizado este momento, dei início ao doutorado em Antropologia, área esta do conhecimento a qual me dedico, pois permitiu que muitos questionamentos trazidos ao longo dos momentos pretéritos, encontrassem campo para o desenvolvimento da pesquisa.

Faço uso da opinião do pesquisador Heitor Frúgoli (2007), que desenvolve estudos em temáticas de interesse à Antropologia Urbana, especialmente sobre as formas de interação dos sujeitos em tempos elásticos da internet, marcados pela imaterialidade de apropriações constantes, transitórias e diversas. Sobre estes pontos, as contribuições de Frúgoli sinalizam para a compreensão profunda e contextualizada do cenário interacional entre estas redes sociais da internet e os sujeitos aí inseridos. As próprias trocas de conversação podem ter campo em um tempo esticado sem, necessariamente, a presença física dos envolvidos,

considerando que as mensagens e as representações disponibilizadas nas redes da internet ficam aí registradas e podem ser acessadas em diferentes momentos, por usuários em distintos contextos. Segundo o autor, aí reside a necessidade primeira da pesquisa de campo, para que objetos de estudo possam ser analisados em perspectiva, ao que destaca a contribuição da etnografia nestas pesquisas, uma vez que

lida com pessoas através da própria interação e descreve regras e princípios constitutivos de relações cotidianas – bem como, pode-se acrescentar, realiza reflexões sistemáticas sobre os termos e as decorrências de tais interações com seus atores pesquisados, o que incide nos próprios escritos etnográficos. (FRÚGOLI, 2007, p.23)

Por conseguinte, convido o leitor, que pode, inclusive, ter passado por situação similar, a imaginar como meus conceitos e bases foram transformados e remexidos nesta mudança. Até então a tecnologia era uma ferramenta de comunicação e, quiçá, plataforma para compra e venda, o que me parece ainda ser a grande motivadora dos estudos na área da Publicidade e Propaganda, bem como a de Marketing. Quando iniciei os estudos na área da Antropologia não imaginava quantas questões havia eu silenciado. Estudar outra área, que não a de meus primeiros seis anos de vida acadêmica, converteu-se em uma forma complementar, questionadora, mas, sobretudo enriquecedora, diante, inclusive, dos mesmos assuntos lidos anteriormente, entretanto, agora, reflexionados sob outras visões. Este trabalho é fruto do exercício do estranhamento não apenas do Outro, mas das práticas de pesquisa e dos assuntos que considerava ter certo domínio.

O recorte metodológico escolhido para esta pesquisa reflete minha trajetória de vida, pois nos últimos três anos, quando iniciei a atividade da docência universitária, aprofundei as pesquisas na área da cibercultura¹ e das novas tecnologias, em razão dos trabalhos de conclusão de curso que orientei nas graduações de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo. Meu interesse pelo assunto deriva, portanto, muito mais de necessidades discentes do que de minha escolha inicial, uma vez que o tema da cibercultura sempre me pareceu demasiado frio e plástico, se assim é possível a utilização da palavra para caracterizar algo amorfo de sentimentos humanos. Conforme lia as obras do campo da Comunicação, percebia que a maior parte tratava do potencial tecnológico da internet e da cibercultura sem, entretanto, dar especial ênfase às formas como a identidade do sujeito é construída e pode ser percebida

¹ Termo utilizado para definir os estudos sociais, culturais e tecnológicos da relação entre sujeito, sociedade e tecnologias digitais. O estudo ganha forças em 1970 devido o desenvolvimento e a convergência da informática com as telecomunicações

através das interações realizadas tanto no mundo *on-line*² quanto no mundo *off-line*³. Boa parte das obras que tive acesso acabava por priorizar análises restritas sobre estas esferas de vida, mas meu pressuposto era o de que, de alguma forma, estes mundos se encontravam e caminhavam em paralelo, não apenas como a clássica fuga de identidade trazida em algumas análises, mas em um sistema que caracterizava como as identidades poderiam ser plurais, antagônicas, ricas e complementares. Desta maneira, este projeto reflete o exercício que tive que fazer ao rever conceitos há muito consolidados em minhas leituras no campo da Publicidade e Propaganda e do Marketing.

Ainda assim, a motivação na pesquisa sobre esta temática está baseada na afinidade que tenho com as redes sociais da internet, das quais faço parte há mais de oito anos. Em momentos diversos de minha vida pude reconhecer uma importância maior ou menor destas, por exemplo, quando realizei meus estudos de Mestrado, o que me levou a passar dois anos fora do país. Antes disso, já utilizava as redes sociais da internet, especialmente para entrar em contato com amigos e para tramitar algumas demandas profissionais. Entretanto, durante o tempo em que realizei o Mestrado, a utilização destas foi incrementada a partir da distância geográfica que me encontrava e que não mais me permitia certas formas de interação.

Logo, as redes sociais *on-line* consistiram na principal maneira que tinha de entrar em contato com familiares e amigos. Estas redes foram também úteis quando precisei buscar materiais para o trabalho de campo que desenvolvia por conta do Mestrado. Pude então perceber, a partir de minhas experiências pessoais, quão variada pode ser a intensão de um sujeito que interage nestas redes, desde um momento de solidão e de saudade, até a execução de uma tarefa profissional. Sentia que um dia sem internet significava um dia sem falar com meus pais, professores e amigos. Curioso perceber como, quase que simultaneamente, interagia com estas três esferas de relacionamento. Separo-as em esferas, pois a intenção e os objetivos que buscava em cada uma delas eram distintos. Desta maneira, as redes sociais da internet me permitiram continuar onde não estava, ainda que guardadas as devidas proporções: não estava mais totalmente ausente do que acontecia em meu núcleo familiar e de amizade, pois sabia de um ou outro acontecimento e novidade; se tinha esquecido algum material de consulta bibliográfica em minha mudança, pude solicitar que este fosse enviado em formato especial, via internet.

² Considera-se *on-line* o instante em que o sujeito está conectado a alguma rede social da internet ou se reporta a este mundo e como se representa socialmente e interage neste.

³ O *off-line* diz respeito a ações e percepções interativas do sujeito fora da internet e de suas redes sociais.

Apesar disto, reconheço que esta situação de estar e não estar em um momento, a sensação de que faltava o tocar, o olhar, influenciaram nas minhas formas de sentir e, independente da frequência que interagia com determinados sujeitos, na ocasião de meu regresso, pude perceber uma espécie de [interferência no sinal]. Nem tudo o era como eu sentia, inclusive porque eu sentia diferente entre *on-line* e *off-line*. Há interações, mas estas são distintas quando se introduz caracteres ou olhares. Não quero com isso hierarquizar situações, apenas destacar que são diferentes formas de sentir, entre estéticas tecnológicas e relações sociais. Desta forma, ao regressar à cidade na qual morava, Belém, e iniciar as pesquisas sobre qual projeto desenvolver, considere todas estas transformações que aconteceram comigo, no que tange as interações com as redes sociais. A partir do pressuposto de que, bem como tive estas impressões ao longo dos anos que possuo rede sociais da internet, talvez isto pudesse ser desdobrado em análises mais cautelosas e com a devida presença de determinadas categorias de estudo,

Sendo assim, o principal levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa remonta ao ano de 2010, período de realização das provas para entrada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal do Pará. A elaboração desta proposta de estudo, levou-me a constatar que, tanto na área da Comunicação, conforme indicavam meus pressupostos, quanto na da Antropologia, nacionalmente, o portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e as Universidades e Institutos mais referenciados na área não apresentavam pesquisa que se ocupasse dos estudos da identidade de sujeitos através das redes sociais da internet e a forma como estes coexistiam com a vida no plano *off-line*. Neste momento percebi que ali havia a oportunidade da pesquisa que ao longo destes três anos senti falta nas leituras que realizei.

Boa parte dos estudos que tive acesso dava conta de analisar redes de Internet específicas, entretanto penso que, sendo este um campo tão importante⁴, dinâmico e de rápida transformação, a alternativa mais interessante é a de analisá-las a partir das formas pelas quais os sujeitos interagem com grupos, expressam suas individualidades e constroem suas

⁴ Neste sentido, entre as principais redes sociais da internet destacadas no trabalho de campo realizado, as quais serão analisadas nos próximos capítulos, constato a pertinência deste estudo segundo os dados da utilização destas redes: até 14 de Setembro de 2012, o *Facebook* possuía 1 bilhão de usuários ativos, sendo 600 milhões de usuários em aparelhos móveis (Fonte: GLOBO, 2012. Disponível em: <<http://tinyurl.com/bwlodxx>>. Acesso em 30 de Fev. 2013). O *Twitter*, tinha para o mesmo período, aproximadamente, 500 milhões de usuários (Fonte: UOL, 2012. Disponível em: <<http://tinyurl.com/avkqakm>>. Acesso em 30 de Fev. 2013). O *Orkut*, no final de 2009 contabilizava um total de 34, 4 milhões de usuários. (Fonte: ESTADÃO, 2012. Disponível em: <<http://tinyurl.com/bl8wbns>>. Acesso em 30 de Fev. 2013).

identidades através destas redes da internet. A partir de uma proposição inicial de que há algo maior capaz de reunir estes sujeitos em torno da utilização destas redes, meu intuito foi o de saber quais eram os motivos capazes de reunir, em determinados momentos e tempos, sujeitos plurais, em grupos, bem como de que formas estas relações aconteciam e motivadas por quais categorias.

Conforme destaca Raquel Recuero, uma das principais estudiosas brasileiras no campo das novas tecnologias e dos impactos que estas podem provocar nos atores sociais, “embora as tecnologias não tenham sido, em sua maioria, construídas para simular conversações, são utilizadas deste modo, construindo, portanto, ambientes conversacionais” (RECUERO, 2012, p.34-35). As proposições de Recuero são de relevância a este estudo, pois analisam as interações entre tecnologia não apenas em seus aspectos técnicos, mas através das buscas e finalidades de usos operadas pelos indivíduos como forma de se relacionarem e interagirem no mundo. Partindo destes pressupostos, plantei algumas indagações orientadas no sentido de perceber como cada sujeito se adaptou a estas redes e as incluiu em suas identidades; quais os níveis de importância dados à presença e participação nestas redes; quais as potencialidades e limites das procuras que buscava eu ainda descobrir as causas; e, sobretudo, quais os graus da simbiose desta relação entre a identidade *on-line* e a identidade *off-line*. Haveria aí uma alta dependência no sentido de complementariedade ou seria esta mais uma experiência que pouco teria afetado a vida dos sujeitos?

Acrescento que a definição de redes sociais da internet é compreendida, pelo estudo aqui proposto, como tecnologias capazes de promover, com base na mediação, a interação entre os indivíduos. Segundo Recuero (2012), a popularização destas tecnologias⁵ foi responsável para que o sujeito experimentasse novas formas de “ser” no social. Daí a proposta aqui apresentada de perceber de que maneira a própria identidade é vivida, experimentada e construída a partir das interações entre mundo *on-line* e mundo *off-line*. Nesta visão, a interação social percebida nas redes sociais da internet não ocorre como algo dado e sim a partir do instante no qual indivíduos apropriam-se deste espaço *on-line* para se expressarem e se relacionarem, tanto com suas subjetividades quanto com as experiências de mundo, uma

⁵O trabalho de Recuero está centrado nas principais páginas de redes sociais da internet, neste caso o *Facebook*, o *Orkut* e o *Twitter*, devido estas serem as páginas de redes sociais da internet mais conhecidas e utilizadas entre seus entrevistados. Não por acaso, consistem nas redes sociais da internet mais populares no Brasil, sobretudo o *Facebook*. Ao longo do trabalho de campo percebi que o *Facebook* era a ferramenta comum a todos os entrevistados e, marcadamente, a que também mais utilizavam, seguida pelo *Twitter* e o *Orkut*, o qual entra em certo desuso a partir da maior utilização do *Facebook* tanto de parte dos entrevistados quanto do maior número de amigos que encontram nestas redes.

vez que as ferramentas oferecidas por estas novas tecnologias, como *Orkut*⁶ (Anexo 1) e *Facebook*⁷ (Anexo 2).

não são rede social, mas, sim, o espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes. As redes sociais, desse modo, não são pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais. (RECUERO, 2012, p. 20)

Apesar da pertinência das pesquisas realizadas por Recuero (2004, 2011, 2012), observo que esta interação entre as tecnologias e os sujeitos deve ser pormenorizada e aprofundada a partir, sobretudo, dos estudos da cultura material e dos conceitos daí advindos acerca da objetificação, conforme será desenvolvido em próximo capítulo deste projeto. Logo, segundo as contribuições destas abordagens, é possível reflexionar acerca de quão responsáveis se tornam nossos objetos pelo que somos, uma vez que a relação entre sujeitos e objetos nem sempre é feita apenas em uma única via, dando mostras de que a interação operacionalizada entre indivíduo e computadores, indivíduo e rede, por exemplo, apresenta influências situadas antes mesmo da interação entre indivíduo e outro indivíduo. Esta perspectiva remete-nos às proposições de Donna Haraway (2009), em sua obra “Manifesto Ciborgue”⁸, na qual defende que a própria tecnologia que utilizamos nos constrói e se insere em nosso subjetivo de uma maneira pela qual não é mais possível uma autonomia puramente humana em qualquer ação, uma vez que as ações tidas como humanas são, em realidade, combinações, sutis ou mais fortemente marcadas, entre sujeitos e objetos/tecnologia. Desta maneira, o ciborgue é o resultado entre prática, realidade e imaginação, tanto na esfera *on-line* quanto *off-line*, a partir da construção da identidade e da relação com o Outro, inclusive mediada por computadores.

⁶ Trata-se de uma rede social com a finalidade de fazer com que pessoas se conheçam e se encontrem. Cada membro da rede possui um perfil ao qual podem ser acrescentados e estabelecer comunicação com contatos e comunidades de interesses específicos.

⁷ Constitui-se em uma rede social na qual o sujeito pode disponibilizar fotos e mensagens que deseje publicar no chamado “perfil” possuído no *Facebook*. A rede é formada por amigos, adicionados diante a permissão do possuidor de determinado perfil, bem como perfis de empresas ou eventos. Há a possibilidade de criação de listas de perfis com nomes escolhidos pelo sujeito-proprietário do perfil. Todas as publicações, bem como as fotos disponibilizadas, podem ter seu acesso configurado para público, neste caso a visualização do conteúdo referente será permitido tanto para amigos quanto não amigos presentes no perfil; bem como acesso restrito, o qual poderá ser apenas aos amigos presentes no perfil ou a amigos específicos do perfil.

⁸ O termo faz referência à interação entre homem e tecnologia, inclusive em questão de interferências no próprio corpo, como pernas mecânicas e objetos acoplados ao corpo capazes de simular testes de direção de carro, demonstrando que nossa relação com o mundo é aprofundada a cada dia com a interferência maior de objetos da ciência e que nos levam a questionar o que é o realmente e exclusivamente humano, bem como se isto é, se quer, passível de existência.

O encontro e as articulações resultantes entre humanos e as coisas faz levantar o questionamento de que o futuro seria ciborgue, conforme articula Haraway, por este estar, justamente, na fronteira entre o biológico e o artificial. Em tempos de próteses e de tecnologias que nos representam, ainda que parcialmente, por meio de fotos, imagens e símbolos, estaríamos vivendo tempos do que previu a ficção científica? Seria realmente possível separar onde começa o humano e onde termina o mundo das coisas? A intensificação da presença do digital em nossas rotinas mostra-nos que os tradicionais locais de práticas sociais, como bares, ruas e vizinhanças, não são mais as únicas e exclusivas maneiras de se exercer a sociabilidade, especialmente em tempos nos quais se trabalha, estuda-se e se conhece pessoas via computador. O digital atravessou esferas e, por nossa própria busca e necessidade, teve seus papéis sociais desdobrados e seu alcance ampliado. Entretanto, algumas questões no que tange o potencial influenciador destes objetos na vida dos sujeitos e a forma como estes podem ter suas condutas e posturas de vida modificadas, seguem permeando indagações sobre os efeitos desta relação com os computadores e os demais dispositivos que permitem, principalmente, o acesso à internet; se estaríamos, nós, realmente, mais ativos socialmente ou, muito pelo contrário, tornando-nos sujeitos mais solitários diante do placebo efeito de nossas tecnologias, ou ainda: até que ponto estaríamos dispostos a explorar ou experimentar as versões de nós mesmos?

Estar no mundo, a partir desta perspectiva, a qual também será utilizada como arcabouço teórico deste trabalho, consiste em estar inserido tanto a partir do subjetivo, quanto a partir das relações estabelecidas com os demais, incluindo-se aí interferências e influências estabelecidas por sujeitos e objetos; há que considerar sobre este ponto, tanto as esferas *on-line* quanto *off-line* das redes sociais. O que nos leva ao conceito da antropologia multilocal de George Marcuse (1995), o qual defende que tanto os contextos, quanto os sujeitos, em um contexto contemporâneo, mostram-se como completos e descontínuos, a partir de uma produção múltipla, o que leva a etnografia a demandar uma visão que extrapole as esferas de um único local de observação. Para o caso da pesquisa que aqui proponho, pude perceber a recomendação de Marcuse (1995) ao notar que as identidades dos sujeitos eram vividas tanto na esfera *off-line* quanto na *on-line*, neste caso das redes da internet. Tal fato demandava-me, como observa o referido pesquisador, a perceber os aspectos sociais e culturais dentro de um plano diverso de atuação que interage, interrompe e retoma aspectos de forma a construí-los em uma completude descontínua, sendo neste conflito que a atividade antropológica é exercida na grande diversidade dos compromissos contraditórios, a partir de uma constante

renegociação de conceitos e análises em perspectiva destes multilocais que afetam sujeitos e pesquisa etnográfica.

Dadas as recomendações, o recorte metodológico precisava definir quais os sujeitos que seriam pesquisados, afinal se os locais seriam múltiplos e os conceitos negociáveis a partir dos contextos, a própria questão de quais critérios iriam nortear a definição de público jovem exigia revisão. A intenção inicial sempre foi a de trabalhar com o público jovem, com o qual possuo familiaridade, uma vez que exerço a docência universitária. Neste instante um impasse surgiu: em um primeiro contato de campo que realizei um ano antes da execução das entrevistas, em 2010, constatei que um grande número das comunidades de redes da internet tinham “associados” que iam desde os 3 até os 60 anos de idade. O que isto estava querendo falar? Foi então que, em análises com minha orientadora, optei pelo caráter do auto reconhecimento. Não quero com isso ignorar as definições, e estas são muitas, acerca do que seria o “jovem”, entretanto não considerava antropológicamente adequado rotular quem se enquadraria ou não em um conceito que, para mim mesma, consistia em uma interpretação ficcional de uma parcial verdade. Nas páginas futuras o leitor poderá encontrar um debate mais aprofundado acerca da definição de jovem, uma vez que, neste primeiro momento, o objetivo é o de traçar as linhas da metodologia na qual assentei a pesquisa.

O que será encontrado nestes escritos é o resultado de entrevistas que realizei utilizando dois filtros: ser usuário de redes da internet, não importando a frequência, e a de se auto reconhecer como “jovem”, categoria esta a ser desenvolvida em um próximo capítulo. Confesso que esta foi uma das partes mais surpreendentes da pesquisa, pois a partir dessa auto conceituação, os interlocutores acabavam por exemplificar-me, de diversas maneiras, as razões pelas quais realmente consistiam o “sujeito de estudo”. Caso contrário, creio que, se fosse a partir de meu próprio julgamento, muitos interlocutores não teriam sido envolvidos por esta pesquisa, uma vez que existia a possibilidade de escolhê-los mediante faixas etárias, o que, possivelmente, levaria a resultados distintos dos aqui observados. Desta forma, a metodologia selecionada para este projeto muito me ensinou sobre pontos de vista e me levou a buscar análises que melhor me ajudassem a compreender não apenas as falas dos interlocutores, mas igualmente os silêncios e os suspiros de uma resposta.

Sobre as abordagens as quais priorizei neste projeto, aproveito para utilizar os fundamentos do antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira (1976, 1979, 1988a, 1988b), um dos primeiros a me deixar mais a vontade com meu estudo sobre a coexistência de várias áreas do conhecimento dentro de um estudo. Esta fluidez do pensamento não quer dizer total abandono às bases do conhecimento, sua existência é importante para que ideias

continuem sendo propostas. A própria execução do campo levou-me a buscar novas leituras e atender para outros aspectos além dos inicialmente imaginados, como a pertinência dos posicionamentos religiosos e os impactos que esta trazia no mundo *on-line*, através dos usos que certos interlocutores davam às redes sociais, bem como o paralelo traçado de como esta questão encontrava espaço nas representações do mundo *off-line*. Seguindo às bases da Antropologia Interpretativa, analisada por Cardoso de Oliveira (1988a, 1988b), é possível perceber a contribuição que a tríade hermenêutica sujeito, história e subjetividade são capazes de trazer à pesquisa.

No caso específico desta pesquisa, as relações, com isso as trocas comunicacionais, operadas pela mediação do computador e seus impactos na construção identitária dos sujeitos envolvidos, faz retornar o estudo desenvolvido por Recuero (2012) no que tange a estas práticas relacionais e que, conforme sinalizado pela referente autora, são responsáveis por promover a criação e o estabelecimento de laços sociais, bem como de desenvolver o capital social, estabelecidos tanto nas práticas da vida concreta quanto nos grupos que são formados a partir das redes da internet. Recuero alerta que estes contextos não podem ser interpretados apenas segundo abordagens quantitativas, como por exemplo, o número de participantes que determinada conversação envolve, mas sim percebidos a partir dos espaços sociais e das interações que deles decorrem.

No caso da internet, lembra-se que as conversas e as formas de interação ocorrem na imaterialidade de um espaço determinado a partir de suas práticas, por consequência, muitas das relações estabelecidas socialmente podem se apresentar de maneiras múltiplas, a partir dos diversos espaços nos quais acontecem, inclusive de maneira simultânea. Além disto, ainda há a possibilidade de que determinadas conversas, assuntos e objetivos migrem de uma rede para outra, seja por intermédio do replique de informações ou da busca ampliada a ser realizada pelos sujeitos. Por este motivo, o exercício de analisar os conteúdos e os propósitos das relações e das próprias conversas estabelecidas nestas redes da internet em poucas situações dará conta de alcançar toda a magnitude e amplitude de sua dinâmica, uma vez que os sujeitos podem estabelecer diversos laços, bem como trazer distintos conteúdos para seus mundos e para a construção e suas identidades, a partir dos trajetos próprios e únicos que desenvolverão nas atividades sociais mediadas tanto pelo computador quanto em suas vidas concretas. Desta forma, as esferas de relacionamento se cruzam não apenas entre sujeitos que se encontram a partir do compartilhamento de informações, mas também pelas buscas individuais e pelas consequências que esta atividade trará para o mundo subjetivo de cada um dos sujeitos envolvidos.

O estudo aqui proposto sobre a construção da identidade nas redes sociais da internet possui o aporte teórico de cientistas sociais como Stuart Hall (2006) e Néstor Canclini (2003), além do antropólogo Everardo Rocha (2006). Destarte, compreender a construção da identidade pós-moderna dentro de diversos pontos de vista justifica-se na própria fala do antropólogo Everardo Rocha quando ressalta que “(...) é preciso conhecer como a cultura constrói essa experiência na vida cotidiana, como atuam os códigos culturais que dão coerência às práticas e como, através do consumo, classificamos objetos e pessoas, elaboramos semelhanças e diferenças” (ROCHA, 2006, p.86.). Ao que Canclini ainda acrescenta, sobre as formas de socialização e construção do indivíduo, que

uma classificação rigorosa das *coisas*, e das *linguagens* que falam delas, sustém a organização sistemática dos *espaços* sociais em que devem ser consumidos. Essa ordem estrutura a vida dos consumidores e prescreve comportamentos e modos de percepção adequados a cada situação. (CANCLINI, 2003, p.300-301, grifos do autor)

Alvo de reflexões, esta pesquisa traz a questão da identidade como objeto de questionamentos sociais que argumentam uma possível crise do sujeito e da individualidade. Algumas situações decorrem do fato da temática não ser algo estático ou finalizado e sim um processo de construção que sofre determinadas influências de acordo com os caracteres de tempo-espaço nos quais se contextualiza o discurso. Soma-se a isto a questão do próprio conceito de identidade ainda ser pouco explorado e mais profundamente reconhecido e trabalhado nas Ciências Sociais, a exemplo do que um dia, aconteceu intensamente com a questão da cultura. A complexidade do tema se acentua com a chegada do século XX e toda a bagagem e discussões que este período trouxe, a partir da soma dos que o precederam, no que tange questões como gênero, sexualidade, etnia, paisagens culturais e nacionalidade. Desta forma, a percepção social, cultural e individual se transforma, conforme salienta Hall:

estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento e descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade para o indivíduo.’ (HALL, 2006, p.09)

A questão do estudo da identidade é acompanhado das análises de Marcell Mauss (1974a, 1974b, 1974c) e Judith Butler (1993), no que compreende a importância das performances na construção das práticas sociais, tanto em seus aspectos coletivos quanto

subjetivos ao sujeito. Com isto, pretende-se explicar de que maneira a identidade se constrói como um eterno vir-a-ser acionado de acordo com o contexto, os objetivos e os sujeitos aí envolvidos, em uma observação em perspectiva que deve estar aliada ao estudo do sociólogo Georg Simmel (2006) ao defender a importância da seleção de conteúdo e da sociabilidade no estabelecimento de nossas personas sociais.

Desta maneira, as interações sociais legitimizam-se em diversos sentimentos e situações, sendo boa parte deles passíveis da intermediação dos objetos/sujeitos das redes sociais. Estas trocas são a matéria-prima da socialização do indivíduo, que nem sempre se estabelece de forma harmônica, haja vista a quase sempre frequência do conflito, uma vez que há a possibilidade do ser humano de

se dividir em partes e sentir qualquer *parte* de si mesmo como seu ser autêntico – parte que colide com outras partes e que luta pela determinação da ação individual – põe o ser humano, à medida que ele se sente como ser social, em uma relação frequentemente conflituosa com os impulsos de seu eu que *não* foram absorvidos pelo seu caráter social. O conflito entre a sociedade e o indivíduo prossegue no próprio indivíduo como luta entre as partes de sua essência. (SIMMEL, 2006, p. 83-84).

As categorias de identidade, performance e sociabilidade serão analisadas na segunda parte deste estudo, o qual comporá um painel sobre a construção destes conceitos e como são trabalhados e vivenciados na pesquisa de campo realizada, uma vez que, conforme propõe Hall (2006), o sujeito se constrói à medida que institui o mundo e que o mundo o constrói; esta relação quase simbiótica é por vezes dolorida e difusa, daí porque o estado da matéria escolhido para adjetivar a identidade hipermoderna não é, conforme se poderia imaginar, o gasoso, mas sim o líquido que adiciona, subtrai, molda-se e, inclusive, evapora-se em partes. Acerca disto, Hall destaca a questão das pluralidades identitárias dos sujeitos e mesmo

o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p.12)

Desta forma, a questão da identidade, mostra-se como uma das categorias principais de reflexão a partir do trabalho de campo realizado, levando-me algumas indagações, como a

questão da complementariedade identitária, na qual esta não possui uma única e coerente trajetória de construção. Dentro de todas as formas de manifestação que uma identidade pode ter, quem realmente somos nós? Será que este “realmente” existe? Será que este não seria um empecilho à fluidez das experiências e das transformações? E quem é o Outro com o qual me relaciono? De que forma a nossa relação, entre eu e o Outro, constrói ou interfere em quem somos?

Adianto ao leitor que busquei perceber até que forma nossas vidas, tanto no plano *on-line*, quanto no *off-line*, são capazes de andarem em paralelo ou se dispersarem, caracterizando um quadro que, a primeira vista, pode-se mostrar como um termo usualmente utilizado no senso comum como “falta de identidade”. Seria realmente isto?

Dito isto, a construção da identidade, das práticas de performance e de sociabilidade são compreendidas neste projeto como uma trajetória a ser percorrida e constantemente perseguida e não como um ponto de chegada fixo em um determinado espaço e tempo, haja vista que esta, alavancada pelas características pós-modernas do mundo da qual faz parte não permite que algo seja tão estável como podem ser os objetos de estudos de outras ciências, como as exatas. A própria categoria “território” será revista, tendo como fundamentação principal os aportes de Michel de Certeau (2008) e Néstor Perlongher (2008) no que tange a concepção desta esfera como um espaço de práticas sociais e não em uma concepção geográfica, uma vez que o objeto deste estudo abrange, especialmente, a vida vivida na internet. Estas questões serão exploradas em profundidade no primeiro capítulo da presente pesquisa, tendo como pano de fundo o cenário do objeto de estudo e alguns apontes trazidos quando da execução do trabalho de campo.

Outro importante ponto para este estudo diz respeito à concepção trazida pela cultura material, através dos estudos dos antropólogos Daniel Miller (2000) e Alfred Gell (1992) sobre a potencialidade que a objetificação das páginas da internet desempenham nos sujeitos, podendo estes serem tanto os criadores quanto àqueles que entrarão em contato com estes objetos. Faz-se então a observação de que o repasse acelerado das informações encontra apoio em algumas ferramentas disponibilizadas pelas tecnologias digitais, o que nos leva a perceber que se a comunicação na internet está cada vez mais imediata e sucinta, este não é mérito exclusivo das redes sociais e sim do fenômeno da internet como um todo. Excelente exemplo para a questão são as leituras hipertextuais, comumente chamadas de *hiperlinks*⁹, que

⁹ Expressão inglesa que denota uma conexão para um arquivo textual ou imagético maior, destarte leituras sobre outros assuntos afins com o texto que se lê no momento, bem como mais informações ou complementações ao assunto podem ser acessadas a partir de uma única leitura, visto que um texto de

permitem o acesso de diversos conteúdos, o que termina levando ao fenômeno que faz Miller desenvolver seu estudo “A fama dos trinidadianos: *Websites* como armadilhas”¹⁰, no qual afirma que os aspectos estéticos analisados como armadilhas dos *sites*¹¹ dizem respeito não tanto às suas belezas, mas às propriedades visuais dentro de suas eficácias sociais (MILLER, 2000, p.16). Gell (1992) defende que as armadilhas, mais do que refletirem o modelo de um [criador] e de um [visitante], constituem uma forma de ligação entre estes dois protagonistas no tempo e espaço da cibercultura.

As categorias acima expostas, e principais desta pesquisa, são analisadas, para além das fundamentações teóricas que aqui sinalizo, a partir das contribuições advindas do trabalho de campo, materializadas em um total de onze entrevistas em um roteiro semi estruturado (Apêndice) que compreendia questões de identificação, como definição de sexualidade, idade e sexo ao nascer. Em seguida, eram propostas reflexões acerca dos principais objetivos que orientavam o acesso às redes sociais da internet, quantos contatos, em média, possuíam em suas redes, bem como propunha uma reflexão sobre com quantos daqueles “amigos” mantinham um contato assíduo em suas vidas concretas ou se esta relação era restrita à vida *on-line*. Outra pergunta do roteiro que preparei era se o entrevistado reconhecia mudanças em seu comportamento *off-line* e em seu *on-line*, este questionamento era fundamental para o embasamento dos apontamentos acerca da identidade e das performances do sujeito. Finalmente, à exemplo do que propõe os estudos de cultura material, perguntava ao entrevistado acerca da influência que as redes da internet desempenhavam em suas vidas e em seus relacionamentos sociais, bem como se o interlocutor participava de redes que considerava incoerentes ou não compatíveis. Afirmo, ainda, que outras questões vieram à tona à medida que a entrevista era realizada, de acordo com a condução da fala do entrevistado e

internet pode apresentar diversos *hiperlinks* sobre variados temas afins, geralmente se apresentam em cores de destaque em relação ao texto principal, o que denota a possibilidade de “ponte” para outra página/informação.

¹⁰ Do original “*The fame of trinis: websites as traps*”. A pesquisa de Miller foi realizada de Janeiro a Março de 1999 e envolveu o estudo de 60 *sites* pessoais e 60 *sites* comerciais. O estudo destes objetos, segundo o autor, é melhor compreendido se seguimos as premissas de Alfred Gell sobre a criação de armadilhas estéticas que expressam os resultados sociais que os criadores destes *sites* obtém em trocas sociais e comerciais através da utilização da internet. Logo, o ciberespaço pede uma revisão dos conceitos de espaço-tempo, uma vez que os criadores destes *sites*, a exemplo da experiência de Kula, irão experimentar a expansão de valores tanto individuais quanto de todo um grupo, no caso do artigo de Miller, o Estado-nação Trinidad e Tobago. A internet, com a consequente criação destes *sites*, passa a ser uma forma de ganhar visibilidade internacional.

¹¹ Conjunto de páginas da internet acessíveis e organizadas com endereços eletrônicos próprios, os chamados *Uniform Resource Locator – URL*. Cada página possui conteúdo que pode ser textual, imagético, com animações, dentre outros. O conjunto de *sites* compõe a *World Wide Web*, também conhecida como *Web* e *WWW*, um sistema de documentos interligados e acessíveis pela internet.

de meus objetivos e interesses de pesquisa, daí porque alguns temas foram mais explorados para alguns sujeitos.

Ainda sobre a metodologia da pesquisa de campo realizada, esclareço que me reservo o direito de preservar as identidades dos interlocutores, uma vez que algumas revelações e desabafos envolvem traços muito íntimos destes sujeitos. Esta é a razão pela qual optei pela utilização de nomes fictícios, com a finalidade de resguardar o que me foi dito, algumas vezes em tom de confissão. Peço ainda que o leitor compreenda que alguns temas serão indicados, mas não necessariamente exaustivamente detalhados, dado envolverem questões demasiado particulares ou terceiros, para os quais não possuo a devida autorização para tratar de determinados assuntos. Creio esta ser uma ação de respeito a estes sujeitos e que não comprometerá o objetivo principal destas análises, apenas se trata de cuidar para que nomes e vidas não sejam extensamente e incomodamente dispostos em vitrines de análises, sempre que este não for o objetivo deste estudo. Acrescento, ainda, que, de modo geral, todos os entrevistados demonstraram interesse imediato na pesquisa e em fazer parte dela. As situações de alguma reatividade que pude encontrar, conforme detalharei em seguida, estavam relacionadas com temas de maior ou menor acessibilidade de conversa, em virtude de traços de identidades e histórias de vida dos interlocutores.

Tendo como base as observações acima, esclareço que os conceitos utilizados neste trabalho são mostras de como os objetos das Ciências Humanas, sobretudo as sociais, mostram-se dinâmicos, daí a proposta pós-moderna de considerar identidades enquanto estados do discurso do sujeito e em plena e eterna construção e não como campos fixos nos quais a imutabilidade constitui um estado equivocado das interpretações, pois quando se pensa que é, se foi. Assim, este trabalho encontra-se estruturado em quatro partes as quais compreendem:

Parte 1: Detalhamento do perfil dos entrevistados, bem como discussão dos critérios metodológicos utilizados na pesquisa de campo, como a construção analítica da categoria de abordagem deste trabalho, “jovem”, a partir da pluralidade de visões que envolvem a compreensão deste conceito. A partir deste detalhamento é exposto qual o conceito e a forma de análise escolhida por esta pesquisa como fundamentação metodológica. Semelhante dissertação ocorre sobre as categorias “território” e “classe social”, as quais estarão acompanhadas da conceituação que se adotou para analisar e debater o objeto de estudo proposto, bem como as informações e reflexões advindas do trabalho de campo.

Parte 2: Trará a análise em profundidade das categorias identidade e sociabilidade, a partir da demonstração de como estas são abordadas no contexto da fluidez pós-moderna e

como questões sobre relacionamentos amorosos, laços de amizade, auto afirmações e auto reconhecimentos surgiram a partir das entrevistas realizadas, tanto sobre aspectos da vida *off-line* quanto da *on-line*, com isso, busca-se avaliar se realmente ocorre um abandono do Eu, à medida que o sujeito se faz presente nas redes sociais da internet, para se viver uma realidade diferente e sem compromissos ou amarras com a identidade que se possui.

Parte 3: A partir das considerações elaboradas no capítulo anterior é discorrido sobre a categoria da performance e como a questão do corpo pode ser compreendida e operada nas redes sociais da internet, por exemplo com a análise sobre a publicação de fotos realizadas por muitos interlocutores nestes espaços. Logo, em conjunto com a categoria da sociabilidade, as práticas de performance adotadas pelos interlocutores são observadas com a fundamentação teórica que demonstra como estes marcadores podem se constituir no reflexo das buscas identitárias e das interações dos sujeitos com os demais e com o social.

Parte 4: Os estudos de cultura material e da objetificação das páginas da internet, neste caso das redes sociais às quais se faz parte, possuem um papel significativo de influência na construção das identidades e das ações dos sujeitos. Busca-se aqui acrescer às análises de campo, a contribuição, raramente considerada nos estudos dos meios de comunicação, que estes objetos desempenham não apenas como plataformas de conversas, mas como encantamentos e argumentos de atração do sujeito para envolverem-se com a rede não apenas por suas características estéticas, mas pela autonomia que possuem de serem de muitos, contrapondo a ideia de que se pode ter um perfil¹² puramente pessoal, uma vez que o acesso destes, conseqüentemente suas construções envolvem outros indivíduos e contextos.

Finalmente, serão apresentadas observações sobre as conclusões obtidas com o trabalho de pesquisa teórica e como este foi desenvolvido à medida que se observava o campo, com suas demandas e questões por serem estudadas. Buscar-se-á analisar os impactos acerca do estudo da identidade a partir da interação de sujeitos com as tecnologias do mundo, com o social e com suas próprias individualidades, a partir de experiências que permitem experiências e construções móveis, com práticas acionadas de acordo com as necessidades e intencionalidades, sejam àquelas orientadas pelo coletivo ou pelos anseios pessoais. A contribuição da ciência Antropologia é destacada nestas considerações finais, bem como é demonstrada a contribuição conferida por esta para que novas abordagens acerca do estudo da identidade e das redes sociais da internet fossem laminadas.

¹² Ao fazer parte de determinada rede social da internet, o sujeito cria uma página para disponibilizar informações, fotos, publicar mensagens, adicionar indivíduos que façam parte da rede social, dentre outros. A isto, dá-se o nome de “perfil” do usuário/sujeito.

Tendo como base estas questões centrais, o leitor poderá apreciar, nas páginas que seguem, o resultado de meus estudos teóricos e as maneiras pelas quais pude perceber suas aplicabilidades, formas de apresentações ou ressalvas, a partir das informações que estes onze interlocutores partilharam comigo e com esta pesquisa e que podem e devem ser repensadas a todo e a qualquer instante, na medida que não se possuem verdades absolutas nem identidades fixas, apenas interpretações contextualizadas, bem como o é o cenário e os objetivos deste estudo.

Sobre a capa: As imagens que ilustram a capa deste trabalho dizem respeito ao trabalho do artista plástico francês Thomas Menelle. Neste projeto, realizado em 2010, Menelle buscou humanizar a imagem inicial fornecida pela rede social de Internet *Facebook*, transformando-a em traços humanos. Os olhos fechados das imagens podem representar a unicidade de cada ser, na qual se alguns traços se parecem, outros se conservam como únicos e diversos nas múltiplas trajetórias percorridas, as quais constroem a identidade do sujeito. Assim, se algumas formas podem se assemelhar, a essência, neste caso representada pelo impacto do olhar, conserva-se diversa e única em seu percurso. Deste modo, se a imagem clássica fornecida na primeira conexão que o sujeito faz ao criar seu perfil, conforme figura abaixo, exhibe características padronizadas, a proposta de Menelle é a de demonstrar que as possibilidades podem ser inúmeras quando se observa as relações humanas, as interações em meio às redes sociais de internet, os contextos e os sujeitos que com elas se relacionam. O trabalho de Menelle é o resultado da fotografia de pinturas realizadas pelo artista e representa como os sujeitos podem, a princípio, assemelharem-se entre si, mas são, de fato, eminentemente diversificados, principalmente por meio da identidade que transparece nas ações, no pensar, na performance corporal, no interagir, no se relacionar e no olhar o mundo, o Outro e a si.



Figura: Imagem fornecida pela rede social *Facebook* quando conectada pela primeira vez pelo sujeito.

Fonte: *Human Facebook Default Avatar*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/4y4atzx>>. Acesso em 01 de mar. 2013.

1. (RE)CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO E OS INTERLOCUTORES

“Ninguém é igual a ninguém.
Todo o ser humano é um estranho ímpar.”
(Carlos Drummond de Andrade)

O ambiente considerado como ciberespaço é constituído de um conjunto de tecnologias de telecomunicação operadas através do computador, de onde se origina a nomenclatura de Comunicação Mediada por Computador (CMC) para os meios que se incluem nessa plataforma, como o caso das redes sociais.

O estudioso da Comunicação, Marshall McLuhan (1998), cunhou, em 1967, a expressão de que o meio se constitui na mensagem, antevendo, a partir do advento da televisão, o que se fortaleceria, anos mais tarde, em outros meios de comunicação, como o próprio computador e as redes sociais da internet que seriam geradas a partir das interações entre sujeitos. Segundo McLuhan (1998), os meios de comunicação podem assim ser vistos como extensões do homem uma vez que, ao representarem parcialidades do sujeito, possuem suas presenças mais destacadas na vida em sociedade, a partir da incorporação de formas de linguagem e interações peculiares a estes meios. Apesar de considerar a proposta de McLuhan (1998) oportuna à compreensão deste projeto, ressalvo o pressuposto do pesquisador ao prever que a interação entre os sujeitos seria intensificada a partir dos Meios de Comunicação, o que globalizaria o mundo em uma teia interdependente, promovendo a busca pelos mesmos ideais. Posto isto, percebo, mediante o campo, que se as interações acontecem, nem por isso elas tornam os sujeitos tão interligados que sejam capazes de pensar da mesma maneira e buscar os mesmos anseios. Pelo contrário, algumas demarcações são acentuadas, com o intuito de diferenciá-los dos demais, por exemplo, os tipos de lugares que frequentam e os amigos que possuem. Estas são categorias importantes para a demarcação das representações sociais que possuem de si e dos demais em interação.

Dito isto, acrescento que, posteriormente, no final do século XX, Levy complementa as proposições de McLuhan (1998) ao argumentar que o espaço das redes é formado por diversas atividades que estão coordenadas e construídas por interlocutores que se encontram no espaço físico, daí porque, juntamente com o território e o mercado, o ciberespaço constitui-se em mais um ambiente para os estudos antropológicos. Por conseguinte, uma vez que os meios de comunicação, bem como a própria internet, configuram-se como extensões do homem, desejo analisar como os jovens tratam temáticas como a privacidade, o limite e a

realidade na construção de suas identidades no ambiente do ciberespaço oferecido como o campo das redes sociais.

Se desde muito que o homem se expressa através de formas de identificação e se a cada afirmação configura-se também uma negação, a construção do indivíduo parte deste sistema de escolhas que são reflexos de um contexto de tempo, espaço, história, sociedade e linguagem, conforme declara o semiótico francês Eric Landowski (2002, p.95) em seus estudos sobre identidades que “(...) se constroem e se redefinem permanentemente, em favor de um jogo sem fim sobre formas em si mesmas quase sem importância, mas mediante cuja manipulação cada grupo ou até cada indivíduo se coloca e se descobre dinamicamente, diferenciando-se ele mesmo de seus vizinhos”.

Início este primeiro capítulo explicando ao leitor que, antes de realizar as entrevistas semiestruturadas, todas realizadas na cidade de Belém e área metropolitana, em caráter *off-line*, fiz uma pré-seleção dos sujeitos que considerava que poderiam trazer contribuições interessantes às pesquisas, este período remonta há um ano antes da realização concreta das entrevistas. A escolha por este método teve como objetivo perceber, a partir de meus contatos iniciais com o objeto de estudo, quais temas saltavam mais à necessidade analítica, mediante observações nos perfis da internet de alguns possíveis entrevistados que selecionei a partir de um primeiro contato entre os jovens que conheço, tanto em minhas redes sociais da internet, quanto daqueles que tive contato, mediante a atividade da docência que exerço. Inicialmente todos os entrevistados eram em maior ou menor grau conhecidos, fosse por contatos com pesquisas anteriores acerca da mesma temática, ou pelo compartilhamento de trajetórias, como a participação comum em congressos. Destarte, conhecia um pouco de suas trajetórias, como antigos alunos na Universidade na qual ministro aula. Entretanto, sabia, e era minha intenção que, para um quadro futuro, outros interlocutores seriam incorporados a esta pesquisa no que, imaginava eu, seriam as migalhas de pão as quais devemos deixar que nos conduzam para o enriquecimento do caminho.

Esta fase de pré-seleção é seguida pela realização das primeiras entrevistas semiestruturadas, nas quais meu objetivo principal era de deixar os interlocutores livres para falar sobre temas diversos acerca de seus objetivos nas redes sociais. Este primeiro roteiro consistia em perguntas menos abrangentes do que o roteiro que posteriormente segui no campo, uma vez que este último consistiu em resultado do primeiro. Apesar disto, como acontece em quase todos os trabalhos antropológicos de campo, outras questões vieram à tona e que não estavam previstas em meus objetivos analíticos. Estas situações aconteceram em decorrência da especificidade de algumas temáticas para determinados sujeitos, bem como da

receptividade ou receio que alguns tiveram em detalhar e ampliar ou recuar e ser mais cauteloso, sobre determinadas temáticas. Trarei de volta estas situações, ilustrando-as à medida que realizo as análises ao longo dos escritos.

Durante esta fase, além da elaboração das primeiras entrevistas, também há, conforme previsto inicialmente, a adesão de outros sujeitos ao estudo, além daqueles previstos no primeiro período ao qual fiz referência, o que totalizou cerca de cinco meses. Neste roteiro inicial, meus principais anseios de conhecimento centravam-se em torno da frequência com a qual as redes da internet eram acessadas; os objetivos que norteavam estes acessos; se as pessoas que faziam parte destas redes sociais do entrevistado eram ou não, em sua maioria, conhecidos no plano da vida *off-line*; quais as vantagens e desvantagens que o interlocutor poderia enumerar sobre a posse de redes sociais da internet e, finalmente, se reconhecia uma transformação na pessoa que era no plano *on-line* e no plano *off-line*. De acordo com o resultado destas primeiras conversas, que totalizaram onze entrevistas, apenas cinco estiveram presentes na segunda etapa. O número de entrevistas foi escolhido tendo como base o aprofundamento que cada pergunta, do roteiro semiestruturado, demandaria em termos de profundidade de análise. Os motivos principais para a não permanência dos seis excluídos, devem-se ou por mudanças para outra cidade ou, sobretudo, pelo pouco interesse em falar das temáticas da pesquisa em uma entrevista a ser analisada posteriormente, ainda que com a preservação da identidade através de nomes fictícios.

1.1 Vivências e impressões

De todas as formas, este momento inicial da semiestruturação de como abordaria determinados tópicos nas entrevistas foi de extrema valia para reconhecer a pertinência de outras temáticas, como a questão da utilização de fotos, a preocupação entre o que é público e o que é privado e os conflitos advindos do cruzamento de redes que, em um campo geral, não deveriam saber da existência mútua, como o caso daqueles entrevistados que possuíam familiares em suas redes e que acessavam e disponibilizavam, em seus perfis da internet, conteúdos acerca de sexualidade.

Geralmente esta informação foi acessada ao indagar se o entrevistado possuía algum arrependimento de algo feito, escrito ou publicado nas redes sociais; em todas as entrevistas apareceram situações de arrependimento, muitas vezes causados pelo que consideraram falhas na comunicação, daí porque alguns entrevistados optaram por criarem listas que limitavam, a

apenas alguns amigos, o acesso a conteúdos selecionados. Foi o caso de Edgar¹³, que gostava de postar fotos sensuais de homens e teve problemas na família porque muitos dos primos, ainda crianças, tinham acesso ao conteúdo. O constrangimento causado, argumentou Edgar, foi responsável por piorar o relacionamento com os pais, que considera inexistente desde que, há sete anos, começou a tentar assumir a homossexualidade. Ressalto aqui a palavra “tentativa”, pois, diante da recusa e da falta de diálogo familiar, o entrevistado leva uma vida em paralelo, na qual os pais fazem “vista grossa” sobre as visitas do “amigo” à casa da família. O perfil que Edgar mantém na rede social *Facebook* sinaliza que o rapaz está em relacionamento sério, mas não acrescenta quem seja. Consequentemente, nenhum assunto acerca do tema sexualidade é permitido em casa, apenas a eterna cobrança, por parte dos pais, para que o entrevistado finalmente apresente uma namorada. Este comportamento, apesar de tolerado por Edgar, especialmente por ainda apenas estagiar, dependendo financeiramente dos pais, é responsável por gerar inquietantes frustrações, aumentando a distância do relacionamento que mantém com os pais. A invasão e privacidade e a falta de espaços sem maior liberdade na casa também foram enumerados como os principais embates familiares que Edgar enfrenta na vida *off-line* e que acaba por fazer eco na vida *on-line*. Este, inclusive, foi um dos casos relatados como exemplo do que caracterizou como invasão e falta de respeito aos limites de sua privacidade: “eu sei que a minha mãe só entrou no *Facebook* [uma das redes sociais da internet] para me vigiar, como se ela já não fizesse isso o bastante em casa”.

O antropólogo Clifford Geertz (1997), adepto de uma Antropologia Interpretativa, a qual defende a importância dos contextos tanto daqueles observados, quanto daqueles de quem observa, afirma que estas estruturas sociais, que influenciam na constituição dos sujeitos, passam a fazer parte da rotina dos sujeitos, bem como a internet, configurando-se, então, como categorias amalgamadas, conforme destaca a pesquisadora Vânia Cardoso Coelho (1998), em seu estudo antropológico acerca dos símbolos, sobretudo em ritos encantatórios, e da influência da Cultura, tendo como base as ideias de Geertz, diz ela:

para Geertz, traçar um retrato humano ou um consenso universal cultural sobre o homem não é tarefa fácil, mesmo para um antropólogo. A saída é penetrar na ciência semiótica e abrir o leque das possibilidades. Para entender uma cultura é preciso interpretar os credos e as crenças de cada grupo, analisar os processos biológicos, psicológicos e sociológicos, porém, o mais

¹³ A partir deste momento no qual iniciarei as entrevistas apenas gostaria de relembrar ao leitor que todos os nomes que se seguirão, bem como este, tratam-se de nomes fictícios para preservar a identidade dos interlocutores, conforme exposto anteriormente.

importante é perceber as particularidades incrustadas e amalgamadas. (COELHO, 1998, p.35)

Determinadas situações permitem que, a partir da simulação de outras facetas do Eu e contextos que não os da vida concreta (inclusive com suas interferências sociais e culturais), o sujeito possa experimentar a vivência de outras escolhas e perceber, ainda que parcialmente, um contexto que não o seu no mundo *off-line*, o que, em alguns casos auxilia no desenvolvimento de práticas para lidar com situações, inclusive futuras. Daí porquê não se pode classificar as interações sociais na internet como fuga da realidade, conforme o entendimento firmado pelo senso comum. Isto porque, em determinados casos, constituem-se como momentos importantes para alcançar equilíbrios emocionais mediante o contato com cenários psíquicos e comportamentais semelhantes, distintos ou complementares à vida concreta. Conceituar o que se pratica no digital como “fingimento” ou algo falseado tampouco configuram conclusões mais acertadas, uma vez que o simples ato de “fingir” está vinculado com tentativas e experimentações, podendo virar parte da “realidade”, bem como a “realidade” pode interferir nas escolhas feitas no campo do digital, em demonstração de que as facetas e as camadas constitutivas dos sujeitos não são tão facilmente separadas na prática das escolhas e buscas.

O exemplo trazido pela fala de Edgar, remete-me ao exercício que o trabalho de campo, bem como sua interpretação, levou-me a realizar, sobretudo no que dizia respeito à compreensão das principais categorias deste estudo, como território, performance e identidade, as quais não poderiam ser tomadas de maneira generalizada, dada a variedade de usos e objetivos que os entrevistados traçavam em suas falas. Segundo nos fala o filósofo Michel Foucault (1979), em seus estudos acerca das relações de poder, sobre a ressalva que toda interpretação deve vir acompanhada, uma vez que sempre se está a perseguir uma verdade que nunca nos será apresentada e interpretada em sua totalidade, desta maneira, para cada posição que adotemos, para cada nova categoria de análise, uma frase pode ser desdobrada e percebida em nuances que não necessariamente foram as interpretadas na primeira instância em que nos debruçamos sobre ela. É ainda de Foucault a declaração de que a busca por verdades pode nos levar, inevitavelmente, a interpretações equivocadas, pois muito se cala ou muito se tenta libertar em vão, o que apenas poderá aumentar nossa angústia de sempre estarmos a andar do mesmo lado de uma mesma rua. Com isto, não pretendo afirmar que as interpretações aqui contidas são as verdadeiras, mas podem ser classificadas como a [verdade que pude perceber e reflexionar sobre]. Acredito que muitas falas foram

silenciadas por motivos diversos que acompanham qualquer conversa, e, apesar do esforço etnográfico de perceber os imponderáveis da vida, conforme propõe o antropólogo Bronislaw Malinowski (1976), em seu estudo e prática acerca da etnografia, o Outro será sempre tão rico quanto for nosso próprio universo interior. Nesse sentido Foucault argumenta:

Parece-me que o que se deve levar em consideração no intelectual não é, portanto, ‘o portador de valores universais’; ele é alguém que ocupa uma posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossas sociedades (...) É então que sua posição pode adquirir uma significação geral, que seu combate local ou específico acarreta efeitos, tem implicações que não são somente profissionais ou setoriais (...) Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos, ‘em torno da verdade’. (FOUCAULT, p.13, 1979).

Diante das formas que o indivíduo pode acionar para demarcar sua presença no mundo imaterial, faz-se a ressalva de que, apesar das redes sociais da internet serem comumente interpretadas como formas de interação, é pertinente destacar que nem tudo o que se publica é com o intuito de estabelecer conversação. Exemplo disto foi a necessidade que alguns entrevistados esboçaram de sempre divulgar na rede o local no qual estavam. O argumento principal não era o de gerar uma conversa a partir da referida publicação e sim apenas divulgar o que se estava fazendo bem como a espécie de conteúdo com a qual aquele perfil se identifica, auxiliando na construção perceptiva da performance. Ainda em análise as proposições trazidas pelo estudo de Recuero (2012) acerca das interações entre os sujeitos e as conversações mediadas por computadores, algumas das “falas” encontradas nas redes da internet não querem dizer, necessariamente, a intenção de estabelecimento de uma conversa, mas sim consistem em estratégias de demarcação de presença do indivíduo.

Desse modo, por exemplo, quando alguém diz “Bom dia” no *Twitter*¹⁴ (Anexo 3) não está necessariamente iniciando uma conversação, mas simplesmente marcando a sua presença *on-line*. O ‘Boa noite’ ou ‘Tchau’, outro exemplo, também não necessariamente indicam a finalização de uma conversação, mas marcam o ritual de saída ou de ida ‘*off-line*’ dos atores. (RECUERO, 2012, p.75)

Foi curioso perceber que a fala de muitos entrevistados era a de que “nunca havia pensado sobre isso”, ou “olha, eu nem sei te dizer”, o que demonstrava quase uma simbiose

¹⁴ Consiste em uma rede social da internet na qual é permitido aos usuários enviar e receber informações de outros contatos. O limite estabelecido para estas trocas é o de cento e quarenta caracteres. As mensagens publicadas são disponibilizadas na página do usuário que as enviou e replicadas para àqueles que o acompanham. O ato de “acompanhar” alguém no *Twitter* é denominado como “seguir”.

entre a tecnologia, a internet e a vida destes sujeitos, tanto *on-line* quanto *off-line*, como no caso em que uma das entrevistadas, Carla, declarou “vou pensar a respeito e daqui a dois anos te falo”. Achei interessante o posicionamento da fala em “dois anos”, o que interpretei de duas maneiras: ou esta consistia em uma maneira educada de deter meus questionamentos, ou consistia em uma pergunta densa e complexa e, caso começasse a divagar sobre ela, provavelmente, precisaríamos de mais tempo do que apenas aquela tarde de entrevista, quem sabe quantas coisas poderiam ser revolvidas. Tive a oportunidade de, em algumas situações, revirar alguns desses pontos que levavam a uma franzida de testa frente a uma pergunta minha ou a adoção de um olhar divagador e foi daí que percebi como uma palavra, um tema e uma situação são catalisadores de sentimentos os mais diversos; então indago: até que ponto o número de amigos definiria a acessibilidade de um dos entrevistados? Durante nossa conversa percebi que seu mundo restrito estava relacionado com o medo de voltar a se machucar com o grande número de pessoas que realmente não possuem vínculo emocional com você, situação esta vivenciada no passado de Carla, na qual a quantidade de amigos que possuía passou a se tornar inversamente proporcional ao sentimento de companheirismo. Segundo a interlocutora, o excesso de amigos a fez perceber que apenas se tratavam de conhecidos com os quais raramente conversava e que pouco ou nada sabiam de sua vida.

1.2 Jovens. Quem são?

Gostaria de propor a reflexão sobre até que ponto as redes sociais moldam os sujeitos e os sujeitos moldam as redes sociais. Reconhece-se que muitos indivíduos fazem uso das redes sociais da internet, daí porque o recorte metodológico versa por entrevistar sujeitos que se auto reconhecessem como “jovens”, o que acabou por resultar em um público de entrevistas variável dos 16 aos 31 anos. Este é um exemplo concreto de como operacionalizar a liquidez pós-moderna na própria elaboração, revisão e reflexão de conceitos. Conseqüentemente, uma característica em comum entre todos os interlocutores, tanto aqueles com quem tive a oportunidade de conversar em um primeiro, quanto em um segundo momento, foi o fato de se auto reconhecerem como jovens, critério metodológico adotado para a seleção de quem se encaixaria nesta categoria. Sobre esta temática de classificação e de auto reconhecimento, trago ao leitor alguns conceitos com os quais me deparei sobre “jovem” e que foram a principal contribuição para que optasse pelo viés utilizado.

Sobre esta questão, ratifico que o interesse desta pesquisa acerca da construção da identidade nas redes sociais deve-se ao fato destas constituírem um palco de/e para trajetórias inseridas em múltiplos possíveis lugares, envolvidas pela especial e versátil não concretude do ciberespaço. Sobre a definição da categoria “jovem”, no campo acadêmico, utilizei como base os estudos dos cientistas sociais Luís Antonio Groopo (2000), Shmuel Noah Eisenstadt (1976), Sulamita Brito (1968) e Gilberto Velho (2006), os quais destacam algumas distintas concepções sobre juventude, sendo elas: a) visão biocronológica: juventude estipulada a partir de idade, esta definição é a mesma adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e Organização Mundial de Saúde (OMS –). Sobre esta definição, considera-se a juventude enquanto uma etapa de transição; b) visão psicológica: juventude enquanto período conflituoso no qual a pessoa possui o controle de sua vida, entretanto sem, necessariamente, estar apto a isto. Durante este período há uma forte construção da identidade, bem como da definição de opções; c) visão sociológica: Juventude é definida como um grupo social formado por jovens de diferentes setores e em diferentes situações e grupos sociais e comportamentais; d) visão cultural-simbólica: Juventude compreendida a partir de suas características culturais; e e) visão jurídica ou legal de juventude: comumente a visão que mais aparece nas temáticas acerca da juventude, a partir da construção e da garantia dos deveres e direitos dos jovens.

Apesar da variedade de conceitos acima, temia que números acabassem por me fazer perder material qualitativo, sabia que a definição por faixa etária poderia ser perigosa. Lembrando-me de Pierre Bourdieu (1983), em “Questões de Sociologia”, sabia que a definição do recorte e do estabelecimento do conceito de jovem acabaria por passar por uma convenção social, como o é toda e qualquer palavra. Acreditei, então, ser mais oportuno iniciar a compreensão do termo a partir de sua existência plural, ou seja, não apenas “jovem”, mas sim “jovens”. A abordagem psicológica declara que a juventude se constitui enquanto um período de transição para a vida adulta, que ultrapassa as questões de faixa etária e que se torna diversa uma vez que acaba por envolver diferentes gêneros e classes sociais, sendo esta determinada como um processo de passagem, que traz marcadores de gênero e de classe social. Bourdieu ainda destaca que conceitos são socialmente e temporalmente forjados, logo a ideia trazida pelo conceito de juventude demonstra como a marcação entre as fases da vida passa por símbolos e rituais próprios de cada sociedade, além dos critérios que esta estabelece no sentimento e percepção do que representa cada uma destas fases, sendo responsáveis por delimitar as fronteiras em que as idades, inseridas em um contexto social, representam para o

coletivo. Este é um reforço à ideia foucaultiana de que os termos e seus conceitos são sentimentos e percepções inventadas e convencionadas a partir do momento em que há uma necessidade na sociedade por criá-las e utilizá-las.

A importância dada à cronologia para demarcar as etapas da vida, apesar de permear muitas definições e conceitos, não será adotada neste projeto, uma vez que a periodização da vida passa por simbolismos que acabam por diferir papéis sociais, funções e idades limites entre fases da vida, situações estas manifestadas de diferentes formas para diferentes sociedades, as quais estabelecem seus próprios conceitos e construções em relação às demais, o que nos leva a perceber que a própria ideia de “jovem” passa por construções sociais específicas para cada necessidade de grupo e momento contextual. Segundo Groppo (2000), em seu “Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas”, a exemplo do que acontece com o conceito de juventude, deve-se perceber a presença de “adolescências”, pois estas são oriundas de situações historicamente estabelecidas, a partir de influências sociais e culturais.

Uma questão importante que gostaria de trazer é a de que, apesar das diversas abordagens expostas anteriormente sobre a concepção do termo “jovem”, estas não devem ser tomadas como esferas excludentes de categorização, mas sim como partes dos constructos de um conceito que necessita diversas facetas de abordagem para que sua complexidade seja razoavelmente alcançada. A presente pesquisa, como destacado, não se concentra em limitações etárias, uma vez que estas não necessariamente englobam algo maior da definição de juventude que é o fato do indivíduo se identificar como jovem, independente da idade que tenha. Tratam-se de sujeitos que se reconhecem como jovens a partir dos modos de vida que possuem em seus territórios, enquanto espaços praticados, conforme será analisado adiante, tendo como base as propostas de Michel de Certeau (2008), Gilles Deleuze (2004), Néstor Perlongher (2008) e Felix Guattari (2005).

Desta maneira é possível que um sujeito, da mesma maneira que está inserido em distintos territórios, a partir da concepção, anteriormente trabalhada, de Certeau (2008), seja capaz de inserir aspectos destes vários “mundos”, bem como os sujeitos que deles fazem parte em novos grupos, em um movimento contínuo de aproximação de laços, a partir dos interesses demandados pelo contexto dos sujeitos. Sobre a importância da conversação e das trocas de relacionamento social que acontecerão no instante em que os sujeitos interagem em rede. Sobre o tema Recuero salienta que

a estrutura da conversação, portanto, é capaz de indicar também elementos de capital social construídos pelas interações entre os atores, seu investimento, bem como os valores cultivados. Os graus de conexão indicam os indivíduos que recebem mais atenção e que, com isso, conseguem mobilizar mais redes na conversação. Isso pode ser relevante na medida em que esses indivíduos são capazes de não apenas integrar pessoas, mas, igualmente, de espalhar a informação. (2012, p.187)

Daí porque não se considera oportuno classificar os grupos nem as identidades dos sujeitos como fixos, exclusivos, imutáveis, uma vez que as combinações de situações e de agentes se tornam uma constante a partir do momento que se considera as múltiplas interações possíveis, inclusive pela multiespacialidade permitida pelas redes da internet. Desta maneira, além da importância de se fazer parte de uma rede e de atuar mais ou menos nesta, busco avaliar como o indivíduo, em si e em sua pluralidade, é, ele mesmo, uma importante ponte de sociabilidade para ambientes diversos que acabam por interferir, através das trocas e do capital social aí envolvido, na sua identidade e, em alguns casos, na própria subjetividade dos demais.

Conforme relembra a pesquisadora, historiadora e antropóloga Maria Luiza Heilborn (2006), em seu estudo acerca da experiência da sexualidade, da reprodução e das trajetórias juvenis, o conceito de jovem pode ser compreendido a partir de percepções historicamente desenvolvidas e consolidadas, daí porque a metodologia de trabalho aqui proposta coincide com a de Heilborn ao perceber que “as fases do ciclo de vida ou categorias de idade são móveis e variam ao sabor de novas concepções sociais acerca do humano e das relações intergeracionais” (HEILBORN, 2006, p.39). Utilizando os pressupostos da autora, faz-se a ressalva ainda sobre dois termos comumente utilizados para falar sobre jovens: adolescência e juventude, uma vez que, se a primeira é compreendida enquanto um momento de crise e como uma fase problemática da vida; a segunda melhor aceita o momento de incerteza e de descobrimentos.

Consequentemente, a marcação jovem foi percebida nesta pesquisa de campo a partir das diversas esferas com as quais esta se envolve, tanto para o sujeito se diferenciar dos demais, neste caso os “não jovens”, quanto para se diferenciar de outros jovens, em subdivisões dentro da própria categoria, operacionalizadas mediante distintas formas de expressarem suas identidades, envolvendo práticas sociais que englobam aspectos diversos como econômicos, sociais e culturais. Estabelece-se a concepção de jovem, conforme também proposto por Heilborn em sua pesquisa, a partir do conceito de trajetória biográfica,

especialmente centrada em alguns marcos: “o término dos estudos, o início da vida profissional, a saída da casa dos pais e o início da vida conjugal” (2006, p.40).

A partir das considerações de que, destes quatro pontos apresentados por Heilborn, nenhum dos entrevistados possuía filhos ou era casado e que a grande maioria ainda morava com os pais e finalizava seus estudos, é possível perceber como a operacionalização destas quatro categorias, que antes bastavam para determinar a classificação ou não de um sujeito como jovem, possibilitam reflexão. Esta observação encontrada no campo é explicada na proposição de Heilborn ao salientar que, dentro da perspectiva contemporânea, na verdade, o que mais se reconhece é um entrelaçamento entre a vida adulta e a vida jovem, no que a referida pesquisadora destaca como prolongamento da juventude, marcante nos países industrializados e que tem sua origem:

em mudanças estruturais no mercado de trabalho que passaram a demandar crescente escolarização para um ingresso bem sucedido na vida laboral e, ao mesmo tempo, apresentar uma contratação de oportunidades para os jovens. Tais transformações associadas com mudanças nas relações intergeracionais, que garantem maior autonomia aos jovens sem implicar sua independência financeira, produz como consequência o retardamento da saída da casa dos pais e o adiamento da vida conjugal e reprodutiva. (2006, p.40-41)

Logo, compreender a juventude nos tempos atuais implica em não homogeneizá-la na busca de padrões e características que incluam ou eliminem sujeitos deste coletivo plural. Esta etapa da construção do sujeito deve ser compreendida a partir dos modos como estes indivíduos experimentaram, pela primeira vez, algumas situações, como a afirmação da sexualidade, a aquisição de um emprego, dentre outros. Além disso, outro ponto marcante é a grande influência que os amigos desempenham na socialização com o mundo, conforme será percebido, mais adiante, na descrição das maneiras e estilos de relacionamento que os entrevistados desempenham tanto na vida *on-line* quanto na *off-line*, bem como do que classificam como prioridade em suas vidas.

Trata-se então de um jogo de negações e afirmações que constroem estes sujeitos em um determinado contexto, sem, entretanto, deixarem de fazer parte de outros. Daí um dos principais motivos pelo qual, mesmo dentro de grupos que partilham pontos de afinidade, a diversidade ainda existe, uma vez que esta passa pela imagem que o sujeito constrói de si, da que este constrói para os outros, bem como aquela edificada dos outros, ou seja, o ambiente ao redor.

Desta forma, o conceito de jovem passa a ser reconhecido neste estudo como um marcador de diferença social assinalado pela fluidez e pelo reconhecimento e busca da construção de si e dos outros, também em situação relacional. Jovens se tornam juventudes a partir do momento que estão organizados em torno de objetivos comuns, como preferências musicais, escolhas profissionais, hábitos de consumo, o que não anula suas diversidades individuais e que lhes são próprias, como seres humanos e agentes sociais que assim o são.

Ao longo do levantamento que realizei acerca dos conceitos de “jovem” e das categorias que o tema mantinha afinidade pude encontrar algumas questões diretamente pertinentes à metodologia que estava disposta a propor, como no caso da ideia de transitoriedade vinculada ao universo “jovem”. O sentido de construção das bases do sujeito e da fase de experimentação são peculiaridades da juventude, segundo propõem os estudos na área de Giovanni Levi e Jean-Claude Schimitt (1991), em “História dos Jovens. Volume 1 – Da Antiguidade à Era Moderna”, atestam sobre a questão da transitoriedade a qual é comumente atrelada à juventude:

é precisamente sua natureza fugidia que carrega de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade essa construção cultural, a qual, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas (...). As sociedades sempre construíram a juventude como um fato social intrinsecamente instável. (1991, p.08-09).

Sobre o assunto, Alberto Melucci e Anna Fabbrini (1992) afirmam que não apenas os jovens devem ser considerados como sujeitos em transição, uma vez que a existência social, por si só, configura uma experiência fluídica. Daí a razão pela qual este estudo considera possível que um sujeito pode sentir-se jovem sem, necessariamente, estar comprometido com uma faixa etária, como no caso de Rodrigo, o entrevistado de 31 anos. Ou ainda para todos aqueles acima dos 25 anos, como o caso de Tadeu e Lia, ambos de 27 anos, que, na visão dos conceitos trabalhados no início deste tópico, não fariam mais parte da categoria “jovem”, embora ainda assim se reconheçam.

Imerso nestas transformações tecnológicas, o público jovem encontra-se inserido nas novas formas de linguagem, dentre as quais se destacam as redes sociais da internet, o que o torna um consumidor de alta afinidade com o que lhe é natural, revés para as gerações pretéritas que tiveram que adaptar seus hábitos e suas posturas às mudanças conjecturais, este é um dos principais motivos que faz com que consumam e façam parte desta interação social, na qual o sujeito se torna, essencialmente, fragmentado. Sherry Turkle (2005), ao desenvolver

estudos na área da sociologia afirma que diversos personagens são encontrados nestes mundos mediados por computadores ao que se conclui, então, que o ciberespaço é constituído de um Eu fluído, múltiplo e constituído de um mosaico que transforma e se (re)forma.

Entretanto, é necessário considerar que uma análise, para ser completa, deve abranger os dois lados do percurso dialético. Partindo-se desta ressalva, é desde já um comprometimento prioritário desta pesquisa, reconhecer que o sujeito possui escolhas, mas que nem todas elas lhe levarão a [abrir janelas], muito além das permitidas pela interface do computador, para que possa estabelecer compreensões, avaliações e diálogos aprofundados nos múltiplos cenários que constituem o mundo e, conseqüentemente, o indivíduo pós-moderno, ao que o pesquisador social, Zygmunt Bauman, classifica como “mundo irritantemente confuso das normas flexíveis e dos valores flutuantes” (2009, p.82).

No decorrer das entrevistas, os interlocutores expressavam facetas de sua subjetividade responsáveis por inseri-los, segundo seus próprios julgamentos, na categoria de jovem. Diversos foram os exemplos de experiência, transição, curiosidade pelo novo, dentre outros comportamentos que pude identifica-los como sujeitos “jovens”. Rodrigo, o entrevistado de maior faixa etária, argumentou que a internet é sua fonte da juventude e a responsável por mantê-lo atualizado e conservar sua prática jovem e assinala a importância social que a tecnologia e as redes sociais das quais faz parte tiveram na construção de sua identidade:

eu entendi muito mais as pessoas e, na minha profissão, isso é muito importante, porque a gente acaba conhecendo mais a vida das pessoas. Para mim, que tenho 20 anos a mais que meus alunos, às vezes é difícil acompanhar a linha de raciocínio, sociedade e cultura porque a gente tende a ficar mais lento e mais introspectivo, mas com a internet a gente acompanha mais tudo isso, é uma atualização que a gente faz na nossa psicologia. As redes ajudam a falar com pessoas interessantes, a me atualizar.

Percebo a importância de analisar as transformações tecnológicas de maneira relacional com as mudanças que estas trouxeram nos campos da comunicação social e do estudo antropológico, sobretudo desta pesquisa. Conforme propõe a semiótica Lúcia Santaella (2004), é necessária uma reflexão que os símbolos, signos e significados sociais desempenham nos grupos sociais e nas representações do sujeito em interação com os demais, sendo esta, inclusive, uma das maneiras de construir suas identidades sociais, reunidas na forma de uma identidade plural. Desta forma, segundo Santaella (2004), o estudo da Comunicação, do sujeito e de sua individualidade, deve levar em consideração as formas

como o coletivo opera no individual e das diversas interpretações e consequências possíveis para uma mesma ferramenta, que, conforme destaca o trabalho de campo: os diversos usos que as redes sociais da internet e os diferentes níveis de impacto que estas podem trazer à construção da identidade dos sujeitos, “em suma, o que se tem aí é uma proposta para a comunicação cuja radicalidade do *transdisciplinar* delinea-se muito justamente na síntese entre o múltiplo e o específico” (SANTAELLA, 2004, p.67, grifos do original).

Longe de se mundializar e defender a criação de uma cultura universal e padronizada, creio que o mais coerente seja avaliar os níveis e tipos de participação, associação e compartilhamento existentes nestas sociedades em rede na internet. Comunicar é estar relacionado coletivamente e, inclusive, subjetivamente, uma vez que se tratam de esferas complementares e que se auto influenciam quando da construção da identidade dos sujeitos ao vivenciarem relações entre o plano do *off-line* e do *on-line*, bem como distintos objetivos e graus de importância, conforme será discutido e avaliado ao longo deste trabalho.

Destarte, fiz um primeiro contato, um ano antes de dar início às entrevistas, com Edgar, Danilo, Dalila, Lia e Rodrigo, os quais conhecia de momentos diversos, como estudo, lazer e trabalho. Lúcio e Marcelo são amigos entre si e entraram na pesquisa após o primeiro período de seleção de interlocutores, através da convivência que tive com núcleos sociais afins. Carla era próxima de um conhecido e sugeriu que eu entrevistasse sua namorada, Marta, também integrante de redes sociais da internet. Em princípio não havia imaginado entrevistar, obrigatoriamente, casais, mas resolvi aceitar a recomendação de Carla e acreditar nas surpresas que o campo, quando tomado com certa liberdade de acontecimentos, pode trazer à pesquisa.

Vinícius e Danilo eram estudantes que possuíam alto grau de interação em suas redes sociais. Rodrigo, aficionado por tecnologia, havia trabalhado com algumas pessoas que entrei em contato por ocasião desta pesquisa. Lia, tive a oportunidade de conhecer durante a adolescência, com a entrada na Universidade nosso relacionamento restringiu-se às redes da internet, característica esta que acrescentou percepções resultantes de análises obtidas em longo prazo acerca da relação de Lia com as redes da internet. Tadeu foi um entrevistado recomendado por Danilo, pois sendo namorados, argumentaram que possuem maneiras diferentes de operar com suas redes sociais e que o relacionamento amoroso levou a certos “ajustes de comportamentos” acerca desta questão. Uma vez que iria entrevistar dois casais homossexuais, considerei a possibilidade de contatar o noivo de Lia, mas esta afirmou que ele se recusa a participar de redes sociais pela exposição de vida, uma vez que, conforme destaca Recuero (2012), uma determinada conversação pode, rapidamente, ser replicada e espalhar-se

pelos perfis dos envolvidos ou para todos os amigos pertencentes àquela rede social, daí a dificuldade de normatizar posturas conversacionais, uma vez que estas redes consistem em territórios praticados e não de delimitação geográfica, conceito este que será explorado em profundidade mais adiante. Desta forma,

por ser fruto da apropriação, a conversação pelo computador é mutante, transformadora e produtora de novas redes sociais. Esses elementos auxiliam a compreensão dela, mas não dão conta de sua integralidade. Práticas conversacionais características de um determinado grupo podem ser diferentes em outro grupo dentro de uma mesma ferramenta, por características específicas da rede social que a apropriou. (2012, p.37)

Para facilitar o acompanhamento dos relatos e propiciar um retorno aos nomes fictícios dos sujeitos creio ser oportuna a presença de quadro esquemático para apresentação rápida dos interlocutores. Peço que a escolha desta ferramenta não seja tomada de maneira fria, uma vez que as demais características de suas identidades e falas serão aprofundadas em análise à medida que lançar mão destas informações no decorrer da escrita. O recurso trata-se apenas de um ponto de partida para apresentação esquemática dos interlocutores. Acrescento que todas as entrevistas foram realizadas na cidade de Belém e área metropolitana, individualmente, em caráter *off-line*, e em dias diferentes, o que totalizou cerca de quatro meses para que as onze fossem concluídas.

Quadro 1: Entrevistados.

Nome¹⁵	Idade	Atividade/Formação profissional
Lúcio	16 anos	Estudante do Ensino Médio
Marcelo	17 anos	Estudante do Ensino Médio
Vinícius	21 anos	Estudante universitário
Carla	24 anos	Psicóloga e estudante universitária
Danilo	25 anos	Estudante universitário
Marta	25 anos	Estudante universitária
Dalila	25 anos	Educadora Física
Edgar	25 anos	Estudante universitário

¹⁵ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Tadeu	26 anos	Publicitário
Lia	27 anos	Médica
Rodrigo	31 anos	Professor

Apesar da diversidade de suas performances, conforme pude perceber, os entrevistados compartilharam algumas características: nenhum possuía filho e nenhum era casado em cartório, embora Lia vivesse há três anos com seu noivo. Carla namorava Marta e Danilo namorava Tadeu, mas nenhum dos dois casais, apesar de se considerarem relacionamentos estáveis, moravam juntos. Sobre as questões financeiras, apenas Marcelo e Lúcio não exerciam qualquer atividade remunerada e realizavam as provas para tentarem ingressar na Universidade; Vinícius, Carla, Edgar, Danilo e Marta estagiavam em áreas afins a seus estudos. Rodrigo, Dalila, Tadeu e Lia trabalhavam em suas áreas de formação, professor acadêmico, professora de academia de ginástica, área de marketing e médica, respectivamente. Apesar disto, com exceção de Lia, todos moravam na casa dos pais, o que, em algumas entrevistas mostrou-se como um marcador importante sobre as questões de privacidade: em virtude de possuírem pouco espaço para realizarem as atividades que gostariam, e diante de algumas barreiras impostas pelos familiares, o espaço da internet oferecia a liberdade que não encontravam em maior escala na vida concreta. Neste aspecto as questões que mais se destacaram foram a dos relacionamentos, tanto homossexuais quanto heterossexuais, e acerca de questões mais “incômodas” à tolerância familiar, como a própria sexualidade e decisões religiosas. Alguns destes embates e a dificuldade em preservar a privacidade nas redes da internet ilustrarão exemplos que utilizarei adiante.

1.3 Repensando categorias e conceitos

Apesar de partir de um objetivo de pesquisa comum, previno o leitor, neste instante, acerca da diversidade de performances de vida e de vivências de categorias com os quais esta pesquisa se deparou, consistindo em potenciais práticas e características que nos constroem, aproximam e distinguem, tornando a identidade tão múltipla quanto possibilitam nossas escolhas, desde as mais triviais até às que nos custam mais serem tomadas ou recebidas. A seguir tratarei dos pontos principais desta pesquisa a partir da apresentação dos entrevistados e parte das situações e complexidades que este trabalho de campo trouxe.

No recorte metodológico desta pesquisa optei pela inclusão das reflexões pós-modernas acerca do fazer antropológico ao qual se propõe este trabalho. Para tanto, remeto-me à ideia defendida por estudiosos como Gilles Lipovetsky (2004), autor, em especial, da Comunicação Social, o qual concentra seus estudos nas mudanças e nas práticas advindas tanto a partir da modernidade, quanto com o que costuma classificar como pós-pós-modernidade, o que vem a denominar como “hipermodernidade”. Lipovetsky declara que agora vivemos um momento pós a pós-modernidade, o qual classifica como a hipermodernidade e que trás consigo algumas das questões advindas dos períodos anteriores. Grande parte de suas pesquisas estão concentradas nas temáticas da moda e do consumo, mas as questões que gostaria de extrair como de meus principais interesses em seus escritos são a maneira como este pesquisador trata das efemeridades das relações hipermodernas e a questão do contraste que se complementa. Percebo em Lipovetsky as razões pelas quais, a exemplo do autor, alguns superlativismos precisam de uma análise mais detalhada, conforme realizo diante dos argumentos fornecidos pelos interlocutores, inseridos em um mundo veloz, quase que puramente antecipativo, e de inúmeras informações e possibilidades, no qual a esfera entre o presente e o passado é tênue e sempre nos sentimos a viver o futuro, em um tempo que não nos pertence totalmente, divididos em tecnologias que sempre se aprimoram e com nossos anseios humanos nunca satisfeitos. Logo, vivemos o que classifica, como o título de uma de suas obras, como o “Império de Efêmero”. Conforme destaca,

no momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo *pós-moderno* já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia. (...) Essa época terminou. Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é *hiper*? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? (LIPOVETSKY, p.52, 2004, grifos do autor)

Entretanto, não quero com isto afirmar que a empatia pela adoção das ideias de Lipovetsky e sua classificação “hipermoderna” surge sem qualquer vínculo com as construções de conhecimento advindas de momentos pretéritos. Desta forma, em contextos de pesquisa, a dialogicidade se faz cara e percebi a necessidade de revisar e de até relativizar algumas questões e determinados conceitos, em uma visão em perspectiva, inclusive porque esta pesquisa, sendo essencialmente antropológica, inevitavelmente mantém vínculo com outros campos do conhecimento advindos da área da Comunicação, o que influencia em alguns recortes teóricos, sempre compreendendo o Social como uma arena extremamente fluídica e de trocas.

Mais do que tecer críticas, o exercício que proponho é o de revisar algumas categorias e adaptá-las, sempre que necessário, aos contextos nos quais esta pesquisa se desenvolve, tanto no que diz respeito ao local de onde os entrevistados elaboram suas falas e revelam aspectos de sua identidade, quanto do campo social no qual todos estamos inseridos de alguma maneira, inclusive minha persona, enquanto pesquisadora.

Neste contexto, reconheço alguns dos questionamentos que ocorreram ao longo das aulas que tive no programa de doutorado, como os de tempo e espaço, os quais não poderiam mais ser pensados, no contexto deste projeto, tal qual o propuseram. Apesar disto, aproveito para exemplificar como algumas ideias anteriores ainda se fazem pertinentes a este estudo, como o trabalho dos pesquisadores sociais, Émile Durkheim (1981, 1993) e Marcel Mauss (1974a, 1974b, 1974c, 1981), para quem as regras sociais deveriam ser percebidas e apreendidas pelos indivíduos a partir das influências e das construções do social. Percebo que os paradigmas que antecederam à proposta pós-moderna também foram relevantes para que alguns avanços fossem feitos, como por exemplo a concepção de Durkheim (1981, 1993) de que o sistema social é algo coletivamente construído, com elementos que se relacionam e que desempenham funções sociais. A própria obra de Mauss (1974a, 1974b, 1974c, 1981) considera a questão da psicologia no social da vida do homem, além do fato social e a troca (construções) serem base desta vida, o que nos leva a perceber o fato social como um todo, incluindo os aspectos físico, fisiológico, psíquico e sociológico; além disso, é de Mauss (1974a, 1974b, 1974c, 1981) o fundamento de que o inconsciente é capaz de conectar o eu com o outro através da ação em distintos níveis como linguística e religião, entretanto, esta pesquisa de campo mostrou a necessidade de se relativizar o conceito durkheimiano da sociedade tida como entidade total, única e global, uma vez que esta não pode mais ser tomada apenas como uma coisa dada e ordenada, mas sim compreendida à luz de contextos advindos do resultado de ações diversas dos sujeitos em interação com o mundo, os objetos e com suas próprias subjetividades.

Apesar da pertinência que algumas abordagens clássicas desempenham neste estudo, reconheço que, para outros casos, uma ressalva se faz necessária para a compreensão de como certas categorias operacionalizam com o contexto hipermoderno e o da internet. Exemplo disto é o debate trazido pelo historiador Certeau (2008) acerca das diferenciações entre lugar, espaço e território, os quais não podem, no caso desta pesquisa, serem compreendidos apenas como delimitações físicas e geográficas como as clássicas fronteiras entre bairros, Estados e países. A proposta de Certeau (2008) foi escolhida para a abordagem destas categorias, pois, conforme salienta o autor, é imprescindível considerar os aspectos subjetivos na construção e

na operacionalização destes conceitos no momento de suas práticas. Desta forma, para o pesquisador francês, lugar estaria configurado pela apresentação de elementos específicos e, sobretudo, implicado com uma organização topográfica, como seria o caso de computadores distribuídos em uma sala.

O instante em que os indivíduos passam a utilizar aqueles computadores e a estarem presentes naquela sala, esta passaria a ser considerado um espaço, caracterizando este ambiente como um local de práticas no qual sujeitos se encontram, conversam, olham-se ou até invisibilizam-se. Para Certeau (2008), a principal diferença entre lugar e espaço seria a mobilidade do segundo, em oposição à estabilidade do primeiro. A compreensão subjetiva entre sujeito e território é também trazida ao campo do debate pelo antropólogo Perlongher (2008), para quem território deve ser compreendido a partir da pluralidade de suas esferas determinadas a partir da utilização e das formas de interação que os indivíduos reunidos possuem em determinado ambiente e espaço. Perlongher (2008) e Certeau (2008) desconstruem a concepção de um território definido e estável e trazem a importância que o indivíduo tem quando da construção destes espaços: são os próprios sujeitos, mediante seus espaços praticados que constroem o território e suas características.

Ambos os estudos detalhados acima me interessam para esta pesquisa, pois em se tratando de redes sociais da internet, não encontro na geografia clássica um conceito que realmente dê conta destas novas maneiras dos sujeitos estarem inseridos em um espaço que, fisicamente, não existe, mas sim a partir de suas relações. Desta forma não é o sujeito que habita um território, mas sim o território que é praticado pelo indivíduo e que participa da construção de sua identidade, através da expressão de subjetividades e do transitar por distintos lugares que possam satisfazer os anseios e as demandas da pluralidade social e individual. Ora, a sala de computadores, bem como a posterior presença de sujeitos em possível relação com suas individualidades, identidades, com os objetos e com os demais, aproxima as ideias de Certeau (2008) deste estudo. Assim, em adaptação às suas ideias primeiras, é possível que se perceba, por exemplo, como o local de onde se acessa às redes sociais da internet, é responsável por toda uma construção ou ativação de códigos sociais, que perpassam tanto na escolha das roupas, quanto na postura corporal ou nos interesses que se iria buscar em cada um destes locais.

Sobre isto, exemplifico o caso traçado por alguns entrevistados, os quais demonstravam especial preocupação com o tipo de rede social a qual fariam parte e de que forma suas posturas deveriam ser adaptadas, como no caso de Rodrigo que, sendo professor universitário, migrou várias vezes de rede social quando sentia que aquele espaço, aqui

aplicando o conceito de estabilidade de Certeau (2008), tinha se transformado em algo puramente de lazer, diferente dos propósitos de trabalho imaginados inicialmente pelo interlocutor. A rede perdeu o interesse de Rodrigo, pois este não mais se identificava com aquele espaço, talvez porque agora tinha percebido que ele, em sua identidade, havia mudado de interesses e posturas desde o início da construção daquela Rede. Outro exemplo é o de Dalila que, sendo professora de academia de ginástica, constrói em uma mesma rede informações provenientes tanto de sua vida pessoal, como fotos dos locais que conheceu, quanto de sua esfera de trabalho, ao publicar suas idas ao curso de pós-graduação. Naturalmente diferentes ambos os momentos são complementares à identidade que Dalila está construindo para si e algumas marcações de diferenciação são possíveis de serem percebidas: quando deseja acionar a Dalila profissional e competente, o vocabulário se torna mais apurado e as temáticas são restritas a sua área de formação; quando Dalila deseja destacar sua “porção” informal, o vocabulário se torna coloquial e com a presença de gírias, as fotos deixam de ser tiradas em salas de aula e mudam para restaurantes e praias. A forma encontrada por Dalila para coordenar, em um mesmo espaço, categorias antagônicas é um modo de como, em realidade, estas se mostram complementares em relação ao que identifica o sujeito em seu mundo social. Desta forma, cada rede possui uma demanda operacional própria, vinculada com a forma de expressar, as fotos que se disponibilizará, os amigos que serão adicionados, dentre outros.

O próprio local de onde se acessa a Rede demanda uma espécie de código comportamental, como acesso de ambientes de estágio ou de trabalho. Segundo o filósofo Deleuze (2004), o sujeito não possui uma identidade de expectativa social e coordenada com padrões pré-estabelecidos, pois o que faz de si e de sua subjetividade reflete uma programação de sua subjetividade que, dependendo do contexto, ou seja, dependendo do território o qual deseja ocupar ou experienciar, será ativada ou permanecerá cristalizada em seu âmago. Isto posto, para Deleuze e Guattari (1997), a construção e desconstrução de territórios que, uma vez não existindo fisicamente, centra-se no plano do subjetivo de cada sujeito que, eventualmente, poderá se encontrar com pares, mas estes grupos nunca são eternos, pois a eterna fluidez dos sujeitos e as oportunidades que cada qual terá, as decisões que cada qual realizará serão responsáveis por hora aproximá-los, hora afastá-los em interesses localizados em tempo e espaço de comportamentos e performances de si, passíveis de mudança e transformações, uma vez que serão acionados a partir das subjetivações individuais e dos impactos que o mundo externo operará no interno do sujeito.

Sobre estas questões trazidas por Deleuze e Guattari (1997), exemplifico que alguns entrevistados declararam acessar suas redes de territórios que demandavam agenciamentos de suas subjetividades, como Tadeu que aproveita para utilizar as redes na busca de informações demandadas por seu trabalho, quanto aproveita o intervalo, entre uma informação e outra, para atualizar sua página pessoal e estabelecer conversas com seus amigos. Segundo o interlocutor, não é que esteja a fugir do trabalho, mas a atividade oscilante ajuda-o a desestressar. Namorado de Tadeu, Danilo tem comportamento diferenciado: como as Redes de seu estágio possuem acesso controlado, prefere acessar sua página pessoal de seu celular. O principal argumento para tal, segundo Danilo, era o de que, no ambiente do estágio seria impossível publicar determinadas fotos ou realizar determinados comentários, pois se compartilhava o receio que olhares adjacentes percebessem algo, o que poderia levar ao risco de perder o trabalho ou por estar assumindo um comportamento em Rede não aceito pela empresa ou por estar utilizando horas de trabalho em uma atividade classificada como secundária pela empresa, o que Perlongher (2008) caracterizará como a mutabilidade e a variância dos encontros entre distintas performances do sujeito. O medo de “arranhar” a imagem e prejudicar a postura profissional, sobretudo aqueles que trabalhavam ou estagiavam, cobrava destes entrevistados uma cautela redobrada na realização de determinadas ações, alguns inclusive admitiam que, mesmo para eles, estar na Rede, no ambiente de trabalho, era algo menos importante e uma ação quase irresponsável. Ainda assim, estas atividades “marginais” não eram abdicadas, apenas encontravam outro espaço para serem praticadas, nestes casos dispositivos particulares, como celulares que garantissem uma maior privacidade.

Durante a construção das primeiras indagações para o momento das entrevistas, outra categoria que reconheci a necessidade de análise mais cautelosa diz respeito à compreensão das classes sociais dos entrevistados, uma vez que estas não foram compreendidas segundo valores econômicos, pois optei por utilizar, conforme será analisado nas próximas páginas, como fundamentação para referida categoria, o conceito de Bourdieu (1983, 2007), que trata da necessidade de percebê-las não como características monetárias, mas a partir de uma compreensão em perspectiva das buscas e maneiras dos sujeitos de se inserirem em contextos nos quais se veem, por motivos diversos, inseridos ou inclinados a fazer parte, como nos casos específicos de Lia e Danilo, entrevistados que, apesar de serem provenientes de uma classe social mais baixa, a partir das compreensões financeiras, não foi percebido grande diferencial de conteúdo e certas oportunidades de vida que estes dois interlocutores tiveram em relação aos demais entrevistados que possuíam uma trajetória de vida econômica distinta.

Segundo Bourdieu (1983, 2007), o estudo das classes sociais é compreendido a partir de três esferas. Considera-se que o grau de instrução é o primeiro responsável na seleção de conteúdo, seguido apenas em um segundo momento pela herança familiar, tida, equivocadamente, como muitos pela responsável na seleção de gostos e interesses. A família e a escola são, por assim dizer, os símbolos maiores das escolhas pessoais, as quais podem estar orientadas ora em acordo, ora em desacordo com o que estes grupos representam ou defendem. Desta maneira, classe social pode ser vivida na sua totalidade ou em sua fração, por isso deve ser compreendida não apenas como um marcador econômico, mas ainda social, com estilos de vida do campo simbólico, e cultural, daí porque cada sujeito irá empregar funções diversas ao que é simbolicamente consumido através da percepção dos sistemas classificatórios, daí a necessidade, de acordo com Bourdieu, da realização da pesquisa empírica na compreensão desta categoria. A recomendação do teórico foi seguida por este trabalho e se pode perceber a pertinência da questão, daí porque as conexões teóricas e práticas estão aqui percebidas em perspectiva. Ilustro esta temática com alguns casos que percebi quando da realização das entrevistas, como o de Danilo, que havia ingressado na Universidade através de programas de incentivo do governo; Lia, por exemplo, poderia facilmente cair nos preconceitos mais arraigados de nossa sociedade: negra e de classe média baixa, entretanto havia se formado em medicina, profissão esta tida na sociedade paraense, bem como a brasileira, como elitista. Atualmente, Lia trabalha na profissão, mora em um apartamento alugado com o noivo, paga todas as suas despesas e está economizando para a compra de um apartamento próprio. Dalila também provinha de uma família de renda limitada, visto que só o pai trabalhava e a mãe era responsável pelas atividades domésticas, mas conseguiu se formar em Universidade pública e hoje é o principal salário para o pagamento das contas de sua casa.

Castells (2009) prevê, em suas abordagens, sobretudo acerca da questão da identidade na internet, categoria esta a ser tratada, em profundidade, no próximo capítulo, a pulverização de mensagens e de registros. Segundo o autor, o fenômeno da criação de redes não é novo, entretanto os nós de interação oriundos da internet possuem o diferencial da adaptação e da flexibilidade. Apesar disto ressalta que “a volatilidade, a insegurança, a desigualdade e a exclusão social andam de mãos dadas com a criatividade, a inovação, a produtividade e a criação de riqueza nesses primeiros passos do mundo baseado na internet” (2003, p.09). Castells (2009) finalmente toma posição que compartilho e que gostaria que fosse tomada como premissa para o estudo proposto, o qual lida com um contexto, o da internet, especialmente transcendente e fluído. Talvez por esta razão, compreender o presente se torna

um dos maiores desafios desta pesquisa diante das tecnologias digitais e da forma como os múltiplos sujeitos se relacionam com estas Redes. Logo, em uma situação em que o plural e a transitoriedade imperam, compartilho o apontamento trazido por Castells acerca da emergência destes estudos, na esfera da internet, e incorporo sua ressalva, marcadamente antropológica, sobre a necessidade da eterna contextualização de análises, pois

ainda que não saibamos o bastante sobre as dimensões sociais e econômicas da internet, sabemos alguma coisa. Nas páginas que se seguem você não encontrará nenhuma previsão sobre o futuro, pois penso que mal compreendemos nosso presente, e desconfio profundamente da metodologia subjacente a essas previsões. Você não encontrará também nenhuma advertência moral, nem, aliás, prescrições de conduta ou conselhos sobre administração. Meu objetivo aqui é estritamente analítico, já que acredito que o conhecimento deve preceder a ação e a ação é sempre específica a um dado contexto e a um dado objetivo. (CASTELLS, 2003, p.09)

Aproveito ainda para destacar que, nos casos que acabo de citar, segundo os próprios entrevistados, a internet sempre foi uma maneira de ter acesso a livros, a conhecimentos que, de outra forma, não teriam tido a oportunidade de tempo, espaço e finanças, de realizar. Desta forma, a internet se tornava o meio pelo qual interagiam e acessavam conteúdos de contextos diversos, ao que levava ao compartilhamento e construção de algo maior para suas performances: o conteúdo e a sociabilidade que estes forneciam. Nestes casos, o traço marcante dizia respeito à finalidade e ao uso que Lia e Danilo conferem às tecnologias em relação aos demais, o que era um cenário previsto, uma vez que o comportamento dos usuários de tecnologias e seus anseios e buscas diferem, haja vista a própria especificidade dos anseios, contextos e trajetórias de vida.

1.3.1 Sobre a escolha do local e o sentir-se à vontade: de onde e como se fala

Retornando às especificidades técnicas do recorte metodológico, as entrevistas semiestruturadas realizadas continham um total de 23 perguntas (Apêndice), sendo destas quatro de identificação (“Idade”, “Sexo ao nascer”, “Como se define sexualmente”, “Como você define a sua cor”), e, as demais, dialógicas, o que permitiu o acréscimo de perguntas específicas para situações que vieram a aparecer. Desta forma determinadas temáticas foram exploradas mais ou menos em algumas entrevistas. Destaco ainda que, a participação de cada entrevistado foi marcadamente diferenciada, enquanto alguns detinham-se mais nas temáticas

acerca da privacidade, outros chamaram a atenção para assuntos que não estavam presentes no roteiro inicial, como a busca pela sexualidade através das experiências em rede.

Ainda assim, o tempo médio de realização destas entrevistas esteve em torno de uma hora de duração, mas para alguns casos, nos quais o caráter de confissão se mostrou como mais atuante, como no caso de Edgar, para quem apenas após quatro horas foi possível finalizar a fala, com o desabafo do interlocutor de que nunca tinha tido o espaço necessário para tratar daquelas temáticas e de que sentia como se uma porta em si tivesse sido aberta para conhecer coisas que nem ele reconhecia em si, mas que, ao ser indagado em nossa conversa, percebeu que precisava refletir mais sobre o que estava fazendo em seus dias e quem realmente estava por detrás de suas ações, tanto *off-line* quanto *on-line*.

Levada pelo intuito de deixar o interlocutor o mais à vontade possível com o objeto de estudo e com a conversa que teríamos, procurei realizar as entrevistas em locais nos quais os entrevistados se sentissem à vontade para responder os questionamentos, destarte todas foram realizadas em lugares escolhidos por afinidade ou que garantissem, segundo o entrevistado, a privacidade necessária para tratar de determinadas temáticas. Curioso perceber que em nenhum dos casos o roteiro semiestruturado foi apresentado ao entrevistado, mas a simples sensação de ter que falar de algo que talvez estivesse ali contido fez com que, em todos os casos, o local de onde se falaria e como se falaria fosse essencial para que a entrevista acontecesse ou não em determinado dia.

Desta maneira, os locais escolhidos para a realização das entrevistas compreenderam Belém e área metropolitana, dado o local no qual alguns moram, trabalham ou estudam. Apenas Marcelo escolheu sua residência para nossa conversa, mas em seu quarto, com portas fechadas e apenas com o irmão mais velho na casa e instalado em um cômodo afastado. Vinícius escolheu a universidade em que estuda, pois argumentou que assim melhor se encaixava em seus horários, uma vez que é músico e divide seu tempo entre os estudos, o estágio, a família, a namorada e os ensaios da banda que faz parte, conforme esclareceu. Lúcio, sendo amigo de Marcelo, escolheu a casa do colega para realizar a entrevista, em um dos encontros que os amigos mantêm para jogar jogos *on-line* com a rede social da qual ambos fazem parte. Danilo e Tadeu foram entrevistados no mesmo dia, separadamente, em um fim de semana no qual estavam de passeio, a entrevista foi realizada na casa de um amigo, uma vez que os pais de Danilo não aceitam a relação homossexual do filho.

Lia e Dalila escolheram minha casa para conceder a entrevista, realizada em um intervalo do trabalho que tiveram. Durante nossa conversa, Dalila revezava entre responder minhas perguntas e às mensagens que chegavam, via celular, de sua rede social. Carla e Marta

optaram a ir ao encontro em minha residência. Edgar preferiu um café da cidade, evitou a residência, pois ainda mora com os pais e estes não aceitam abertamente sua homossexualidade, a qual, inevitavelmente, conforme pude comprovar, uma vez que foi a entrevista de maior tempo de duração, viria à tona na sua relação com as redes sociais da internet.

Rodrigo escolheu um café, mas ao nos depararmos com um ambiente cheio de pessoas percebi que a conversa não fluiria, em virtude da temeridade do entrevistado para falar sobre algumas questões de sua identidade. O entrevistado sugeriu que esta ocorresse em seu carro, a portas fechadas, talvez em tentativa de garantir que ninguém aparecesse de inesperado e quebrasse seu momento de privacidade, para falar com mais tranquilidade e sem tantas amarras sociais.

Um dos pontos que despertou reflexão foi o de que, enquanto o [estar à vontade] para uns compreendia um local de afinidade com suas rotinas, como local de estudo ou casa de amigos, outros optaram por locais totalmente públicos, como uma cafeteria existente em uma loja de departamentos, com o argumento de que “aqui não vai parecer que estaremos fazendo uma entrevista e ficarei mais à vontade para falar de qualquer coisa, sem a sensação de que estou sendo observado e de que estão escutando o que falo. Sabe, alguns destes pontos são o motivo pelo qual não me dou muito bem lá em casa”. A rua, bem como analisa o filósofo Charles Baudelaire (2006), em seu espaço de convivência público, a cafeteria da loja, ou a rede social da internet, era o espaço no qual o entrevistado conseguia experimentar o mundo para além das dificuldades que, afirmava, vivia na familiaridade da residência.

Destarte, bem como uma modernização do *flâneur* citado por Baudelaire (2006) e Walter Benjamin (2006), o sujeito então se constitui cidadão do mundo, com interesse de sentido global e apreciativo de seu entorno. Consequentemente, se torna impossível limitar este jovem “homem do mundo”, que, levado pela sua curiosidade e interesse inclinado “vivamente pelas coisas, mesmo por aquelas que são aparentemente mais triviais”, funde-se na inconstância do movimento, transitoriedade característica da identidade pós-moderna. A rua e a multidão, no contexto do ciberespaço, transformam-se nas Redes sociais presentes na internet. A identidade se dilui e se constrói no âmbito destas “massas”, que em alguns momentos, tal como pontua Benjamin, flexibiliza alguns traços do sujeito, como uma intenção de se evitar a solidão total. O sujeito *flâneur* proposto pelo referente autor insere-se em uma sociedade na qual, cada vez mais, o conhecimento e o processo industrial implicam em constantes mudanças sociais e culturais, situação esta que pode se ver refletida em partes na velocidade de um mundo repleto de superlativismos e de velocidades e transitoriedades, no

que classifica como um labirinto social através de (re)invenções das partidas e chegadas de cada trajetória que

o flâneur, sem o saber, persegue esta realidade. Sem o saber – por outro lado, nada é mais insensato do que a tese convencional que racionaliza seu comportamento e é a base incontestada da ilimitada literatura que descreve o *flâneur* em seu comportamento e aparência. Trata-se da tese de que o *flâneur* teria escolhido como objeto de seu estudo a aparência fisionômica das pessoas, a fim de fazer a partir do andar, da estrutura física e das expressões faciais a leitura da nacionalidade e do *status* social, do caráter e do destino. (BENJAMIN, 2006, p.474)

Segundo Manuel Castells (2002), sociólogo mexicano, as Redes se constituem em mais um potencial espaço para que o sujeito experiencie sua vida, sua cidadania no mundo, considerando que quanto mais se explora este novo palco de interação social, mais há algo que se (auto) descobrir. Reconheço que este novo espaço antropológico é caracterizado por uma paisagem que modifica e se modifica, no qual o sujeito, no caso especial desta pesquisa, o jovem, estabelece percursos normativos e de descoberta imersos nesta tecnologização da sociedade. Desta maneira, juventude, conforme exposto anteriormente, enquanto categoria social é compreendida nesta pesquisa não apenas como uma faixa etária ou grupo homogêneo, mas sim como um sentimento, uma performance construída social e culturalmente, em determinado contexto, inclusive histórico; tornando-se incompleto percebê-la apenas como um período de conflitos e de transição, uma vez que a vida humana e suas fases são ricamente permeadas de fluidez e transições.

Grande parte das ideias que se tem para a categoria juventude e as significações do que representam as faixas etárias são construções sociais, uma vez que a própria idade e suas simbologias são um fenômeno determinado socialmente, conforme o propõe Fredrik Barth (2000) em sua obra “O guru, o iniciador e outras variações antropológicas” ao ressaltar que a sociedade é o resultado de uma construção arbitrária, através da concepção da cultura como elemento coerente e que não pode ser representada como um corpus definitivo e homogêneo. A observação das práticas sociais, tanto coletivas quanto individuais, deve ser acompanhada de uma análise da própria sociedade, em seus aspectos simbólicos, quanto pela forma de viver dos indivíduos nestes contextos sociais relacionados:

todos os padrões observados nas construções culturais estão de algum modo relacionados, de maneira essencial, às funções simbólicas e expressivas da cultura. A cultura pode ser representada como variável independente e princípio motor, e perpetuada a herança dos pressupostos do holismo e do

essencialismo dentro dos universos fechados de diferenças culturais. (BARTH, 2000, p. 111)

A identidade, conforme é trabalhada no capítulo a seguir, é produto da construção de sua cultura, em meio aos contextos de significante e significados que permeiam as interações com o mundo e com os demais, inclusive através do forte agente catalisador de mudanças que é a comunicação, tendo em vista que os próprios meios de comunicação refletem a cultura e as práticas sociais de determinada sociedade. O filósofo tchecoslovaco Vilém Flusser (2007) argumentava, em seus textos acerca da língua e da decodificação do mundo, que seu objetivo não era o de criar sistemas consistentes, uma vez que isto poderia desencadear em uma escassez da produtividade reflexiva. Por outro lado, entendia que o caos não é tolerável permanentemente, por mais confuso que o mundo possa parecer, o sujeito sempre busca encontrar uma certa ordem no que observa, vive, escuta e pensa, em uma herança da tradição grega a qual fundamentou que se pode perceber muito além dos fenômenos, passando pelo que também transparece. Neste sentido, propunha que o mundo com o qual sonhava era constituído de paredes que se alteravam em vários aspectos físicos. Neste mundo, a inconsistência física existia, pois a relação primeira estava estabelecida com o campo das ideias, responsáveis por fomentar as transformações e experimentações almejadas.

Ora, o sonho retratado por Flusser (2007) encontra campo no ciberespaço e deixa de ser completa ficção científica. Analisando a proposta do filósofo, o contexto do imaterial permite a relativização e revisão de conceitos, há muito construídos, como os de tempo e espaço, uma vez que vivemos em época na qual o mundo vivido e o mundo do digital acabam por se relacionar e se influenciar a tal ponto que, na maior parte das vezes, não é possível, apesar de suas peculiaridades, delimitar claras fronteiras entre estes campos. No ciberespaço tem-se uma infinidade de conteúdos disponíveis e de trajetórias possíveis, entretanto, alguns deles dificilmente entram na “rotina de acessos” dos usuários, ou simplesmente não são acessados com frequência.

No início do século XX, no qual Flusser desenvolve seus estudos, a explosão da internet e suas redes sociais ainda não havia acontecido, porém as características humanas de ordenar o mundo de acordo com suas necessidades e compreensões estava lá, por isso a proposição que segue de Flusser (2007), ainda que argumente o contexto de um mundo que vivia a Segunda Guerra Mundial, pode ser interpretado, guardada às características de cada contexto, a partir dos anseios, buscas, experiências e afirmações dos sujeitos nas redes sociais

da internet, como forma de também viver o mundo *off-line*, complementando-o com o *on-line* assim,

um mundo caótico, embora concebível, é, portanto, insuportável. O espírito, em sua ‘vontade de poder’, recusa-se a aceitá-lo. Procura, no fundo das aparências caóticas, uma estrutura graças à qual as aparências, caoticamente ‘complicadas’, possam ser ‘explicadas’. Essa estrutura deve funcionar de duas maneiras: deve permitir a fixação e cada aparência dentro do esquema geral, deve servir, portanto, de sistema de referência; e deve permitir a coordenação entre as aparências, deve servir de sistema de regras. A estrutura deve ser estática e dinâmica ao mesmo tempo. Fixando o lugar da aparência, isto é, utilizando-nos da estrutura estática, tornamos a aparência apreensível. Ligando a aparência com outra, de maneira que ela seja consequência de outra, isto é, utilizando-nos da estrutura dinâmica, tornamos a aparência compreensível. O primeiro esforço, o da fixação, equivale a uma catalogação do mundo. O segundo esforço, o da coordenação, equivale a uma hierarquização do mundo. Se coroados de êxito, o primeiro esforço resultará em catálogo de todas as aparências bem definidas umas diante da outra, e o segundo esforço resultará em hierarquia de classes de aparências perfeitamente deduzíveis uma da outra. O mundo terá sido transformado de caos em cosmos. Poderemos dizer que o mundo ‘aparentemente’ caótico, é ‘realmente’ ordenado. Ou, que há um mundo ‘aparente’ caótico, e um mundo ‘real’ ordenado. (FLUSSER, 2007, p.31-32)

O coletivo desta forma representa as maneiras pelas quais o sujeito organiza suas performances com o intuito da interação e da construção e catalogação de si e dos demais. Daí porque as práticas dos sujeitos são concebidas em uma análise situacional e relacional de acordo com a maneira pela qual o sujeito interage e o contexto no qual está inserido. A observação em perspectiva e contextualizada ocorre em situação semelhante na proposta de Bourdieu (1983), conforme tratado previamente, para a análise das classes sociais. Finalmente, a manutenção e construção dos territórios, conforme concebidos por esta pesquisadora e analisados com base nos fundamentos de Certeau (2008), Deleuze (1997; 2004), Guattari (1997) e Perlongher (2008), acontece mediante o significado que acompanham os jogos de interesse e os códigos de diferenciação.

Desta forma, pode-se esboçar que as redes sociais constituem parte do grupo dos objetos que permitem certas liberdades ao sujeito, sem, necessariamente, esse estar restrito à pertinência apenas a um grupo ou a um estilo de vida. Subjetivam-se as ações, tendo como parâmetro os contextos sociais e a individualidade de cada um destes indivíduos, daí a razão da multiplicidade das escolhas e trajetórias realizadas no acesso à internet e suas redes sociais. A utilização deste meio, conseqüentemente suas redes sociais, é uma ponte para que o sujeito possa construir e experienciar, através de outras *interfaces* com o mundo, a sua identidade,

sem, necessariamente, essa implicar em completa negação ou incoerência com o que se vive no plano *on-line*, uma vez que as ligações e complementações não obedecem a padrões e sim às ideias e anseios, inclusive aspiracionais, que movimentam estas individualidades em um coletivo.

1.4 O campo e as reflexões

A partir das ideias acima, confesso que a pesquisa de campo mostrou várias facetas de atuação, interpretação e de escuta ao que se respondia. Por vezes identifiquei que aquilo que o Outro relatava havia, em algum momento, ocorrido de forma semelhante comigo e qual não era o esforço em não deixar transparecer, exacerbadamente, estas características, de modo a tentar controlar, um pouco, a influência que minha persona desempenhava naquele instante. Entretanto, reconheço que, como toda etnografia, inevitavelmente, minha presença, meus olhares, meus questionamentos e meus silêncios provocaram certas catarses de falas acerca de assuntos latentes e inquietantes aos entrevistados: o acesso às redes sociais da internet era, em boa parte, para falar de si, para se descobrir, para se experimentar no que ainda não estava assumido ou dado. Por isso, é oportuno destacar que as redes da internet não se constituem no sujeito. Estas redes tratam-se de escolhas realizadas, através de ideias e anseios pelas quais estas podem representar a possibilidade de se transgredir algumas regras.

Gostaria de esclarecer que, algumas das observações são provenientes não apenas das entrevistas realizadas pela ocasião do campo junto aos interlocutores, mas da percepção adquirida ao longo dos oito anos que possuo redes sociais da internet, talvez por esta razão, sentia que, por vezes, havia a intenção, por parte dos interlocutores, de que eu participasse e interagisse com o desabafo que estavam fazendo de forma a concordar ou interpor-se ao que diziam, através de algumas frases em tom interrogativo.

Neste instante retomo a fala da complexidade de se realizar o trabalho de campo e dos impactos que o ato da “confissão” leva. Ilustro com o caso mais específico, certa que houve outros, mas este foi o mais marcante: a entrevista com Edgar, que durou quase quatro horas. Após refletir bastante acerca deste momento, percebi que, ao plantear meus questionamentos, determinadas catarses de emoções tinham início e, com isso, muitos argumentos silenciados do entrevistado vinham à tona. Edgar verbalizou um desses momentos quando, ainda em nossos primeiros minutos declarou: “Você está me fazendo falar de coisas que eu não falo há muito tempo e não sei porquê estou tendo esta confiança agora. A porta abriu e não sei

quando vou conseguir fechar”. Mesmo tomando todo o cuidado para que não houvesse um envolvimento despropositado e até perigoso à pesquisa e às confissões, pude sentir parte do que aquele indivíduo mais buscava nas redes sociais: um espaço para conversar, para confessar para si. Uma vez que não encontrava a possibilidade de criar, em profundidade, este território em seu mundo *off-line* recorria, então, às redes da internet, como uma forma de transgredir às regras, ou guardava para si. Tudo isto até aquele instante em que estava eu, com meu gravador e olhos atentos a escutá-lo e a indagá-lo acerca de temas que talvez outros não tivessem demonstrado tanto interesse ou não tivessem tido a oportunidade de conversar com Edgar, sempre de muitas brincadeiras, mas que talvez sentisse falta de momentos em que fosse levado com mais seriedade por seus amigos.

Algumas perguntas adicionais foram realizadas em determinadas entrevistas. Considerei enriquecedora a possibilidade de retirar o máximo proveito para melhor conhecer uma situação que se descortinava diante de mim, não limitando as análises aos assuntos inicialmente rascunhados, mas sim aprofundando o olhar frente a certos desabafos de vida. E então estava lá eu, em um café da cidade, e refletia: quantas das pessoas aqui presentes estão conversando sobre assuntos de tamanha delicadeza em suas vidas? Quantas vezes eu mesma fui capaz de me enxergar da forma como o interlocutor está fazendo agora? É verdade que, houve momentos nos quais esta ponte de confissão não foi construída tão facilmente, mas creio que, como mostram os relatos de outros pesquisadores, tudo há um quê a ser interpretado: mesmo uma frase mais curta ou um silêncio podem carregar cargas de confissão. Sobre isto, uma das entrevistas que mais alertou meus olhares foi a de Marcelo.

Iniciei as perguntas de identificação e, ao propor questões que imaginava confeririam maior liberdade de respostas, quiçá mais longas, Marcelo simplesmente foi quase monossilábico em suas respostas. Após quatro perguntas e algumas mudanças de assunto, na tentativa que acreditava estar a fazer para aproximar o interlocutor da pesquisa, surgiu, em minha fala, o tema da religião. No mesmo instante uma veia imediatista me repreendeu: por que havia feito aquilo? Onde aquela pergunta poderia me levar? Será que ela realmente me interessava? Felizmente não havia tempo para arrependimentos, foi então que iniciou a reviravolta na conversa com Marcelo:

eu faço parte de um grupo que é um pouco polêmico na internet, mas acho que mais por parte de diálogo iria ajudar isso a ser menos polêmico. Eu sou ateu e acho que é muito mal visto pela maioria das pessoas e que se houvesse uma conversa poderia ser mais bem explicado, para aumentar a aceitação entre grupos. A maior parte da minha família é católica. Não sei muito bem quando eu comecei a me considerar ateu, mas foi mais uma transição lenta, eu fui

perdendo a fé aos poucos até realmente me considerar ateu. Cheguei a ser católico e evangélico, mas não sentia que me ajudava muito. Mais ou menos há uns quatro anos fui me sentindo mais ateu.

Ao terminar sua frase Marcelo seguia olhando-me fixamente enquanto, em meu interior, buscava interpretar aquele torvelinho de verdades que acabavam de ser partilhadas.

Reflexionando sobre a trajetória de vida de Marcelo creio ser oportuno acrescentar algumas importantes considerações acerca do tempo referenciado por Marcelo como “mais ou menos há uns quatro anos”. Há quatro anos os pais de Marcelo se separaram o que se configurou como uma experiência traumática ao interlocutor. As dificuldades emocionais trazidas por Marcelo, bem como as consequências advindas do divórcio, foram parte do motivo que gerou o abandono da religião, até então partilhada em família. Marcelo afirmou que possuía redes sociais mais pelo que classificou como “obrigação social de estar lá” e que, ainda assim, tinha poucos amigos nestas redes, uma média de 150 pessoas, número pequeno se comparado com outros perfis de entrevistados que contabilizavam cerca de 800 conhecidos, categorizados pela rede social como “Amigos”¹⁶.

A partir das considerações acima, ratifico a importância de perceber as representações enquanto interpretações sociais em uma experiência e em uma escrita marcada pela tensão da autoridade. Na busca por figurar com o Outro no discurso multivocal e pastiche dos relatos da imersão etnográfica, um constructo de negociações com pontos de aproximação e de conflitos, conforme destaca Renato Rosaldo (1991), em seus levantamentos acerca das interferências do campo subjetivo na esfera social, “nessas arenas culturais, as relações humanas estão governadas mais pelo conflito que pelo consenso” (p.168, 1991)¹⁷. A proposta da fusão de horizontes nos moldes dos pós-modernos, e com sua prática ensaiada nas experiências hipermodernas, não diz respeito e nem almeja a subtração de identidades, pelo contrário: admite-se a existência de identidades plurais trazidas a tona a medida que se fazem necessárias. Seriam estes os reconhecidos momentos de sociabilidade, conforme proposto por Simmel, o qual será analisado em profundidade no próximo capítulo, encontrados nos indivíduos, em diversos contextos e, inclusive, na operação entre vida *on-line* e vida *off-line*.

Cautelosamente, para não quebrar o momento delicado de confiança que havia estabelecido com Marcelo, a conversa prosseguiu. O interlocutor argumentou que a separação dos pais levou-o a questionar a religião que antes possuía. Além disto, encontrou nas

¹⁶ Neste caso, as redes sociais utilizadas pelos interlocutores permitem o agrupamento destes “Amigos” em listas específicas a serem categorizadas pelo próprio proprietário da rede, uma vez que podem-se ter conhecidos agrupados em listas como “Família”, “Trabalho”, “Escola”, dentre outros.

¹⁷ Tradução própria.

comunidades de jogos de vídeo *game*, um convidativo espaço para estar em outras vidas, em outros personagens para além das situações que lhe incomodavam no plano *off-line*. Reconheci nesta ação uma tentativa de aliviar as pressões emocionais, falar com outras pessoas e experimentar uma vida diferente, a qual pode ser vivida sem tantos riscos emocionais. Apesar disto, a lembrança do *off-line* não desaparecia totalmente das atitudes de Marcelo, pois para grande parte das comunidades que fazia parte, seus amigos de colégio estavam lá, bem como a grande parte dos tópicos que buscava nos fóruns desta rede tratavam de assuntos presentes, em maior ou em menor nível, em suas práticas *off-line*.

Acerca da forma com que alguns dos entrevistados expressavam a relação entre suas identidades concretas e não concretas, gostaria de utilizar o exemplo de Vinícius: músico, universitário, de fala extremamente tranquila. Vinícius afirma que geralmente é taxado, na vida *off-line*, como “sério” ou “rabugento”, talvez pelos *piercings* e tatuagens que carrega e declara que a reação não passa dos famosos pré-conceitos sociais, “eu tento esclarecer algumas coisas, mas sei que de algumas eu não quero falar. Não vale a pena, eu já até tentei, agora eu prefiro só ler, escutar ou falar com algumas pessoas”, confessou o interlocutor. E quais seriam esses temas aos quais Vinícius desacredita da possibilidade do diálogo? Quando indaguei-o, confessou que, o principal, são as questões religiosas, pois apesar de partilhar a escolha por ser ateu, juntamente com seu pai e com sua mãe, não encontra em todos os seus amigos um campo para a conversa sobre o assunto, inclusive com sua namorada, evangélica:

evito ao máximo postar coisas que, na minha concepção, podem ser certas, mas para outras pessoas podem ser erradas, por exemplo, eu sou ateu desde criança, minha mãe é atea, meu pai é ateu, então eu cresci com essa concepção, daí tem uma foto sobre ateísmo, eu evito compartilhar porque podem ter pessoas que se ofendam. Mesma coisa uma piada homofóbica, o que eu não gosto também, eu acho que, se eu não dou moral para fazerem mal para mim, também não posso fazer essas coisas com outros.

Em relação à vida *on-line*, Vinícius se informa e se atualiza sobre os debates no campo da religião, mas declara que nem assim se sente à vontade para se manifestar, uma vez que procura evitar que muitas pessoas tenham conhecimento de decisões que considera mais polêmicas, como a escolha por ser ateu. A atitude do entrevistado remete às proposições expostas anteriormente, e embasadas nas pesquisas de Recuero (2012), acerca das relações estabelecidas entre indivíduos na conversação mediada pelo computador. Podendo estas envolverem situações de polidez e de conflito, a partir da convenção de normas “aprovadas socialmente” sobre comportamentos e atitudes aceitos e permitidos em cada rede social, os

quais, frequentemente, esbarram na dificuldade de possuírem um acesso de público tão diverso que acarreta na dificuldade de se estabelecerem padrões que normatizem determinada rede de relação social.

Vinícius reconhece que na internet é possível ser diferente e reconhece tanto em si, quanto nos outros essa mudança comportamental: “conheço pessoas que são meio diferentes. Eu conversei com uma que disse que, no Ensino Médio, ela sofria *bullying*¹⁸, então ela criou meio que uma barreira na vida social dela com os amigos, daí pessoalmente ela é meio que tímida e evita algumas coisas, mas na rede social não, ela tem os amigos que só ela aceita, se relaciona com eles e não tem espaço para os que trataram ela mal no passado. Na rede social ela é engraçada, conversa, mas pessoalmente ela é meio afastada, meio tímida”. Segundo Hall (2006), características diversas são possíveis de existir em uma mesma identidade, pois esta não é singular e sim a representação de um coletivo de traços e subjetividades, partilhadas socialmente e intimamente, daí a percepção de um comportamento oscilatório. Esta linha de interpretação é utilizada igualmente para o contexto de Vinícius que, após ter participado ativamente das redes sociais acabou por vivenciar experiências que considerou negativas.

Diante disto, hoje Vinícius se considera um sujeito mais neutro em sua vida *on-line*, expondo bem menos de si na internet, reduzindo o número de fotos e controlando certos comportamentos e atitudes. Esta estratégia, afirma, tem garantido que problemas de comunicação e interpretação não ocorram com tanta frequência, uma vez que é muito mais difícil, para Vinícius, recuperar um mal-entendido através de palavras publicadas na internet, as quais diversos amigos terão acesso, do que em uma conversação no mundo *off-line*, geralmente, com um número mais restrito de interlocutores. A questão do que é público e do que é privado é representada de maneira permeável nas redes da internet, pois as próprias ferramentas que estas tecnologias possuem fazem com que o sentimento de público seja marcante uma vez que mesmo sem e selecionando os receptores que poderão ter acesso a determinada publicação, ela pode, apenas com o manuseio de alguns botões, deixar de ser privada e passar a domínio público, uma vez que

a mediação do computador gera elementos que caracterizam, de forma simultânea, as conversações em públicas e privadas. Uma conversação privada, assim, por conta da mediação, tem o potencial de ser tornada pública, uma vez que seu registro é característico do ciberespaço. O que se tem, em conversações privadas, portanto, é uma limitação da visualização da conversação realizada pela ferramenta. Isso significa, entretanto, que essas

¹⁸ Termo que se refere a atos de agressão, tanto físicas quanto verbais.

conversações podem ser capturadas por outros indivíduos e publicadas. (RECUERO, 2012, p.57)

Outra avaliação interessante é de que os próprios meios de comunicação refletem as mais pertinentes características, bem como os principais dilemas de uma sociedade. A isto, destaco a contribuição de Landowski (1992), o qual, através do que conceitua como “sociedade refletida”, salienta que nossas formas de interação com a tecnologia, bem como nossas relações subjetivas e com o Outro, fazem parte da rede de significados operados na cultura e no social. Apoiada nestes pressupostos, indago se não seria o *touchscreen*¹⁹ de celulares e computadores uma forma de destacar a aproximação que tanto buscamos no mundo pós-moderno? Nossas redes sociais da internet, tão diversas, não seriam mostras das múltiplas, diversas, antagônicas e complementares características que nossas identidades fluidas carregam? Para a densidade deste pensar, provoca:

ao mesmo tempo que contribui para transformar os domínios tradicionais da vida cotidiana, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, acompanhado pelo progresso das técnicas automatizadas de tratamento da informação, leva hoje um grande número de observadores e de analistas a reexaminar, em termos relativamente novos, o velho problema das definições de fronteiras – efetivas ou desejáveis – entre os domínios respectivos da ‘vida privada’ e da ‘vida pública’ (LANDOWSKI, 1992. p.85)

Conforme destacado anteriormente, alguns dos entrevistados faziam parte de minhas redes sociais da internet, outros me adicionaram ou eu os adicionei como “Amigos”, por ocasião da pesquisa, entretanto nossos contatos nas redes nunca tinham tanta proximidade quanto nas entrevistas. O que podia perceber era que, nas redes, apenas certa parte de suas identidades eram publicadas e, embora muitos polarizassem mais determinadas questões, a maior parte alternava entre assuntos profissionais de assuntos mais leves, de lazer. Inclusive aqueles que, nas entrevistas, argumentavam sempre publicarem apenas conteúdo profissional, vez ou outra publicavam ou comentavam em outros perfis, acerca de festas, viagens, brincadeiras restritas ao grupo de amigos. Ou seja: mesmo quando se dizia fazer algo, a prática mostrava que nem sempre o sujeito conseguia ser fiel à imagem que tinha de si.

Essa complexidade da performance humana não passava despercebida a todos, visto que alguns interlocutores confessaram sentir que viviam com versões internas de si, as quais nem sempre eram expostas abertamente, pelo menos não para qualquer um. Dado o interesse

¹⁹ Ferramenta de interação de celulares, computadores e demais tecnologias na qual as funções e os comando são executados a partir do toque e do contato dos dedos com o monitor.

de pesquisadora e o respeito que tinha em relação ao que o Outro se dispunha a contar e me permitia conhecer acerca de sua intimidade, procurei manter, sempre que possível, o contato visual e, aos poucos, o gravador em minha mão sublimava e não éramos apenas uma pesquisa sendo realizada, mas uma atmosfera de reflexão e de confissões que refletiam hoje, escolhas de muitos anos. Complexidades acerca das representações sociais, das performances que se realizam, das escolhas e posturas de vida e, sobretudo, da forma como se relacionar com o mundo, seus objetos e seus sujeitos.

A postura de criar um ambiente de confiança para o que o interlocutor estava a dizer, colocou-me, em partes por meu esforço, em uma posição da divisa, através da busca, ao longo das entrevistas, de agenciar alguns momentos emocionais mais delicados e outros nos quais a dúvida era a resposta obtida para minha pergunta. A tarefa por vezes custou-me mais do que poderia imaginar, havia a tentação de opinar, de provocar para alguma reflexão, mas temia que esta fosse minha e não um caminho escolhido pelo entrevistado, o que considerava perigoso para manter um (im)possível nível de [pureza] e fidelidade da performance identitária do entrevistado, lembrando-me das recomendações recebidas em livros e por professores, os quais alertavam que o trabalho do antropólogo está não em se tornar o Outro, mas em ser capaz de se relacionar com este, reportando experiências que, ainda que advindas de temas subjacentes, em muito poderão acrescentar às conclusões e traduções etnográficas. Percebi este fato, sobretudo, ao entrevistar casais, sempre em separado, e confrontar muito do que cada um dizia, bem como a forma como o simples contato com o parceiro moldou suas condutas e a forma como se relacionava com as redes sociais da internet. Curiosamente, entre os casais entrevistados, sempre havia um perfil mais simpático às tecnologias e às experiências que esta permitia, enquanto o outro cônjuge mostrava-se cauteloso e, inclusive, detentor de experiências, ressalvas e dificuldades acerca dos mesmos objetos em questão. Sobre este aspecto pude notar que a alteridade e o próprio local do qual o antropólogo fala, conseqüentemente o que aqui proponho desenvolver, são de fundamental importância, pois talvez a suposta [posição ideal] seja justamente a de estar dividida entre horizontes que se aproximam e se distanciam de acordo com a situação que, muitas vezes, produz o desespero da possibilidade, a qual também é a própria maravilha da construção etnográfica.

Gostaria de complementar a análise dos perfis dos entrevistados, retomando a pesquisa realizada por Recuero (2012) na qual são apontadas três categorias principais que norteiam as interações dos indivíduos, nesse caso de que maneira estas ocorrem em Rede. Estas esferas de análise auxiliam a particularizar algumas observações, bem como relativizar certas percepções. A primeira etapa de análise seria então responsável por avaliar o “grau de

conexão” que consiste no relacionamento estabelecido entre as conexões enviadas e as recebidas por determinado grupo, bem como pelos sujeitos aí imersos. Em seguida, tem-se o “grau de intermediação” que diz respeito a quantas vezes determinada temática aparece em um contexto de sociabilidade, categoria esta a ser trabalhada no próximo capítulo, sendo responsável por avaliar o nível do capital social que um contexto será capaz de gerar aos sujeitos envolvidos. Finalmente, o “grau de proximidade” possui a intenção de perceber quão conectados estão determinados sujeitos, a partir de temáticas específicas. Seguindo estas conclusões, é possível perceber que determinados sujeitos são capazes de aproximar participantes, inclusive provenientes de outras redes, a partir do replique de informações e do compartilhamento de conteúdos.

Ora, se as conversações eram tão responsáveis por determinar características na identidade dos sujeitos, conforme destacado por Recuero (2012), despertei para o interesse de reconhecer até que ponto isto poderia ser percebido no trabalho de campo. Faço especial análise sobre uma das primeiras interrogações quando iniciei esta pesquisa e que consistia em saber qual o grau de influência que os locais onde estes moravam, das escolas que haviam estudado e dos locais nos quais trabalhavam, por exemplo, influenciavam nas suas interações e na construção de suas identidades. A partir das entrevistas, pude perceber, à exemplo do que havia previsto Recuero (2012) sobre a influência das trocas conversacionais na construção das identidades dos sujeitos, a pertinência da análise trazida pelo sociólogo Bourdieu (2007) sobre a compreensão de classes sociais.

Uma vez que a comunicação se torna fator importante na análise da identidade, a internet vista através de sua interatividade, permite com que haja uma simbiose entre as funções de produtor e receptor de conteúdo, enquanto sujeitos em interação. Dito desta maneira, as identidades exercitadas nas redes sociais da internet, possuem o forte marcador da influência do coletivo na afirmação do pessoal. Consequentemente, a identidade de cada indivíduo passa a “ser” a medida que estabelece relação com outros sujeitos, programas, bem como a própria *interface*²⁰ digital. Entretanto, destaco o fortalecimento da ideia do conteúdo que conecta e que socializa, tomando como base as pesquisas de Simmel (2006), ao estabelecer pontes de possibilidades, tanto de acesso informacional, como de arenas de discussão e exercício destas situações propostas. Compartilha-se, neste estudo, a observação elaborada por Serra (2006) a respeito das características próprias da internet e da informação

²⁰ Utiliza-se aqui o termo no sentido de “modo de acesso”.

advinda desta, bem como de suas redes sociais em contraste com os clássicos Meios de Comunicação de Massa²¹:

a internet contrasta, deste modo, com os *mass media*, na medida em que as formas simbólicas são produzidas por estes de um modo tal que os indivíduos não têm, ou têm apenas de forma muito indirecta, qualquer papel na sua produção – limitando-se, no momento da recepção, a apropriar-se de tais formas, ainda que de forma criativa, intersubjectiva e diferenciada; eles são, por assim dizer, sempre colocados perante um facto já consumado – as formas simbólicas produzidas, algures, por outrem. (SERRA, 2006, p.15)

A relativa quebra de estruturas e padrões, ainda que encontrem barreiras em (pré) conceitos sociais e em obstáculos concretos, como o valor de um curso universitário, apresenta claraboias para que outras luzes penetrem nos universos, antes hermeticamente construídos. A ideia de fusão de ambientes é defendida pelo sociólogo britânico Anthony Giddens (2002), sobretudo em suas obras acerca das consequências trazidas pela modernidade e dos aspectos mais relevantes ao estudo da identidade neste contexto. Giddens (2002) ocupa-se de mostrar, bem como demonstrou o trabalho de campo, que as “descontinuidades” de culturas e de padrões de vida são características de um mundo que está a todo instante a se reinventar e a sofrer transformações de cunho tecnológico e social, o que afeta seus sujeitos e suas formas de operação relacional com o mundo, bem como das relações entre sujeitos e dos indivíduos com suas subjetividades. Estas questões demonstram a quebra de padrões e a necessidade de se revisar conceitos, diante do objeto pesquisado:

em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas *descontinuidades* com as culturas e modos de vida pré-modernos. Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores. (GIDDENS, 2002, p.22)

A questão da privacidade e dos limites entre o que é público e o que é privado também foi um ponto delicado e de divergências entre os entrevistados. Enquanto uns afirmavam se sentirem extremamente expostos em suas vidas, outros declaravam evitar fazerem muitos comentários e publicar frases ou fotos, entretanto todos possuíam ao menos uma situação conflituosa para relatar. Dificuldades, experiências, aflições e conquistas marcavam a fala

²¹ Classifica-se como os tradicionais e primeiro Meios de Comunicação, como a televisão, o jornal e a rádio.

destes sujeitos que, diante do exercício antropológico que realizava, estranhavam seus mundos e argumentavam com frases do tipo “nunca havia pensado nisso desta forma” ou, conforme afirmou Rodrigo, “acho que sou assim e faço assim porque no passado as redes sociais da internet me trouxeram muitos problemas. A vida é complicada e a verdade é que estamos sempre sendo observados”. A confissão de Rodrigo remete ao proposto por Geertz (1973) ao analisar a cultura a partir de suas formas simbólicas públicas de representação, as quais tanto expressam quanto constroem os sujeitos, suas interações e percepções sociais. Conforme relembra Geertz (1973), é na subjetividade que estas se organizam, a partir de uma espécie de classificação da forma de pensar. Geertz (1973) salienta que é através da cultura que os sujeitos representam o mundo bem como este os molda, de maneira a encaixá-los e adequá-los. Ora, as posturas exercidas pelos sujeitos nas redes sociais da internet, são guiadas por certos padrões os quais nascem tanto no *on-line* quanto no *off-line* de cada indivíduo e do mundo no qual estão imersos. Rodrigo retrata algumas dificuldades, baseado na representação, nem sempre obedecida pelo interlocutor, de moldes culturais de seu mundo. Ao tentar transgredi-las, Rodrigo percebeu os impactos que poderia gerar e, assim como relembra Geertz (1973), é na subjetividade que as representações operarão.

Geertz (1973) argumenta que os discursos sobre a pessoa possuem a intenção cultural de bloquear ou de permitir aquilo que obedece às normas, ao que está conforme o esperado e convencionalizado na relação social. Estas ações são as responsáveis por determinar uma característica cultural que pode perfeitamente ser diferenciada da de outra sociedade, a partir de discursos, práticas, termos e regras conectados, conforme assim foi sentido por Rodrigo, ao tentar romper certos padrões culturais de seu mundo. Ainda que esta tentativa tivesse acontecido no *on-line*, não deixou de impactá-lo e de demandar uma mudança em seu posicionamento.

A expressão de Rodrigo reflete ainda que o ato de comunicar é, essencialmente, um fazer antropológico, e os ideais de troca e compreensão comunicativa não só transformam sujeitos como a própria sociedade, conforme lembra-nos Dominique Wolton (1999) em seus estudos no campo da Comunicação Social, nos quais analisa, sobretudo de que maneira os sujeitos estão a operar com as ferramentas tecnológicas, com os meios de comunicação e como esta relação está impactando suas vidas, pessoas e o mundo ao redor. Wolton (1999), por exemplo, argumenta que a própria ideia de mundo globalizado deve ser revista, pois se a tecnologia é a mesma, os objetos não terão os mesmos fins e os mesmos usos, uma vez que os sujeitos são diferenciados e os territórios nos quais realizam suas práticas sociais também serão únicos.

Reflico acerca da proposição acima de Wolton e destaco que, mesmo tratando, nas entrevistas, com sujeitos habitantes da mesma cidade, pude perceber o modo como cada um se relacionava de maneira própria com as redes e como ordenavam, segundo aspectos tanto externos quanto subjetivos, suas vidas. Noto como Wolton (1999) é feliz ao analisar que, sendo a comunicação um exercício social, logo antropológico, seria impossível obter os mesmos comportamentos e as mesmas práticas sociais como resultado das ações dos sujeitos. Desta feita, se os locais de onde se fala e os horizontes de análise são diversos, apesar dos entrevistados terem nascido na mesma cidade, a forma de se relacionarem com o mundo era distinta, uma vez que moravam em bairros diferentes, frequentavam locais distintos, tiveram experiências amorosas diversas, bem como todo um leque de fatores que os aproximava, enquanto conhecedores e usuários de determinada tecnologia, às redes da internet, e em outros pontos os distanciavam, afastamento este justificado pelos territórios subjetivos de cada qual. Uma vez que,

a comunicação é, antes de mais, uma experiência antropológica fundamental. Intuitivamente, comunicar consiste em trocar algo com alguém. Muito simplesmente não existe vida individual e colectiva sem comunicação. E o próprio de toda a experiência pessoal, como de qualquer sociedade, é definir as regras da comunicação. Do mesmo modo que não há homens sem sociedades, também não há sociedades sem comunicação. (WOLTON, 1999, p.10)

Desta forma, em determinados momentos pude perceber o cuidado, especialmente aquele advindo dos casais, estes sempre entrevistados em separado, ao me explicar que muitos dos seus comportamentos na internet tinham sido moldados a partir de negociações feitas com o comportamento do que o parceiro aprovava ou não como postura para a internet. Ora, esta situação na vida *on-line* também era estendida para outra gama de questões específicas ao plano da vida *off-line*, em mostras de que se os conteúdos diferiam, as situações que as norteavam permaneciam. Desta forma, apesar de alguns preferirem explorar e divulgar suas vidas na internet, estas condutas se viam reprimidas dadas a não aprovação do parceiro.

A demonstração é o exemplo de como nossas escolhas não são unicamente nossas, bem como nossas identidades não são fruto apenas de nossas preferências, mas que também são muito operacionalizadas levando em consideração a aprovação ou o que determinam os grupos sociais e contextos nos quais estamos inseridos, daí a razão primeira para compreender o motivo pelo qual o ser humano nunca foi, e talvez nunca será, um sujeito inteiramente coerente segundo alguns padrões e expectativas, socialmente alocadas, o podem esperar. Segundo Recuero (2012), algumas práticas são adotadas pelos sujeitos no sentido de

demarcarem suas presenças nas redes sociais da internet, os quais envolvem tanto as ferramentas, no que tange à parte técnica, quanto às formas de apropriação realizadas pelos indivíduos nestes espaços de trocas sociais. Enquanto a primeira é mais estática, a segunda é determinada a partir de características culturais e contextuais, conforme relembra a proposta de Barth (2000) acerca da concepção de sociedade, as quais implicam em um forte dinamismo desta esfera de análise.

Barth (2000) assim propõe que a identidade não se constitui em algo estático e sim transformado a medida que se relaciona e interage, tanto nos aspectos coletivos quanto individuais, com outras identidades. Assim, se a cultura se constitui em uma teia de significados, conforme proposto por Geertz (1973; 2008), é nesta interação diversa e contextualizada que sujeitos e grupos se definem e se transformam. Desta maneira, as identidades são construídas de acordo com os tipos de interação as quais podem promover tanto a exclusão quanto a aproximação de laços em um grupo, a partir do desenvolvimento, reconhecimento e posicionamento de suas identidades em determinado contexto.

Segundo Barth (2000) são nesses contatos contínuos entre grupos e sujeitos, que as transformações e as identidades acontecem, uma vez que características são (com)partilhadas e organizadas, tendo como finalidade definir o “eu” e o “outro”, ainda que estes sempre provisórios, dada a dinamicidade do processo de formação identitária e as peculiaridades que traçam os objetivos e a rede de significados, seja tanto no *on-line* quanto no *off-line*, bem como no impacto e nas consequências das interação destas esferas.

Após estas observações e retomando a análise das entrevistas realizadas, estas geralmente encerravam-se no questionamento que os propunha a desenvolver acerca de como acreditavam que seriam suas vidas sem internet e sem as redes sociais desta. A surpresa ficou por conta de que, para a grande parte dos entrevistados, seria possível viver sem redes sociais da internet, uma vez que a “cobrança” de se fazer presente, de manter o perfil atualizado, de publicar fotos ou de acompanhar o que os demais escrevem, tornaria suas vidas mais tranquilas, entretanto, não sem a internet. Ao afirmarem isso o primeiro questionamento que realizava era: mas a sua rede, quem faz, não é você? Porque você está permitindo isso? E, o que geralmente escutei foi uma absorção da responsabilidade, no sentido de “é, eu sei que a culpa é minha”. Muitos ilustraram, como o caso de Lia e de Danilo que “houve vida” após um período de “abstinência” ao acesso às redes e estes perceberam, inclusive, que o tempo que agora lhes “sobrava” era utilizado para fazer muito mais coisas do que a percepção de atividades que realizadas quando passaram o mesmo tempo em suas redes. Estas foram mostras da própria pluralidade do sujeito que, se hoje toma algo como atividade rotineira,

amanhã pode tentar uma adaptação diante de outro panorama de vida. Muitos, ao esboçarem o sentimento de que conseguiam viver sem a tecnologia das redes igualmente construíam a fala de sua não dependência a estas tecnologias e formas de interação social, excluindo-se, inclusive, do perfil apresentado, muitas vezes nas reportagens da grande mídia, como quadros patológicos de usos da internet.

Conforme será justificado e trabalhado nos próximos capítulos, especialmente o que segue, percebo o estudo antropológico da identidade, das novas tecnologias e da sociabilidade resultante dessa interação, como um processo de construção. Uma vez que a cada nova mudança conjuntural surgem novos paradigmas a reinterpretarem as teorias pioneiras ou a proporem novas abordagens. Segundo destaca o etnólogo Maurice Leenhardt (1971) que, nos séculos XIX e XX, em seu trabalho de campo na Melanésia, salientava o fato do sujeito existir mediante a performance que possui na sociedade, no grupo, sendo a questão da psicologia do local e dos sujeitos, de grande valia para estas observações.

Ratifico com isto que a questão das características das identidades consiste em terrenos de forte efemeridade e transitabilidade, pois estão intimamente vinculadas com aspectos comportamentais e de posturas de vida, uma vez que neste jogo social, os fatores de atração e os catalisadores de interesse provêm de pontos os mais diversos possíveis e é no campo da vida cotidiana, conforme relembra o pesquisador social Jesús Martín-Barbero (1995), que ocorre a produção de conhecimento e a própria troca e produção e sensibilidade, uma vez que “a vida cotidiana é o lugar em que os atores sociais se fazem visíveis do trabalho ao sonho, da ciência ao jogo” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 59).

As pesquisas de Martín-Barbero (1995), um dos principais expoentes latino-americanos no estudo dos Meios de Comunicação, sobretudo o das novas tecnologias e seus impactos sociais, traz importantes reflexões a esta pesquisa, especialmente a posição que o sujeito exerce na produção social e em suas interações subjetivas, ocorridas através da utilização dos meios. Desta maneira, o contexto deste estudo está inserido nas tecnologias que proporcionem o acesso às redes sociais da internet, especialmente os novos modelos de celulares e os computadores que, em se tornando pessoais, permitiram uma individualização dos assuntos e dos interesses neles armazenados, fornecendo algumas pistas de como são possíveis as construções de sujeitos com identidades tão matizadas. Conforme prevê Martín-Barbero (1995), é na produção cotidiana que nos construímos, inclusive em nossos aspectos mais íntimos.

A maleabilidade dos laços sociais, mediante os conteúdos de afinidade social e as buscas pessoais para cada contexto, destacadas por Barth (2000), mostra-nos ainda que, os

tempos hipermodernos dos quais nos fala Lipovetsky (2004) não parecem deixar abertura para que estes jovens “percam tempo” com amizades que não se encaixam no comportamento esperado: não há demasiadas chances porque não há infinita paciência. Ao longo do trabalho me vi várias vezes refletindo se a velocidade de apertar de botões e do cômodo acesso a qualquer conteúdo, não se estenderam para comportamentos de acionar, bloquear e decidir a vida de maneira tão instantânea e veloz quanto à velocidade de ligar e desligar objetos.

Como linhas gerais norteadoras desta pesquisa, tem-se o conceito de jovem ligado a posturas e formas de perceber, sentir e agir no mundo, através de estilos de vida e formas de auto reconhecimento de sujeitos que utilizam este marcador como diferencial, seja esta ação no plano de sua vida concreta, seja no campo das redes sociais da internet. Levanto ainda o pressuposto de que nunca se pode afastar totalmente o que somos, por isso nossos mundos, embora em esferas diferentes, sempre, de alguma forma, encontram uma maneira de andar em tortuosos paralelos. Dito isto, e uma vez apresentados os fundamentos de pesquisa, convido o leitor aos próximos capítulos, nos quais questões específicas como os da identidade, da comunicação, das tecnologias e da cultura material dos objetos serão tratados em profundidade, sempre na companhia dos onze entrevistados, suas histórias de vida e minhas reflexões teóricas.

2. SUJEITO E IDENTIDADE

“A vida não é a que vivemos, é a que recordamos,
e como recordamos para contá-la”
(Gabriel García Márquez)

Este capítulo possui o objetivo de expor e analisar as principais contribuições advindas dos resultados obtidos com o trabalho de campo e referencial teórico selecionados como metodologia para a compreensão do estudo da identidade, perpassando pelas categorias da sociabilidade, da performance e do corpo. Além disto, as formas de expressão e de “materialização” do corpo e das práticas sociais nas redes da internet serão igualmente foco de análise desta pesquisa.

Desta forma, gostaria de introduzir, a partir das ideias acima, uma análise aprofundada acerca das principais transformações que a concepção de “sujeito” sofreu até o período reconhecido como pós-modernidade. Reconhecendo a importância da evolução e transformação que este conceito sofreu ao longo do tempo e das situações contextuais que se apresentaram, analiso esta categoria com o intuito de fundamentar as reflexões que seguirão acerca da construção da identidade, conforme percebida através do trabalho de campo. Logo, inicio esta percepção do conceito de identidade partindo das contribuições de Hall (2006), para quem é possível considerar cinco momentos determinantes na história que contribuíram não apenas para o repensar das questões de identidade e relações sociais, como também acarretaram impactos em outras áreas do conhecimento humano.

A proposta de Hall (2006), acerca do estudo da identidade, baseia-se no que considera o primeiro grande momento de reconhecimento do sujeito enquanto um ser descentrado e múltiplo, o qual diz respeito às tradições do pensamento marxista. Grande parte deste trabalho foi revisitada e reinterpretada na década de sessenta do século XX. Sobre esta revisitação à obra de Marx do século XIX, a principal questão a qual nos lembra Hall (2006) é a de que os homens fazem a história, mas este movimento só é possível dentro das condições nas quais são oferecidas. Alguns pensadores humanistas questionaram essa proposição, uma vez que reconheceram nesta ideia pouco crédito dado à agência humana. Apesar disto, esta perspectiva foi uma das que mais influenciou a construção do pensamento moderno.

A segunda proposta, cronologicamente disposta por Hall (2006), consiste no advento das ideias psicanalíticas de Sigmund Freud nas concepções ocidentais sobre o sujeito. Para esta corrente de pensadores, os processos psíquicos e simbólicos são os responsáveis pela formação da identidade do sujeito. As contribuições do psicanalítico Jacques Lacan somaram-

se a esta nova percepção do eu e de como este se percebe através do espelhamento social. As representações simbólicas, na figura da cultura, língua e diferenciação sexual também são pontos de construção e de interferência no sujeito e na sua identidade. Conseqüentemente, o que nos falta interiormente é preenchido com as informações recebidas do exterior, sendo no processo desta troca que a “inteireza” do ser é erguida.

Um ponto de discussão entre os estudiosos da identidade acerca da proposta psicanalítica diz respeito ao fato desta não poder ser vista ou examinada com facilidade, e sim apenas a partir de um processo profundo de observação, questionamento e análises. Apesar disto, as reflexões sobre as questões psíquicas e subjetivas ganharam força com as propostas freudianas e até hoje são alvo de indagações e impactos sobre as noções de sujeito e identidade. Neste ponto destaco a lembrança do antropólogo norteamericano, Marshall Sahlins (2003), o qual ressalta a importância das questões simbólicas no fazer cultural, bem como nos momentos de estabelecimento das relações sociais, tanto no que diz respeito à manutenção de tradições quanto de novos recortes dados à vida e, conseqüentemente, à identidade do sujeito.

Diante disto, Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), pesquisadores da área da comunicação, afirmam que o homem, ao entrar em contato com um poder invisível, acaba imitando-o como forma de aproximação, pois “é só enquanto tal imagem e semelhança que o homem alcança a identidade do eu que não pode se perder na identificação com o outro, mas toma definitivamente posse de si como máscara impenetrável” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.22). As ideias defendidas por Adorno e Horkheimer (1985) podem ser aproximadas do postulado por Sahlins (2003) ao argumentar a interferência que o simbólico desempenha em nossa apreensão de mundo e de nosso autoreconhecimento, a partir do ponto que considero que os sujeitos também se reinventam segundo as expectativas dos demais que estabelecem relação, seja esta direta ou indireta, e que a geografia da verdade, da qual salienta Foucault, está centrada nos espaços onde reside e não nos locais nos quais nos colocamos para observá-la,

nem tudo é verdadeiro; mas em todo o lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente em todo o lugar. (FOUCAULT, 1979, p. 113)

Seguindo as análises do histórico estudo da identidade, Hall (2006) assinala que a terceira abordagem advém da linguística estrutural, quando o linguista Ferdinand Saussure apresenta os significados de uma língua como originários de convenções advindas de um coletivo. Esta simbologia não é algo fixo, daí porque falar uma língua consiste em compartilhar significados e construções culturais, desta forma as vivências de mundo são válidas para serem utilizadas na criação de símbolos que comuniquem, que libertem a imaginação. Ilustrando a possibilidade de como nossa vida é vivida através de símbolos, Edgar Wind (1997), pesquisador da área da iconologia, afirma, em análise ao escritor e político alemão Joahann Goethe, que “Goethe disse de si mesmo que via tudo simbolicamente. (...) Ele mesmo descreve como, desse modo, a intensa experiência pessoal se tornou em fonte da criação artística, como a arte adquiriu a capacidade de exercer um papel libertador e remidor na vida” (WIND, 1997, p.63).

Desta maneira, se a própria linguagem pela qual os sujeitos estabelecerão comunicação é tida como algo não findo, estendo a interpretação de que a identidade destes sujeitos, os quais farão uso de referida língua e seus símbolos, será, por consequência, algo inerentemente instável e parte de uma construção social, na qual a influência e a contribuição dos demais atores sociais em muito influenciam na percepção nas práticas dos sujeitos, conforme aponta Landowski:

a condição de relativizar meu ‘ser’, isto é, de descobrir o ser do outro, ou sua presença, ou de me descobrir eu mesmo como parcialmente outro, eu faço nascer o espaço-tempo, como suporte de diferenças posicionais entre mim mesmo e meus semelhantes, como efeito de sentido induzido pela distância que percebo entre meu aqui-agora e todo o resto – lugares distantes, tempos distintos -, ou ainda, como resultante da relação que me liga, eu sujeito, a um mundo objeto cujas formas discretas, à medida que as recorto, me revelam a mim mesmo. (2002, p.68)

O quarto descentramento que influencia os estudos acerca da Identidade, conforme trabalhado por Hall (2006), refere-se às ideias propostas, especialmente, por Foucault, sobretudo no que se relaciona à existência do chamado “poder disciplinar”, capaz de manter a ordem e controlar a vida do indivíduo para que este possa ser um corpo “dócil”. Este poder se encarregaria de manter a vida, o trabalho, os prazeres e a própria infelicidade do indivíduo sob controle de modo a não fugirem da disciplina estabelecida para que o sujeito esteja inserido em uma individualização descendente.

Para já porque as disciplinas mostram, segundo esquemas artificialmente claros e decantados, a maneira como se podem articular uns sobre os outros os sistemas de finalidade objetiva, de comunicação e de poder. (...) Aquilo que é

preciso entender por disciplinarização das sociedades depois do século XVIII na Europa, não é que os indivíduos que dela fazem parte se tornam cada vez mais obedientes; nem que eles se põem todos a assemelhar-se em casernas, escolas ou prisões; mas que aí se procurei um ajustamento cada vez mais controlado - cada vez mais racional e econômico - entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder. (FOUCAULT, 1971, p.10)

Finalmente, o quinto descentramento ressaltado por Hall (2006) diz respeito ao feminismo, tanto sobre seus impactos sociais quanto teóricos. Proveniente dos movimentos sociais que emergiram na década de sessenta do século XX, o feminismo carregava em si questões tanto sobre a política capitalista do ocidente, quanto reflexões sobre a identidade. Estas novas proposições sobre o olhar analítico em direção à identidade foram percebidas e vivenciadas ainda no movimento negro, na luta pelos direitos civis, nas revoltas estudantis, nos movimentos juvenis, nos antibelicistas, dentre outros. A questão principal foi que, com o feminismo, houve uma “relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico” (HALL, 2006, p.45).

Hall (2003b) acrescenta, em entrevista concedida à professora e pesquisadora da área de Letras, Heloísa Buarque de Hollanda (2003), e à pesquisadora em Comunicação, Liv Sovik (2003), que estes movimentos foram de grande acréscimo não só às questões de identidade, mas ao próprio desenvolvimento dos chamados Estudos Culturais: “os Estudos Culturais não começaram sozinhos. Surgiram relacionados a outros movimentos da época como as políticas de cultura, o feminismo, os estudos multiculturais, sobretudo aos estudos pós-coloniais, enfim, a uma enorme gama de novos trabalhos críticos nas ciências humanas. Vejo os Estudos Culturais como um poderoso fio nessa trama”(HALL, 2003b).

Os cinco níveis de análise utilizados por Hall (2006) para realizar suas considerações sobre o estudo da identidade também são de valia para esta pesquisa, a qual tem o intuito de considerar a identidade a partir de uma análise em perspectiva do contexto do sujeito, bem como da vastidão de práticas sociais que este pode exercer quando da interação social e subjetiva, daí a razão pela qual, mais adiante, serão exploradas as categorias de sociabilidade e performance.

Outro aspecto de contribuição ao estudo da (re)interpretação do sujeito e sua individualidade consiste no fenômeno da globalização pós-moderna, na qual temáticas e territórios conectam-se a partir de recursos como a internet, na qual distâncias e fronteiras são relativizadas. Ultrapassando fronteiras geográficas, uma vez que as noções de território, conforme vistas no capítulo primeiro são redimensionadas e reconceituadas, sobretudo com o advento das tecnologias, pode-se integrar e conectar as mais diversas comunidades.

Segundo Giddens (1990; 2002), desde a modernidade tem-se um apelo e uma intenção globalizantes, por esta razão diz-se que a relação espaço-tempo deve ser definida de acordo com a época na qual se analisa, uma vez que a identidade passa por questões de representação, o que configura uma mobilidade tanto de nossas comunicações quanto de nós mesmos. Destarte, Landowski salienta, acerca das representações sociais e das construções identitárias que realiza cada sujeito, que

ao se deixar levar no dia-a-dia pelas senhas intelectuais, linguísticas, vestimentares e outras, do lugar e do momento, ao seguir o movimento ambiente, ao louvar todos em coro os mesmos ídolos da estação ou ao cantar os mesmos *slogans*²², cada um se reconhece a cada instante a si mesmo, em uníssono com o outro, seu vizinho, seu semelhante: como se, num mundo onde nada que vale em matéria de gosto ou de opinião tem o direito de durar, fosse preciso para permanecer socialmente em seu lugar mudar, por assim dizer, de pele a cada primavera. (2002, p.93)

Consequentemente, os sujeitos envolvidos neste contexto de globalização, passam a deter a possibilidade de partilhar e de compartilhar um número maior de experiências e pontos de vista, em tempos relativizados, uma vez que o correio é substituído ou divide funções com correios eletrônicos, os quais, em apenas um simples apertar de botões, chegam a seus destinatários em questão de segundos.

Sobre esta quase instantaneidade do mundo pós-moderno, Wolton (1999) questiona se não seria o caso repensar as condutas de relação interacional com o Outro, haja vista que os espaços são muito mais flexíveis, correndo-se o risco de estabelecer relações sociáveis equivocadas e indesejáveis, dado o nível de “intromissão” na vida dos demais. A isto, soma-se a base conferida por Geertz (1973; 2008) a qual trata da cultura enquanto uma teia de significados (com)partilhados e que orientam as ações dos sujeitos, bem como o subjetivo, e suas representações sociais, através de convenções que implicam e que moldam as ações. Desta forma, a cultura tanto molda os comportamentos dos indivíduos e sua forma de pensar, reagir e operar em sociedade, quanto sofre modificações no decorrer das interações entre sujeitos e cultura. Estes momentos poderiam surgir tanto pelo estabelecimento de trocas conversacionais como entre transeuntes em dada situação, como por exemplo a de sujeitos que compartilham um transporte público. Busca-se padronizar o outro, pois esta é uma

²² *Slogan*: frase curta e apelativa, muito usada em publicidade ou propaganda política; palavra de ordem; frase que identifica uma marca ou uma organização; divisa. (Fonte: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora, disponível em <www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/slogan>. Acesso em 25 de Jun. 2011).

condição básica da comunicação e do sentimento de tranquilidade e de segurança de que nem tudo é estranho e mutável no mundo exterior.

Ontem o tempo da deslocação permitia que nos preparássemos para o encontro com o outro; hoje, tendo desaparecido esse intervalo de tempo, o outro está presente quase imediatamente sendo, logo, mais rapidamente ‘ameaçador’. Não é simplesmente por motivos ligados à tradição que desde sempre a diplomacia, cuja função consiste em estabelecer laços entre sociedades diferentes, requer códigos e rituais que "demoram tempo". Esse tempo é um meio de manter as distâncias e de evitar um face a face demasiado rápido. Hoje em dia, quando o acesso ao outro se torna directo e sem condicionantes, seria bom meditar sobre esta lição da diplomacia. (WOLTON, 1999, p.45)

Sobre a temática do acesso à informações dos outros, todos os entrevistados concordaram que o acesso a estas, tanto acerca de temáticas quanto sobre sujeitos outros, é um dos pontos principais de atração sobre se fazer parte de uma rede social, daí o motivo pela adoção de redes nas quais a maior parte de seus conhecidos estão. Alguns interlocutores, como o caso de Danilo, argumentaram que abandonaram redes quando perceberam que seus amigos não estavam mais lá, pois haviam migrado para outros ambientes sociais da internet. Acerca das vantagens de se utilizar a ferramenta das redes sociais da internet em tempos de globalização, Danilo argumenta que reconhece neste ponto, especialmente, o fortalecimento dos laços sociais, conforme assinalado anteriormente por Wolton (1999) ao destacar a criação de laços de relação: “pode ter amigo em todos os lugares, gente que tu jamais teria contato se fosse por carta. Se não tivesse internet seria muito mais complicado encontrar uma pessoa, saber como está, onde está morando, enfim, a relação ia se perder com o tempo”.

Apesar dos prós ressaltados pelo interlocutor, a possibilidade de um acesso mais permissivo e facilitado aos diversos mundos exteriores e aos subjetivos, foi, simultaneamente, o principal ponto positivo e negativo para os entrevistados, conforme retoma Danilo:

a desvantagem é que tu não sabendo usar essa rede tu acabas te expondo muito, como a possibilidade de se ter acesso a todo tipo de conteúdo, o que faz bem e o que pode te afetar para o mal. Por exemplo, se um primo pega meu computador e vê algo de sacanagem, sei lá isso para uma criança tem que limitar muitas coisas para poder doutrinar e colocar cada coisa a seu tempo, para saber diferenciar o que é certo e o que é errado. Pode prejudicar estudos e vida pessoal se não souber moderar tempo de acesso e filtrar informações. Tem que saber lidar com aquela ferramenta, se não ela acaba te prejudicando.

Baseado nos argumentos de Danilo e retomando a importância dos meios de comunicação, consequentemente da própria internet, na desconstrução das fronteiras geográficas a partir de uma concepção de território enquanto espaço praticado, e das trocas

comunicacionais dos sujeitos, reconheço a importância destes fatores na construção das identidades sociais. Sobre este ponto, Landowski (1992) destaca a problemática da fronteira entre o que seria “público” e o que seria “privado”, tendo em vista que, no caso das redes sociais da internet, estes limites nem sempre ficam muito claros, uma vez que o traço mais marcante é a mistura, interferência e a influência de um sobre outro. Da mesma forma ocorre a relação entre as influências de caráter exterior e as de caráter interior na construção da identidade, a qual se localizará entre estes dois campos sociais e simbólicos.

Logo começo a refletir que, apesar da vida social estar, para alguns, mais globalizada, especialmente através do acesso às tecnologias, as quais permitem que os sujeitos, mesmo em espaços geográficos distintos, construam e compartilhem determinado território praticado como o faz a internet; menos as identidades devem ser compreendidas na forma de estruturas fixas. Por conseguinte, o produto destas identidades culturais e conectadas dá origem a identidades em construção e experimentação permanentes, conforme destaca Bauman,

significa um movimento em direção a uma identidade eternamente ‘indeterminada’, de fato, ‘indeterminável’ (...) Não tem um modelo próprio definido para seguir e emular. É principalmente uma unidade de reprocessamento e reciclagem – vive de crédito e se alimenta de material emprestado. Só pode construir e sustentar sua distinção por meio de um esforço ininterrupto e ininterrompível para compensar as limitações de um empréstimo por meio de mais empréstimos. A ausência de um alvo pré-selecionado só pode ser compensada por um excesso de marcadores culturais e um esforço contínuo de cercar todas as apostas e manter abertas todas as opções. (2009, p.45-46)

O produto destas relações entre sujeitos e mundo dá origem, então, ao que Castells (2010) classifica como identidade híbrida. Esta identidade é o resultado do somatório, subtração e, sobretudo, combinação, de valores culturais e sociais. Este seria o motivo pelo qual nenhum sujeito, por mais que esteja presente em um grupo, pode ser considerado idêntico a qualquer outro do referido coletivo. Esta identidade torna-se a principal característica da era da pós-modernidade, na qual, marcadamente, os sujeitos interagem suas ações com momentos *off-line* e *on-line*, por assim dizer, no caso desta pesquisa, práticas *on-line* e *off-line*, repletas de significados e autorepresentações, uma vez que as

identidades são fontes mais importantes de significado do que de papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. (CASTELLS, 2010, p.23)

Sobre as questões das relações sociais estabelecidas na internet e como estas constroem e interferem no processo identitário, Castells (2010) defende que o sujeito possui uma identidade primeira e que, a esta, somam-se novas identidades à medida que estreita vivências de mundo ou que desenvolve experiências modificadoras. Daí porque, em uma mesma rede social da internet, conforme pude perceber ao longo do trabalho de campo, temáticas pessoais são confundidas com profissionais, uma vez que o sujeito não se reconhece, na prática, enquanto cartesianamente facetado. Mais do que isso, os interlocutores foram unânimes em considerar coerentes suas práticas nas redes da internet e na vida *off-line*, em mostras de que a própria racionalidade opera com algumas instâncias subjetivas do julgamento pessoal de cada um ao se auto reconhecer. Desta maneira, Castells propõe a ideia de que, para grande parte dos atores sociais, quando em uma sociedade em rede, como o são, em maior ou menor escala, as sociedades pós-modernas,

o significado organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) autossustentável ao longo do tempo e do espaço (...). Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. (2010, p.23)

Segundo Dalila, o grande fator responsável por não ser uma pessoa diferente nas relações entre a vida *on-line* e a vida *off-line*, deve-se ao autoconhecimento que tem de si e ao fato de sua rede ser frequentada, unicamente, por pessoas as quais a entrevistada conhece ou conviveu em algum momento de sua vida. Totais desconhecidos não são permitidos em seu perfil, pois, conforme argumentou, não considera coerente que, sujeitos estranhos e desconhecidos, saibam do que se passa em sua vida. Entretanto, o fato de publicar na internet uma informação, considerando que pessoas conhecidas tenham acesso e, inclusive, possam replicá-la a outros sujeitos, conhecidos para a segunda e desconhecidos para a primeira, não seria uma maneira de correr os chamados riscos os quais a interlocutora desejaria evitar? Volta-se então a questão aqui destacada por Landowski, anteriormente, sobre as esferas “pública” e “privada” em tempos de reconceituações de espaços e incremento do acesso a informações.

Sobre a observação acima Dalila argumenta:

eu consigo ser a mesma, tanto na brincadeira, na forma de falar, até nas fotos, eu realmente coloco como sou. A maioria são meus amigos que eu tenho contato diariamente então não dá para ser outra coisa. Se eu fosse uma pessoa que não me conhece, que quisesse estar mostrando uma imagem, ainda vai,

mas como são pessoas que eu tenho contato diariamente, não tem como, nem que eu quisesse.

A fala da entrevistada ilustra a influência que os grupos aos quais faz parte exercem em seu comportamento e na maneira pela qual suas atitudes e práticas serão coordenadas. Retorna-se à ideia da vigilância social na construção identitária, conforme proposta há alguns parágrafos por Foucault. Ainda assim, ao visitar o perfil na rede social da internet de Dalila, é possível perceber que, enquanto em sua vida *off-line* a entrevistada prioriza conversar sobre assuntos profissionais, orientada, conforme destacou para a consolidação de sua carreira, nas redes sociais é possível encontrar mais informações para além dos cursos que realiza e que são o principal assunto de sua rotina, como as festas que frequenta, as viagens que realiza e, inclusive, restaurantes preferidos. O contato mantido com Dalila vem de três anos, primeiro na figura de sua aluna, depois de sua amiga, seguido, então pela posição de pesquisadora deste projeto.

Entretanto, aproveito para deixar assinalado que, se não fosse pelas fotos disponibilizadas em seu perfil, não teria conhecimento das viagens que Dalila realiza e que não gosta de comentar na vida *off-line*. Quando indaguei à entrevistada o motivo disto, foi categórica: “para evitar o olho gordo dos outros”. Desta maneira, Dalila, em seu perfil na rede social da internet, ao apenas aceitar pessoas conhecidas, tem a sensação de que está mais protegida e seletiva do que com toda e qualquer pessoa que pode entrar em contato ao longo de sua rotina.

O curioso foi perceber, ao longo das entrevistas que, se os entrevistados não se reconheciam como sujeitos de comportamentos significativamente distintos na vida *on-line* e na vida *off-line*, o mesmo não acontecia ao estenderem o julgamento para terceiros, dando mostras de que os julgamentos acerca da identidade de cada um perpassam por conceitos e percepções extremamente subjetivos sobre as formas como se auto reconhece e como se percebe o Outro. Tadeu foi categórico ao declarar:

sou a mesma coisa, tanto que tem aquela coisa de compartilhar um milhão de coisas na internet e eu só compartilho aquilo que eu acredito, aquilo que eu gosto, que eu acho válido. Não é qualquer coisa. Só curto o que eu quero, o que eu escuto, como por exemplo as bandas que eu curto na internet, eu tenho o CD em casa, escuto sempre e foi sempre assim.

Entretanto, ao ser indagado sobre como percebia o comportamento das outras pessoas nas redes sociais da internet, afirmou:

para os outros é muito diferente. A minha irmã, por exemplo, no *Facebook* dela devem ter umas três mil pessoas, sendo que ela conhece apenas duzentas. O que ela escreve lá são coisas lindas, mas pessoalmente não é nada daquilo. Eu fico olhando e penso: Sim, quem és tu? No *Facebook* tu és uma pessoa e na vida real tu és outra. A maior parte das pessoas é assim, também tenho muitos amigos assim: No *Facebook* tu bates o maior papo comigo, mas na vida real tu viras a cara. Não entendo isso, acho que porque na vida de internet tu acabas sendo quem tu és mesmo, tem uma veracidade maior nos teus atos do que no mundo real, que tu te expões no olho no olho e acabas te reprimindo.

Apesar da pertinência das observações realizadas por Tadeu, interrogo-me se a questão de se reconhecer a “incoerência” apenas no comportamento do Outro, não diria respeito aos padrões de julgamento, conseqüentemente normatizadores, extremamente subjetivos, que percebem no Outro as incoerências que não percebe em si.

Acerca destas observações, Bourdieu analisa que “a ‘modernidade’ sendo definida como um ‘estilo de vida participante’ pode-se ver na ‘exposição aos *mass media*’ (*media exposure*), que é suposta como fator de aumento da empatia dando-lhe oportunidade de exercer-se, um dos fatores determinantes da transformação das atitudes” (1979, p.52). Desta forma, no contexto das transformações que a modernidade e a pós-modernidade acarretam, inserem-se as opções de linguagens que o ser humano utiliza para se expressar no mundo, tanto sobre seus valores, quanto suas aspirações. Conforme ilustrado no caso de Dalila, a comunicação e a vivência nas redes da internet, analisadas a partir da soma das experiências e das práticas sociais, imprimem significado na construção da identidade e da própria maneira pela qual se relaciona com o meio e com os demais.

Por conseguinte, no contexto da pós-modernidade, retomando as postulações de Hall (2006), o sujeito é percebido como fragmentado e dinâmico, logo a identidade é reflexo dos processos e das trocas sociais, os quais envolvem, inclusive, a memória, conforme ressalta o historiador francês Jacques Le Goff (2003) ao destacar que é na memória que a história, tanto coletiva quanto individual e subjetiva, são representadas, imprimindo, por intermédio das linguagens, os reflexos comportamentais e ideológicos dos homens, outrossim “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (2003, p.469).

A própria questão da individualidade, pode ser acompanhada desde sua mudança conceitual durante a pré-modernidade, quando esta já existia, porém era concebida e vivida de forma diferenciada, haja vista que a ideia do indivíduo soberano, sem as amarras da religião, por exemplo, só foi possível com o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo

do século XVIII (HALL, 2006, p.25). É com a chegada do capitalismo que se percebe uma concepção mais individualista do sujeito, somando-se a este momento as crises de cunhos econômico, religioso e social que o período medieval provocou.

Destarte, as sociedades, então modernas, tornaram-se mais complexas, conseqüentemente mais sociais e coletivas, o que obrigou a uma revisão das teorias liberais, com democracias modernas e uma percepção do sujeito muito mais social. E, com todas estas transformações, vivenciadas tanto no campo prático quanto no conceitual, Landowski (1992) traz a proposta do que determina como “sociedade refletida”, na qual as fronteiras entre “público” e “privado” estão cada vez mais tênues, quando se quer encontram-se presentes, haja vista que com o advento das tecnologias, da informática e da amplificação do acesso a diversos conteúdos, as práticas sociais entre sujeitos, subjetivo e mundo foram transformadas. Nos dias atuais, o mais frequente não é vivenciar a construção de uma ponte entre o que é meu e o que é do coletivo, mas sim considerar que se tratam de esferas combinadas, nem sempre em harmonia, daquilo que considero apenas meu, daquilo que divulgo para alguns, do que divulgo para todos e daquilo que nem eu mesma reconheço que está em meu interior.

Desta forma, a individualidade é produto da construção e invenção de uma sociedade, conforme destacado, no primeiro capítulo deste estudo, por Barth (2000), em meio aos contextos de significante e significados que permeiam as interações com o mundo e com os demais, inclusive pelo forte agente catalisador de mudanças que é a comunicação e a própria internet, dado que os próprios meios de comunicação refletem a cultura de uma sociedade.

2.1 (Des)Construção do sujeito

A questão da identidade e sua personalidade, apesar de ter interessado aos Iluministas²³ e Românticos²⁴, apenas foi compreendida como uma etapa em construção e encarada como um problema a ser estudado a partir da Modernidade, conforme assinala o sociólogo John Thompson (1995; 1998), em suas abordagens sobre os impactos sociais advindos da relação com as mídias e os aspectos culturais e ideológicos de determinado contexto. Desta forma, é apenas no período Moderno que a identidade começa a ser estudada em profundidade e são os

²³ Percebiam a identidade como o controle principal da experiência e da razão necessárias para conduzir a vida e o pensamento. (HALL, 2006)

²⁴ Identidade é percebida como uma espécie de ponte entre a razão e a sensibilidade dos sujeitos inseridos em um social. (HALL, 2006)

estudos pós-modernos os principais responsáveis por explorar a temática na concepção como o presente trabalho a reconhece: uma construção fragmentada e em constante transformação.

Foucault (1979;1984) analisa as categorias das relações de poder e da ordem que os discursos assumem quando da construção das relações sociais e da subjetividade. Segundo o filósofo, esta eterna (des)construção do sujeito e de sua identidade são chamadas de “descentração” do sujeito e estão presentes, de acordo com Foucault, tanto nas questões de alteridade e poder, quanto da elaboração do discurso, do poder e das suas relações com os sujeitos no social. Apesar da presença de um caráter fluídico, é possível encontrar certa porção de estabilidade, algo que, apesar das modificações, permanece.

Esta ideia de Foucault (1979; 1984), acerca de uma vivência em experiência diversa, embora tenha sido alvo dos estudos modernos, remonta sua existência a um período anterior. Paulo Serra (2006), em seu estudo realizado em Portugal, acerca das concordâncias e complementariedades identitárias, ilustra esta observação com exemplo do poeta Fernando Pessoa. Ao longo de seus escritos, Pessoa, fazia referência ao debate identitário e à forma de experienciar a vida em pluralidade, não simplesmente antagônica, mas, sobretudo complementar ao sujeito. Portanto, a herança desta questão remonta a um ponto de estudo que transcende a atual Sociedade da Informação:

tal fenômeno não pode interpretar-se em termos meramente individuais, psicológicos e/ou psiquiátricos (como alguns quiseram fazer com Pessoa), mas em termos sócio-culturais e estéticos. A heteronímia é, a par de outros fenômenos conexos, menos espectaculares mas nem por isso menos significativos, como a pseudonímia, a metamorfose, a viagem para ‘o outro lado do espelho’ ou, no campo científico, ‘a personalidade múltipla’, a expressão premonitórias e reveladora de uma realidade que, contida já em germe na invenção moderna da subjectividade, apenas na actual ‘sociedade de informação’ – uma sociedade caracterizada pela instabilidade e pela fragmentação das identidades individuais e colectivas – se revela em toda a sua crueza. (SERRA, 2006, p.07)

O que pretendo neste estudo, ao expor as ideias acima, é estabelecer que a questão da pesquisa pretendida, sobre o percurso das identidades dos jovens nas redes sociais da internet, deve ser avaliada na perspectiva de interação tecnológica, ao mesmo tempo em que os anseios do sujeito pelo tema da identidade pessoal, remontam ao um passado manifesto. Desse modo, ratifico a ideia da heteronímia, conforme proposta por Serra (2006), em seus estudos acerca das identidades, com a licença de se experienciar identidades que, ao se ligarem no plural de suas práticas, encontram-se reunidas em algo maior e único: a identidade de cada um. Esta experiência confere uma eterna (des)construção do sujeito originando resultados

completamente distintos, conforme provou o relato compartilhado da trajetória de vida de cada um dos entrevistados, alguns dos quais exemplificados neste trabalho. Destarte, o sujeito

ao ser duas coisas (personalidades) A e B, distintas entre si, o sujeito S não é nem A nem B isoladamente; mas ao ser A e B, como estas duas coisas são distintas entre si, o sujeito S é distinto de si próprio. (...) Ora, esta diferença entre S e S marca “a distância interna que *distende* o sujeito no interior de si próprio, e o faz tornar-se relação, ao fragmentar o eu substancial”²⁵.(SERRA, 2006, p.08, parênteses do original)

Aproveito para destacar que, ao longo do trabalho de campo, um dos questionamentos que propunha era o da média de contatos existentes nas redes sociais da internet dos entrevistados, os chamados “Amigos”²⁶. A indagação também tinha o intuito de levar os interlocutores a refletir sobre a quantidade de amigos que era conhecida ou daqueles que haviam sido adicionados “no escuro”, sobre isto, considerava-se aqueles introduzidos na rede sem total conhecimento prévio. Neste ponto, para alguns entrevistados, desenhou-se a situação de terem adicionados amigos provenientes de amizades em comum. Quando isto acontecia, alguns dos entrevistados declararam que não se tratavam de pessoas totalmente desconhecidas, uma vez que o respaldo de outra relação conferia ares de simpatia e tendências de possíveis afinidades.

O intuito do momento descrito acima era o de perceber quais os principais critérios que faziam determinadas pessoas serem ou não aceitas para figurarem nas redes sociais dos entrevistados. Enquanto uns se mostravam mais rigorosos nos critérios de adicionar apenas aqueles que conheciam pessoalmente, outros declaravam que adicionavam amigos de amigos, o que não os classificava como totais desconhecidos.

A entrevistada Marta declarou:

eu sigo alguns artistas, mas eu sigo mais amigos que outra coisa, e notícias também. Tanto que no *Twitter*, quando eu publico é para alguém específico, não é pra todo mundo. Acho estranho seguir desconhecidos, eu sou meio tímida pra fazer amizades, então eu fico mais com quem eu conheço. Muitos desses artistas que eu sigo falam sobre assuntos diversos, bastante sobre política, que me interessa, por isso considero pessoas afins.

Outro entrevistado, Tadeu faz parte do grupo daqueles que preferem apenas adicionar pessoas com as quais tenha algum contato de rotina:

²⁵ A expressão entre parênteses diz respeito ao título da obra de Mark Poster, *The Second Media Age* (1995. Cambridge: Polity Press), glosado por Serra.

²⁶ A explicação e como esta categoria é concebida nas redes sociais foi trabalhada no capítulo anterior.

só tenho no meu *Facebook* quem eu conheço. Não gosto disso: ‘Ah, tenho 3 mil amigos’, sendo que eu conheço vinte. Se eu só tenho vinte amigos, só adiciono vinte pessoas no meu *Facebook*. Não me preocupo muito com relação ao que os outros pensam, é mais por mim mesmo, não gosto de ficar tanto me exibindo com tanta gente que não conheço. Eu sou uma pessoa pública, por influência dos meus avós e dos meus pais. Todo mundo me conhece em Belém por causa deles, do meu sobrenome, então já em consequência prefiro não me expor tanto assim.

Na pesquisa de campo pude perceber que o grau de “exigência” sobre quem era ou não desconhecido, mostrou-se muito relativo, ainda assim todos concordavam que haveria de se ter muita cautela com o que se publicava porque tanto os “conhecidos” quanto os “parcialmente conhecidos” poderiam saber em demasia de suas vidas.

O instante que, normalmente, seguia-se a este questionamento dizia respeito a quantas daquelas pessoas tinham um convívio diário com o entrevistado. Tinha, com isto, a intenção de avaliar se a rotina *off-line* era um reflexo fiel, parcial ou em total diferença da rotina da vida *on-line*. A maior parte dos entrevistados argumentou não realizar tantas ações diferenciadas em relação à vida *off-line*, entretanto todos afirmaram que a liberdade que as redes conferiam aos usuários havia sido uma ferramenta de experiência em uma situação ou outra. No decorrer de suas falas, percebi que esta liberdade a qual se referiam dizia respeito tanto à liberdade de expressão para opinar sobre diversos assuntos, quanto de preservação de suas identidades, uma vez que a utilização de nomes fictícios e preservação do anonimato era o que, em situações diversas, atraía os interlocutores a experimentarem facetas de suas identidades em construção.

Portanto, quando o entrevistado desejava fazer algum comentário e não ser identificado, ou vivenciar certas possibilidades, como se fazer passar por mulher quando, biologicamente, era homem, em salas de conversa na internet, lançava-se mão de ferramentas que preservavam as identidades, como o uso de fotos que não fossem as próprias e a troca de nome. Edgar considera que essa preservação da identidade pode ser uma espécie de “máscara virtual” utilizada para falar sobre qualquer assunto, desde aqueles que sejam mais tabus para cada contexto ou para outros nos quais apenas não se deseja ser identificado por motivos diversos:

A rede que eu mais participava eram nas salas de bate-papo sobre sexo. Se entrasse os sete dias da semana, três era de sexo, uma vez um tema qualquer, tipo amizade, e um ou dois dias para outros temas. Tem três temas que não suporto: religião, futebol e política. São construções que ainda estou fazendo, mas não gosto de dialogar porque as pessoas só sabem impor. Me fala, mas não me força a aceitar o que tu pensas. Eu falava sobre isso na internet, mas

evitava porque eu sabia que, no final, ia dar problema, ia dar discussão. Na internet, como a gente utiliza as máscaras virtuais, a gente fala o que quer, faz o que quer e não importa o que a outra pessoa pensa. Se a pessoa viesse com um assunto que não me agradasse, parava o bate-papo, cortava o assunto. Se fosse um tema aberto, saía da sala de bate-papo e ia pra outra.

Entretanto, para determinados momentos, sobretudo no que tange a assuntos profissionais, os nomes eram assumidos, bem como informações que validassem o perfil no grupo. Rodrigo declarou que, no seu caso, era essencial determinar exatamente quem era, pois muitos problemas haviam se originado quando não assumiu marcadamente sua identidade principal:

sou atingido praticamente toda a semana: Vem um e resolve se meter na minha vida virtual. Antigamente eu apagava, hoje em dia eu já vi que se não aprender a contornar e a perceber quando as pessoas querem comentar ou me atingir vou me dar muito mal, mas geralmente eu resolvo o problema lá na hora porque eu sou uma pessoa pública e preciso dar uma resposta naquele momento, mas depois eu procuro conversar ao vivo e a cores, olho no olho porque pra mim, isso, nada substitui.

Entretanto, para outras situações, conforme a exemplificada por Edgar, optava-se pela escolha de um nome fictício capaz de preservar a identificação no plano *off-line*. Sobre a questão do anonimato, Recuero afirma que:

o espaço digital é um espaço fundamentalmente anônimo, graças à mediação. Como o corpo físico, elemento fundamental da construção da situação de interação, não é um partícipe do processo no espaço mediado, há uma presunção de anonimato gerada pela própria percepção deste. (...) Assim, é comum que a linguagem e os contextos utilizados para a comunicação neste ambiente sejam apropriados pelos atores como elementos de construção de identidade. (...) Essa construção, necessária para a visibilidade daquele com quem se fala, é fundamental à interlocução. A partir dessa construção, tem-se a presença, ainda que “virtual”, que permite a situação da conversação. (2012, p.44)

Desta sorte, o indivíduo pode construir e expressar sua persona nas redes sociais da internet a partir do sentimento de concretude conferido pelos grupos os quais integra, assuntos que normalmente conversa ou se interessa, das fotos que disponibiliza dentre outros. Este sistema de construção de identidade pode tanto contribuir para reforçar características mais dominantes do subjetivo, quanto despertar aspectos mais adormecidos do sujeito. Edgar, extremamente vaidoso, apenas disponibiliza fotos nas quais esteja magro. Rodrigo, que vive uma fase de ascensão profissional, prefere publicar assuntos referentes ao seu trabalho.

Vinícius gosta de compartilhar comentários engraçados, pois não gosta da imagem de “cara sisudo” que diz ser a opinião de muitos acerca de sua pessoa.

Neste sentido, os entrevistados não se sentiam outras pessoas na vida *on-line* porque mesmo suas atitudes “diferentes” faziam parte da coerência que tinham de si. Aproveito para destacar que, por mais que boa parte dos interlocutores tenha afirmado que a possibilidade de se apagar algo que havia sido publicado em determinada rede da internet, era o fator principal que os atraís à experimentação e à transgressão e algumas regras, não acredito ser possível borrar ditas referências por completo, uma vez, sempre, na memória de alguém, persistirão.

Confesso que um dos interesses por mim manifestos, desde o início do desenho desta pesquisa, era o de saber acerca de um tema comumente tratado nos meios de comunicação de massa e, principalmente, em minha área de estudo de origem, a Comunicação Social: relacionamentos familiares e amorosos. Neste aspecto, pude perceber que muitos entrevistados possuem pouco ou quase nenhum contato com seus familiares, especialmente, os mais próximos nas redes sociais. A rotina, o ato de se ver frequentemente, ou em alguns casos, as dificuldades de relacionamento que são projetadas na vida concreta para as redes sociais, estavam entre as principais justificativas. Destaquei três grupos maiores: os que não se relacionam com seus familiares nem na vida *off-line*, nem na vida *on-line*, e que verbalizaram a indignação quando pais e mães começam a fazer parte destas redes. Um exemplo deste grupo é, Edgar, homossexual não assumido aos pais, justificou como “mais uma forma de me controlar, de me vigiar ou de fazer tudo errado”. Edgar se incomoda com a vigilância dos pais e as tentativas que executam em confirmar sua homossexualidade, a qual Edgar não se sente à vontade para tratar com os progenitores. Entretanto, na vida *on-line*, o entrevistado fez parte de redes sociais homo, e argumentou que, se não fosse a entrada de parentes nas redes as quais integrava, ainda permaneceria como membro, todavia, agora apenas acessa e lê seus conteúdos, sem replicá-los ou comentá-los. Outro grupo percebido era formado por entrevistados que declaravam um bom relacionamento familiar, mas não viam a necessidade de que este fosse estendido às redes da internet, dado que, na maior parte dos casos, moravam na mesma casa, no Caso de Marta, ela e o irmão compartilham a presença na rede social *Twitter*, entretanto apenas se falaram por ela logo no início da adesão, atualmente preferem conversar quando se encontram em casa: “meu irmão tem o *Twitter*, mas a gente não se fala, geralmente ele acessa do meu lado. Logo que criamos o *Twitter* a gente se falava bastante porque ele ficava me perturbando e eu devolvia. Hoje a gente prefere se falar ao vivo”.

Um número menor de entrevistados argumentava que só possuía redes sociais para manter contato com familiares que moravam em outras residências, cidades ou países, como no caso de Danilo, que após morar um tempo em outro país, devido às necessidades de trabalhos de seu pai, utilizou as redes da internet para manter contato com familiares e amigos. Na ocasião de sua mudança, Danilo possuía a rede social *Orkut*, entretanto, ao chegar à Itália, constatou que aquela ponte de sociabilidade não era compartilhada por seus amigos locais. Danilo iniciou sua conta no *Facebook* para poder participar da vida social de seus amigos italianos, enquanto que a rede *Orkut*, mais popular no Brasil, ficou restrita aos seus relacionamentos do país de origem. Muito provavelmente o Danilo brasileiro, que possuía a rede *Orkut*, recebeu interferência do Danilo que passou a viver na Itália e que incorporou novas rotinas, novas palavras, novas fotos e contextos de vida:

Na verdade eu passei a acessar mais o *Facebook* depois que eu fui morar fora, porque eu cheguei na Itália e ninguém sabia nem o que era o *Orkut* e eu tinha que, obrigatoriamente, ter um *Facebook*. Eu já tinha *Facebook*, mas achava chato. Pra mim é sempre a mesma coisa: eu vou, me cadastro, vejo como é e depois decido se gosto ou não, mas eu gosto de ver como funciona a rede social. *Facebook* achava legalzinho, mas era muito diferente da que eu usava, que era o *Orkut*, eu só fui passar a usar mesmo nos sete meses que fiquei na Itália porque *Orkut* ninguém sabia o que era lá. Depois o *Facebook* passou a ser mais divulgado aqui no Brasil, inclusive lembro de uma reportagem da revista *Veja*, umas cinco páginas só explicando o fenômeno *Facebook* e *Twitter*. *Twitter* eu tenho também, mas passei a não utilizar mais tanto porque achei que ficou muita besteira, deixa no *Facebook* que tenho opção de não visualizar a atualização de algumas pessoas.

Em todas as falas, o sentimento do espaço e da individualidade preservada se mostrou como um forte marcador nas falas. Em nenhum dos casos havia o compartilhamento de senhas de grande parte dos entrevistados, inclusive os que declaravam ter um relacionamento bom com seus familiares nas redes da internet, afirmaram ter passado por algum inconveniente de privacidade, o que ratificava meus pressupostos de que interações humanas podem ser complicadas em qualquer nível e em qualquer território praticado.

Acerca dos relacionamentos amorosos percebi uma polaridade nas respostas: alguns declararam que nunca teriam um envolvimento amoroso via internet, pois conforme ressaltou Lia, atualmente formada e que encontrou seu noivo nas salas de aula do curso de medicina, “eu sou muito desconfiada e também não entro muito na internet. Mas acho que se conhecer alguém lá, tem inúmeras formas de você ir se aproximando e acabar confiando”. A frase de Lia demonstra a importância que a confiança e os riscos que o desconhecido impactam na decisão deste grupo de entrevistados em acreditar na possibilidade de um relacionamento

através das redes sociais dos computadores. Nestas falas, destaca a necessidade de humanizar o meio e o contato para que se possa acreditar na realidade daquele relacionamento, mostra de que os impactos trazidos por um envolvimento amoroso foram categorizados como de maior risco emocional do que os de uma relação de amizade. Para este grupo havia uma diferença marcante entre o paquerar e o namorar. Apesar disto, estes entrevistados reconheceram a influência que as redes sociais da internet desempenharam em suas vidas e em seus comportamentos, sobretudo no que tange a aproximação de pessoas, declarou Lia:

apesar de não entrar tanto, me aproximou de pessoas que estão distantes, de pessoas que já estiveram muito próximas e hoje em dia estão distantes, você acaba sabendo como é que ela 'tá, o que foi que aconteceu. Pessoas que colocam todo dia uma mensagem, mas que você entende, mais ou menos, o estado de espírito por aquela mensagem, e aí com aquela frase eu consegui aproximar novamente algumas pessoas.

Enquanto isso, outro grupo era composto, inclusive, por casais que se conheceram pelas redes sociais e, como o relacionamento, na ocasião da pesquisa, ainda existia, declararam ser a internet excelente espaço para se conhecer pessoas, até de intensificar laços de alguma situação no plano *off-line*, como o caso de Tadeu que encontrou o atual namorado, Danilo, em uma festa e aproveitou as redes sociais da internet para se aproximar e conciliar agendas e horários, o que dificilmente aconteceria no plano *off-line* dado a diferença de rotinas. Apesar disto, experiências, no mesmo campo amoroso, que consideraram negativas e frustrantes também foram relatadas, como o caso de Carla que, mesmo tendo conhecido sua atual namorada, Marta, pelas redes da internet, afirmou:

já tive uma pessoa que eu conheci e comecei a namorar pela internet. Dá para conhecer pela internet, mas ficar namorando pela internet não dá, eu sinto necessidade de contato físico. Não é se arrepender de ter vivido isso, mas eu não toparia de novo porque não é a mesma coisa, nunca vai ser a mesma coisa de um namoro presencial.

Pude então perceber que, mais do que falar de um tema sobre linhas gerais, os entrevistados traziam suas experiências pessoais para justificar muitas das respostas, como por exemplo “olha, comigo isso nunca deu certo, mas conheço gente que até casou, mas eu não confio nisso não. Namorar, estar junto, é muito complicado para fazer isso na internet”, declarou Carla. Tive a oportunidade de entrevistar Carla e Marta em momentos separados e, apesar de algumas respostas mais divergentes, como os assuntos que buscam em suas Redes, ambas argumentaram não gostar de assumir a homossexualidade na internet, em virtude de não considerarem este um espaço para que qualquer um saiba de suas questões mais íntimas,

mostras de que o conceito trazido por Perlongher (2008) e Certeau (2008), acerca da importância do subjetivo na construção dos territórios é de extrema importância para a compreensão dos cenários hipermodernos desta pesquisa.

Alguns ainda eram categóricos ao afirmar acreditarem em encontros amorosos pelas redes sociais da internet, mas declaravam firmemente: não se pode manter um relacionamento apenas pela rede social, é preciso contato, é preciso convivência. Assinlo que a postura é consequência não apenas do que haviam observado em sujeitos próximos, mas o que lhes tocavam em suas próprias histórias de vida. Curiosamente, os dois casais que entrevistei tinham se conhecido através de redes sociais da internet, mas ambos os casos enumeraram algumas doloridas situações que haviam passado antes de estarem com os atuais parceiros: traição, distância, decepções, afastamento, até aí sentimentos possivelmente compartilhados com as relações amorosas da vida *off-line*, entretanto uma característica parecia ser exclusiva a vida *on-line*, a de que nunca se conhece totalmente a pessoa.

A questão sobre o que é dito e o que não é dito sobre os relacionamentos, conforme citado na análise de Foucault (1979), no primeiro capítulo deste trabalho, é defendida através do afastamento desta concepção binária. Logo, as diferentes formas de não dizer algo em sociedade devem ser analisadas a partir das relações de poder estabelecidas. Daí porque o autor defende que tanto o silêncio quanto a confissão podem ser aprisionadores tamanho os comprometimentos que estes podem ter com as relações de poder.

Avançando nesta questão, a pesquisa de campo aqui realizada retoma os estudos de Eve Sedgwick, em sua obra “A epistemologia do armário” (2007), na qual analisa as formas de regulação da vida social e individual através destas relações de poder trazidas na análise de Foucault (1979). Sedgwick (2007) salienta que homens e mulheres, hetero ou homo, sofrem processos sociais de poder e de regulação das vidas sociais. Desta maneira a ideia do “armário” surge como algo que não apenas existe na vida de casais homo, mas garante aos demais, a manutenção das relações de poder usufruídas, como a heteronormatividade. Funcionando como um regulador social, o armário impõe àquelas pessoas que se relacionam homossexualmente que, para evitar as consequências das esferas públicas e pessoais, que entrem neste armário de silenciosos murmúrios ou gritos sociais. O medo de ser descoberto e de sofrer opressoras consequências, tanto físicas quanto mentais, faz com que estes sujeitos estejam constantemente no convívio do temor de que se descubra o que guardam dentro de seus armários. É daí que, conforme salienta Sedgwick (2007), versões de si são criadas, forjando sentimentos e condutas que influenciam diretamente em suas subjetividades oprimidas.

Ainda trabalhando esta proposição de Sedgwick (2007), aproveito para retomar a proposição de Butler (2010) na qual afirma que, para melhor se compreender as relações de gênero, faz-se necessário abandonar algumas normas socialmente e culturalmente convencionadas, uma vez que não representam a diversidade das situações com as quais os sujeitos experienciarão suas vidas. É verdade que estas normas podem afetar as escolhas individuais e coletivas, arrastando (pré)conceitos, bem como a maneira como algumas ações transcorrerão. No caso específico traçado por Sedgwick (2007) agrega-se a ressalva que Butler (2010) realiza ao desconstruir a lógica da heteronormatividade, a qual se baseia na existência binária de apenas duas possibilidades de sujeitos: homem/mulher. Nesta lógica, os gêneros inteligíveis aparecem a partir de uma série de comportamentos previamente imaginados, e por isso mesmo esperados, a partir do reconhecimento intersubjetivo para que um indivíduo reconheça o outro. A grande questão está em ser, no próprio reconhecimento, o lugar no qual os campos inteligíveis podem sofrer modificações, a partir das maneiras pelas quais os indivíduos operam suas identidades a partir de interações com o outro e com suas subjetividades, materializando gêneros que saltam ao padrão estipulado pela heteronormatividade, daí porque alguns optam por “entrar no armário”. Dessa forma, mediante o contexto e o Outro que se depara comigo, eu posso escolher sair, ainda que momentaneamente, do armário, visto que este existe no contexto da regulação operada pela heteronormatividade e pode:

marcar posição no campo da inteligibilidade, revisá-lo e expandi-lo, de modo que uma nova forma de reconhecimento seja possível. Ou o indivíduo pode dizer: ‘não quero ser reconhecido por meio de nenhum dos termos que você tem’, e nesse ponto aquele campo de inteligibilidade é recusado e uma distância crítica se estabelece. Invocamos campos de inteligibilidade quando reconhecemos outros, mas também podemos retrabalhá-los ou resistir a eles no curso de novas práticas de reconhecimento. (BUTLER, 2010, p.168)

Relembro então a proposição, anteriormente exposta, sobre a ideia foucaultiana entre poder e resistência, na qual é possível que o sujeito, em determinado contexto e em relação com alguns sujeitos, “saia do armário”, a partir de negociações e licenças que são estabelecidas, como o anonimato em uma rede social da internet. A situação relacional entre sujeitos e contextos passa a ser, então, fundamental para que o indivíduo possa persistir em seu próprio ser, à medida que este é resultado desta interação com o outro e consigo. Sobre esta questão Butler pontua:

antes de tudo, não sei se existe algo universalmente verdadeiro sobre todos os humanos. Penso que algo acontece quando as normas se rompem, ou quando se resiste às normas, ou quando as normas produzem um campo de assim chamados seres humanos fora das normas (...) e é por isso que as condições sociais precisam ser propiciadoras. Não é uma capacidade interna, é uma capacidade que vem a ser vivida e exercida nas relações sociais (...) é algo que só se torna possível no contexto de um conjunto de relações. (2010, p.167-168)

Daí porque, para alguns entrevistados, como Edgar, a pressão familiar exigia, conforme o previu Sedgwick (2007), condutas hetero, as quais eram abandonadas quando o entrevistado se encontrava na rua, em público, e podia circular em grupos específicos e frequentar os locais sociais de escolha e afinidade. O mesmo ocorria em suas redes sociais da internet, espaço este no qual Edgar realizou suas primeiras descobertas sexuais:

essas questões surgiram na adolescência: Meu Deus, por que tinha que ser eu?. É quando a gente percebe que deixa de ser criança e começa a virar adulto e a gente percebe que tem muitas responsabilidades e mais uma que a gente não tem nem ideia de como lidar. Desde os quinze anos eu já procurava por homens na internet. A gente se identificava por nomes que podia criar. Determinados nomes já tinha uma magia no ar pra dizer se tu estavas procurando por mulher, homem ou pelos dois. Eu já buscava um nome que pudesse atrair, mas que não fosse agressivo para outras pessoas. Um dos nomes que eu usava era chupetinha: por ser novo e porque eu procurava por homens mais velhos, sempre me atraí por homens mais velhos, mais maduros. Mas nessas redes eu participava de forma escondida porque como o computador era acesso de todos e ele ficava num local de fácil acesso, visibilidade, então qualquer pessoa que passasse poderia ver. Gosto de utilizar as expressões do *bajubá*²⁷ na minha rotina, inclusive na internet, acho uma forma de identidade de um grupo segregado, de dizer: olha, nós existimos, participamos, nós contribuímos para a sociedade continuar evoluindo e estamos aqui, vejam que nós existimos, nós respeitamos vocês, então nos respeitem. Hoje eu me defino como homossexual, no começo tentava esconder. Até hoje meus pais não aceitam facilmente, eles não me perguntam, mas estão aceitando aos poucos. Mas só vou assumir quando eu sair de casa, aí sim vou poder falar o que eu quiser, claro que de forma educada, polida, para não chocar. Mais do que contar, é viver, sentir.

A pesquisa de Sedgwick (2007) mostra o paradoxo do armário e como não se pode estar completamente dentro dele. Este é o exemplo, anteriormente descrito, do que acontece com Carla e Marta, Tadeu e Danilo que, apesar de serem casais homo não assumem esta condição de relacionamento para um grande coletivo, como as redes sociais da internet. Entretanto, prova de que o armário é impossível é o fato de, em um grupo restrito, no caso

²⁷ Termo que categoriza as palavras e expressões utilizadas como forma de identificação pelo grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs).

seus amigos mais próximos e mais tolerantes, o relacionamento é assumido e saem de seus armários.

Desta maneira, conforme Sedgwick (2007) salienta em sua página inicial: “A epistemologia do armário não é um tema datado nem um regime superado de conhecimento” (2007, p.21). Entrar e sair do armário são práticas que não estão vinculadas apenas com o individual e sim com a relação contextual estabelecida nas microssociologias das quais o sujeito faz parte.

2.1.2 Identidades, sujeitos e tecnologias

Outro ponto importante a ser considerado é a pluralidade de tecnologias por meio das quais é possível o acesso às redes sociais da internet, não se detendo apenas aos computadores, mas a outros meios, sobretudo, conforme o foi comprovado pelo trabalho de campo realizado, a telefonia móvel. Com isso, faz-se necessário o repensar, inclusive, de funcionalidades e classificações dadas não apenas às práticas sociais, mas aos objetos inseridos neste mundo pós-moderno.

Segundo Durkheim (1981), as classificações seriam as formas pelas quais a sociedade organiza sua vida e, se o teórico avançou considerando estas classificações, estas não eram as mesmas para todas as sociedades. Pois bem, o que se vê no mundo pós-moderno é um sem fim de possibilidades, de somas e de fragmentações de sujeitos e de suas vivências, seja através dos meios de comunicação ou da reflexão destes sujeitos sobre o seu fazer no mundo. Isto, para o sociólogo, Michel Maffesoli, consiste em uma “abertura aos outros, abertura às diversas características do eu” (MAFFESOLI, 1996, p. 310). Lia e Vinícius foram os únicos casos de entrevistados que declararam não acessar a internet dos aparelhos de celular: “Outro dia alguém falou pra mim: “teu celular não pega internet? Eu disse: não, pra mim é só pra ligar. Até porque eu sou míope e no celular é muito pequenininho, vou forçar minha vista daqui a pouco o grau tá mais alto”, ressaltou Lia.

Entretanto o comportamento da interlocutora pareceu-me raro quando o comparei com o dos demais entrevistados. Carla argumentou que costuma acessar as redes especialmente quando está fazendo alguma tarefa em simultâneo, mas que esta não desperta o mesmo interesse, conforme destacou: “principalmente quando estou em aula e dá aquele tédio”. Segundo Rodrigo, como passa o dia inteiro fora de casa, o celular é a ferramenta principal para continuar conectado ao longo do dia e não perder o que é publicado pelos amigos ou em perfis ligados ao seu trabalho:

passo o dia inteiro conectado, todos os dias, não tem jeito. Começo com as novidades do dia, mas elas acabam sempre rumando para o trabalho. É uma hora que tiro para mim: acessar *blogs* que gosto, atualizar o meu *blog*²⁸, sobre vídeo e cinema, que é o que eu gosto. Trabalho se mistura com lazer quando acesso a internet, uma coisa leva a outra.

Rodrigo acrescentou que é impossível não agir dessa maneira, uma vez que não apenas procura estar sempre presente e promovendo conversações, mas igualmente acompanhando se algo inapropriado é comentado em seu perfil.

Geertz (1973) se encontra na base analítica da declaração de Rodrigo, uma vez que reconhece que a intencionalidade das ações está pautada nos moldes conferidos por determinada cultura, através de práticas, discursos e representações capazes de unir os sujeitos em torno de uma relação social. A própria subjetividade passa a ser construída a partir da teia de significados que cada interação impactará e representará no social, a partir de temas culturalmente convencionados e, por isto mesmo, contextualizados e de peculiares significados. Desta maneira, é na cultura que temas diversos adquirem a forma de construtos sociais, a partir da rede de significados possíveis que assumem, mediante convenções posicionadas e compartilhadas por sujeitos contextualizados em determinada comunidade.

A subjetividade do sujeito, conforme destaca Geertz (1973), passa por uma organização a qual demanda representações através de falas, gestos e posturas. É a partir daí que o sujeito pode operar sua sensibilidade de maneira que esta represente e signifique algo que é compartilhado, em meio a uma série de ideias conectadas e que nascem a partir das construções culturais que tanto moldam o indivíduo quanto são construídas a partir deste em interação social, desenvolvendo a condição de criatura social do sujeito. Essas atitudes, ordenadas pela cultura, são vistas por Geertz como fundamentos da condição humana de organizar o mundo através de símbolos inteligíveis, os quais possa compreender, ordenar e fazer funcionar no mundo. De acordo com este autor:

a perplexidade, o sofrimento e um sentido de paradoxo ético obstinado, quando se tornam suficientemente intensos ou suportados durante muito tempo, são todos eles desafios radicais à proposição de que a vida é compreensível e de que podemos orientar-nos efetivamente dentro dela, através do pensamento²⁹. (1973, p.100)

²⁸ Página da internet que permite a publicação de textos e fotos que o usuário deseje vincular a seu perfil. Funciona semelhante a um diário de acesso público, no qual comentários podem ser deixados, por aqueles que acessam o blog, a respeito do conteúdo divulgado. Os conteúdos variam desde temáticas políticas, econômicas, poéticas, artísticas quanto de aspectos mais subjetivos sobre o dia-a-dia do proprietário do *blog*.

²⁹ Tradução própria.

Seguindo a proposta da teia de significados culturais de Geertz (1973; 2008), retomo as observações desenvolvidas por Barth (2000) acerca de sua pesquisa sobre a identidade e seu dinamismo, bem como das normas que regem e influenciam, à exemplo do proposto por Geertz (2008) na construção das identidades. Desse modo, por mais que os interlocutores encontrassem na internet um espaço livre para suas ações, ainda assim estas eram orientadas a partir da intenção que tinham de serem coerentes em seus comportamentos, evitando repercussões negativas dos demais. Entretanto, o campo também mostrou que, em alguns momentos, o interesse que norteava o entrevistado era o de transgredir as regras que o dominavam *off-line*. Desta forma, o espaço das redes sociais da internet era aquele em que possibilidades seriam experimentadas, a partir da fluidez e da dinâmica que estes espaços conferiam às identidades dos interlocutores.

Estando, assim, as identidades contextualizadas em cenários culturais particulares, algumas ações dos entrevistados estavam orientadas nas normas e nos significados que suas ações poderiam ter e acarretar, tanto *on-line* quanto *off-line*. Todavia, algumas atitudes *on-line* estavam orientadas no sentido de explorar facetas de interesse, ainda que pela curiosidade da experiência, como a possibilidade de assumir diferentes categorias das características identitárias, como idade, sexo, gênero, dentre outros. Desta maneira, percebe-se que a dinâmica proposta por Barth (2008) acerca da construção da identidade, a partir dos distintos grupos e situações nas quais o sujeito se depara e interage, também opera *on-line*, a partir que há a afirmação e fortalecimento de algumas demarcações, bem como a possibilidade de novas experiências e posicionamentos.

Logo, a afirmação de Rodrigo sobre considerar o acesso à internet como um momento que tem para si, para lazer e trabalho, encontra-se simultaneamente na proposta de Barth (2000), sobre a dinamicidade da construção da identidade, e de Geertz (1973), no que diz respeito à teia de significados culturalmente estabelecidos para as ações dos sujeitos. Ainda sobre este ponto de análise, acrescento a proposta do antropólogo americano Ray Oldenburg (1999), quem propõe que os lugares de sociabilidade seriam então os responsáveis pela integração e pela perpetuação da comunidade. Por conseguinte, bares e cafés ganham uma finalidade para além da mera questão comercial: trata-se de espaços de relacionamento e de interação do sujeito com o meio e consigo.

No contexto do mundo globalizado anteriormente descrito, o equivalente a cafés e bares também podem existir em ambientes digitalizados, como as comunidades de rede que se formam e são capazes de reunir sujeitos com pontos de interesses em comum. Estes lugares

recebem o nome de “bons lugares” para Oldenburg (1999). Desta forma, se nem todas as finalidades e os propósitos se assemelham, o fator de união e ponte móvel entre estes sujeitos passa a ser o conteúdo, responsável pela aproximação e socialização de determinado coletivo de sujeitos que, nesta interação, acabam por descobrir, experimentar outras facetas e afirmar em um eterno vir-a-ser que acontece, inclusive, por intermédio das interferências e formas de relacionamento no ciberespaço.

Dito isto, ressalvo que o sentido de comunidade, nesta pesquisa, não está implicado com a ideia de sujeitos homogêneos e reunidos sobre os mesmos objetivos e motivações. A utilização do referido termo, relaciona-se com indivíduos que ora se aproximam ora se afastam, mediante laços de afinidade e intenções sociais realizadas, mas que, igualmente, podem ser transformados ou abandonados. Considero os entrevistados como mundos, sobretudo subjetivos, muito ricos para serem agrupados em comunidades em um conceito atrelado a conteúdos e participantes totalmente compatíveis e equivalentes. Lembro, sobre isto, a proposta de Jacques Derrida (1996), ao destacar a palavra “comunidade”, cujo sentido, para o filósofo, implica na consideração da heterogeneidade que lhe é peculiar.

Seguindo esta proposição de Derrida (1996), semelhante raciocínio opera nas considerações que faço às chamadas “comunidades virtuais” da internet, uma vez que não se encontram ali sujeitos idênticos em sua totalidade, mas sim indivíduos puramente diversos e instáveis, em um exercício de pura democracia de estar em grupo, mas de conservar suas características:

eu não gosto muito da palavra ‘comunidade’, eu não estou nem totalmente certo se eu gosto da coisa. Se por comunidade tem-se o significado, como normalmente acontece, de harmonia de grupo, consenso e concordância fundamental sobre os fenômenos do desacordo ou da guerra, então eu não acredito muito nisso e acho que é mais um truque de promessa. (DERRIDA, 1996, p.107)³⁰

Marcelo possui redes sociais da Internet há oito anos e, embora na maior parte das vezes se relacione com amigos³¹ que conheceu pessoalmente, especialmente àquelas com quem interage em sua rotina, o entrevistado declarou não apoiar tudo o que acontece nas comunidades da internet às quais faz parte: “vejo muitos xingamentos e preconceitos raciais e

³⁰ Tradução própria.

³¹ No sentido conferido para redes da internet.

sociais, principalmente em comentários publicados no *Youtube*³² (Anexo 4), e eu não gosto disso. Leio e não gosto, mas não me manifesto sobre isso”. Marcelo argumenta que não gosta de se manifestar para não se indispor com o grupo do qual faz parte, embora não exposto, não concorda com todo o conteúdo da comunidade da qual escolheu ser integrante.

Entretanto, se não se pode considerar a presença de uma homogeneização de características identitárias, apenas de facetas compartilhadas pelos sujeitos de uma determinada comunidade, Turkle (1997) lembra-nos que, quanto mais uso se faz da tecnologia, mais esta acaba por se inserir como hábito. Esta é a razão pela qual, em grande parte dos casos, os sujeitos não podem mais, com clareza, separar o que é vivido apenas digitalmente e o que é sentido *off-line*, haja vista que as esferas acabam por se tornarem complementares e permeáveis ao sujeito e a identidade construída.

A partir deste raciocínio, creio oportuno indagar se a tecnologia, além de trazer interferências na vida pessoal dos sujeitos, não é igualmente responsável por se constituir em opção interativa com o mundo. É estabelecida uma esfera de relacionamento que, em interação com as demais camadas que formam a identidade do sujeito, faz com que muito da vida vivida *on-line*, relacione-se com os aspectos da vida *off-line* e vice-versa, em caráter complementar. Não por acaso, acabamos por nos acostumar a realizar muitas tarefas de nossos próprios lares: trabalhamos, sentados na sala de casa, através de nossos computadores pessoais, realizamos compras diversas pelo telefone e internet, conversamos com pessoas através de nossas redes digitais, bem como acabamos por conhecer, incorporar e experimentar aspectos de nosso subjetivo, através destes novos hábitos.

Desta maneira, o computador, a exemplo do que, durante muito tempo, foi a televisão no passado, é uma ferramenta não apenas tecnológica, no sentido de permitir redigir nossos textos com maior velocidade ou acessar a conta que temos no banco. O computador, atualmente, tornou-se uma porta para vários mundos e para várias situações, as quais não demandam, necessariamente, o deslocamento de nosso corpo físico em um espaço material, uma vez que a representação e a performance, categorias estas a serem vistas mais adiante, no próximo capítulo, são exploradas em profundidade nestas relações entre o social, o subjetivo e a tecnologia .

Muito do que soava como ficção científica, torna-se executável. Com isso, ganha-se muito, economiza-se muito, experimenta-se muito e se aprende e muito, mas as ressalvas

³² Página da internet que permite que seus usuários publiquem e compartilhem vídeos em formato digital. Uma vez criada a conta particular de cada usuário, pode-se fazer parte de canais favoritos na página e trocar mensagens com os integrantes sobre os materiais publicados.

feitas por Turkle (1997), e Wolton (1999) ainda se mostram pertinentes ao refletirmos sobre até que ponto, de fato, estamos complementando mundos e não apenas isolando e priorizando determinadas partes destes, o que nos levaria ao risco de um isolamento social. Conforme relembra Turkle,

Na atomização da vida social americana iniciada no pós-guerra, o crescimento dos subúrbios habitados pela classe média criou comunidades de vizinhos que muitas vezes permaneciam estranhos (...). No passado recente, abandonámos as nossas comunidades para abraçarmos estes lazeres distantes; e agora, cada vez mais, queremos atividade de lazer (como o aluguer de filmes em vídeo) que possam ser desfrutadas diretamente em nossas casas (...). Aparentemente, embarcámos num processo que nos refugiamos cada vez mais dentro de casa, fazendo as compras por catálogo ou através de canais televisivos, procurando companhia através de anúncios pessoais. (1997, p.350-351)

Tadeu ressaltou várias vezes, ao longo da conversa que tivemos, como se incomoda com o comportamento de pessoas em serem extremamente comunicativas nas redes sociais da internet, mas não reproduzirem estas atitudes no plano da vida *on-line*, o que classifica como um falseamento de identidade: “Se no *Facebook* você conversa, compartilha, mas na vida real, vira o olho, eu acho que a pessoa acaba mentindo por não acreditar em si mesmo. Eu vejo isso direto então por que me ter no *Facebook* se nem fala comigo?”.

Apesar dos riscos de atomização social, Marcelo faz parte de uma perspectiva otimista sobre o uso das redes sociais, uma vez que ele mesmo, conforme destacou, enquadra-se na situação detalhada: “rede social da internet pode ajudar no fato de manter relações e trazer mais perto amigos que estão distantes”, o entrevistado ainda faz a seguinte ressalva:

prejudicar é algo relativo, porque uma pessoa que passa mais tempo na internet, passa porque ela gosta. Outras pessoas podem olhar e dizer ‘internet faz mal, a pessoa fica sedentária, não joga bola nem nada’, mas é aquilo que ela gosta de fazer mais. Por isso acho que é relativo, pode ser prejudicial para uma pessoa, mas não para outra.

Desta maneira, pude perceber como, ao longo do trabalho de campo, não apenas sujeitos de vivências e objetivos distintos compartilharam comigo suas impressões acerca do tema das redes sociais, mas, principalmente, incluiu nestas análises a própria experiência que têm de suas pessoas nestes contextos tão plurais quanto o são as identidades de cada um.

Por conseguinte, o estudo aqui proposto acerca das tecnologias digitais, quando na perspectiva de seus impactos na vida social e na subjetividade, traz à tona questões que ultrapassam o âmbito tecnológico, considerando-se, uma vez, os impactos sociais que sujeito-

computador/internet sofrem ao se relacionarem. Reconheço que esta observação nos leva a cruzar novas fronteiras e ampliar a discussão para outros campos do conhecimento humano. Para além da própria questão da Comunicação é necessário avaliar sobre o que se comunica, o que se busca e de que forma cada sujeito se expressa e se constrói nessa empreitada. De acordo com Turkle,

no preciso momento em que passámos a aceitar melhor uma afinidade entre os computadores e a mente humana, começámos também a formular um novo conjunto de perguntas acerca dos limites entre pessoas e coisas. Depois de várias décadas em que colocámos a interrogação ‘O que significa pensar?’, a pergunta-chave no final do século XX é: ‘O que significa estar vivo?’ (1997, p.35)

Mais adiante e em sequência à observação acima, Turkle adjunta:

os computadores não se limitam a fazer coisas por nós, fazem-nos coisas a nós, incluindo às nossas formas de pensar acerca de nós próprios e das outras pessoas (...). As pessoas recorrem explicitamente aos computadores em busca de experiências que possam alterar suas maneiras de pensar ou afectar a sua vida social e emocional (...). Procuram no computador, isso sim, uma máquina intimista. (1997, p. 37)

Partindo das ideias mencionadas anteriormente, e tendo como exemplo a diversidade de questionamentos e posturas de vida que tive contato ao longo desta pesquisa junto aos interlocutores, percebi que suas trajetórias, e neste ponto enxergava a minha enquanto pesquisadora, são formadas e construídas a partir de um eterno vir-a-ser, no qual algumas transformações e formas adaptativas sobressaem-se para cada contexto. Carla e Marta namoram no plano *off-line*, entretanto ambas preferem não assumir a relação em suas redes sociais da internet. O cuidado e a cautela manifestos por Carla e Marta representam a complexidade do que constitui nossas identidades: o que assumimos? O que extravasamos? O que desenvolvemos apesar dos julgamentos? E, sobretudo, quanto de tudo isso necessita ser público para ser verdadeiro? Para o casal de entrevistadas, a relação em nada era diminuída por não estar nos olhos públicos da Rede, apenas era mais uma das formas de se preservar a individualidade, tanto de possíveis reações preconceituosas, quanto do próprio cuidado, que mais tarde pude perceber na entrevista individual de ambas, que possuem sobre o que divulgam de suas vidas.

Quando indaguei Carla sobre se a homossexualidade era uma questão assumida em suas redes sociais da internet, a interlocutora, em uma postura firme, característica de sua identidade ao longo de toda a entrevista, declarou:

eu não tenho problema de assumir em absoluto se chegarem e me perguntarem ou se tiver que falar, eu não vou falar ‘o meu namorado’, eu acho isso ridículo, eu penso que quem tem que me aceitar sou eu, só que eu não chego falando pra todo mundo, porque se eu fosse hétero também não faria isso, porque sendo lésbica eu tenho que fazer? Esses links ‘orientação sexual’ eu também nunca preencho, eu sempre deixo sem resposta, mas acho que mesmo que fosse hétero não preencheria, não tem porque se rotular. Assim como colocar ‘estado emocional: feliz, triste, deprimido’. Uma pessoa que vai responder com seriedade, não vai responder assim. Pra mim, quem se rotula quer aparecer, acaba sendo uma autoafirmação muito mais pra si que para qualquer outra coisa, e para mim, as minhas autoafirmações tem que ser pra mim, não preciso expor para ninguém, mas isso é pensamento meu, não critico quem faça, cada um funciona de um jeito. Se perguntar, seja em rede social ou vida extra internet, nunca vou esconder.

O firme posicionamento de Carla demonstra a maneira como toma algumas questões em sua vida: seus pais sabem de seu relacionamento com Marta, bem como de sua homossexualidade, assumida então há mais de quatro anos. Apesar de viverem em uma situação de respeito e tolerância, não se pode dizer que há uma felicidade, por parte dos pais, pela “escolha” feita por Carla, entretanto não há esconderijos em sua vida concreta, o que há é uma postura discreta do que a interlocutora o é, tanto em sua vida *on-line* quanto *off-line*, pouco se pode saber de Carla apenas pelo acesso a suas redes sociais da internet, bem como pouco se saberá de sua vida ao tomar como referência um primeiro contato com seu mundo *off-line*. Carla precisará de tempo para que sua confiança seja conquistada. A mim foram necessários dois anos para realizar a entrevista de três horas desta pesquisa, considerando que tínhamos algum grau de proximidade. Pude singularizar, com mais atenção, alguns aspectos da identidade da interlocutora, creio que isto se deu em parte devido às percepções que ainda possuía de dois anos atrás, bem como maior atenção que agora prestava, em virtude dos anseios desta pesquisa, a determinadas categorias de Carla. Considero o pressuposto de que, sobre outras questões, apenas agora, em contexto e intenção mais específicos, Carla demonstrava e tratava sobre algumas temáticas comigo.

2.2 Da sociabilidade

Outra das questões contidas no roteiro semiestruturado era a de se o entrevistado apreciava partilhar acontecimentos de sua vida, fosse através de mensagens textuais ou com a publicação de fotos, e quais as principais vantagens e desvantagens que percebia em estar presente nas redes sociais. A seleção de conteúdo, conforme trabalharei nas próximas linhas através dos escritos de Simmel (2006), mostrou-se como a principal divisora de momentos de vida e um importante traço de separação em um território que coexiste com múltiplos aspectos e interesses da subjetividade destes sujeitos. Alguns interlocutores, como Marcelo e Lia, falavam que raramente comentavam em suas redes sociais e quase nunca publicavam fotos, faziam mais parte destas redes para estar em contato com amigos ou saber de suas vidas. Quando publicavam algo acerca de suas vidas, eram extremamente analíticos e seletos em relação aos amigos que teriam acesso àquela informação, uma vez que possuíam as chamadas [listas de amigos], as quais permitem restringir ou conceder acesso à determinada informação.

Enquanto isso, para outro grupo, encabeçado por Danilo e Edgar, as publicações eram constantes e diziam respeito tanto a questões profissionais, com divulgação e cursos e reportagens, quanto de cunho pessoal, estas fortemente marcadas pela divulgação de fotos que, sempre que possível, continham seus amigos, estes também, em grande número, usuários de redes. O intuito principal era o de que a publicação de uma foto promovesse o acesso e a reação de comentários por parte das pessoas envolvidas ou interessadas na temática. Tadeu argumentou que tanto “marca”³³ pessoas quanto gosta de ser [marcado].

Diante desta observação, saliento alguns pontos dos escritos de Simmel (1983), a partir dos aspectos interacionais entre indivíduo e massa e indivíduo e grupo, que são responsáveis pelo estabelecimento de pontes de sociabilidade, unindo, afrouxando e separando indivíduos, de acordo com seus contextos interacionais. A questão do conteúdo é defendida por Simmel como um dos principais pontos pelos quais indivíduos expressam suas afinidades e estabelecem conexões. Desta maneira, redes sociais da internet, em extensão às ideias de Simmel, tratam-se, também, de formas de sociação entre indivíduos em sociedade.

³³ Ferramenta do Facebook que permite aos usuários sinalizar o nome da pessoa que aparece em determinada foto. Esta marcação estará visível aos que acessarem o conteúdo, bem como ao sujeito receptor da marcação. Trata-se, especialmente, de um recurso para discriminar com quem se estava em específica ocasião e fazer saber ao sujeito marcado que uma foto, na qual aparece, encontra-se publicada. Desta maneira, os comentários possibilitados pelo *Facebook* podem fluir de maneira mais rápida, uma vez que, em meio aos inúmeros e diversos conteúdos divulgados nesta rede social, as pessoas relacionadas com determinado evento serão noticiadas, imediatamente, da disponibilização de específico conteúdo, incrementando, possivelmente, as ações e os laços de sociabilidade. Alguns sujeitos, inclusive, usam as marcações em fotos para saber quão populares suas publicações e consequentemente, suas vivências são, quando analisadas pelos comentários que geram na rede.

tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação. Em si mesmos, essas matérias com as quais a vida é preenchida, as motivações que a impulsionam, não são sociais. (...). São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas e ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas. (SIMMEL, In: MORAES FILHO, 1983, p.166)

A temática da sociação e da afinidade de conteúdos, leva-me a trazer, mais uma vez, a questão da identidade, conforme compreendida por Hall (2003a, 2003b, 2006) e por este projeto: fluídica, múltipla, antagônica, mas nem por isso, deixando de ser complementar e plural. Outrossim, seguindo o exemplo da delicada situação de vida trazida por Marcelo, alguns entrevistados demonstraram-se receosos com o impacto que suas declarações poderiam causar. Suponho que este sentimento provinha, em primeiro plano, do receio das interpretações que eu, enquanto pesquisadora que lhes ouvia, poderia ter, e, em segundo plano o julgamento que poderiam fazer aqueles que tivessem contato com estes escritos. Daí a escolha por, no instante da construção do texto, trabalhar com nomes fictícios e preservar a identidade dos interlocutores.

Logo, a intenção de algumas publicações está vinculada com a promoção da sociabilidade a partir de uma seleção de conteúdo, como no caso de Tadeu que, ao divulgar momentos de sua vida, procura atrair comentários e visualizações ao seu mundo:

eu quero que as pessoas comentem e fico postando de novo a mesma coisa até que isso aconteça. Eu fico injuriado: Ah, alguém vai comentar! Na maioria das vezes as pessoas comentam, às vezes boto uma foto de uma besteira e tem 30 comentários. Pôôô, na foto que eu queria mesmo que comentassem... É normal, gosto muito dos comentários, são engraçados. Às vezes a gente nem tem um contato físico por conta da distância e me aproximo com as fotos. Posto algumas fotos da rotina também, quando vou ao trabalho eu tiro foto também, acho bacana dizer que estou visitando vários portos de navegação.

Desta forma, o indivíduo expressa e demarca parte de seu subjetivo, de sua identidade, a partir do que publica, seja através de imagens ou de informações textuais que tanto podem ter um sentido de ação, como quando, por exemplo, o indivíduo disponibiliza conteúdos que permitem perceber o que está se fazendo pela publicação de algo. Uma preocupação recorrente dos entrevistados era acerca da educação e das práticas de respeito estabelecidas

nas redes sociais da internet, uma vez que, de acordo com Recuero (2012), “toda a conversação necessita ocorrer dentro de normas convencionalmente acordadas pelos integrantes para que sua função de construir as relações sociais aconteça” (2012, p.87). Por este motivo, os valores [aprovados socialmente] por uma determinada rede são muitas vezes inconscientes e orientam as normas convencionalmente aceitas na interação entre os indivíduos, no sentido de evitar o confronto a partir da polidez na manutenção das interações.

Entretanto, neste aspecto, a internet apresenta um entrave, visto que diversos indivíduos, com distintas características e valores sociais, podem entrar em contato mediante um mesmo ambiente *on-line*. Logo, torna-se árduo, em alguns contextos, estabelecer padrões de polidez, dado que diversas culturas, situações, inclusive histórias de vida, serão trazidas por aqueles indivíduos àquela rede, o que Recuero (2012) classifica como possíveis situações de conflito. “Vários autores relatam também a presença de discussões muito inflamadas nesses espaços, ressaltando a necessidade de regras de conduta para as organizações” (RECUERO, 2012, p.92). Neste sentido, os interlocutores afirmaram que, de acordo com a rede que faziam parte na internet, determinados códigos linguísticos eram mais ou menos utilizados, a importância de se divulgar mais fotos também estava relacionada às características da rede, a qual demandava vivências específicas, como idas a determinados bares, restaurantes ou realização de viagens. A realização destas atividades se materializava através das imagens disponibilizadas. Mesmo a partir da tentativa de seguir o que acreditavam serem as expectativas da rede, os entrevistados destacaram reconhecer falhas na comunicação, pois muitas vezes o mal entendido surgia de onde menos se esperava, como uma frase com uma palavra interpretada de maneira diferenciada entre emissor e receptor.

A identidade, em uma perspectiva hermenêutica, é construída com materiais simbólicos dentro de uma narrativa própria ao sujeito, que, através de interpretações³⁴, construir-se-á e modificar-se-á na medida em que continua a existir e a se transformar com o tempo e com as situações que aparecerão no decorrer da trajetória destes sujeitos. Dito isto, a comunicação passa a significar, também, a existência de novas possibilidades de conhecimento, de interação, de relacionamento, de experiência e (des)construções, por isso, o que se propõe como referencial para as futuras análises deste estudo é o de não se limitar ao aspecto superficial que alguns comportamentos e características podem representar para a identidade.

³⁴ Considera-se o caráter próprio e único que o ato de interpretar implica, uma vez que acaba por se constituir como uma ficção, à medida que quem interpreta trará para significação todo o aporte de mundo e percepções de seus contextos coletivos e pessoais, bem como suas aspirações, pré-conceitos e valores.

Por conseguinte, antes de tudo, é necessário abandonar certas convenções sociais e modelos comportamentais, uma vez que se o sujeito tem a liberdade de ficcionar acerca de suas interpretações. Estas podem convidar passos a caminhos únicos, singulares, de modo que, não obstante terem sido fruto parcial de um coletivo, o filtro do individual opera de maneira peculiar a construir sujeitos que nem sempre se encaixam nos padrões previstos, e como bem o desejariam que fossem os estipulados, pelas instituições. Desta maneira, “os indivíduos se encontram continuamente confrontados com novas possibilidades, os seus horizontes estão continuamente a alterar-se, os seus pontos simbólicos de referência estão continuamente a mudar” (THOMPSON, 1998, p.13). A isto, lembra-se a diferença inicialmente aqui retratada do conceito de Castells (2010) acerca da identidade e dos papéis sociais³⁵.

Aproveito o presente ensejo para, destacando a importância do tema ora tratado, traçar um paralelo entre a pesquisa de campo aqui realizada e um estudo elaborado pela emissora de televisão, MTV Brasil, em 2010³⁶ (Anexo 5). Apesar de apresentar metodologia³⁷ diferente, gostaria de comparar algumas categorias que tanto esta pesquisa quanto a da emissora de televisão MTV compartilharam resultados afins. O estudo realizado pela MTV trazia pergunta semelhante sobre o sentimento que se teria diante da situação da vida sem internet. A proposição apontou que para 60% dos entrevistados pela emissora brasileira, viver sem internet seria semelhante ao fim de suas vidas sociais, os quais associaram o sentimento de dependência a esta tecnologia com algumas palavras semelhantes às percebidas na fala dos entrevistados: sociabilidade, aprendizado, pesquisa e trabalho.

³⁵ Ressalvo que mesmo os papéis sociais, tradicionalmente e classicamente definidos e normativamente regulados, são palco de análise e questionamento, como prova os estudos de gênero e sexualidade propostos por Butler. Sobre esta temática, este trabalho se deterá mais a fundo no que tange ao Corpo e à Performance no ambiente da cibercultura.

³⁶ Disponível para download em <http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf>. Acesso em 28 de Jun. 2011).

³⁷ A metodologia do estudo foi a seguinte: “Este estudo teve duas fases de pesquisas intensas. Na fase qualitativa, realizada entre maio e julho de 2010, ouvimos 154 jovens, em grupos de discussão e em entrevistas de profundidade, nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife, Porto Alegre e no Interior de São Paulo. Além disso, nós “grudamos” em oito jovens. Durante quatro dias, eles foram monitorados por nossos pesquisadores por celular, MSN e redes sociais. Nós também convidamos outros dez jovens para criar um diário de atividades, durante uma semana. Também aprofundamos nosso conhecimento sobre o comportamento jovem e o consumo de mídia ouvindo 66 formadores de opinião. Foram 22 entrevistas em profundidade com pais, professores, psicólogos e profissionais que trabalham com os jovens, além de 44 entrevistas com profissionais de mídia das principais agências de propaganda e anunciantes no eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Na fase quantitativa, em julho de 2010, foram entrevistados 2.000 jovens, de 12 a 30 anos, das classes A, B e C, das mesmas cidades selecionadas na fase qualitativa. As entrevistas foram feitas nas casas desses jovens, que responderam a um questionário de 45 minutos.” (DOSSIÊ MTV, 2010, p.08).

As diversas possibilidades de interação com o mundo e a portabilidade que os computadores oferecem, estavam entre as principais sensações que o estudo da MTV e que os entrevistados trouxeram como justificativa para a dependência à internet. Esta tecnologia seria então a grande responsável para que estes sujeitos tivessem acesso aos mais variados conteúdos, desde diversão e lazer até formas de encontrar amizades e formação profissional. A própria funcionalidade do aparelho celular não está mais atrelada ao ato de ligar e sim à gama de possibilidade advinda, substancialmente, do incremento nas tecnologias móveis oferecidas pelos chamados *smartphones*³⁸.

A pesquisa realizada pela MTV apontou que uma das mais populares funções dadas aos denominados [celulares inteligentes], é o ato de fotografar e, posteriormente, publicar esta imagem para que possa ser compartilhada com sua rede de contatos da internet. Resultados semelhantes puderam ser percebidos no trabalho de campo quando, apenas Lia, Carla e Marta declararam não possuir celulares [modernos], todos os demais tinham adquirido seus *smartphones* justamente para o acesso à internet.

Desta forma, o estudo da comunicação, das novas tecnologias e da sociabilidade resultante da interação entre estes elementos, deve ser visto como um processo de construção e que, nem por isso, se encontra finalizado, pois a cada nova mudança conjuntural, novos paradigmas surgem a reinterpretar teorias, até então pioneiras, ou a propor novas abordagens. É fundamental então, neste contexto, compreender que o conceito de “meio”, como uma forma de abrangência das redes, significa, na atualidade, muito mais do que apenas transmissão.

Consequentemente, sobre estes aspectos, assinalo, para esclarecimentos do estudo aqui proposto, o fato de que a experiência de ser vários está ligada a um processo de produção e criação, e não apenas a descoberta de algo que existia por completo³⁹. Qual seria, então, a relação entre a consciência (inclusive a de si) e a comunicação? Segundo Nietzsche⁴⁰ (2002),

³⁸ Tratam-se de telefones celulares com múltiplas funcionalidades que podem ser, inclusive, estendidas através de programas específicas. Um dos principais atrativos destas tecnologias é o acesso à internet.

³⁹ Sobre esta questão, pontua-se o fragmento advindo de “O livro do Desassossego”, de Pessoa, no qual declara: “Às vezes não me reconheço, tão exterior me pus a mim, e tão de modo puramente artístico empreguei a minha consciência de mim próprio. Quem sou por detrás desta irrealidade? Não sei. Devo ser alguém. E se não busco viver, agir, sentir, é - crede-me bem - para não perturbar as linhas feitas da minha personalidade suposta. Quero ser tal qual quis ser e não sou. Se eu cedesse destruir-me-ia. Quero ser uma obra de arte, da alma pelo menos, já que do corpo não posso ser. Por isso me esculpi em calma e alheamento e me pus em estufa, longe dos ares frescos e das luzes francas - onde a minha artificialidade, flor absurda, floresça em afastada beleza.” (PESSOA. Disponível em <<http://tinyurl.com/8xfatpb>>. Acesso em 24 de Fev. 2012)

⁴⁰ Sobre esta ideia, ver mais em NIETZSCHE, Friedrich. 2002. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Hemus. Disponível em <<http://tinyurl.com/7thg8to>>. Acesso em 24 de Fev. 2012.

talvez a consciência não fosse apenas um reflexo do social, mas uma forma de reagir, responder e se portar diante deste social, a ilustrar um trecho da passagem “Ilusão dos Contemplativos”:

nós que pensamos e sentimos, nós que *fazemos* realmente e sem cessar alguma coisa que não existe ainda – todo este mundo que sempre aumenta em apreciações, de cores, de valorações, de perspectivas, de graus, de afirmações e de negações. Esse poema inventado por nós e sempre aprendido, exercitado, repetido, traduzido em carne e em realidade, sim, mesmo em vida quotidiana, pelos que são chamados homens práticos (nossos atores, como eu já o indiquei). Nada que possua *valor* neste mundo o possui por si mesmo, segundo sua natureza – a natureza é sempre sem valor: atribui-se-lhes certa feita um valor e fomos *nós* que os demos, nós, os atribuidores! Nós criamos o mundo que interessa ao homem! Mas esta é precisamente a ciência que nos falta, se a encontramos por um instante, escapa-nos um instante após. (NIETZSCHE, 2002, p.196-197, grifos do autor)

As pesquisas na área da Comunicação Social a partir das formas de interação dos sujeitos e os impactos trazidos no campo do social desenvolvidos por Recuero (2011) trazem abordagens pertinentes a este projeto, no sentido de se interessar por perceber as práticas e os processos sociais que permeiam a utilização das tecnologias digitais, tendo-se focado nas pesquisas sobre os hábitos de conversação e da sociabilidade advinda destes processos e destaca:

a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais. O seu estudo faz parte da compreensão de como as novas tecnologias de comunicação estão influenciando e modificando a sociabilização das pessoas. (RECUERO, 2011, p.10)

Considero que, mesmo não trazendo um foco específico sobre as questões das identidades dos sujeitos, Recuero (2011) avança no debate sobre as intencionalidades e as programações performáticas das conversações mediadas por computadores, e por este motivo é uma das autoras de categorias a serem utilizadas nas análises aqui elaboradas. Recuero (2011) mostra a pertinência no que tange às críticas que elabora sobre a interação entre os aspectos comunicacionais, a tecnologia e os impactos sociais trazidos, especialmente quando estas operam nas intencionalidades dos sujeitos.

2.2.1 Informação e sociabilidade

Um ponto de investigação interessante é se, nos novos espaços de sociabilidade mediados pelas redes sociais da internet, de fato, há um ambiente de comunicação colaborativa fortalecendo a geração de informação e o debate, bem como estreitando laços de sociabilidade ou, se o que acaba ocorrendo é uma parcial atuação destes sujeitos, os quais não estariam profundamente envolvidos com suas participações nestas redes, gerando, possivelmente uma pseudosocialização, conforme destaca o pesquisador de Ciência da Informação Júlio Pinho:

parece inegável que o emprego de tais tecnologias resultou, certamente, numa maior rapidez tanto no que diz respeito ao acesso como também na transferência da informação em escala global. Permanece, contudo, a questão: o resultado de tais avanços tecnológicos está produzindo maior interação, cooperação e socialização entre os usuários de tais instrumentos? E quais são os usos que estes interlocutores fazem desses recursos e possibilidades tecnológicas que possibilitam novas formas de acesso e trocas de informações? (2010, p.02).

As opiniões existentes sobre as questões acima planteadas divergem entre aqueles que consideram as tecnologias, sobretudo a internet, como um conteúdo superficial, informações precárias, bem como propiciariam relacionamentos alienados e artificiais e, de outro lado aqueles que percebem as redes sociais da internet como espaços colaborativos e capazes de fortalecer e expandir os laços de sociabilidade do sujeito, bem como deste explorar a construção da identidade. Defensor da primeira ideia, o filósofo francês Jean Baudrillard (1992), possui um posicionamento pessimista sobre a relação entre sujeitos, tecnologia e suas trocas comunicacionais, uma vez que percebe esta tríade através da construção de um mundo maravilhoso e que tangenciaria o real, pois não apresentaria problemas e imperfeições e no qual, todas as ações estariam vinculadas com a espetacularização da mensagem.

Entrementes, não se pode negar a influência que pensadores mais otimistas operam acerca das mesmas questões analisadas por Baudrillard (1992) e que dizem respeito às análises deste projeto, como Recuero (2011, 2012). Segundo a autora, as redes sociais da internet intensificam a socialização com novas e inéditas formas de pensar e acessar a informação, além de perceberem o mundo *on-line* e o mundo *off-line* intimamente ligados e complementares, uma vez que, conforme defende Recuero, nós somos a medida que interagimos com a tecnologia, a cultura, a natureza e a sociedade. Segundo o antropologista Bruno Latour (2004), especializado nos estudos sobre os campos da ciência e da tecnologia, analisar as formas de interação com os objetos tecnológicos constitui ato essencial para a compreensão de quem somos no mundo.

A proposta trazida por Recuero (2011, 2012) e Latour (1994) são as que considero oportunas às proposições aqui expostas, entretanto se a sociedade é uma construção arbitrária, a qual nos ergue à medida que a elevamos, conforme exposto por Barth, não se pode deixar de considerar a pertinente análise de Baudrillard (1992) ao relativizar a maneira como os sujeitos são afetados e afetam o processo de construção, haja vista que nem todos estabelecerão as mesmas formas de relação. Considerando que novas conjunturas não partem do nada, acredito que o olhar em perspectiva e contextualizado seja a melhor maneira de compreender as distintas formações e os diversos significados que operam para cada sujeito, em cada situação, sobre sua relação tecnológica com o mundo e com sua subjetividade. Sobre isto, o pesquisador da área da comunicação social, especializado em tecnologias digitais e seus fenômenos comunicacionais, André Parente (In: COHN, 2009), argumenta:

então, na verdade, sempre que aparece uma coisa nova, isso gera muitas vezes um certo antagonismo. Mas, certamente, esse novo não é uma coisa que está completamente desligado do que se produzia antes, porque tudo isso que foi surgindo, num certo sentido, estava de alguma maneira já presente na cultura. O digital não surgiu do nada e não caiu do céu, por isso que eu não temo algumas tecnologias: porque eu não acho que elas sejam desencarnadas dos processos de produção de subjetividade. Ou seja, os dispositivos, as máquinas trazem consigo, elas exprimem a cultura aonde isso foi produzido da mesma forma que um quadro, um livro, um romance, ou algo do gênero. Não dá para eu me desconectar do que se produz tecnologicamente, como se aquilo fosse inventado do nada. No fundo é o contrário disso: já havia uma necessidade de uma demanda, que ainda não era talvez consciente, mas que já estava lá. Dessa forma, talvez já houvesse uma série de questões na própria cultura que apontavam para essas mudanças que ocorreram depois, tecnologicamente. (PARENTE, In: COHN, 2009, p. 169)

Mediante a reflexão de Parente, retomo a indagação: novas tecnologias, novas formas de se relacionar, implicariam em novos papéis sociais? De que forma a identidade destes sujeitos seria moldada ou sofreria influência destas novas situações? Os professores de Ciência da Informação e Ética, Rafael Capurro e Birger Hjørland (2007) lembram que são as informações compartilhadas as responsáveis por gerar conhecimento a partir do que classificam como “significados compartilhados”. Estes significados são os que fazem com que a comunicação se transforme em informação, a partir de construções e desconstruções de visão de mundo e de sujeitos inseridos em determinado contexto social. Considerando que os contextos dos quais tratam Capurro e Hjørland (2007) podem ser os mais plurais possíveis, boa parte destes, conforme destacam, encontram-se nas arenas de sociabilidade, dentre elas as redes sociais da internet.

Ainda que se tratem de redes sociais da internet, é de significativa influência as questões trazidas do contexto social e cultural dos sujeitos, o que irá operar, inclusive, no conteúdo que estes buscam, bem como na forma como estes se relacionam com as redes das quais fazem parte. Mais importante do que marcadores demográficos e de faixas etárias, deve-se atentar para as questões comportamentais e para os motivos das buscas que levam estes sujeitos a estabelecerem laços de socialização diversos, uma vez que o próprio conteúdo pode ser uma ferramenta de sociabilidade.

Por isso a análise da construção identitária e da sociabilidade percebida via práticas e formas de interação dos sujeitos com seus mundos *on-line* e *off-line*, estão vinculadas a análises comportamentais de sociabilidade, performance e cultura material, duas categorias a serem analisadas mais adiante. Haja vista que o próprio sujeito deve ser compreendido mediante o contexto do qual fala, para quem fala e com quais objetivos. Um exemplo da importância da contextualização do olhar diz respeito à própria compreensão do “local” de pesquisa, uma vez que, no caso da internet, algumas categorias precisam ser repensadas, conforme justificado nas linhas introdutórias desta pesquisa. De acordo com o que defende Pinho (2010) acerca de como, nas comunidades virtuais, o contato é, via de regra, mediado pela internet, um meio de comunicação que permite o anonimato e a vivência e experimentação de diversas possibilidades.

Sobre a questão específica da ação de comunicar, Pinho ainda destaca a possibilidade de existência de dois fenômenos específicos do contexto da internet: a cultura do efêmero, também denominada como *snack culture*⁴¹, “onde os produtos culturais são elaborados para um consumo instantâneo, com imediata e incessante reprodução” (PINHO, 2010, p.04); o que embasaria o porquê das redes da internet apresentarem informações resumidas e pouco extensas. O pressuposto do *snack culture* pode ser exemplificada em algumas redes nas quais há o limite de caracteres a serem publicados⁴², incentivando o fluxo contínuo de informação, bem como seu imediatismo e, porque não, certa superficialidade dos fatos repassados. A velocidade com a qual estas informações são publicadas, entretanto, muitas vezes podem gerar um sentimento de frustração ao não se conseguir acompanhar tudo que é compartilhado em rede. Uma das entrevistadas, Carla, retrata este tipo de sentimento:

⁴¹ O termo faz referência à palavra inglesa “*snack*” utilizada para definir refeições rápidas ou lanches que podem ser imediatamente consumidos, preferencialmente nos momentos de pouco tempo ou entre refeições.

⁴² Exemplo disto é a rede social *Twitter*, na qual cada postagem não deve ultrapassar o limite de 140 caracteres, bem como outras redes, como Facebook, que apesar de ter um limite de caracteres maior que o do *Twitter*, não permite postagens muito longas.

o *Twitter* eu acesso para ver notícias, no *Facebook* não sei mexer direito e eu acho muito bagunçado, vem várias atualizações e some tudo que eu estava vendo. Às vezes eu entro para usar os jogos que tem na rede e, quando vejo, ‘vinte e quatro atualizações⁴³!’. No *Twitter*, talvez por ser mais simples, eu saiba mexer melhor.

As características ferramentais e de interface de uma rede também são responsáveis para gerar mais ou menos afinidade com os sujeitos-usuários, conseqüentemente este é um dos fatores capazes de implicar em mais ou menos participação na rede. Sobre a questão da afinidade e da imersão, Carla complementa:

acho difícil gerenciar tanta informação. Diante desse turbilhão de notícias, as pessoas acabam tendo mais acesso, mas não aprofundam o conhecimento em nada, a gente vai lendo, vê alguma coisa que parece interessante, daí acessa outra página, daí não volta mais para aquilo que estava fazendo. Na própria rede social isso acontece comigo: se eu estou na página de alguém e vejo alguma coisa eu vou e clico, aí muda e eu esqueço. Já perdi muito tempo jogando e me esqueço do que tenho que fazer. Às vezes até no *Twitter*: vou atrás de uma coisa, de outra, quando vejo já passou muito tempo. Ou então perco tempo no *Facebook* tentando aprender a mexer, quando eu vejo já perdi coisa que eu tinha marcado pra fazer. Eu esqueço, mas eu já sou esquecida também. Mas o *Facebook* aflora isso demais, justamente essa muita variedade de informação que tem o tempo todo, tudo que tu quiseres tem na internet e a gente vai atrás fuçando, fuçando, acaba que eu vou me perdendo. Eu já tenho um déficit de atenção, que inclusive já fiz tratamento, e com o tempo ele melhora, mas para mim tem épocas em que ele fica pior; e é muito ruim se eu estiver na internet. A Marta, minha namorada, briga muito comigo, se a gente tiver que sair a gente não vai sair se eu ficar na internet, eu me esqueço de tudo.

Além dos encantamentos da tecnologia, teoria esta a ser aprofundada em capítulo seguinte, a influência de outros sujeitos deve ainda ser considerada no que tange ao nível de sociabilidade, afinidade e imersão em uma rede da internet. Esta influência pode ocorrer através do conteúdo das mensagens publicadas, como textos e imagens disponibilizados. Em análise paralela, Marta, namorada de Carla, reconhece como seu fundamental interesse nas redes da internet as temáticas políticas, as quais fazem parte de sua vida, desde a infância, por influência familiar: “me interesse por informação sobre o que tá acontecendo aqui e no mundo. Notícias sobre catástrofes, bastante sobre política. Eu falo bastante sobre política”. Marta possui em suas redes da internet, muitos partidos políticos e sujeitos relacionados a este

⁴³ Cada “atualização” diz respeito a uma nova publicação recebida no perfil do usuário. Desta maneira, a situação retratada por Carla diz respeito a um exemplo no qual a interlocutora, em pouco tempo, recebeu vinte e quatro novas notificações de publicações dos perfis presentes em sua rede.

meio, e reconhece que, mesmo operando um filtro do que lê e do que escreve, estes formadores de opinião influenciam no julgamento e são alvo de críticas:

eu sigo no *Twitter* o que me interessa. Eu, politicamente, aceito mais as ideias do PT [Partido dos Trabalhadores] e do PSOL [Partido Socialismo e Liberdade] e muita gente diz: “Por que tu segues o Edmilson Rodrigues?”. Muita gente não gosta. A gente cresceu num meio mais politizado da direita, mas desde a barriga da minha mãe a gente ia para reunião do PT, mas estudamos em escola particular e que éramos amigos da filha dos Kayathy⁴⁴, filhos do Jordy⁴⁵, então fica uma coisa bem ampla. Muita gente critica a gente por ser do PT. Daí perturbam, vão questionar, mas mesmo assim eu replico. O engraçado é que não me perturbam em rede, só quando me encontram e falam de uma coisa que eu postei, mas não tenho porque esconder, se eu gosto, se eu estou ali, não escondo.

A criação do Eu, apresenta-se com infundáveis e diversas possibilidades de criações, como espelhos que podem refletir e serem observados de distintas maneiras. Por isto a tarefa de analisar o que é humano é tão complexa, dado que caímos em outra reflexão: o que é capaz de nos tornar humanos? Percebe-se nesta esfera que, tanto sujeitos quanto objetos demonstram capacidade de acionar nossas “humanidades” e nossas características mais profundas, muitas vezes existentes na forma de pulsões reprimidas, levando-nos de volta às questões anteriores: o que configuraria então o “real” em meio ao digital que também está presente na vida vivida e que também exerce impactos e influências? O que seria o sujeito quando a relação com determinados objetos atinge esferas profundas de empatia e cumplicidade, de verdades não ditas e de segredos (com)partilhados? Como separar o conceito de sujeito sem avaliar o conceito que se tem por objetos e por suas funções em nossas vidas? Estas reflexões encontram campo, sobretudo, nos debates trazidos pela área da inteligência artificial ao indagar: como e por quem são exercidas as influências da interação entre sujeitos e tecnologia? Algumas destas reflexões serão laminadas em maior profundidade no decorrer dos próximos capítulos, mediante questões trazidas pelo trabalho de campo realizado e observadas a partir dos estudos de performance e da cultura material.

⁴⁴ Família que possui histórico na política paraense.

⁴⁵ Arnaldo Jordy, político paraense.

3. SOBRE PERFORMANCE

“Não vemos as coisas como são,
vemos as coisas como somos.”
(Anais Nin)

Uma vez que os meios de comunicação, bem como a própria internet, configuram-se como extensões do homem, conforme proposto por McLuhan (1998) e analisado no primeiro capítulo destes escritos, é possível desenvolver uma interpretação peculiar sobre como os jovens tratam temáticas como a privacidade, o limite e a realidade na construção de suas identidades no ambiente do ciberespaço oferecido como campo da construção das redes sociais. Destarte, se desde muito que o homem se expressa através de formas de identificação e se a cada afirmação configura-se também uma negação, a construção do indivíduo parte desde sistema de escolhas que são reflexos de um contexto de tempo, espaço, história, sociedade e linguagem, conforme declara Landowski (2002) sobre as múltiplas maneiras que os sujeitos possuem de se construir e de se descobrirem através dos significados, proposta esta realizada antes por Geertz (1973) quando trata da importância da teia dos significados culturalmente compartilhados e que orientam as ações dos indivíduos de determinado contexto.

O conceito de performance trazido por Butler (2004) é importante na análise de algumas falas, em especial nas quais os entrevistados fundamentam sua atuação nas redes sociais da internet e na vida do plano *off-line*, justificadas e embasadas na medida em que se sentiam observados ou analisados, como o exemplo de Rodrigo. Também encontro exemplos de performances nas fotos que são disponibilizadas em rede, nas comunidades às quais os sujeitos fazem parte ou, simplesmente, na omissão de certas temáticas em seus discursos, em mostras de como o silêncio também comunica. Neste ponto, é pertinente a contribuição dos estudos realizados por Butler (2004) acerca das identidades diversas, uma vez que, em seus trabalhos sobre o feminismo, a autora destacou o fato do sujeito não ser único, pelo contrário: é múltiplo e, na maior parte das vezes, complexo. Inúmeras possibilidades de caminhos são possíveis e a performance que cada sujeito exercerá em seus horizontes sociais é determinante para reunir, em torno de um caleidoscópio, as diversas matizes que constroem a identidade do sujeito.

Dalila afirma que gosta de publicar fotos em sua rede social, entretanto apenas aquelas nas quais está em alguma situação especial, como uma saída com os amigos, ou que está em viagem ou fazendo algum curso. Estes recursos e estas práticas demonstram a orientação que

a interlocutora possui de construir sua persona social a partir de atos e situações que possam conferir algum adjetivo ou diferencial comunicativo.

A partir do que foi abordado acerca da sociabilidade em Simmel (2006), pode-se reconhecer um incremento nas práticas de performance na rede de Dalila, por exemplo, quando esta, conforme confessou, gosta de “marcar”⁴⁶ o nome das pessoas que aparecem nas fotos. Desta maneira, outros possuem um incentivo maior para acessar a página do perfil de Dalila e de comentar em suas fotos ou nas temáticas que disponibiliza.

A fala de Dalila remete às representações sociais, no que tange à construção da identidade. Sobre isto, Butler (2003) destaca a importância do gênero, sendo este construído no momento da performance, que se configura como a demonstração do comportamento que o sujeito possui naquele determinado momento, no que diz, no que faz ou no que ostenta socialmente, no caso do estudo a que me proponho, esta situação é vivenciada, em especial, na questão das fotos que o sujeito disponibiliza sobre si ou sobre assuntos de seu interesse ou de relevância para este.

Butler (2003) acrescenta que o gênero, no campo da identidade dos sujeitos, consiste em uma marca de diferenciação e que esta não se trata apenas de definições biológicas e sim da compreensão dos aspectos relacionais entre os sujeitos quando inseridos nas arenas sociais. Logo, o gênero está vinculado com a forma como os sujeitos se reconhecem e atuam socialmente, construindo identidades e performances, o que também acontece no campo das redes sociais da internet, quando estes sujeitos tem a oportunidade de experienciar diversas formas de se apresentarem ao mundo e de se relacionarem com os demais. Sobre a relação entre identidade de gênero e performance, Butler salienta:

nesse sentido, o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (...) Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados. (2003, p.48, grifos da autora)

⁴⁶ O ato de realizar marcações nas fotografias disponibilizadas em rede, no caso de Dalila, no *Facebook*, relaciona-se com uma conexão que é estabelecida com outro usuário da mesma rede e que pode ter um *link* criado a partir da identificação de seu rosto ou de algo que o remeta, em uma foto ou publicação. O usuário marcado, neste caso, recebe uma notificação do ato e, não só ele, mas, dependendo da configuração realizada pelo usuário, os contatos do sujeito marcado também podem acessar o conteúdo em questão.

Desta forma, retomando algumas percepções que tive a partir das entrevistas realizadas, detalho que em alguns casos, sobretudo nos que envolviam a intenção de um relacionamento, fosse ele por um parceiro afetivo ou por amizade, havia a intenção muito mais da experiência. Destarte, em alguns momentos, a motivação principal, por se estar em determinada rede, era a de experimentar sexualidades e possibilidades de comportamentos sexuais, caso para o qual a ferramenta do anonimato, conferida nestas redes, se tornava um dos aspectos mais convidativos. Rodrigo iniciou as perguntas de identificação dando pistas das múltiplas situações as quais as redes sociais da internet desempenharam em sua vida. Ao perguntar como o entrevistado se definia sexualmente, Rodrigo declarou em tom de tensão casado com um enfoque de brincadeira, na tentativa de aliviar a seriedade de um tema que, para si próprio, ainda é um assunto delicado: “Ainda estou me descobrindo. Assim que descobrir te falo”. Rodrigo não partilha suas dúvidas e grande parte de seu mundo interior com muitas pessoas e, como ainda vive com seus pais, incomoda-se com a falta de diálogo e privacidade que, declarou, acompanharam sua criação.

Foi nas redes sociais da internet que Rodrigo encontrou o espaço para interagir com seus amigos e para experimentar situações que a vida concreta e as pessoas ao seu redor, quiçá mesmo ele, Rodrigo, não permitiriam. Atualmente, explicou, o uso principal das redes era como uma ferramenta de trabalho e de atualização de seu currículo, entretanto nem sempre o foi assim. Na juventude Rodrigo me relatou que diversas vezes experimentou adotar, em salas de bate papo, outras sexualidades: “De vez em quando eu fingia que era mulher para pegar foto de ‘sapatão’. Já fui umas ‘Natashas’ da vida. Quem nunca fez isso? Quem nunca disse que era uma coisa que não era? É evidente. Adorava porque recebia um monte de foto de mulher pelada”. Segundo Rodrigo esta era uma diversão, mas como ter certeza que, através da desculpa de um riso, dissimulava-se a possibilidade de experienciar outra forma de ser e de se reconhecer?

Interpreto e situo esta análise a partir da leitura dos grupos formados nas redes sociais da internet, nos quais o sujeito igualmente atuará performaticamente, de acordo com as demandas e necessidades do contexto, questão esta também abordada na relação sujeito/subjetividade da definição de território, exposta anteriormente, de Guattari e Deleuze (1997). Diante disto, reconheço a pertinência dos fundamentos trazidos por Butler (2004) em seus estudos de gênero e sexualidade, no que tange às análises sobre a performance e a identidade dos sujeitos. Butler (2004) argumenta que a capacidade do ser humano está em ser único e plural, apesar de sua participação em coletivos sociais. A exemplo do que propõe Hall

(2006), ao ressaltar a complexidade da identidade pós-moderna do sujeito, fazer parte de redes sociais da internet não implica, necessariamente, coerência e singularidade de expressões performáticas de identidades, uma vez que estas questões devem ser igualmente pesquisadas a partir dos paradoxos que podem acarretar:

se o meu fazer é dependente do que fazem comigo, ou ainda, na forma como eu sou feito pelas normas, então a minha persistência como um “Eu” depende da minha capacidade de fazer alguma coisa com o que é feito comigo. (...) Se eu tiver qualquer agência, é possível pelo fato que eu sou constituído por um mundo social que nunca escolhi. Que minha agência é trazida pelo paradoxo não significa que ela é impossível. Isso apenas significa que seu paradoxo é a condição de sua possibilidade. (BUTLER, 2004, p.03)⁴⁷

Conhecer parte de uma pessoa, bem como conhecer a si, demanda tempo, oportunidades e sensibilidades, afinal: se quer mesmo conhecer o Outro? Quanto do Outro nem o Outro conhece? E quanto do Outro habita em mim? Os limites traçados pelo écran eram vistos como os responsáveis para que esta complicada situação de conhecer alguém se desenrolasse na internet, afinal “até se pode procurar alguém, desde que você não queira nada sério”, conforme destacou Rodrigo, que conheceu pessoas pelas redes, mas nunca assumiu nenhum relacionamento de namoro pela internet. A convivência e os momentos partilhados não combinariam com a distância e a falta do contato físico e de uma rotina no plano *off-line*, na qual, mais de escutar e perceber como o Outro fala de si, percebe-se e interpreta-se o que o Outro é, segundo nossos olhos e nossas próprias conclusões, o que pode acarretar, como geralmente acontece, diferença nas posturas percebidas e naquelas que se deseja criar e fazer de si.

A análise sobre os comportamentos e os padrões identitários e sociais dos indivíduos não deve ser percebida de maneira superficial e lógica, pois muitas vezes as identidades, segundo prevê Butler (2004), seguem um caminho próprio e muitas vezes conflituoso em suas coexistências, por isso a própria questão do simbólico deve ser compreendida como resultado da agência de seus sujeitos mediante as relações que estabelecem com o meio social no qual estão inseridos: Atualmente Rodrigo se reconhece uma pessoa mais seleta acerca daqueles que realmente farão parte de seu mundo e declara que muitos podem até se considerar seus amigos, mas ele sabe que, de fato, não sente o mesmo e adiciona⁴⁸ “apenas por educação”. Por conseguinte, o número de pessoas que integram o grupo de amigos em seu perfil da rede

⁴⁷ Tradução própria.

⁴⁸ Acrescenta à sua lista de contatos da rede social da internet.

social da internet, apesar de serem todos conhecidos seus de algum momento de sua trajetória, não reflete o número de pessoas das quais o interlocutor realmente se considera amigo.

Entretanto, a seleção de quem estará nas redes sociais não demonstra o sentimento que está por detrás daquelas amizades, por mais classificatório que se deseje ser. O motivo principal? Convenções sociais, segundo Rodrigo, que diz sofrer com a profissão de professor, especialmente por se tornar difícil dizer não em alguns momentos: “Os meus amigos sabem tudo da minha vida, convivem comigo, mas os meus contatos da internet nem todos são amigos, pra mim a convivência é importantíssima e alguns são alunos, mas não amigos”. Quando indaguei do que mais se arrependia ter disponibilizado nas redes sociais, Rodrigo não expressou dúvidas:

fotos pessoais. E incomodou muito, me arrependi e tirei. Me incomodou demais alguém saber tudo aquilo, tudo da minha vida. Me sinto invadido, penetrado. Todos os comentários foram muito bons, mas 2-3 dias depois que eu coloquei, me arrependi. Saber que as pessoas estavam ali, vendo minhas fotos, me incomodou demais. Na mesma hora que posto me arrependo.

Relembro, para melhor ilustração do leitor, que a entrevista de Rodrigo foi realizada dentro de seu carro peliculado, com todas as portas fechadas e trancadas, espaço este confortável e seguro para desabafar: território, no conceito de Certeau (2008), seu e exclusivo, no qual nem pais, nem amigos, podem escutá-lo ou julgá-lo sobre o que me estava ali a confessar.

Desta forma, pensar o estudo da identidade como resultado das várias performances que um sujeito pode assumir, leva a considerar uma observação mais profunda dos vários [mundos] nos quais habita, ou melhor: constrói a trajetória de sua identidade, em tempo e espaço os quais devem ser contextualizados. Consequentemente, o contexto da cibercultura, no que diz respeito às redes sociais da internet, em paralelo com os mundos *off-line* destes sujeitos, expõem algumas indagações. Um destes questionamentos diz a respeito à reflexão de que as mudanças estruturais e a liquidez do mundo pós-moderno deram origem a uma tensão entre os níveis micro e macro da sociedade, envoltos em uma complexa relação com territórios subjetivos. Percebo aqui a pertinência da passagem do antropólogo colombiano, especializado no estudo da antropologia do desenvolvimento e dos movimentos sociais, Arturo Escobar, acerca de sua pesquisa sobre a influência da cibercultura nas representações sociais e seus impactos culturais e interacionais, tratando-se de abordagens importantes para o desenvolvimento deste estudo. Escobar argumenta sobre a origem e as influências da cultura cibernética na sociedade,

apesar da novidade, a cibercultura se origina em uma bem conhecida matriz social e cultural da modernidade, ainda que esta se oriente para uma constituição de uma nova ordem a qual não podemos conceituar, mas que devemos tratar de entender- através da transformação dos possíveis tipos de comunicação, trabalho e formas de ser. (ESCOBAR, p.19, 2005)⁴⁹

Considero pertinente reconhecer, fundamentando-me nos estudos de Mauss (1974b), sobretudo no que se relaciona à performance e às expressividades comunicativas dos sujeitos, a influência psicológica dos grupos de referência nas tomadas de decisão que os sujeitos e seus corpos terão quando de sua representatividade social. Utilizando o termo “imitação prestigiosa”, Mauss retrata a importância da cópia de atitudes, seja por crianças, seja por adultos, de comportamentos que, dentro de algum critério e aspecto, são considerados como atitudes de sucesso e êxito por parte dos indivíduos que as copiarão.

Esta imitação diz respeito a uma série de movimentos que, culturalmente reconhecidos, concederão uma determinada posição ou visibilidade social e comportamental àqueles que os utilizam. Destaco esta como uma questão importante ao estudo, uma vez que nestas redes sociais da internet alguns sujeitos portam determinadas vestes, visitam lugares específicos, expressos através da disponibilização de fotografias nestes locais de relacionamento, ou fazem questão de tratar de certas temáticas e escutar músicas específicas a partir da referência que fazem a um ou mais sujeitos, como cantores e atores famosos, membros mais próximos de seus grupos sociais ou, inclusive sujeitos que admiram, sem se quer conhecê-las pessoalmente. Esta gama de sujeitos podem constituir as matrizes da imitação prestigiosa destes indivíduos que, em uma atitude de similaridade, ascendência ou comparação, reproduzem técnicas corporais. Consequentemente,

a criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros. É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e aprovado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico. (MAUSS, 1974b, p.215)

Um dos temas de debate mais presente, tanto no mundo acadêmico quanto em círculos mais informais e de menor uso de teoria, é a possibilidade de se criar um mundo *on-line*

⁴⁹ Tradução própria.

inteiramente diferente daquele *off-line*. Tadeu trabalha diretamente com a internet, especialmente pela praticidade que esta desempenha em sua vida:

eu sou histográfico, então tem que saber de tudo um pouco e é mais fácil procurar no *Facebook* sobre um fornecedor do que procurar em lista telefônica etc. No *Facebook* basta digitar o nome que já sai telefone de contato, tudo. Procuo primeiro no *Facebook*, depois em outro lugar, nossos fornecedores a gente costuma pegar tudo no *Facebook*, acaba sendo uma ferramenta de trabalho.

Apesar disto o interlocutor diz que não consegue desvincular um caráter mais intimista, como o de estar em contato com amigos mais distantes, através de suas redes sociais em seu perfil, é possível encontrar mensagens tanto de empresas quanto de saídas dos fins de semana:

busco, principalmente, nas redes meus amigos, saber onde estão, o que ‘tá acontecendo, marco encontros, vejo notícias de música (todos os artistas que eu gosto estão lá então é só curtir a página que eu fico sabendo das atualizações deles direto) e notícias em geral, do mundo, do meu trabalho, sempre tem lá no *Facebook*, e mais fácil acessar em um só lugar que procurar vários.

Santaella (2008) possui uma afirmação pertinente sobre esta questão, quando declara que a comunicação de nossos dias perpassa por inúmeros interesses, reforçando a visão da pluralidade de nossos comportamentos. Entretanto, não é raro que, vez ou outra, estes diversos mundos dos quais fazemos parte “se encontrem” ou “se choquem”. Em virtude disto, Tadeu declara que, apesar de manter um relacionamento há mais de um ano com Danilo, também nosso entrevistado, não gosta de tornar isto público nas redes sociais das quais faz parte na internet: “(...) acho que é uma coisa muito pessoal minha, até quando ‘tava hétero, não colocava. Tinha namorada, mas nunca gostei de expor minha parte de relacionamento pra ninguém. Lá diz que estou em relacionamento sério, mas não mostra o nome da pessoa.”.

Além dos apontamentos trazidos por Sedgwick (2007) e o paralelo com a imagem do armário social, Recuero (2012) também analisa, a partir da lógica da marcação de presença do indivíduo, que alguns aspectos de seu subjetivo, como a publicação da situação de relacionamento, são uma das maneiras relevantes de narrar

elementos que tradicionalmente são perceptíveis no espaço *off-line* para o *on-line*. Desta forma, por exemplo, quando alguém narra, no *Facebook*, o status de sua relação com outra pessoa (por exemplo, quando um ator anuncia que está ‘casado’ com outro), há uma narrativa que é constituída pela ação. (RECUERO, 2012, p.77)

No caso de alguns dos entrevistados, como Edgar, não há a intenção de se demarcar a presença no campo do relacionamento amoroso segundo critérios de preservação da intimidade, os quais envolvem tanto os tênues limites entre público e privado quanto perpassa pelas questões dos preconceitos sociais, neste caso específico, sobre relacionamentos homossexuais, os quais a pertinência do estudo de Sedgwick (2007) auxilia na compreensão desta atitude, a qual é reproduzida tanto na vida *on-line* quanto na *off-line*.

Tadeu também sente que é mais fácil ser outra pessoa nas redes sociais, mas diz que isso o deixa extremamente irritado e que retirou pessoas de seus contatos nas redes, pois quando as encontrava pessoalmente, o mesmo relacionamento e entrosamento da internet não existia no plano *off-line* e, afirmava o interlocutor, mal era cumprimentado na rua. Muito certo do que considerava como as características básicas para uma amizade verdadeira, Tadeu, provavelmente com o mesmo olhar cortante de quem não mede palavras e que o acompanhou ao longo de nossa conversa, afirmou declarar em mais de uma vez: “Já falei: olha, te excluí do meu *Facebook* porque tu não falas comigo aqui na rua, então pra quê? Tá excluído! Falei. A pessoa ficou toda sem graça e a amizade não continuou, não vi mais”.

Acerca das diversas, e muitas vezes efêmeras, formas de sociabilidade destes sujeitos, acrescento a abordagem do trabalho de pesquisa de Frúgoli (2007), ao retomar algumas ideias de Simmel (2006) sobre os laços sociais criados no contexto de sujeitos que habitam centros urbanos e, conseqüentemente, fazem uso de tecnologias, como a internet. Desta forma, Frúgoli (2007) mostra que os laços sociais são mais ou menos maleáveis de acordo com as questões situacionais envolvidas capazes de aproximar ou distanciar sujeitos em conteúdos de sociabilidade partilhados ou não por suas identidades e justifica que a

idéia da fragilidade dos laços sociais, feitos de intimidade e distância, com relações marcadas por pequenas repulsas recíprocas; isso talvez diga respeito à própria condição de habitantes das metrópoles, nas quais, dependendo de onde, quando e com quem se encontram, podem passar pela condição de estranhos (cujo gradiente de estranheza é situacional), quando o outro da relação tem uma identidade apenas aproximada ou precariamente tipificada. Finalmente, a conversa como espaço possível do princípio de sociabilidade, enquanto construção temporária de uma igualdade. (2007, p.48-49)

Conseqüentemente, o sujeito, em caráter de afastamento ou aproximação, invoca uma relação de imitações, treinamentos e habilidades que constituirão as atitudes e as escolhas de vida daquele sujeito, a partir do próprio treinamento e convenção que determinadas atitudes passam a ter tanto na vida concreta quanto não concreta destes indivíduos. Gostaria ainda de ressaltar que, muitas vezes, as técnicas e as escolhas de modo de vida adotadas por

determinado sujeito não são, necessariamente, uma reprodução nas duas esferas, *on-line* e *off-line*, de existência, entretanto as escolhas realizadas nestas esferas não podem ser simplesmente vistas como antagônicas, uma vez que pode haver, e quase sempre há, complementariedade entre elas.

A pertinência desta abordagem é encontrada nas pesquisas do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1989), em seus estudos acerca das estruturas sociais, ao salientar que algumas práticas devem ser observadas como atitudes complementares as quais possuem justificativas em suas escolhas, ainda que estas operem muito mais no campo do inconsciente, mas possuidor tanto do concreto quanto do abstrato, e são responsáveis por delimitar locais na sociedade e marcar a identidade do sujeito junto a determinado grupo, inserindo-o ou simplesmente negando sua participação. Lévi-Strauss (1974) parte da contribuição de Mauss e Durkheim, que percebiam as relações sociais como fatos totais, podendo estes ser tanto de bens tangíveis quanto intangíveis:

nada nos autoriza a supor que nosso espírito, desde o nascimento, traga já elaborado em si o protótipo deste quadro elementar de toda classificação. Sem dúvida, a palavra pode ajudar-nos a dar mais unidade e consistência ao conjunto assim formado; mas se a palavra é um meio para melhor realizar este agrupamento, uma vez que se concebeu sua possibilidade, não poderia por si mesmo sugerir-nos sua idéia. De outro lado, classificar não é apenas construir grupos: é dispor estes grupos segundo relações muito especiais. (DURKHEIM; MAUSS, 1981, p.403)

Sobre isto, assinalo a percepção que tive na entrevista com Lúcio, que faz parte de uma família com costumes tradicionais sobre matrimônio, estrutura familiar e religião, categoria esta na qual irei me ater para fundamentar a análise. Ele e seu irmão mais velho frequentaram escolas católicas, entretanto nosso entrevistado possui várias práticas que não expõe para os pais, algumas, em especial, para evitar desafetos, como no caso da religião. Lúcio não aceita a imposição religiosa dos pais e é apenas nas redes sociais da internet que pode ler e discutir sobre o assunto:

faço parte do grupo de ciência que fala sobre religião, aí já tem opinião religiosa lá e quando uma pessoa não tem a mesma religião da outra já tem conflito ideológico, mas como é só na internet as pessoas acabam nem descobrindo que eu faço parte desse grupo. Eu não me identifico. Uso ele mais para ler, gosto de debater.

Protegido pela sensação do anonimato, Lúcio pode participar de diálogos e expressar suas opiniões, inclusive em conversas conflituosas, com os demais participantes da rede social, postura esta que afirma não assume na sua vida *off-line*. A principal razão da

“diferença” de atitude, segundo o entrevistado, deve-se, especialmente, a um ato “de respeito” aos pais, os quais não conseguiriam entender os questionamentos do filho e poderiam mergulhar em decepções acreditando que falharam em repassar uma boa base religiosa familiar.

Minimizando a importância que a falta daquele diálogo possa ter em sua vida, Lúcio inclusive assume que os pais lhe classificam como imaturo para decidir qualquer coisa. Sendo assim, o que não encontra em sua vida concreta; neste caso um campo de diálogo com os pais, é encontrado na realidade da internet, capaz de complementar e suprir parte de seus anseios. Conforme lembra Simmel, o indivíduo é resultado de diversos cruzamentos sociais, no sentido em que não pertence apenas a um círculo social, daí advém ser este um centro de tensões e de relacionamentos sociais.

As proposições acima não possuem o intuito de afirmar que o indivíduo existe de forma autônoma na sociedade, mas sim mostra que nem sociedade nem indivíduo podem ser compreendidos se não analisados em caráter interacional. Desta maneira, as ações e a subjetividade de um indivíduo podem tanto ter impacto na construção de sua identidade e de suas expressões identitárias, através das performances adotadas através de fotos, mensagens, relações com a aparência física, dentre outros, quanto nos impactos sociais que o coletivo, a partir do indivíduo, trará para a sociedade, sendo esta concebida enquanto um coletivo diverso, dadas às múltiplas maneiras que os indivíduos terão de se expressarem e de relacionarem consigo e com os demais, em subjetividade e em sociedade.

Lúcio acaba por se reconhecer, no instante de sua fala, de forma diferente daquela que o pai tem do filho: apenas um jovem em transição e imaturo, características próprias à concepção moderna de juventude. Entretanto Lúcio se vê como um sujeito buscando informações e ciente do que seriam posturas menos sujeitas a mudanças e argumenta:

prefiro não comentar, não conversar. Meu pai tem 58 anos sendo católico, de repente ter que conversar com o filho sobre isso? Eu acho meio estranho, acabaria tendo conflito. Eles não sabem que eu faço parte dessa comunidade, mas já fiz comentários sobre isso, que acho que deixei um pouco claro, mas nada que se aprofundasse. Meu pai escolheu ignorar, disse que eu era muito novo para fazer esse tipo de escolha e ficou nisso mesmo. Acharam que eu ia mudar, mas isso já faz uns dois anos. Mas já conversei muito sobre o assunto na internet, já debati muito, já li muito sobre isso, acho que não seria muito progresso falar com eles.

Questiono, com o exemplo dado por Lúcio, quanto de nós somos capazes de camuflar para não ferir aos demais, bem como o que somos capazes de evitar e de calar para que outras relações, outras sociabilidades não sejam desfeitas? No caso de Lúcio, em prol da

sociabilidade familiar, alguns assuntos, como suas escolhas religiosas, não vêm à tona naquele nível de relacionamento.

Portanto, um ponto em comum entre Mauss e Lévi-Strauss, e importante à pesquisa em questão, diz respeito à eficácia simbólica e às significações que um ato, inclusive corporal, pode acarretar para tornar um momento convincente. A importância do fato social, em seus aspectos fisiológicos, psíquicos, físicos e sociológicos e a própria consideração que deve ser feita sobre o inconsciente enquanto elo entre o Eu e o Outro, demonstram que a percepção das atitudes e das posturas de corpo e demonstrações públicas que estes farão na rede, estão relacionados com uma série de interesses e intencionalidades que operam nesta instrumentalização e manuseio destes corpos e suas posturas interferindo, agindo e fazendo parte da vida social.

Finalmente, o destaque que Mauss (1974b) dá aos diferentes comportamentos humanos, como andar, dormir, falar, pisar dentre outros, dá mostras de que o corpo se constitui, na verdade, do primeiro instrumento do homem. Se para o caso específico deste estudo, posteriormente os sujeitos terão acesso a outras ferramentas, neste caso tecnológicas, como o computador, as máquinas fotográficas, a internet, ou, inclusive os instrumentos e marcas que incorporarão a seus corpos, como cortes de cabelo e estilos de roupa, estes virão a complementar e não a abandonar a questão de que o corpo continua sendo uma forma de se comunicar e de se inserir socialmente. Esta é a razão pela qual Mauss (1974b) destaca a importância de considerar algumas variantes que podem imperar nestas escolhas e posturas de modos de vida, como é o caso da psicologia do sujeito, dos impactos da sociedade, do físico, do fisiológico e da idade.

Há, pois, coisas que acreditamos ser de ordem hereditária, mas que, na realidade, são de ordem fisiológica, psicológica e sociológica. Uma certa forma dos tendões, e mesmo dos ossos, não é outra coisa senão a decorrência de uma certa forma de se comportar e de se dispor. Isso é bastante claro. Por esse procedimento, é possível não só classificar as técnicas, como classificar suas variações por idade e por sexo. (MAUSS, 1974b, p.220)

Dito isso, Mauss (1974b) assinala a importância que tem para o indivíduo aprender estas técnicas convencionadas socialmente para que possa se inserir e demarcar um lugar no mundo a partir do sentimento de pertença ou de similaridade com determinado coletivo. Esta situação é replicada tanto na vida concreta quanto nas redes sociais da internet, uma vez que seus usuários procuram participar de comunidades ou se aproximar mais de pessoas específicas, construindo um perfil comportamental específico para a pessoa social que são ou que pretendem performaticamente desempenhar em determinado momento da vida. Este é o

motivo pelo qual nossos atos, inclusive nossas posturas corporais, acabam por ser uma mistura resultante do físico, sociológico e psicológico. Nossas emoções atuam diretamente em determinadas escolhas, sem deixar de serem acompanhadas pela racionalidade, seja esta em menor ou maior grau, de acordo com a situação que se referencia. Conforme Mauss:

uma das razões pelas quais essas séries podem ser montadas mais facilmente no indivíduo é, precisamente, o fato de serem montadas pela e para a autoridade social. (...) Há em todo o conjunto da vida em grupo uma espécie de educação dos movimentos em formação cerrada.

Em toda sociedade, todos sabem e devem saber ou aprender aquilo que devem fazer em todas as condições. Naturalmente, a vida social não é isenta de estupidez e de anormalidades. O erro pode ser um princípio. (MAUSS, 1974b, p.231)

A adaptação de nossas práticas às necessidades e às vontades de expressão implicam no que Mauss (1974b) denomina “educação do corpo”, categoria esta que será analisada no tópico seguinte. Tendo em vista a funcionalidade e o emprego que se deseja para aquele instrumento-corpo, apreende-se socialmente o que determinadas posturas e vestes significarão socialmente e se expressa de acordo com a intencionalidade do ato.

Esta situação se reproduz nas redes sociais da internet quando percebo a seleção que os entrevistados fazem das fotos que publicam. Pude perceber a operação de um filtro capaz de categorizar os “melhores momentos” e as posturas e vestimentas mais pertinentes a serem divulgadas na rede da internet. Nenhum dos entrevistados demonstrou interesse em publicar fotografias, por exemplo, acerca de suas rotinas, apenas quando estas expressavam alguma situação a qual consideravam de destaque, como uma viagem realizada ou um dia de festa no qual trajavam roupas diferenciadas ou se relacionavam, sobretudo, com inúmeras ou novas pessoas. Em alguns casos, os interlocutores diziam que apenas se interessavam em publicar fotos nas quais estavam em outra cidade, outro país ou alguma festa, pois consideravam que o cenário, bem como suas próprias personas, nestes contextos, despertariam a atenção dos demais e construiriam uma narrativa diferenciadora do lugar comum encontrado na maior parte de suas rotinas.

A partir desta percepção constatei que dentro dos principais critérios que regiam a coletivização de determinado conteúdo, não apenas o visual interferia, mas o contexto e o local de onde se falava e para quem se falava eram de principal fundamento sobre quem teria ou não acesso a específico assunto. Destaco aqui a importância que a unanimidade dos interlocutores conferiu à criação das chamadas [listas], recurso este disponibilizado pelas principais redes que permitem a publicação de imagens. Através das listas é possível ao

sujeito criar, em seu perfil na rede, um ou vários agrupamentos dos contatos presentes na sua rede da internet. Desta sorte, é possível realizar a seleção daquelas listas que terão ou não acesso a uma foto ou a uma publicação, por exemplo.

A existência e utilização destas listas por um perfil na rede demonstram como nem todas as performances de um corpo estão acessíveis ou desejam ser expostas a qualquer um, como acontecem através da seleção de quem terá acesso a determinadas fotografias. No próximo item serão exploradas algumas das situações vivenciadas em campo acerca deste assunto.

3.1 A questão do corpo

As abordagens trazidas por Mauss (1974b), em especial seu estudo sobre as técnicas corporais, são de fundamental consideração para interpretar algumas práticas realizadas pelos sujeitos nas redes sociais da internet, como a importância de perceber o corpo enquanto suas questões simbólicas e suas formas de representação no mundo. Uma vez que as técnicas corporais se constituem das “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974b, p.211), a comunicação e as informações presentes nas fotografias disponibilizadas pelos sujeitos em redes sociais da internet podem ser interpretadas como maneiras de participar de grupos através da instrumentalização do corpo que, conforme salienta Mauss, deve considerar questões como a idade e o sexo. Nesta pesquisa, gostaria de expandir esta análise para as questões de gênero, fundamentadas com o pensamento de Butler (2004) acerca da identidade e das performances que estas possuem.

Os estudos de Butler (2004), conforme algumas questões laminadas em páginas anteriores deste estudo, tornam-se importantes na pesquisa das identidades, uma vez que a autora declara que, dependendo da situação e de sua importância, inclusive simbólica, identidades podem se unir, mas também se separar, de acordo com as necessidades e as afinidades que estejam sendo relacionadas, dando mostras de que o processo de negociação está intimamente ligado com o de construção dos processos de identidade e que estes nem sempre são lógicos. Neste aspecto, Butler declara que o corpo pode ser a agência e instrumento desses sujeitos, no sentido de que

apesar de brigarmos por direitos sobre nossos próprios corpos, os corpos pelos quais nós lutamos não são apenas nossos. O corpo possui sua invariável dimensão pública, constituída de um fenômeno social para a esfera pública, meu corpo é e não é meu. (...) Se eu estou lutando por autonomia, não precisarei estar lutando também por algo mais, uma concepção do meu Eu como invariável na comunidade, impressa pelos outros, imprimindo-os também, e em formas que não são sempre claramente delineáveis, em formas que não são sempre previsíveis? (2004, p.21)⁵⁰

A questão da performance e do corpo são categorias caras no ambiente da cibercultura, pois uma vez que o sujeito não se mostre “interessante”, performaticamente, o que inclui a expressividade de suas fotos e do que seu corpo representará a determinado grupo social, estes podem ser excluídos ou simplesmente invisibilizados pelo coletivo em questão, uma vez que não haverá identificação, não se desejará permitir o pertencimento. Butler, mais uma vez salienta:

‘o corpo’ aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção. (1990, p.27)

As considerações de Butler (1990) estão inseridas na compreensão acerca do corpo e das identidades dos sujeitos na cibercultura, a partir da mediação da tecnologia, como a disposição de fotos reunidas em álbuns temáticos em determinadas plataformas sociais de internet, uma vez que o ambiente considerado como ciberespaço é constituído de um conjunto de tecnologias de telecomunicação operadas através do computador, de onde se origina a nomenclatura de Comunicação Mediada por Computador (MCM) para os meios que se incluem nessa plataforma, como o caso das redes sociais. Segundo Levy, o espaço das redes é formado por diversas atividades que estão coordenadas e construídas por interlocutores que se encontram no espaço físico, daí porque, juntamente com a terra, o território e o mercado, o ciberespaço constitui-se em mais um ambiente para os estudos antropológicos.

Tendo como base os argumentos de Butler (1993, 2003, 2004) e Mauss (1974b), é possível perceber as técnicas corporais sendo perpetuadas na sociedade, inclusive a “em rede”, acarretando uma reprodução, imitação e legitimação de determinadas posturas, de determinadas vestimentas para este corpo, atitudes, modos de falar, dentre outros, que sejam capazes de expressar o comportamento que é esperado, ainda que de forma padronizada e

⁵⁰ Tradução própria.

idealizada, para determinado coletivo, o que se percebe nas imagens que são selecionadas para caracterizar a identidade e as práticas destes sujeitos na internet, através da fotografia. Esta seleção de escolhas e atitudes está presente no que Mauss classifica como o “treinamento” que se dá ao corpo de acordo com a função e o emprego que este terá:

o treinamento, como a montagem de uma máquina, é a procura, a aquisição de um rendimento. Trata-se aqui de um rendimento humano. Essas técnicas são pois as normas humanas do treinamento humano. Os processos que aplicamos aos animais foram aplicados pelos homens voluntariamente a si mesmos e a seus filhos. (MAUSS, 1974b, p.210)

Consequentemente a questão das representações identitárias tratada por Butler (1993, 2003, 2004) também estão presentes nas identidades das redes sociais da internet, quando os sujeitos atuam segundo diversas performances⁵¹, diversas identidades, de acordo com os laços sociais⁵², que se aproximam em determinado momento, ou, inclusive, aqueles que negam, haja vista que “as identidades podem ganhar vida e se dissolver, dependendo das práticas concretas que as constituam” (BUTLER, 2003, p.37). Tadeu cita, a exemplo da proposição acima de Butler, que, em sua página de *Facebook*, possui listas diferentes de acesso a cada temática de fotos, o conteúdo que classifica como de lazer, de saída com os amigos e das festas que frequenta, não pode ser acessado pelos contatos provenientes de seu ambiente de trabalho. A criação de listas é uma forma de operacionalizar algumas intenções do usuário de separar temáticas e sujeitos.

Segundo o entrevistado a criação de listas é necessária, pois nem todos no trabalho sabem de seu relacionamento homossexual, além disso, Tadeu considera que algumas fotos, como as que está em ambientes de festa, não passariam o tom de seriedade e responsabilidade exigidos no ambiente de trabalho. Portanto, estendendo algumas das propostas levantadas por Sedgwick (2007), o armário social, nas redes da internet, no caso de Tadeu, pode ser reconhecido no objetivo que tem de não permitir que todos tomem conhecimento de um aspecto de sua vida operacionalizado tanto nas performances que pratica ao longo dos papéis sociais que desempenha em sua vida, como a própria representação que faz de seu corpo nas redes da internet e pelas fotografias que disponibiliza.

Seguindo o exemplo de Tadeu, Vinícius afirma que a criação das listas é responsável por determinar não apenas os sujeitos que terão acesso a cada conteúdo disponibilizado, mas

⁵¹ Sobre isto, cito, como uma de suas possibilidades, a seleção das fotos divulgadas por estes sujeitos.

⁵² Estes laços sociais podem ser observados quando da participação em comunidades de redes sociais da internet que estes sujeitos podem fazer parte.

igualmente ao teor da conversa e da intencionalidade que o interlocutor deseja conduzir por publicação, não apenas de performance construída sobre si, como para si. Saliento que nenhum dos entrevistados declarou publicar fotos sobre suas rotinas, a menos que estas apresentassem alguma novidade ou algo que conferisse destaque e espetacularizasse o trivial, como viagens a trabalho, um almoço em um restaurante novo, reencontro com algum amigo, dentre outros. Além disso, bem como Dalila, Vinícius realiza uma seleção dos momentos que ilustrarão suas fotos, de maneira a conferirem argumentos e diferenciais para a imagem que os demais terão dele:

costumo colocar fotos de amigos, quando viajo, quando me marcam eu não aceito (a marcação) para às vezes já colocar no meu álbum. Não tem um assunto específico, mas tem os álbuns separados para meus amigos, namorada, família. Eu coloco uma foto com a legenda mais séria daí já entendem e fazem comentários mais sérios.

Desta forma, hoje se percebe, mais acentuadamente, a relação estabelecida entre sujeitos e objetos, configurando o que Haraway (2009) classificou como título de uma de suas obras: “Manifesto ciborgue”, o qual ressalta que nossos corpos são partilhados em objetos que nos constituem e que fazem parte de nosso viver. Defendendo a premissa de que a unidade é uma norma excludente de possibilidades, Haraway (2009) argumenta que a construção de unidades em contextos de ações concretas é um dado marcante da atualidade partilhada com a ciência e a tecnologia.

Danilo destaca que enxerga o computador como um elemento essencial para sua vida, pois sem ele não teria tido acesso às redes da internet, principais responsáveis pelo contato com amigos e familiares e afirma que às vezes nem percebe que está falando com alguém em meio a distâncias geográficas significativas, pois sente que aquelas ferramentas tecnológicas fazem parte de sua vida, de sua pessoa:

as redes são fundamentais para manter contato com quem ‘tá distante. Eu sou filho de militar e tem muita gente que conheço, que morou comigo no condomínio e depois o pai acabou sendo transferido. A gente perde um pouco desse contato, mas com as redes da internet é diferente: a gente passa a fazer parte, saber o que ‘tá acontecendo com a pessoa, a pessoa também pode saber que a gente ‘tá bem, tudo para não perder aquele vínculo de amizade que tinha anteriormente.

Danilo faz uma pausa e confessa que, além dos motivos talvez mais comuns para se ter uma rede social, como aquele que acabava de declarar, afirmou que foram as redes da internet que ajudaram para que ele convivesse melhor com uma doença que possui, via informações

que acessou e da troca de conteúdos e emoção que compartilhou com sujeitos que possuem a mesma doença.

A confissão de Danilo levou-me a perceber que, apesar de se tratar de um rapaz extrovertido, que havia morado no exterior e com muito amigos, carregava em si características que muitos não suspeitariam à primeira vista: como o temor pela doença que o acompanha há mais de cinco anos. O exemplo de Danilo dá mostras de como as buscas nas redes sociais da internet podem ser tão plurais quanto forem as características que compõem a identidade do sujeito, e que podem ser refletidas, em maior ou menor grau, nas vidas *on-line* e *off-line*. Entretanto, para mais da metade de seus contatos de *Facebook*, os quais não sabem de sua doença, talvez uma face mais preocupada na vida *off-line* ou uma publicação específica fossem responsáveis por levantar dúvidas sobre a temida coerência de comportamento que nosso juízo faz.

Consequentemente, se no momento desta escrita, Danilo encontra-se apreensivo pela iminência de uma cirurgia e boa parte das buscas na internet são canalizadas neste sentido, isto não quer dizer que esta característica irá acompanhá-lo para o resto da vida, uma vez que pode se operar e esta doença deixará de preocupá-lo em demasia, como acontece na ocasião da entrevista. A situação descrita dá mostras de que os comportamentos, tanto os expressos na vida *on-line* quanto na *off-line*, mudam porque nós estamos em constante transformação e interação social. O entrevistado afirmou que, quando se encontra em momentos de crise, é o computador que lhe acalma por intermédio de uma mensagem positiva que recebe ou da informação de novos medicamentos disponíveis no mercado:

eu tenho ceratocone⁵³ desde os dezessete anos, desde então eu já pesquiso sobre isso e me mantenho atualizado. Faço parte de redes sociais para saber atualizações do que aconteceu com outras pessoas que fizeram a cirurgia. Tenho amigos no meu *Facebook* que tem ceratocone, mas que eu conheci nessa rede. Inclusive uma era minha vizinha e eu não sabia que ela tinha a doença. Ela fez o transplante nos dois olhos e morava pertinho de casa. Vendo a evolução dela, fico mais calmo para fazer minha primeira cirurgia.

Tendo como base as afirmações acima, vale destacar a afirmação de Butler (2003) sobre a forma como as identidades são alternativamente instituídas e abandonadas, a partir do caráter provisório que possuem, uma vez que o sujeito está em constante mudança em meio a um mundo que igualmente, e de maneira constante, transforma-se. Ainda partindo dos estudos feministas acerca da multiplicidade e fluidez identitária, Haraway (2004) salienta a

⁵³ Trata-se de uma doença progressiva do olho que gera mudanças estruturais na córnea. Sua principal consequência é a diminuição da visão, visão borrada e sensibilidade à luz.

interferência que os conceitos cultural, político e historicamente estabelecidos, operam no social e nas categorizações que temos acerca da identidade e seus componentes:

se as teorias feministas de gênero partiram da tese de Simone de Beauvoir de que não se nasce mulher (...) para a compreensão de que qualquer sujeito inteiramente coerente é uma fantasia, e que a identidade pessoal e coletiva é precária e constantemente socialmente construída (...) finalmente, e ironicamente, o poder político e explicativo da categoria 'social' de gênero depende da historização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias, universalizantes, que geraram o conceito de sistema de sexo/gênero num momento e num lugar particular na teoria feminista sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com consequências, nas quais a natureza não mais seja imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo para o gênero. (2004, p.245-246)

Noto que a observação dos pressupostos feministas de Haraway (2004) pode ser, conforme o campo, estendida a uma visão geral dos sujeitos sociais, que não apenas aqueles entendidos na categoria de feminino. Desta maneira, as relações sociais com o mundo são passíveis de serem percebidas através de intermediações que, para além do pensamento e da linguagem, envolvem igualmente objetos. Sobre estes, Haraway (2009) salienta que a interação com os objetos podem nos tornar cada dia mais *ciborgues*, a partir do uso de novas estéticas e maneiras de sentir e viver o mundo social, nossas identidades e relações com o Outro, como por meio de computadores para se comunicar e redes sociais que podem aprofundar as relações com a própria subjetividade e com o mundo. Desta forma, ao entrarmos em contato e fazermos parte de comunidades na internet, estamos envolvidos em mais um dos múltiplos exemplos de como a flexibilidade e a fluidez nos estilos de vida, e nos próprios objetos, são uma característica marcante de identidades, sujeitos e do próprio contexto atual. Santaella (2004) classifica o computador como o principal exemplo semiótico da atualidade, dada a possibilidade, a partir do mesmo interagir, significar, indicar, simbolizar e provocar desdobramentos no pensar e no agir dos sujeitos que os operam.

Seguindo esta linha, o trabalho da antropóloga Emily Martin (1994), ainda que verse especialmente sobre as questões femininas e do corpo da mulher, é exemplo de como os estudos e as pesquisas se tornam mais atentos a determinadas situações, como a própria questão do corpo, inicialmente concebido de maneira singular, o masculino, e todos os outros estabeleciam relação ou comparações com este, a partir de valores racionais. No exemplo trazido por Martin (1994), o organismo feminino é interpretado, com grandes influências da medicina, como uma máquina capaz de gerar bebês, a própria menstruação é vista como um

fenômeno racional e que tem sua vivência partilhada da mesma forma. Ora, o trabalho de Martin é revolucionário ao estar interessado muito mais nas experiências de cada sujeito e nos relatos que cada mulher pode operar sobre determinada situação, do que nos conceitos abstratos e culturalmente estabelecidos, em especial, com a contribuição da medicina. Desta forma, Martin expressa como a cultura é responsável por moldar não apenas os corpos e suas funções e finalidades, como toda uma esfera do pensamento.

Segundo Martin (1994), é nos espaços culturais que recebemos o reforço e o conteúdo das práticas adaptáveis e flexíveis. Desta maneira não só a questão do corpo é vista como algo padronizado e com funções pré-definidas dentro de uma norma, mas a própria identidade era antes interpretada como algo único, por isso, indivíduos que possuíssem identidades variadas eram conferidos a doentes sociais. Contradizendo esta forma de perceber corpo e identidade, o que a antropóloga propõe, visão partilhada por esta pesquisa, é uma visão mais flexível dos conceitos e das finalidades e usos que os sujeitos dão a seus próprios corpos, o que podemos adaptar também para o que é observado nas redes sociais da internet e na maneira como os sujeitos se representam e expressam sua identidade e exercitam diversas facetas do Eu.

Esta é a razão principal por este trabalho acreditar que a palavra “adaptação” é uma forte aliada para conceber e existir no mundo atual. Consequentemente, chega-se a conclusão de que a vida *on-line* torna-se flexível porque a própria vida *off-line* assim o é, afinal o jovem que vai à escola, segue para seu estágio, sai para namorar, estabelece relacionamentos familiares, dentre outras situações sociais as quais demandarão posturas e comportamentos, desde a forma de falar, até as conversas que traçar e a forma de se vestir particulares. Por isso, a identidade que se vive no mundo *on-line* não pode ser analisada e considerada de maneira a se desvincular com a *off-line*.

Um exemplo de como o mundo da internet pode operacionalizar distintos interesses e atividades é a construção da chamada página de abertura de acesso à internet. Neste espaço, o usuário escolhe um programa de navegação⁵⁴ e pode criar atalhos para os conteúdos mais acessados, na forma de “Favoritos”. A análise deixa perceber alguns dos variados e complementares assuntos e performances de vida que envolvem o sujeito. Segundo Turkle “um lar virtual, tal como um lar real, está decorado com objetos que compramos, criamos ou recebemos como prenda [presente]” (1997, p.387). Analisando minha própria página de abertura, percebo que tenho atalhos de acesso aos meus jornais preferidos, da mesma forma

⁵⁴ Consistem em programas que são instalados no computador e permitem o acesso à internet, uma vez que se possua conexão com esta. Alguns destes programas são o *Internet Explorer*, o *Mozilla Firefox* e o *Google Chrome*, entre tantos outros.

para o grupo de estudantes de Antropologia do Programa de Pós-Graduação do qual faço parte, e ainda atalho para páginas da internet sobre moda, muitas recomendadas por amigas, gastronomia e círculo de leituras de livros que não estão ligados apenas à minha formação acadêmica. Perfis nas redes sociais são facetas da identidade que coexistem não apenas no subjetivo, mas podem ser visualizados nas páginas da internet.

Analisando as formas que os sujeitos entrevistados possuem de divulgar, parcial ou integralmente determinados aspectos de sua identidade, retomo o trabalho de Serra (2006), o qual realizou estudo, conforme assinalado, em Portugal, de relevante contribuição à compreensão de algumas categorias acerca do nível de interferência que a internet pode possuir na construção das subjetividades. Serra demonstra a importância que a questão da identidade na internet desempenha para que distintas temáticas do comportamento individual possam ser interpretadas, inclusive quando estas se veem em caráter relacional com grupos. Por conseguinte, o autor argumenta que a identidade pode ser compreendida a partir da curiosa, interdisciplinar e, talvez por estas mesmas razões, pertinente proposta da heteronímia⁵⁵, o que levanta a proposta do autor para duas possibilidades sobre o estudo do sujeito, sua identidade e a relação com as redes sociais da internet.

A partir desta corrente de raciocínio, Serra declara que a internet permite a oscilação entre o individual e o coletivo, propondo a importância de esmiuçar o assunto da identidade⁵⁶ nas redes em dois momentos: 1) a primeira possibilidade trata-se de ser capaz, em uma espécie de jogo identitário, de despersonalizar com o intuito da criação de várias identidades. Logo, o sujeito não assume apenas um mesmo posicionamento, mas tem suas ações e posicionamentos orientados e determinado espaço e tempo. Neste ponto o sujeito reconhece em si as características em questão; 2) outra visão é a da internet como um meio exploratório das identidade, neste ponto, os indivíduos em interação com o grupo, e mesmo entre si, podem viver experiências em mundos contíguos, os quais podem estar mais ou menos separados entre si. Neste sentido, nem todas as experiências ou situações vivenciadas pelo sujeito são interpretadas como “suas”, pois estão muito mais atreladas a um plano de experiência, sem, necessariamente, comprometimento com o que auto reconhece.

⁵⁵ Remonta-se à ideia da poesia, dos autores fictícios que, entretanto possuem características marcantes. A heteronímia foi uma prática comum do poeta português Fernando Pessoa.

⁵⁶ Toma-se como identidade a proposta de Castells que a difere de papéis sociais. Para o autor, “as identidades organizam o sentido, enquanto que os papéis organizam as funções” (CASTELLS, 2001, p.29). Desta forma a primeira é constituída de fonte de sentido para os sujeitos, em busca de um auto-descobrimto e percepção individual perante um coletivo. Paralelamente, os papéis sociais são definidos como normas externas aos sujeitos e estabelecidas pelo social e suas instituições.

Reside no argumento acima, especialmente, a razão pela qual nem todas as pessoas vivenciam a sociedade da cibercultura da mesma maneira, uma vez que há filtros de conteúdos, interesses e estilos de vida, tanto os que são estabelecidos no plano do digital, quanto no *off-line*, entretanto, não se deve desconsiderar que, como o sonho e a linguagem, as redes sociais da internet e a possibilidade de estabelecer laços afins, parcial ou totais, com demais sujeitos e temáticas, são formas do indivíduo se autoconhecer, auto experienciar e aprofundar as ferramentas do pensamento e das situações de mundo, e, se os interesses e as escolhas e possibilidades são diversas, ao classificar, em uma visão pós-moderna conforme a que propõe Hall (2006), o sujeito como sendo múltiplo não implica, necessariamente, em dizer que este possui identidade múltipla, o que aí sim poderia estar enquadrado em alguma forma de distúrbio psicológico e social. Sobre estas características, a contribuição dos conceitos de performance, analisados com o escopo da construção identitária, conforme segue a este tópico, são de importância fundamental para destacar e perceber as multiplicidades de posturas, ações, modos de falar, de se vestir e, inclusive, de se auto reconhecer no mundo.

3.2 Práticas de performance e exercícios de sociabilidade nas redes da internet

O estudo da identidade leva a perceber que a partir do momento no qual a vida de grupos e a importância destes para a socialização começam a ser alvo de estudos, conforme retrata Simmel (2006), passa-se a desenhar uma perspectiva acerca das questões principais da vida do sujeito na sociedade e na vida individual. Entretanto a maior parte das pesquisas sempre deu um caráter mais psicológico para estas observações. Em contrapartida, Simmel (2006) aporta a necessidade de perceber a sociedade como um “sujeito com vida, leis e características internas próprias” (2006, p.40).

Dentro desta forma de análise, as ações da sociedade extrapolam o olhar individual e o que se percebe é um indivíduo pressionado por todos os lados, sejam eles impulsos, sentimentos ou pensamentos. Para perceber algumas nuances entre coletivo e individual, faz-se necessário compreender o sujeito como parte integrante de determinada massa, sendo esta a porta de entrada – o fazer parte – responsável para que o sujeito pertença a um ou mais grupos sociais.

Portanto, ao se tornar um sujeito (com)partilhado socialmente, diferenças e semelhanças caminham unidas, nas mais diversas formas, e esta é a principal razão pela qual cada individualidade é plural entre si, pois se o grupo externo é o mesmo, a questão interna,

complementada com outras características da trajetória de vida, não estão dispostas na mesma forma em todos os sujeitos. Sobre esta questão, o filósofo americano, de forte veia marxista, Marshall Berman (2007), salienta a importância que o início da modernidade teve na transformação da perspectiva sobre a religião e a filosofia, o que impactou na forma como o espaço e o discurso passaram a ser percebidos: dentro de uma concepção humanizada na qual o presente ganhou importância frente ao passado e ao futuro, uma vez que,

a moderna transformação, iniciada na época do Renascimento e da Reforma, coloca ambos esses universos na Terra, no espaço e no tempo, preenchidos com seres humanos. Agora o falso universo é visto como o passado histórico, um mundo que perdemos (ou estamos a ponto de perder), enquanto o universo verdadeiro consiste no mundo físico e social que existe para nós, aqui e agora (ou está a ponto de existir). (BERMAN, 2007, p.131)

Segundo a concepção defendida por Berman (2007), pode-se fazer parte de um grupo em alguns aspectos e, em outros, esse conjunto de interseção acontecerá com outro grupo. Daí porque um coletivo nunca pode ser compreendido de maneira uniforme e homogeneizado, uma vez que as características subjetivas interferem nas decisões, opiniões e práticas dos sujeitos. Um exemplo primeiro que pude perceber sobre isto, neste projeto, diz respeito à finalidade e as formas de interação dos entrevistados para com suas redes: enquanto uns se mostravam extremamente cautelosos, especialmente acerca das questões de privacidade e qualidade do conteúdo recebido, outros não percebiam grandes empecilhos ao usar as redes sociais em profundidade. A diferença foi reconhecida, inclusive, dentro dos relacionamentos de casais, fossem homos ou heteros. Lia, embora argumente não possuir muito tempo para as redes da internet, reconhece a importância que estas tiveram no fortalecimento dos laços de amizade:

não tenho muito tempo de entrar no meu *Facebook*, eu nem sei mexer direito. Eu também não sou uma pessoa de ligar muito para meus amigos, às vezes nem tenho o contato de todo mundo e acabei perdendo por alguns eventos da minha vida, mas acho um meio prático de saber como é que eles estão e tentar estar presente. Tento saber de alguma coisa, tento publicar alguma coisa, sem necessariamente ter que passar por ligar, aquela coisa mais formal.

Apesar de perceber um ponto positivo, Lia não consegue convencer seu noivo, também médico e com pouco tempo para lazer, a participar de qualquer rede social da internet e confessa:

fiz meu noivo entrar porque uma amiga dele pediu para ele entrar para saber como ele está, alguma notícia. Ele fez o *Facebook* dele, mas ele não entra, ele

é uma pessoa desligada, ele não curte estar entrando, comentando, ele diz: ‘Vou comentar pra quê?’. Não é o mundo dele, eu mostro algumas coisas do meu *Facebook* e às vezes eu digo para ele entrar, mas ele entra uma vez ao mês porque eu digo: ‘Olha, teu amigo ‘tá te perguntando isso’.

Danilo e Tadeu, apesar de acessarem suas redes sociais da internet com frequência também possuem comportamentos diversos: enquanto Tadeu conecta, especialmente para ver ou divulgar conteúdos profissionais, Danilo, majoritariamente, disponibiliza informações acerca de saídas com os amigos e festas que foi. Entrevistados em separado, os dois declararam que estas posturas tiveram que ser amenizadas ao iniciarem o relacionamento, pois antes publicavam muito mais estes conteúdos e o parceiro reclamava e demandava ora mais assuntos profissionais, ora mais assuntos de lazer. Atualmente, Tadeu argumenta que, ao postar assuntos pessoais prefere criar filtros para evitar a exposição, através da utilização de listas nas quais pode selecionar quais os contatos, presentes em sua rede, que terão acesso a determinada informação:

meu *Facebook* é bastante privado. Fotos e informações pessoais, só para meus amigos mais próximos, naqueles que confio, público em geral ‘tá bloqueado. E mesmo dentro dos meus amigos tem outra filtragem: tem álbuns que é só para um determinado grupo de amigos. Só assim posto fotos de aniversário, viagens, shows, reencontros de amigos.

A análise dos casos acima leva a perceber como esta pluralidade de características e qualidades podem ser tomadas como o fator principal que tornam o indivíduo único, tanto em sua vida *on-line* quanto na *off-line*. Acerca disto, Simmel relembra que

o indivíduo pode possuir tantas qualidades aprimoradas, altamente desenvolvidas, cultivadas quantas quiser – mas é justamente por isso que, quanto mais frequente isso se dê, tanto mais inverossímil será a igualdade e, portanto, a formação de uma unidade desse indivíduo com as qualidades dos outros. (...) Pode realmente acontecer que se fale com desprezo do ‘povo’ e da ‘massa’ sem que com isso o indivíduo se sinta atingido, pois realmente não é dele que se trata: quando se considera o indivíduo em si e em seu todo, ele possui qualidades muito superiores àquelas que introduz na unidade coletiva. (2006, p.47-48)

A afirmação acima ressalta muito bem porque há diferenças entre o sujeito indivíduo e o sujeito massa, pois se tratam de autoridades e níveis que, historicamente, provém de fontes distintas. Um sujeito indivíduo pode ganhar extrema notoriedade, significância e representação quando está apoiado sociologicamente na massa e são estes jogos sociais que fazem com que a massa, diferente do sujeito indivíduo, possua uma ideia preferencial e

dominante, que a impulsiona a um objetivo específico. No que tange ao indivíduo o que se percebem são múltiplas veredas na eventual construção da caminhada.

Edgar, por exemplo, declara que apesar de fazer parte de determinadas comunidades, não se identifica completamente com elas e justifica nas ações dos demais o motivo pelo qual isto ocorre:

o principal problema é a educação, quem não tem conhecimento sobre o assunto, já vem com uma ideia produzida. Essas comunidades, sobre homossexualidade, eu acho importante, acho interessante, o problema é que as pessoas que deveriam ter interesse nelas, em especial os homossexuais, não apenas os simpatizantes, ficam dizendo: ‘Ah, essa comunidade não tá babado’, daí não participam, não contribuem. Isso me deixa triste. Se fizer uma pesquisa nesses grupos essas pessoas estão mais para caçar, pra procurar alguém para o sexo ou para algum relacionamento e não para falar sobre a causa e lutar por direitos.

Desta maneira, conforme defende Simmel (2006), “Na verdade, porém, a massa não é essa soma, e sim um novo fenômeno que surge não da individualidade plena de cada um de seus participantes, mas daqueles fragmentos de cada um que coincidem com os dos demais” (2006, p.50). A interação social surge através de certos impulsos e/ou finalidades e, uma vez que a sociedade é composta, as motivações e buscas se inserem em determinados contextos sociais e daí surgem as matérias de sociabilidade defendidas por Simmel (2006) que compreendem

tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. (2006, p.60)

Por estas razões, pode-se afirmar que alguns aspectos do mundo, como o trabalho, o amor e a religiosidade, não são sociais e sim fatores de sociabilidade, que seria, então, a forma pela qual os indivíduos atuam em direção a uma unidade no bojo da qual os interesses são realizados e no qual é estabelecido o caráter que aquele ser terá na comunidade. Neste cenário é de extrema importância as capacidades de flexibilidade e de adaptação, de acordo com o que ratifica Bauman,

o bilhete de entrada para a nova elite global é a ‘confiança de viver na desordem’ e a capacidade de ‘florescer em meio ao deslocamento’; o cartão de sócio é a capacidade de ‘se posicionar numa rede de possibilidades, mais do que ficar paralisado num emprego em particular’; e o cartão de visitas é ‘a vontade de destruir o que se construiu’, ‘de abandonar ou dar’. (2008, p.54)

Considerando o caleidoscópio de características que um sujeito pode apresentar quando da construção de sua individualidade, considero pertinente compreender e analisar a riqueza de conteúdos, bem como o reconhecimento da existência de linhas de convergência e divergência a determinados assuntos, os quais permeiam a construção do social, no campo do coletivo em interação com diversas subjetividades, e da identidade subjetiva em relação com a pluralidade do social. Simmel (2006), em análise às proposições do filósofo Immanuel Kant, o qual se concentrou nos estudos da ética, da estética e da epistemologia, determina que cada um tem sua porção de liberdade à medida que o outro pode também ter a sua. Logo, a sociabilidade cria um mundo ideal no qual os sentimentos do indivíduo, sejam eles de alegria ou tristeza, por exemplo, estão intimamente ligados com o que o coletivo do qual faz parte sente. Este é um dos motivos pelos quais o presente na modernidade e na pós-modernidade é muito mais amplo e acaba trazendo o domínio sobre passado e futuro, “Na verdade, não ficamos órfãos nem do passado nem do futuro, pois as relações com essas coordenadas adquirem nova relevância à medida que o presente amplia seu domínio” (LIPOVETSKY, 2004, p.66).

Percebo que, no campo das interações sociais, o advento das tecnologias determinou novas formas de relações de sociabilidade às quais não podem mais ser cartesianamente alocadas em simples faixas etárias e sexualidades, pois mesmo estas características consistem em terrenos de forte efemeridade e transitabilidade, pois estão intimamente vinculadas com questões comportamentais e de posturas de vida, uma vez que neste jogo social, os fatores de atração e os catalisadores de interesse provêm de pontos os mais diversos possíveis.

O sentido de mundo sociologicamente ideal é necessário para que haja uma sensação de que, em parte, as pessoas são iguais e possam interagir estabelecendo laços de sociabilidade. Este cenário pode ser considerado como uma espécie de jogo, o que não implica em um rótulo de mentira, uma vez que passa a ser guiado por intenções. Retomando à entrevista com Edgar, ao formular as primeiras perguntas de identificação, pude perceber alguns traços desses interesses de sociabilidade aos quais Simmel se relaciona. Reconheço Edgar como um jovem de pele branca, olhos castanhos e cabelo escuro, entretanto, ao perguntar como o entrevistado definia sua cor, argumentou:

a título de ego, me identifico branco, mas branco nessa palidez, nessa brasilidade que corre no meu sangue: minha mãe é ruiva (descendente de alemão) e pinta o cabelo de loiro e meu pai é negro. Nessa mistura tem uma brasilidade linda entre eu e meus irmãos. Apesar de ser esse branco azedo, eu gosto de me intitular pardo, meus amigos dizem: ‘Tu és branco, do cabelo

preto, da barba ruiva'. Eu tenho o direito de me intitular pardo porque meu pai é negro e minha mãe é branca, eu não deixo de ser filho de negro.

Intrigada com aquelas primeiras respostas insisti e perguntei: “Mas por que, pelo teu ego, te intitulas branco?”. Edgar foi direto: “Porque eu gosto de ostentar uma riqueza que realmente não existe, sou de classe média baixa⁵⁷”. Continuei a provocação ao interlocutor: “Gostas de dizer que és filho de uma descendente de alemão?”. Ao que respondeu:

adoro, digo pra todo mundo, aí dizem: ‘Olha, toda rica, toda trabalhada na riqueza’, mas aí eu digo: ‘Ah, mas ela casou com um preto, ‘tá meu bem?’. Hoje em dia, com mais maturidade, já aceito meu pai ser negro, mas quando criança achava que tinha um sobrenome pobre e comum: o do papai. Sempre achei que queria ser diferente.

Questionei como o entrevistado se definia na internet, em termos de cor de pele:

sempre dizia que era branco até porque, visualmente, eu sou branco. No começo dizia ou a verdade ou uma visão mais europeia, tipo branco, loiro, dos olhos azuis. Faço parte até hoje de comunidades alemães na internet, tipo ‘Eu tenho sobrenome alemão’. Não faço parte de nenhuma comunidade negra, eu omito, suprimo essa parte.

Ao longo da fala de Edgar pude perceber quão superficial pode ser a leitura de uma imagem, de uma aparência, uma vez que esta não apenas carrega as nossas impressões, mas as percepções daquele que entra em contato comigo. Talvez não desconfiasse que Edgar tivesse um pai negro e por isso jamais conseguisse entender o orgulho que o entrevistado possui de sua descendência alemã, para omitir as outras práticas que fazem parte de sua trajetória de vida. A própria construção de imagens muitas vezes gera polêmicas no que diz respeito ao contexto da pós-modernidade, suas intenções transitórias e das impressões simbólicas e de identidade que concedem aos seus interpretantes, sobre isto, os pesquisadores em Comunicação Social, Iluska Coutinho e Potiguara Mendes da Silveira Jr. (2007), relembram Platão na defesa da premissa da imagem e argumentam que,

para evitar uma condenação última às imagens do presente, e resgatar sua potencialidade como portadoras de identidade e força simbólica, vale recorrer aos dois conceitos de Verdade em Platão, que destaca o jogo/negociação entre a Verdade Lógica (adequação, correção) e a Verdade Estética (*alethéia* ou desocultação, revelação, ser antológico). Para o filósofo grego, independente da adesão ou utilização de um ou outro conceito, a Verdade tem que estar ligada ao Todo, à unidade, ao *Hólon*; ao passado, presente e futuro e, no

⁵⁷ Mesmo não adotando a classificação das classes sociais em valores étnicos e econômicos, e sim na concepção de Bourdieu, conforme detalhei no primeiro capítulo, Edgar incluiu, em sua própria fala, por decisão espontânea, este marcador, tendo como base questões étnicas.

âmbito da reflexão proposta nesse texto, pode estar em imagens produzidas em diferentes tempos e narração delas nos processos de construção de memórias e identidades. (2007, p.117)

Destarte, o simples ato de se estabelecer conversa é fundamento de sociabilidade entre indivíduos que se unem a partir de laços de amizade, buscas comuns ou mesmo do afastamento daquilo que não pode ser envolvido pela prática da busca do sujeito quando no exercício da sociabilidade. A temática foi alvo dos estudos de cultura material de autores como Gell (1992; 1998) e Miller (2000), a qual será analisada, em profundidade, em capítulo seguinte. Saliento que uma conversa sociável também pode funcionar como “armadilha” que atrai e “prende” pessoas. Seja pelas imagens, músicas ou textos capazes de acionar práticas e interesses específicos como formas do sujeito se autoafirmar, descobrir-se e se relacionar. Ao tomar como base as entrevistas realizadas, pude perceber a frequência que esta situação acontece, a partir do significativo número de interlocutores que, nas falas, confessaram perder mais tempo do que consideravam necessário nas redes da internet. A própria apresentação estética na internet desempenha papel importante, no sentido de conectar e incrementar a interação entre sujeitos, uma vez que “representa uma tentativa de alinhar em tempo e em espaço o criador da *web* e o potencial usuário, de modo que cada um possa, no caso, entrar ao lado um do outro no ciberespaço” (MILLER, 2000, p.17).

Seguindo as observações acima, pode-se considerar que o sociável ganha força quando o indivíduo é capaz de diluir sua narrativa particular no coletivo. Logo, passa a haver o compartilhamento de histórias, opiniões, vivências, angústias, alegrias, dúvidas dentre outras formas de interação humanas. Marcelo, por exemplo, afirma que as redes sociais das quais faz parte na internet estão influenciando de maneira considerável a escolha que terá que fazer ao fim do ano sobre que curso universitário escolher e justifica seu interesse em falar com pessoas de regiões diversas, mesmo que não as conheça pessoalmente, como principal forma de obter conhecimento de mundo e formar sua própria opinião:

prefiro falar com pessoas das regiões as mais diversas possíveis pra compreender vários pontos de vista sobre política e outras coisas e assim ter a minha. Essas redes também estão influenciando muito em que carreira eu quero seguir. Eu tenho pesquisado bastante sobre como pagar, onde estudar, quais faculdades são boas.

O relato acima lembra-me de que as redes podem tanto operar sobre coisas imediatas, como qual bar está na moda para sair no fim de semana, conforme detalhou Marcelo, quanto acerca dos aspectos que poderiam influenciar na escolha profissional. Apesar dos pontos positivos advindos com a prática da sociabilidade, gostaria de fazer algumas ressalvas. A

primeira delas diz respeito à questão do indivíduo necessitar se adequar, transformando-se, para que possa viver segundo um contexto e um modo de vida relacionado com as demandas de específico grupo social. Esta transformação pode acarretar mudanças nos valores do próprio sujeito, considerando ser necessário que a vida deste caminhe de maneira mais ou menos coordenada com os preceitos do coletivo. Caso isto não ocorra, as forças da sociabilidade não poderão operar.

Rodrigo, por exemplo, diz que apenas procura na internet assuntos relacionados à sua profissão e sobre pornô “porque todo mundo gosta”, mas afirma que, para fazer parte destes grupos de sua vida *on-line* sem perder os da vida *off-line*, necessita tomar algumas precauções, a exemplo do que, anteriormente, foi trabalhado nos estudos de Sedgwick (2007) acerca dos armários sociais:

na comunidade de pornô, a gente muda nome, inventa e-mail falso para se cadastrar, para receber fotos. Não sei por que não posso de jeito nenhum assumir quem sou, talvez porque sou uma pessoa pública. Professor que vê pornô pode virar *hit*⁵⁸, melhor eu não arriscar. Alguém iria te criticar porque pessoa pra te criticar tem um monte todo dia.

A sociabilidade deve ser igualmente compreendida em sua virtude ética, uma vez que é a característica responsável por fazer os indivíduos interagirem e se retirarem, ainda que em termos momentâneos, de possíveis ilhas de isolamento social. Vinícius, que se percebe uma pessoa séria e por vezes um pouco fechada, relembra a importância que as redes sociais da internet tiveram em sua vida atual, tanto no que tange ao relacionamento afetivo quanto aos de amizade:

eu ‘tô namorando, conheci minha namorada no *Facebook*, a gente tá há oito meses direto, então isso já é alguma coisa muito significativa. Também é importante pelos meus amigos, porque quando a gente ‘tá distante um do outro, a gente marca as coisas pelo *Facebook*, faz trabalho no *Facebook*. Mas fico mais por lazer no *Facebook*, só procuro as coisas que me interessam. Questões do profissional eu não chego a procurar, mas procuro coisas que talvez me formem.

Os grupos, tanto na vida *on-line* quanto na *off-line* são formados de acordo com preceitos de liberdade, os quais envolvem a junção ou separação de coletivos, de acordo com seus interesses e, conseqüentemente de acordo com os sujeitos que deles fazem parte e que coordenaram seus valores e buscas. Estas relações interacionais entre indivíduos “fornecem

⁵⁸ A palavra aqui foi empregada no sentido de chamar a atenção, de se transformar em notícia.

uma miniatura do ideal de sociedade que se poderia chamar de liberdade de associação” (SIMMEL, 2006, p.78).

Neste “jogo de faz de conta” (SIMMEL, 2006, p.71) para que não haja a impressão ao sujeito de que ele está se relacionando com falsas práticas é importante a manutenção de certos vínculos com a realidade, com o intuito de romper esta impressão. Desta forma, os laços entre as práticas sociáveis e o que acontece no plano *off-line* devem ser mantidos para que a relação estabelecida não perca sua funcionalidade. É necessário, então, que o sujeito não se questione se aquelas situações são reais, pois aquelas situações de fato são reais e não haveria, portanto, a necessidade da indagação. Caso esta desconfiança ocorra, os laços de sociabilidade entre os indivíduos passam por tensões e muitas vezes não podem ser recuperados. Segundo as observações de Simmel,

a partir desse contexto torna-se evidente que as pessoas reclamam, com e sem razão, da superficialidade das relações sociais. Certamente um dos fatos mais importantes da existência espiritual é que, quando retiramos qualquer elemento da totalidade do eu os fechamos em um reino à parte organizado em suas próprias leis, e não nas leis do todo, esse reino, apesar de toda sua perfeição interna, pode mostrar um caráter vazio e suspenso no ar, exatamente por sua distância de toda realidade imediata. (2006, p.80)

Sobre esta questão saliento os novos estilos de vida que a tecnologia trouxe no qual, como debatido anteriormente, faixa etária e sexo não podem ser tão superficialmente interpretados, há a necessidade de revisão de conceitos. É no campo da vida cotidiana, conforme relembra Martín-Barbero (1995), que ocorre a produção de conhecimento e a própria troca e produção de sensibilidade, os quais Simmel (2006) classifica como sociabilidade entre os indivíduos. Daí a necessidade do estudo da comunicação, seja através de sujeitos, seja através dos meios de comunicação, como a internet. Wolton (1999) trabalha esta análise quando salienta que o ato de comunicar é, essencialmente, um fazer antropológico, desta forma os ideais de troca e compreensão comunicativa não só transformam sujeitos como a própria sociedade.

Vinícius acrescentou, juntamente com a observação anterior, acerca de seu relacionamento afetivo nas redes sociais, reconhecer que algo em si é transformado quando se comunica na internet e que isto não apenas é reconhecido pelos demais como por ele próprio. Entretanto, o interlocutor não considera isto uma razão para se definir como um sujeito diferente nos planos *on-line* e *off-line* apenas trata-se, de acordo com sua declaração, de adaptações de suas práticas para contextos específicos:

Nas redes sociais eu sou um pouco mais sério porque, pelo fato de conhecer muitas pessoas que usam as redes sociais, elas acabam vendo o que eu escrevo, o que eu publico. Muitas pessoas que me conhecem pela internet, quando me conhecem pessoalmente dizem ‘pô, eu te achava metido’, por isso me considero diferente. Às vezes, na internet, eu tenho um pouquinho mais de tempo, ‘tô, por dentro, mais feliz, porque não ‘tô me preocupando com trânsito, engarrafamento, trabalho, que é quando eu fico com raiva, cara fechada, chateado no cotidiano. Então como já venho com trauma do *Orkut*, por conta de umas fotos e coisas que eu publicava e que as pessoas reclamavam, tento não abrir brecha para fazer de novo. Só coloco foto engraçada e “marco” quando é com meus amigos, não “marco” quem não conheço. Tem umas fotos lá que só amigos meus podem ver.

A questão trazida por Vinícius envolve não apenas aspectos de sociabilidade como também de performance, categoria esta a ser aprofundada no próximo tópico de análise. Considero pertinente assinalar que, se existe o conflito é porque o indivíduo traz em si a própria sociedade e esta é conflituosa, esta é diversa e suas comunicações são intensas. Wolton ainda questiona se a internet de fato permite o exercício da individualidade, pois, conforme assinala,

esta rede, que hoje fascina, ilustra sem dúvida melhor as expectativas e as esperanças, significa, na realidade, pelo sufixo ‘net’ a rede; e Webs, a ‘teia de aranha’. O que simboliza o aparecimento da liberdade individual designa, na realidade, um fio, uma teia de aranha. Quer dizer que toda a gente, intuitivamente, se quer libertar. E quem diz teia de aranha ou fio, diz alguém que o atira e que o apanha. Quem apanha aqui? E o que é que se apanha? A quem aproveita? (1999, p.232)

Esta rede de significados, conforme já exposto anteriormente, está embasada nas proposições de Geertz (1973) ao fundamentar a importância que as convenções culturais determinam naquilo que se representa, simboliza e sofre interação no campo do social. Através da cultura, há o compartilhamento do sistema simbólico externo que irá operar no subjetivo de cada sujeito alocado em determinado contexto e que compartilhe determinados valores de cultura. Desta maneira, a ordem e o significado são responsáveis por ordenar as interações humanas, daí a razão pela qual Geertz (2008) salienta que não se podem compreender ações como o encadeamento de formas puras, uma vez que estas estão vinculadas com ações simbólicas de significado construído e partilhado a partir de uma teia cultural contextualizada. Sendo assim um produto de experiência coletiva, a cultura é tão responsável por estimular formas de ação, mediante o significado que se deseja conferir, o qual é partilhado pelo coletivo, quanto de sofrer alteração a partir das relações sociais entre os

sujeitos que operam com esta. É na experiência que os significados culturais podem ser percebidos, inclusive quando estes atuam no plano do subjetivo de cada sujeito.

Desta forma, a experiência se constitui, a partir do fundamento de Geertz (2008), como o conjunto de formas pelas quais o indivíduo pode operar e se relacionar com os demais, consigo e com sua realidade. A variedade de signos representa a diversidade de significados que os comportamentos possuem, uma vez que são construídos a partir da teia da cultura com a qual estão conectados e são partilhados por um coletivo. Isto posto,

o que nos permite falar desses indicadores em uma linguagem comum e de uma forma útil, e o fato de que todos registram uma sensibilidade comunitária, ou seja, que representam, para todos que participam daquela comunidade, uma disposição de espírito comum. (GEERTZ, 2008, p. 23)

Logo, é necessário ressaltar alguns atrativos que o discurso pode fazer uso na captura da atenção e do envolvimento do sujeito, para que este imerja nas trocas sociais, nos relacionamentos, na comunicação e na autoafirmação. Estas práticas podem acontecer tanto em seu relacionamento da sua subjetividade, da sua identidade, com o Outro, quanto em suas interações com os próprios meios de comunicação. Estes meios de interação trazem consigo uma gama de tecnologias as quais permitem novas formas de práticas de sociabilidade, na qual a desterritorialização e a mobilidade são as principais palavras na compreensão desta conjuntura a qual envolve, inclusive, o campo da internet.

A identidade deve passar a ser vista, conforme detalha Giddens, dentro de sua própria construção reflexiva e da “pluralidade de escolhas que confronta os indivíduos nas circunstâncias da alta modernidade” (2002, p.81) e que destas derivam várias influências. Daí a razão pela qual o estado principal da “matéria” da modernidade passa então a ser o líquido, carregado de suas possibilidades, de seus “vir a ser”, de seus recentes passados e combinações plurais, nos quais a sociabilidade se adequa a estas conjunturas uma vez que seus sujeitos dela fazem parte com a “pluralização de mundos de vida” (GIDDENS, 2002, p.81) no qual a identidade passa a ser não apenas o que o sujeito é, mas também com quem o sujeito se relaciona ou sobre o quê o sujeito fala, faz e com quem o fala, faz. Todo seu entorno e seus vínculos interacionais, sejam eles do mundo *off-line* e do *on-line* são reforços para sua identidade. De acordo com o pesquisador social, Valdir José Morigi, concentrado, principalmente, nas pesquisas acerca das representações e da gestão da mediação e da informação,

nos contextos das sociedades industriais e das pós-industriais, as representações sociais assumem um caráter móvel, plástico e circulante. Ao

mesmo tempo em que elas surgem, podem desaparecer. Em diversos campos (político, religioso, científico, entre outros), muitas delas não conseguem sequer se sedimentar, pois o seu tempo de duração (existência) não as deixa se transformarem em tradições imutáveis, o que mostra o seu caráter altamente dinâmico. (2004, p. 04)⁵⁹

Por esta razão as análises realizadas neste estudo são levadas a cabo mediante a consideração de que sujeitos partilham afinidades e posturas contextualizados em tempo e espaço, uma vez que, em cada situação podem ser estabelecidos papéis diferenciados, conforme proposto por Simmel (2006). Esta adaptação de práticas está relacionada com a citada liquidez do mundo pós-moderno, uma vez que “como tudo o mais, as identidades humanas – suas autoimagens – se dividiram em coleções de instantâneos, cada uma tendo que evocar, carregar e expressar seu próprio significado, muitas vezes sem se referir a outros instantâneos” (BAUMAN, 2008, p.115). Desta maneira, uma das categorias principais deste estudo consiste na análise das práticas de performance nas redes sociais da internet e as formas que estas possuem de se constituírem, bem como serem reflexos, da construção das identidades dos sujeitos, conforme será analisado no próximo tópico.

3.3 Performance e identidade

Se o sujeito possui maneiras diversas de se relacionar com o Outro, a partir de intencionalidades e contextos distintos, entre as principais características de comunicação da internet como formas de estabelecer laços com o social, destacam-se o textual e o imagético. As práticas de performance podem ser percebidas pelos gestos, posições corporais, cenários etc., os quais podem estar presentes e serem visualizados através das fotos, por exemplo, que os sujeitos disponibilizam nas redes sociais. Serra destaca que, é justamente na performance, e na possibilidade do anonimato que as redes sociais podem conferir, que surge a grande questão do “dizer-se o que se é e ser-se o que se diz, e dizer-se o que se não é e ser-se o que se não diz” (2006, p.15). A observação faz referência aos questionamentos do senso comum de que nem sempre os sujeitos expressam aquilo que realmente o são ou pensam nas redes sociais.

Muitas vezes o conflito se estabelece na tentativa de verificar se há simulação ou autenticidade no que é vivido no ambiente da internet. Serra (2006) chama a atenção para

⁵⁹ Disponível em <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em 26 de Jun. 2011.

duas possibilidades de posturas identitárias na internet, quando de seus impactos no social e no próprio sujeito: a primeira possibilidade diz respeito àqueles que não encontram na simulação um caminho seguro para as trocas e para o convívio social de forma a garantir interação social. Sobre o grupo dos temerários às representações sociais na internet Serra destaca:

na medida em que põe em causa a credibilidade sem a qual não pode haver verdadeira interacção pessoal; uma posição que Slater exprime através da seguinte interrogação: “em que base se poderá acreditar que alguém *on-line* é quem pretende ser; e podem as relações que são atormentadas por este grau de dúvida (ou de simulação) ser tratadas como relações sérias e ‘reais’? (2006, p.16).

Lia e Carla, argumentaram que, apesar de fazerem uso das redes sociais da internet não confiam que as práticas presentes na vida *on-line* se assemelham ou podem substituir certas práticas da vida *off-line*. Lia, por exemplo, declarou que, apesar das redes a manterem informada sobre o que acontece na vida de seus amigos, não acredita que uma amizade possa ser mantida apenas com as trocas da internet. Carla acompanha esta opinião quando declara que certas coisas “mais sérias”, como um relacionamento amoroso, não podem existir apenas na internet, pois é muito fácil falsear e enganar a outra pessoa, especialmente pelos maus entendidos gerados por uma comunicação intermediada por computador, na qual gestos e olhares acabam sendo suplantados por letras e desenhos que tentam imitar expressões humanas como sorrir, chorar e gritar. Carla afirmou:

uma coisa é estar falando com a pessoa frente a frente: tu falas algo e a reação da pessoa é uma. Na internet tu não vês a reação da pessoa, acaba sendo um comportamento diferente. Acho que na internet tenho menos tato para falar com as pessoas, eu acabo falando o que eu quero falar.

Quando indaguei se havia algo de diferente nas pessoas que frequentam a rede naquilo que elas apresentam no plano *off-line* e no plano *on-line*, Carla declarou:

ah, isso acontece com muita gente. Eu mesma sou muito superficial e muitas pessoas acabam sendo pelo mesmo motivo que eu: para se manterem preservadas, qualquer coisinha que você mencione, se a pessoa interpretar de outro jeito, pode ter uma repercussão muito aquém ou além do que tu esperava. A rede acaba te protegendo para ser uma outra pessoa.

A segunda possibilidade da qual trata Serra (2006) diz respeito a um comportamento oposto ao planteado na situação primeira. Classificados como os “ciber-libertários”, tratam-se de pessoas para quem a proposta da simulação de comportamentos sociais na internet é o

canal de permissão para experimentar identidades distas àquelas vividas no mundo *off-line*. Associam-se ideias de liberdade, expressão e aprofundamento de vivências culturais sem o congelamento de situações únicas, inclusive passíveis da experimentação de existência em outros corpos, com outras raças, outros sexos e outros gêneros que não aqueles vividos no cotidiano *off-line*.

Assim, para os ‘ciber-libertários’, enquanto que o *off-line* seria o espaço e o tempo em que cada um de nós estaria amarrado ao que ‘é’, com tudo o que tal implica em termos de preconceitos, hierarquias e repressões, o *on-line* seria o espaço e o tempo (virtuais) em que cada um poderia – e deveria – ser tudo o que não é *off-line* mas que, secretamente, desejaria ser: homossexual (se heterossexual), mulher (se homem), violento (se pacífico), e assim sucessivamente. Neste sentido, o *on-line* seria não propriamente um espaço e um tempo de ‘simulação’ mas até de maior autenticidade. (SERRA, 2006, p.16)

A experiência acima retratada por Serra foi percebida nas entrevistas de Rodrigo, que, conforme exposto anteriormente, simulou a vivência de outras sexualidades em redes da internet. Além disto, Edgar declarou que boa parte das dúvidas que tinha sobre ser homossexual foram, para ele, esclarecidas no que lia e nas comunidades das quais participava na internet, ainda que sua família não soubesse disso. Pude perceber, ao longo das entrevistas que as situações descritas apenas foram possíveis pois dois interlocutores, neste caso, são sujeitos que possuem redes da internet altamente sociabilizadas e com grande fluxo de acesso, publicação de fotos, de informação e de contatos em suas redes. Conforme relembra Rodrigo:

Facebook pra mim é praticidade, em especial para o trabalho de professor, tipo acessar conteúdo para uma aula, fóruns de discussões, dicas para debate. Nas minhas relações a praticidade é para entrar em contato com as pessoas. Eu sou uma pessoa com muita facilidade para se relacionar, alguns alunos acabam virando bons amigos a partir do contato nessas redes da internet. Tenho duas classes de pessoas nessas redes sociais: uma é família e a segunda categoria são os alunos e amigos. O *Facebook* me ajuda a saber mais coisas sobre o que acontece com a família, para mostrar que a família está presente.

Apesar das ideias planteadas por Serra (2006) contribuírem ao aprofundamento das questões sobre identidade, uma vez que reconhece que nem todos se comportam da mesma forma quando acessam a rede mundial, o que penso ser mais adequado é ressaltar alguns pressupostos acima, uma vez que não generalizo o fato de todos os sujeitos terem sempre os mesmos comportamentos e pertencerem estritamente a um grupo ou ao outro. Ao contrário, a proposta que faço é a de plantear não a dualidade de opostos extremos, mas percebê-los como esferas complementares e transitórias, uma vez que, a partir de determinado contexto

acionado, o sujeito poderia fazer mais uso de quem é, quanto de quem almeja ser, levando-se em consideração que quase sempre nos projetamos sobre algo que está mais ou menos passível de realização imediata.

Isto posto, o critério de “realização” pode acontecer ainda no plano das ideias, o que pode satisfazer o sujeito e ser capaz, igualmente, de interferir em quem este é e nas múltiplas identidades que formam a sua totalidade, enquanto indivíduo único no coletivo, se bem capaz de se assemelhar, em alguns pontos, com alguns coletivos. Desta forma, considero oportuno trazer para o embasamento destas ideias o argumento defendido por Turkle (1997), quem percebe o cenário não como grupos classificatórios de identidades digitais e identidades concretas, e sim como fronteiras permeáveis⁶⁰ e em contato contínuo na configuração do que somos e de como expressamos nossa(s) identidade(s) e alerta:

a noção de que ‘somos aquilo que fingimos ser’ tem uma ressonância mítica. A história de Pigmalião⁶¹ perdura porque traduz uma fantasia poderosa: a de que não estamos limitados pela nossa história pessoal, e podemos recriar-nos a nós mesmos. No mundo real, vibramos com as histórias de pessoas que transformam a si próprias radicalmente. (TURKLE, 1997, p.284)

Seguindo esta lógica, conseqüentemente,

ao criar diversas identidades fictícias, ele pode, duma forma mais controlada, realizar experiências com diversos conjuntos de características e ver onde é que estas conduzem. Ele tem ainda a possibilidade de ver onde é que estas conduzem. Ele tem ainda a possibilidade de fazer-se passar por mulher, algo que lhe seria muito mais difícil na vida real. Cada uma das suas múltiplas identidades virtuais possuía sua própria independência e integridade (...). Desta forma, estabelece-se uma relação entre as diferentes personagens por ele interpretadas; cada uma delas é uma faceta de si próprio. (TURKLE, 1997, p.281)

⁶⁰ Turkle utiliza o termo “permeabilidade da fronteira entre o real e o virtual” (1997, p. 367) e, em seguida, pontua que, “a um nível mais geral, são cada vez mais vulgares as janelas de conversa, através das quais diversos colaboradores ‘falam’ enquanto revêm documentos comuns, tomam notas em ‘quadros brancos’ comuns e manipulam dados comuns” (1997, p. 367), em exemplificação de como as duas esferas, a digital e a concreta, estão interligadas e operam não de maneira isolada no tempo, mas sim, inclusive, concomitantemente.

⁶¹ A lenda de Pigmalião e Galatéia é oriunda da ilha de Chipre. No mito, Pigmalião é um escultor local que, escandalizado pelo comportamento indecente das mulheres de Chipre decide isolar-se e imergir-se em seu trabalho. É então que esculpe a imagem de uma mulher em marfim, para fazer-lhe companhia. A escultura mostrou-se tão bonita e atraente que Pigmalião acabou por se apaixonar por esta, dando-lhe beijos, roupas e joias. A situação acabou por atormentar-lhe a tal ponto que, em uma celebração em honra à Afrodite, Pigmalião suplicou que a Deusa lhe permitisse encontrar uma mulher semelhante à escultura que tinha feito. Afrodite, em resposta ao pedido decide transformar a estátua de marfim em mulher real e, com ela, Pigmalião tem dois filhos: um filho homem, Pafos, e uma filha mulher, Metarme.

É importante destacar que, apesar de Turkle (1997) utilizar a palavra “personagem”, a autora não deixa cair no uso de algo não real e meramente imaginado, mas sim como algo que se complementa e compõe a identidade principal. Esclarecido este ponto, a visão da autora se enquadra mais na proposta a qual identifico este estudo e da compreensão das análises de campo. Reconheço que estas proposições, ainda que mais oportunas à visão da presente pesquisa, podem ser alvo de crítica ou ressalva, parcial ou total, uma vez que o trabalho de campo é uma situação contextualizada e específica e aberta a diferenciações em relação à teoria. Isto posto, o ponto teórico básico proposto é o da internet enquanto facilitadora de experiências e construções que complementaríamos o sujeito, mais do que autenticá-lo ou destacá-lo como uma fraude do subjetivo, afinal de contas os jogos identitários passam por inúmeras desconstruções no processo fluido de sua construção. Esta é a razão pela qual, ao entrar na internet, o sujeito pode ser muitos ao mesmo tempo em que continua sendo único, característica marcante da sociedade da informação e da pós-modernidade, conforme Hall (2003a, 2003b) sublinha em suas análises do comportamento e da identidade plural, fluída e múltipla que culmina, pelo menos até o presente momento, com a pós-modernidade.

Desta forma, o que podem parecer comportamentos contraditórios, muitas vezes tratam-se de atitudes complementares ao sujeito, uma vez que a virtualidade, apesar de possuir símbolos com aspectos culturais e de interação próprios, ainda trazem consigo aspectos que nos são familiares, o que é fundamental para que não haja um total estranhamento entre a esfera concreta e a digital de mundo, desta forma, segundo Turkle:

no ciberespaço, centenas de milhares, talvez já milhões de utilizadores criam personalidades *on-line*, personalidades essas que vivem num grupo diversificado de comunidades virtuais onde a formação rotineira de identidades múltiplas abala qualquer noção dum eu real e unitário. E, contudo, a noção de realidade contra-ataca. Os indivíduos que vivem vidas paralelas no ecrã não deixam por isso de estar limitados pelos desejos, pela dor e pela mortalidade da sua pessoa física. As comunidades virtuais proporcionam um novo e dramático contexto para pensar acerca da identidade humana na era da internet. São espaços para descobrir o significado experiencial duma cultura da simulação. (1997, p. 400)

Acrescento ainda, acerca das afirmações dos interlocutores ao se autoreconhecerem coerentes em suas ações *on-line* e *off-line*, a partir da proposta de Foucault (1979, 1984) sobre a noção de poder exercida pelas formas de controle e de vigilância de uns para com os outros, bem como a de si próprio, uma vez que em várias situações olhamos para nós como se fossemos os outros que nos observam e julgam. Lúcio declarou até reconhecer alguns traços

diferentes, mas não reconhece nisto uma mudança em sua identidade: “Acho que acabo falando mais do que eu penso no computador do que na vida real. Acaba fluindo com mais natureza, não sei como explicar, até porque muitos dos assuntos que eu falo na internet, que eu já li sobre, eu converso mais com o pessoal da internet, não da vida real”. A declaração do entrevistado leva-me a reconhecer como a identidade pode ser fluida mediante o ambiente, neste sentido o território praticado, das redes relacionadas, levando a uma ou outra oportunidade de exercício de performances específicas.

Daí porque nem todas as pessoas declaram serem tão diferentes, nas simulações do digital, do que realmente o são no plano da vida concreta, o que não quer dizer que, nas interações da vida *on-line*, bem como acontecem nas da *off-line*, determinados aspectos sejam ressaltados em detrimento de outros. Talvez resida na possibilidade da esquematização das situações, vistas de maneira mais didática do que no imediatismo sem registros tecnológicos, para além da memória, que se possa melhor vislumbrar os plurais desdobramentos que o Eu pode assumir e que acontecem na vida concreta e na digital.

Quando fazemos com que a nossa identidade do MUD⁶² ‘exprima’ algo e observamos o respectivo efeito, será que adquirimos uma melhor compreensão das nossas verdadeiras emoções, que não podem ser activadas e desactivadas tão facilmente, e que, por vezes, não conseguimos se quer descrever? Ou será que o comando ‘expressar’ e tudo o que ele simboliza não são mais do que reflexos daquilo a que Fredric Jameson⁶³ chamou o esvaziamento do afecto na vida pós-moderna? (TURKLE, 1997, p.380)

Os questionamentos acima permitem uma reflexão que considero complementar e de valia às análises realizadas: será que o que exprimimos na internet e em suas redes sociais possuem relação com um aprofundamento e uma busca pelo autoconhecimento ou se o que fazemos é superficializar e esvaziar nossos mundos em ações mecânicas e artificiais, por meio da tecnologia? A resposta para tal questionamento talvez não exista de maneira permanente e sim como uma resposta transitória e contextualizada. No capítulo seguinte serão realizadas reflexões acerca da interação e influência construída entre sujeitos e objetos, tendo como base o enfoque da cultura material.

⁶² Do termo em inglês “*Multi User Domain*”, que caracteriza domínios que podem ser utilizados publicamente e por diversos usuários, como é o caso das redes sociais da internet.

⁶³ Crítico americano literário e política que trabalha em suas obras, a preocupação com a modernidade, pós-modernidade e as questões que estas trazem e suas consequências.

4. CULTURA MATERIAL DAS REDES SOCIAIS DA INTERNET

“Vivo a minha vida em círculos cada vez maiores
que se estendem sobre as coisas.”
(Rainer Maria Rilke)

Este capítulo tem como um de seus principais objetivos, analisar a questão do fluxo de informações que circula nas redes sociais da internet, percebendo-as não apenas enquanto plataformas, mas enquanto tecnologias de encantamento, as quais motivam atitudes tanto de autonomia quanto de envolvimento com os sujeitos. Destarte, considero necessário realizar um questionamento inicial acerca dos impactos trazidos a partir desta interação. Sobre isto, destaco a pesquisa realizada por Miller (2000), acerca da utilização das páginas da internet entre adolescentes de Trinidad e Tobago. Segundo este autor, o objetivo principal do uso desta ferramenta era o de criar um circuito social no qual sua fama cresça à medida que cresce a fama de seu *site* entre seus afins. Consequentemente, mais do que o apelo estético, Miller destacou o interesse no crescimento dos comentários dos visitantes às páginas, o que pode ser interpretado como o fortalecimento dos laços de sociabilidade.

De acordo com o que Miller (2000) destacou em sua pesquisa, os *sites* incrementaram os circuitos de interação, nos quais uma página, através de um *link*, servia de apoio a outros. Miller ainda classificou a experiência de acessar a internet e suas páginas como uma armadilha, uma vez que visitados tantos *links* o sujeito muitas vezes pode se questionar qual era o ponto de partida quando sua ação teve início, podendo-o levar a caminhos que fogem àqueles planejados e previstos inicialmente. Isto posto, destaco que ao longo da pesquisa de campo que realizei, muitos interlocutores declararam ser a abundância de informação disponível na rede um dos quesitos responsáveis por levar ao que alguns classificavam como um sentimento de desespero, uma vez que reconheciam a tentativa, nunca conclusa, de se querer acompanhar, amplamente, o que é publicado. Este sentimento envolve as próprias publicações que os entrevistados disponibilizam e que alguns se entristeciam de, possivelmente, não estarem sendo lidos. Ainda assim, os entrevistados não sublimaram, em suas falas, ações e percepções conectivas entre os ambientes *on-line* e *off-line*, conforme argumenta Carla:

logo que comecei no *Twitter*, como eu sou psicóloga, sei que em muitos lugares, quando eles fazem recrutamento, eles acessam a página digital, o perfil das pessoas para ver como elas se comportam nas redes sociais, então quis traçar um perfil mais profissional. Mas depois desisti porque

pensei: ‘ah, ninguém tá lendo isso, ninguém quer ler isso essa que é a verdade e eu não vou ficar procurando coisa em livro pra ninguém ler, comentar’.

Carla se mostrava cautelosa na publicação de informações mais íntimas, sobretudo pela exposição que faria a qual, não necessariamente, teria uma ação por parte do Outro equivalente às expectativas da interlocutora. Desta forma, as redes sociais da internet, apesar de serem percebidas como espaço de expressão e de relacionamento, também representavam os anseios ou temores dos sujeitos, uma vez que os sujeitos não abandonavam, ainda que ocorresse parcialmente, as impressões e as vivências *off-line*. Assim, se há o sentimento de compartilhar algo que se está vivendo de maneira considerada de destaque por parte do sujeito, há quase sempre a intenção de que aquele ato desperte no outro atenção ou interesse semelhantes. Como isto nem sempre acontece, alguns conteúdos deixam de ser publicados pelo receio de que o Outro não tenha a mesma sensibilidade ou motivação para tratar da temática que àquele que a publicou. Pude perceber esta situação em falas como a de Carla, que opta por publicar assuntos de menor importância subjetiva com o intuito de evitar o número dos momentos de expectativa de correspondência do Outro:

às vezes publico música, porque quando eu ‘tô com uma música na cabeça eu passo o tempo todo com essa música. Publico mais coisas da rotina. Não gosto de publicar sentimento, acho que não é todo mundo que eu quero que saiba, só se estiver em algum momento que realmente esteja necessitada de falar, de por pra fora, mas normalmente não. Eu sei que uma vantagem que eu tenho nas redes é que dá pra ter mais acesso às notícias que vem publicadas pela internet. Não sei se tem muita desvantagem, acho que é mais quando as pessoas esperam, mais no sentido do Outro, que façam ou falem alguma coisa e eu, por exemplo, não dou esse retorno. Mas eu sei que às vezes eu espero também e daí é quando eu penso: ‘se eu, que sou a pessoa mais desleixada com isso espero uma reação, um comentário, então imagina as pessoas que acessam sempre: vão esperar com certeza’. Por mais que a pessoa diga que está nem aí, ela sempre acaba esperando.

Sobre a disponibilidade das informações, alguns entrevistados afirmaram sentirem-se frustrados com a rapidez com a qual as coisas aconteciam e eram divulgadas nas redes sociais da internet, e as quais dificilmente os interlocutores conseguiam acompanhar, dado o excessivo número de publicações. Este fator acabava por gerar, conforme relataram, aumento da ansiedade e do inconformismo perante as coisas mais triviais de sua rotina com o que liam,

viam, escreviam e sentiam, apesar da importância que reconheciam nas redes sociais da internet como fonte de informação e de interação. Segundo Marcelo:

considero a internet e essas redes sociais como diversão, porque além de ser onde eu pego a maior parte da minha informação, também me divirto no próprio processo de aprendizado, que é legal. A vida sem internet ia ser bem monótona porque dinamiza as relações sociais entre as pessoas, também a forma de como a pessoa obtém informação. O maior tempo que passei sem acessar internet foi um mês durante meu intercâmbio, nos Estados Unidos, minha caixa de e-mail e minha rede social estavam lotadas, passei acho que uns dois meses para ler tudo.

Reflexionando sobre a fala de Carla e de Marcelo, as quais ilustram sentimentos compartilhados por outros interlocutores ao longo da pesquisa de campo que realizei, questiono-me que tipos de interações e de relacionamentos seriam estes, uma vez que da mesma forma que as falas destacadas salientam a importância que as redes sociais da internet possuem no processo de obtenção e construção da informação e do conhecimento, os sujeitos igualmente reconhecem a falta de interesse que determinados assuntos, especialmente os de caráter essencialmente subjetivos, despertam nos demais. Embora Carla argumente que prefere publicar acontecimentos triviais de sua rotina, ainda assim não deixa de gerar expectativa para que o Outro reaja com interesse acerca de outros tipos de publicações. Logo, da mesma forma que, quando *off-line* não se encontra o interlocutor esperado por determinada sociabilidade, o sujeito escolhe suprimir determinada ação ou conteúdo, semelhante acontece *on-line* quando, evitam-se determinadas temáticas. As próprias transformações tecnológicas e características interacionais das redes sociais da internet, fazem com que os sujeitos possam ter mais de uma, migrem, deem mais atenção ou simplesmente abandonem determinadas redes sociais da internet por outras. Esta situação é igualmente destacada como a frustração que alguns entrevistados sentiam ao se dedicarem àqueles objetos interacionais. Retornando à entrevista com Carla, a interlocutora argumenta:

quando eu fiz o perfil no Facebook acho que ‘tava cansada de ajeitar tudo, colocar foto, publicar coisas, informações e daí chega na hora todo mundo sai da página porque apareceu uma mais legal ou mais nova, pensei: ‘eu não vou ajeitar essa página! Daqui a pouco vão criar uma outra coisa e eu perdi meu tempo ajeitando isso aqui’.

A velocidade da mudança, da qual trata Carla, é sentida de maneira abrupta quando se está na internet e se decide parar e reparar com certo distanciamento. Foi desta maneira que

alguns interlocutores afirmaram terem percebido como estavam imersos nas redes sociais e não conseguiam lidar tão facilmente com o excesso de informação e a velocidade com a qual as coisas eram possíveis de acontecer. Este torvelinho que ora foi o ponto positivo destacado pelos interlocutores, também se mostrava como o principal fator da complexa interação com as redes sociais da internet e os sujeitos que ali podiam ser encontrados. Somam-se a esta ideia os estudos na área da comunicação de Parente (1999), o qual ressalta que o digital é percebido a partir de três concepções: a primeira é a concepção de uma tecnologia do virtual que concebe as imagens digitais como formas de romper com os modelos de representação; a segunda é de tecnologia virtual como causa das transformações culturais e a terceira como uma função da imagem criadora, capaz de promover as mais diversas relações entre sujeito e mundo.

Não quero com isto dizer que as diferenças não existam, ou que a possibilidade de acessar conteúdos seja feita obedecendo os mesmos filtros e as mesmas motivações por todos. Muitos conteúdos se quer são acessados, e a própria forma como as pessoas lidam com a tecnologia deve ser considerada como um fator de distinção entre grupos líquidos. Acerca disto, recordo o que Wolton (1999) ratifica ao destacar que, apesar de todo o acesso à comunicação em tempos tecnológicos, podemos acabar por nos comunicar menos, acarretando, em alguns casos, a falsa ideia de achar que o mundo virou uma grande aldeia global, na qual todos agem, consomem e pensam da mesma forma.

Sendo assim, as práticas sociais e as construções das identidades, tanto nos aspectos *on-line* quanto *off-line* terão sinuosidades e características peculiares a cada exemplo analisado, daí porque ao pensarmos na popularização e ampliação da acessibilidade das técnicas e dos conteúdos, não podemos deduzir que todos fazem uso destas, muito menos que todos as consomem igualmente e com os mesmos propósitos, em se tratando de sujeitos em sociedade, o contexto é fundamental para iniciar qualquer interpretação, ainda que esta seja sempre uma ficção:

a mundialização das técnicas existe, mas não conduz à aldeia global, porque nunca há mundialização dos conteúdos da comunicação! A globalização pertence ao vocabulário económico para designar uma realidade da economia, tornada mundial pelo alargamento dos mercados, pela produção e a normalização dos produtos à escala mundial, pela inter-relação dos serviços e pelo livre intercâmbio generalizado.

O risco? Apresentar a globalização e a mundialização como a instrumentalização da referência ao universal. Foi, aliás, em nome de um certo universalismo, ligado à ideia de pacifismo, que se

desenvolveram no passado os correios, primeiro, e depois o telégrafo e o telefone, primeiras revoluções mundiais da comunicação (...). Hoje, a situação é diferente. Não só o mundo está conquistado como, principalmente, as duas guerras mundiais e a guerra fria mostraram os limites de uma tal filosofia universalista da História (WOLTON, 1999, p.38).

Neste sentido, concordo com a proposição de Wolton, uma vez que não somos tão homogêneos quanto o prefixo de globalização assim infere, nem fazemos parte de um fenômeno que passará pelas mesmas etapas. Em se tratando de sujeitos, as peculiaridades e as vontades próprias existem implicadas mais ou menos com as trajetórias pessoais e os contextos, porém o que proponho é que, no processo da experiência, tanto *on-line* quanto *off-line*, bem como na relação que se estabelece entre as duas, o sujeito pode conhecer novos indivíduos, interagir com diversos assuntos e, inclusive, construir a identidade que tem de si e do mundo. Conforme argumenta a pesquisadora em comunicação, Catarina Moura (2002):

a liberdade individual passa a estar ligada, entre outros, à possibilidade de produção e novas figuras a partir de si, possibilidade essa oferecida pela técnica como novo registro do que Fernando Pessoa chamou 'mecanismo de outrar', isto é, de multiplicar (e, no mesmo gesto, dividir) o *eu*. (...) Na condição fragmentária e acidentada do *self* enquanto corpo incessantemente possuído e despossuído, conectado e desconectado, pelos dispositivos da sociedade, adivinha-se a desintegração da figura, a *mise-em-abyme* de um sujeito em vertigem, fragmentado até ao infinito nesse espaço que lhe permite ser quantos de si desejar sob o anonimato de máscaras textuais e imagéticas (MOURA, 2002, p.03)

A liberdade oferecida pela internet e por suas redes é o que dá a sensação ao sujeito de que este pode realizar diferentes experiências e assumir posturas diversas, ao que acima é caracterizado como máscaras, mas não se deseja aqui dar o tom falseador que o termo pode aportar. Desta forma, por [máscaras] este trabalho gostaria de adotar a interpretação de não apenas como algo que oculta, mas também revela, tendo por detrás um sujeito que não desaparece e que, performaticamente, adota posturas, expressões, palavras e pensamentos que podem auxiliar no descobrimento de si, do que está por detrás do que é visto como uma defesa, assim o escudo também é uma forma de se expor a questões mais subjetivas. A esta liberdade de se poder voltar atrás recriar, acrescentar ou retirar, a imaterialidade do ciberespaço é característica de extrema distinção, uma vez que pode ser vista como uma fonte de impulso e de agregação de novas maneiras para o exercício da liberdade, uma vez que o

sujeito será capaz de transcender às suas características físicas e estará mais acessível às possibilidades, questão esta já recorrente na filosofia do início do século XX, conforme destaca Moura:

o corpo é muitas vezes visto como um empecilho para a realização dos desafios que o futuro apresenta à humanidade, crença que desemboca inevitavelmente numa *teoria da desencarnação*. A ideia da desincorporação como inevitabilidade não é nova. Já no início do século XX o físico anglo-irlandês John Desmond Bernal, no seu livro “*The World, the Flesh and the Devil, Three Enemies of the Rational Soul*”⁶⁴ (1926), defendia que, sendo o conhecimento a finalidade da existência humana, o sujeito deveria renunciar consciente e deliberadamente ao corpo, transcendendo a sua condição biológica para perseguir a vocação cognitiva da espécie sob outras formas ontológicas. (2002, p.06)

Sobre isto, Moura ressalta que, apesar do forte caráter comunicativo dos sujeitos, a relação que se estabelece com os demais e com os objetos envolvidos, influenciam nas representações desempenhadas tanto de forma digital quanto *off-line*.

A vocação comunicacional uniformemente reconhecida como essência do ser humano é também uma vocação do corpo – de um corpo de cuja relação ao mundo emerge o sentido desse mesmo mundo. Eu sou este corpo físico, esta estrutura, este volume espesso e opaco. Mas eu sou também esse corpo sublimado que a tecno-logia transformou em imagem sem carne. E é como habitante deste mundo actual que me exhibe como subjectividade a um tempo encarnada e desencarnada que devo procurar definir-me. (MOURA, 2002, p.07-08)

Mediante as análises realizadas por Moura (2002), percebo a complementariedade que opera entre *on-line* e *off-line*, a qual, nas redes sociais da internet, se veem refletidas nos conteúdos divulgados, bem como nos critérios utilizados na seleção do que não se publica, e nas formas de operação adotadas pelos sujeitos no que tange aos significados de suas ações sociais, embasados na teia culturalmente construída (GEERTZ, 1973). Por conseguinte, a complementariedade entre os espaços *on-line* e *off-line* implicam na constituição do sujeito, conseqüentemente de sua identidade, a partir das relações e das percepções construídas de si, do Outro e do mundo ao redor.

⁶⁴ Em português, o título da obra é conhecido como “*O mundo, a carne & o diabo: Um inquérito no futuro dos três inimigos da alma racional*”.

4.1 Interação e redes sociais da internet

A tecnologia está inserida de tal forma em nossas vidas que muitas vezes parece que nunca vivemos sem televisores, aparelhos de telefonia, sobretudo a móvel, e, mais destacadamente computadores e os serviços e produtos advindos da utilização da Internet. Os simples atos de escrever e mandar cartas foram, em grande parte, substituídos pela digitação em programas como o *Microsoft Word* e o envio do correio eletrônico, os chamados *e-mails*. Além de uma série de ferramentas capazes de facilitar o ato de escrever, apagar, mudar ideias de lugar, além de enviar e receber correspondências, dentre outras atividades, tiveram seus tempos de execuções significativamente relativizados a partir da utilização do computador, além disto, a possibilidade de acessar diversas informações, quase que simultaneamente, a partir da abertura e do gerenciamento das janelas de acesso deste aparelho tecnológico, fez com que acabássemos por nos acostumar com a nova forma de executar rotineiras operações mecânicas.

Assim, enquanto usuários, estamos a todo instante executando nossas tarefas, mas também sendo acionados por outras informações, as quais entramos em contato a partir do momento que interagimos com as tecnologias, no caso desta pesquisa, aquelas vinculadas com a internet. Soma-se a isto a possibilidade de que algumas ações aconteçam em um espaço de tempo muito diferente do tradicional, o que acabou por nos acostumar com uma certa velocidade e emergência, inclusive acarretando em o que muitos argumentam ser uma superficialidade, da própria comunicação. É o caso de textos que são automaticamente corrigidos em sua ortografia à medida que são digitados, mensagens por celulares que possuem seu recebimento acusado no exato instante em que esta ação ocorre, *e-mails* que atravessam oceanos na velocidade do apertar de um botão. Além destas, Turkle (1997) enumera ainda algumas hipóteses de situações nas quais as pessoas acabam por se sentirem atraídas pela tecnologia, especialmente o uso de computadores e a interação, através das redes sociais, que estas propiciam:

algumas sentem-se encantadas por mundos virtuais que parecem livres da desordem e sujidade do real. Outras são cativadas pela sensação de mentes humanas potenciando-se umas às outras, ou fundindo-se com a mente do computador. Se uma pessoa receia a intimidade, mas receia também a solidão, até mesmo um computador isolado (não ligado a uma rede) oferece uma solução aparente. Interactivo e reactivo, o computador proporciona a ilusão da companhia sem as exigências da

amizade. Uma pessoa pode ser solitária sem nunca estar sozinha (TURKLE, 1997, p.43).

Turkle (1997) defende que o computador nos permite autobservar de formas específicas ou diferenciais, em um exercício que tanto pode ser de contemplação quanto de autodescobrimento. Centro neste ponto a questão pela qual o plural das performances e práticas encontradas nas redes sociais da internet são mostras da própria diversidade humana, de seus comportamentos e de formas de pensar o mundo e a si mesmo. Inicialmente pensados para serem grandes máquinas com propósitos essencialmente matemáticos, atualmente, a sedução da tecnologia dos computadores ultrapassou os campos da programação e hoje se encontra enraizada na questão do relacionamento com a interface deste objeto tecnológico. Mais uma vez ressalto que o relacionamento estabelecido entre sujeitos e as redes sociais da internet, foi percebido, através do trabalho de campo realizado, como gerador de situações diversas, como propósitos, intenções e finalidades, haja vista que diferentes sujeitos não partilham da mesma forma, muito menos nas mesmas proporções, suas essências, histórias e anseios, o que se tornam marcos diferenciadores da forma como cada um perceberá a interação, seus impactos e influências com lentes próprias.

Marta, por exemplo, reconheceu que, ainda que seja uma pessoa tímida, foi nas redes sociais da internet que conseguiu trabalhar mais esta característica de sua identidade, tornando-se uma pessoa mais aberta a conversas e relacionamentos. Não que a entrevistada tenha mudado completamente a forma como era antes das redes sociais, mas reconhece que o *on-line* permitiu que alguns comportamentos *off-line* sofressem transformação:

Acho que fiquei mais aberta, comecei a conhecer outras coisas que não só daqui de Belém, outras coisas do mundo. Para mim expandiu mais a minha visão e isso com certeza influenciou nas minhas opiniões. A gente vai mudando as opiniões, com várias notícias e pessoas que me relaciono, eu já paro, reflito e penso: 'poxa, não é bem assim'. Mas eu ainda sou tímida tanto na internet quanto fora dela, por isso digo que mudei algumas coisas [com as redes sociais da internet], mas ainda sou muito a mesma pessoa.

Constatei, entre os entrevistados, que o que acontecia *off-line* de certa forma interferiam nas posturas *on-line*. Sobre isto traço o paralelo de dois interlocutores: Marcelo e Lúcio: quando indaguei, em entrevistas separadas, se percebiam alguma diferença das pessoas como eram nas redes sociais da internet e *off-line*, apesar de possuírem algumas afinidades e serem colegas de colégio, tiveram opiniões divergentes sobre a indagação. Como exemplo,

destaco um traço de suas identidades que ambos reconheceram como característica marcante de seus comportamentos: a escolha por serem ateus. Lúcio, conforme tratado em capítulos anteriores, vinha de uma família católica e argumentou que como não possuía abertura de diálogo com seus familiares e parentes mais próximos, reservou apenas às redes sociais da internet e aos sujeitos que aí interagiam, a conversa sobre o assunto. No sentido de que, ao participar de fóruns de discussão, estava entre outros que compartilhavam suas opiniões e por isso o motivavam a expressar esse aspecto de sua identidade. Marcelo, entretanto, diz assumir para sua família que é ateu e também se informa sobre o assunto nas redes sociais da internet, a diferença para Lúcio é a de que, na família de Marcelo, outras pessoas compartilham esta escolha, conforme analisado em capítulo anterior.

Retomo estas análises, para fundamentar a próxima observação, a qual diz respeito sobre a forma como os interlocutores reconheciam o comportamento do Outro na internet. Assim, percebi que algumas opiniões, como no caso de Lúcio e Marcelo, foram possivelmente conduzidas a partir das suas trajetórias de vida pessoal, as quais os faziam reconhecer comportamentos do Outro a partir de um autoreconhecimento das práticas sociais que realizavam. Assim, ao questionar se os entrevistados percebiam algo de diferente na pessoa que eram tanto *on-line* quanto *off-line*, ambos declararam serem os mesmos, o que demonstra que, por mais plural e diverso que seja determinado comportamento, este apresenta complementariedade com as intenções do sujeito. Entretanto, ao afastá-los da situação e indagar se percebiam alguma mudança no comportamento dos demais as respostas foram distintas, talvez em uma mostra de que algo do plural que vivenciam pudesse ser mais facilmente percebido quando se interpretava a prática do Outro. Assim, Marcelo, que se reconheceu ateu tanto *off-line* quanto *on-line*, talvez compartilhe a opinião de que os sujeitos são os mesmos, dado que ele explora, de certa maneira, da mesma forma, este traço de sua identidade. Marcelo que, em outro momento da entrevista, auto reconheceu-se mais tímido *off-line* que *on-line*, pareceu-me inserir-se, ainda que sem querer, no próprio argumento que desenvolveu para expressar sua opinião, em uma possível mostra de que alguns traços são mais facilmente percebidos no Outro do que em si:

Não, não percebo diferença de quem as pessoas são [tanto *on-line* quanto *off-line*]. As pessoas não são exatamente iguais, mas no que forem diferentes não é uma diferença tão grande que dê para perceber. Uma pessoa mais tímida, mas que fala muita coisa no *Facebook* é normal, porque as pessoas tímidas, geralmente, quando não estão sendo observadas tendem a ficar mais soltas, mais descontraídas e mais confortáveis para falar ou escrever.

Em contrapartida, Lúcio, que não conversa sobre ser ateu com sua família, apenas nas redes sociais da internet das quais faz parte, quando questionei sobre a mesma pergunta realizada a Marcelo, afirma:

Não acho que as pessoas que eu encontro na internet são muito sinceras. Não sei se posso dizer assim, é claro que a gente acaba cruzando com pessoas que mudam na internet. Porque ela tenta ser o que ela não é na vida real [*off-line*]: pode ser um garoto que já foi agredido verbalmente, sofreu *bullying* e na internet ele tenta inverter o papel. Na sociedade virtual [*on-line*], já encontrei pessoas que provavelmente aconteceu isso, claro que não cheguei a ser amigo dessa pessoa, mas claro que já encontrei pessoas que tentam ser algo a mais que não conseguiram ser na vida real e tentam na virtual.

Os relatos trazidos acima são mostras de que, uma vez que os percursos gerados nas redes são múltiplos, acabam sendo utilizados por sujeitos diversos em situações distintas, através de estéticas da interação que, de acordo com as conclusões de Santaella (2008), em análise acerca das linguagens líquidas das tecnologias de alto nível e interação, como o computador, são capazes de estimular nossos registros e nossas percepções sensíveis, “regenerando e tornando mais sutil nossa capacidade de apreensão das qualidades daquilo que se faz presente aos sentidos” (SANTAELLA, 2008, p.35). Santaella alerta sobre a eterna fluidez e mutação, não apenas dos sujeitos na construção de suas identidades, mas ainda de seus objetos, os quais refletem as características destes tempos líquidos, englobando as redes sociais e suas *interfaces* estéticas, assim, uma tecnologia que sempre se (re)inventa e que permite o desenho plural de trajetórias e de práticas, o que reflete os diversos valores e representações praticados pelos sujeitos na construção de suas identidades,

não obstante a imensa diversidade de possibilidades, questões e desafios que as estéticas tecnológicas contemporâneas apresentam, uma constante está indiscutivelmente sempre presente: o caráter processual de inacabamento, em que o artefato não existe mais em uma versão final, mas apenas em processos estéticos que abandonaram a estabilidade dos sólidos, a delimitação no espaço e tempo, em prol da variabilidade, emergência, aceleração e mutabilidade dos líquidos, em vir a ser (SANTAELLA, 2008, p.51).

A respeito da questão espacial destas mudanças, uma vez que o estado é muito mais fluido e líquido, o território destas práticas de sociabilidade e de encantamento tecnológico

também é móvel. Conforme analisado em capítulos anteriores, compreendo este território como espaço praticado, intimamente ligado com as características identitárias daqueles que o constroem, assim, de acordo com o estudioso da cibercultura, André Lemos,

a idéia de território informacional está vinculada a essa forma identitária, criando um ‘lugar informacional’ que se diferencia do espaço abstrato. Uma zona *wi-fi*⁶⁵ em uma praça. Por exemplo, é um lugar social onde se apresenta uma heterotopia de acesso/controlado informacional. (LEMOS, In: SANTAELLA, 2008, p.221).

Por conseguinte, a imersão do sujeito no ambiente digital é de grande importância para que não haja completo estranhamento entre *on-line* e *off-line*, este é o motivo pelo qual as próprias plataformas de interação atuais estão se especializando na simulação de seus ambientes, conciliando vínculos com as percepções advindas do ambiente social *off-line*. Sobre esta temática, Turkle assinala a importância do reconhecimento entre elementos *on-line* e *off-line*:

as pessoas olham para uma tecnologia e, para além dela, vêem toda uma constelação de associações culturais. Quando viram os primeiros entusiastas dos computadores pegarem na máquina e construírem um mundo à parte, muitas pessoas sentiram que não pertenciam a esse mundo, nem queriam pertencer. Agora, a máquina já não tem que ser apreendida como algo que nos coloca num mundo à parte. Aliás, ela pode colocar-nos no centro das coisas e das pessoas – no centro da literatura, da política, da arte, da música, da comunicação, do mercado bolsista. (TURKLE, 1997, p.90)

Acerca da imersão dos sujeitos nas redes sociais da internet destaco a situação de Danilo que, apesar de ter passado mais de cinco anos utilizando a ferramenta das redes sociais e da internet, ainda se reconhece um pouco descontrolado quanto ao uso destas ferramentas e declara que, facilmente, perde a conta de quanto tempo de seu dia demanda a atividade de buscar informações na internet: “depois, com o tempo, acabas vendo que perdes muito tempo na internet com coisas que poderias estar produzindo muito mais. Se eu ficar conectado não faço mais nada. Com o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) vai ser uma batalha porque tem que ficar focado, mas se entrar no *Facebook* já era, perde toda a linha de raciocínio. E

⁶⁵ Tecnologia que permite o acesso de vários aparelhos à internet sem precisar, para tal, da utilização de fios e/ou cabos de conexão.

computador é a ferramenta que eu mais utilizo, mas não significa que tenha que ficar conectado.”.

A situação descrita acima faz parte do que os estudos desenvolvidos por Gell (1988, 1992, 1996) e Miller (1987, 2000) apontam como o “encantamento da tecnologia”. Este encantamento seria o responsável, por exemplo, por fazer com que, apesar de Danilo ter reconhecido que “não significa que tenha que ficar conectado”, não deixe de realizar a atividade e se sinta mais envolvido e atraído, a cada acesso, pelo que seria o poder atrativo que as redes da internet, bem como a própria internet, exerce. Desta forma, as redes sociais da internet se constituem em armadilhas, pois passam a ter, conforme destacado por Gell (1992, 1996), uma espécie de vida própria, na medida que não serão de interação exclusiva ao criador de determinado perfil, mas sim de todos aqueles que sujeitos que o acessarem.

Esta análise é apoiada na comparação que Gell (1988, 1992, 1996) e Miller (1987, 2000), realizam sobre os fatores capazes de capturarem a atenção e o envolvimento, tanto do criador inicial de determinado perfil, quanto dos sujeitos que acessam, interagem, comentam, constroem e podem ser construídos pelas percepções advindas das interações que acontecem nas redes sociais da internet, considerando que, conforme destacado anteriormente, reconheço *on-line* e *off-line* como espaços de interação e complementariedade entre si. Assim, da mesma forma que um sujeito cria um perfil na internet para se posicionar e ativa ferramentas para gerar conteúdo capaz de promover os laços de sociabilidade, também outros indivíduos entrarão em contato com este material e poderão gerar repercussões e novos encaminhamentos para o referido conteúdo, como a divulgação para terceiros, não necessariamente sujeitos conhecidos ou de acesso previsto ao criador inicial do perfil. “É este cenário de armadilha que estabelece ligamentos dramáticos entre esses dois protagonistas juntos, e que os alinha em tempo e espaço” (MILLER, 2000, p.17). Estas questões acerca da objetificação, conceito este a ser abordado em profundidade em um próximo tópico, e da cultura material que estes objetos e seus encantamentos exercem serão explorados no próximo tópico, apenas deixo aqui salientado mais um dos tópicos que foram percebidos no decorrer das entrevistas e que foi alvo de análises por parte deste trabalho.

4.2 Objetificação e internet

Perceber o mundo enquanto palco das relações entre sujeitos sugere um aprofundamento do olhar acerca dos objetos, uma vez que mais do que ferramentas de

vontades e demandas, é através destes que muitas das impressões e posturas sociais da relação com o Outro e com o subjetivo serão desenvolvidas. É oportuna a lembrança dos estudos realizados pelo antropólogo Christopher Tilley (2008), sobre a conceituação quintessenciada de objetificação⁶⁶, a qual está relacionada com o que as coisas são e o que elas fazem inclusive no que diz respeito às suas representações no mundo social. Consequentemente, a ideia surge e se materializa nos objetos, os quais se tornam grandes incorporadores de registros e percepções diversas.

A partir das considerações anteriores, é importante ter em conta que as redes sociais da internet, não estão ligadas a um único sujeito, neste caso aquele que criou determinado perfil, e mesmo este sujeito se encontra em interação com outros. Assim, estas redes se tornam capazes de atravessar o tempo, o espaço e de se relacionar com indivíduos e contextos distintos, tornando-se sujeitos de uma história própria, conforme propõe o arqueólogo Chris Gosden (2005), sendo capazes de tocar as mais diferenciadas formas de relações humanas, inclusive a sociabilidade entre as pessoas. Contextualizando a questão da objetificação para o campo de estudo da cibercultura e das redes sociais, ressalto que estas se constituem em mais uma das inúmeras formas pelas quais os objetos podem se apresentar aos olhos e assumir posturas de interação social, bem como de continuidade de uma trajetória que pode ser múltipla, escapando ao controle exclusivo de apenas um sujeito, dado se tratarem de objetos, neste caso as redes sociais da internet, de e em interação social.

A ampliação do acesso à tecnologia da informática e seu uso pessoal, também incentivou e incrementou o número de pessoas que vêm, nestes objetos, extensões de si, contribuindo para sua aceitação social e para o incentivo à utilização dos demais. Gell (1988, 1992) destaca que a tecnologia pode ser compreendida na dualidade de encantar e de ser ela mesma o encantamento que atrai. A partir deste pressuposto, percebo as redes sociais como [ingredientes mágicos] que atraem e se transformam em ferramentas de anseios e buscas, estas refletidas na capacidade dos objetos de sensibilizarem. Logo, verifico como esta relação pode ser sutil a ponto de desenvolver uma dependência na relação com estas tecnologias. Sobre isto, destaco que todos os entrevistados argumentaram não se verem tranquilos com a ideia de uma existência sem internet. Alguns Ressaltaram que a vida poderia ser mais

⁶⁶ Segundo Christopher Tilley, a objetificação está relacionada com o que as coisas são e o que fazem dentro do que representam no mundo social. Assim, a objetificação consiste na incorporação de uma ideia que se materializa em um determinado objeto ou na forma de sua presença e/ou ausência. “A perspectiva da objetificação concede a resposta para ambas questões básicas, sobre o que as coisas são e o que as coisas fazem no mundo social: a maneira na qual os objetos ou as formas materiais estão encaixadas na vida dos mundos dos indivíduos, grupos, instituições ou, mais amplamente, na cultura e sociedade” (TILLEY, 2008, p.60)

tranquila, visto que não estariam ansiosos para acompanharem as publicações, mas a maior parte das falas foi acompanhada de um sentimento de perda do sentido de suas ações, alguns, como Vinícius que, personalizando a figura da internet, declarou: “seria o fim do mundo. Internet sempre vai fazer parte e sempre será muito bem vinda na minha vida. E sem rede social seria muito difícil para compartilhar até os trabalhos que já tenho.”

Sobre as páginas de internet dos entrevistados percebi uma interação, quase que diária, com pelo menos cinco pessoas de grupos sociais distintos (categorizadas para melhores níveis de análise em “família”, “amigos”, “estudo”, “trabalho” e “lazer”). Um dos principais atrativos destacados pelos interlocutores foi o compartilhamento de fotos, dado o poder de se “autenticar” a realidade. Logo, há uma intencionalidade pela promoção da vida social destes sujeitos, através do ato de perceber a presença de outros nas situações fotografadas e divulgadas nos murais⁶⁷ dos perfis contidos nas redes sociais da Internet. Sobre isto, Miller (2000) destaca que a aprovação do grupo é um dos principais motivos que fazem com que estes jovens tenham páginas de rede social e que busquem, constantemente, novas formas de serem sempre visitadas e citados pelas pessoas de seus grupos sociais: “o foco desses *sites* parece quase sempre estar relacionado com a recepção popular e estes *sites* são altamente socializados” (2000, p.13). Rodrigo cita como exemplo o auxílio que as redes sociais da internet tiveram, especialmente, em sua vida profissional: tanto na obtenção de informações, quanto na divulgação de seu trabalho, sobretudo aquele relacionado às artes visuais:

qualquer trabalho pode ser reconhecido rapidamente e, principalmente, você pode ter um retorno muito rápido daquilo que você acha que é bom, mas de repente nem é tanto. Exemplo: posto um trabalho meu e, através dos comentários, descubro que aquilo não interessou tanto, aí já traço um perfil do meu próximo trabalho, para realmente acerte mais pessoas ou da maneira correta. A maior desvantagem, quando você chega no topo [quando já possui muitos contatos e é uma pessoa de considerável visibilidade nas redes sociais da internet], é a facilidade que as pessoas tem de te maltratar por nada.

Sobre a questão de [se sentir atacado], Rodrigo percebe que, uma vez que as redes sociais da internet são capazes de reunir, em um mesmo perfil, sujeitos diversos, muitas vezes sentiu-se incomodado com a reação de algumas pessoas, o que o fez, em alguns casos, apagar uma publicação que tenha feito:

⁶⁷ Parte da página de relacionamentos destinada à exposição de fotos.

sou muito espontâneo, mas na internet a gente fala muito rápido e as pessoas também respondem muito rápido e nem sempre é o que a gente gosta. Na internet, como todos estão vendo, ou pelo menos tem a possibilidade de ver, às vezes eles sabem que os outros estão olhando e se aproveitam dessa situação pra alimentar o ego, mostrar que sabem mais, que são mais importantes... Eles acabam atingindo a gente de propósito, mas aí é uma questão de você sair [apagar a publicação]. A gente tem que se policiar a cada momento, a gente 'tá aberto a todo momento, suscetível a ataques, a alguém te fazer mal, tentar alguma coisa ruim pra ti. Sempre a coisa ruim vai aparecer muito mais que a coisa boa, infelizmente.

Entretanto, observo que, mesmo desaparecendo o comentário da página do perfil, o registro do ocorrido não desapareceu das lembranças do entrevistado, muito menos da postura que passou a adotar após consecutivas situações semelhantes, levando-o, inclusive, a questionar a necessidade e o que aporta de positivo, as redes sociais da internet em sua vida. Vislumbro, por conseguinte, como as interações sociais, ainda que *on-line* são capazes de influenciar as práticas sociais e a fomentar a revisão de determinadas percepções acerca do Outro, em complementariedade ao espaço *off-line*. Conforme destaca Rodrigo, sobre como vivencia a referida situação:

a gente acaba se tornando dependente daquilo [das redes sociais da internet], de repente aquilo não está lá para me ajudar, para deixar as coisas muito mais práticas, rápidas etc. Talvez minha vida fosse mais tranquila [sem as redes sociais da internet] porque hoje em dia a gente acaba criando uma ansiedade justamente pelas coisas estarem acessíveis tão rapidamente que a gente cria essa ansiedade. Tanto que hoje em dia a gente liga para uma pessoa, ela não atendeu no terceiro toque, a gente já fica desesperado: por que essa pessoa não 'tá atendendo celular? Pra que essa pessoa tem celular? A gente acaba criando uma ansiedade baseada nessa rapidez que a internet e as redes sociais que tem lá proporcionam.

Assim, os espaços das redes da internet se transformam em oportunidades para que o indivíduo atue e trabalhe em seus relatos, argumentos, buscas e na execução de sua maior obra, a qual a comunicóloga Paula Sibila (2007), resume como a própria identidade. Não apenas a internet, mas outras tecnologias afins, como os celulares que permitem o compartilhamento de fotos, motivam e permitem que o sujeito divulgue e construa sua identidade a partir da publicação e troca de mensagens, vídeos compartilhados ou simplesmente a leitura de fóruns de debate que já podem em muito influenciar no percepto. A intimidade, então, passa a ter significativas janelas a quais podem representar o que se faz, do

que não se gosta, com quem se namora, bem como quais dificuldades o dia de determinada pessoa teve ou até qual foi a refeição consumida no almoço. De acordo com Tadeu:

com as redes sociais da internet acabei conhecendo muito mais coisas, áreas de interesse, acho que aguça um pouco a curiosidade. Eu sou muito curioso, então sempre gosto de vasculhar, saber o que está acontecendo, e lá é uma ferramenta que te dá milhões de opções: ah, não tem aqui, mas ele te direciona para outro *site* que te informa milhões de coisas. Por exemplo, currículo: eu 'tô atrás de um novo emprego então tem milhares de *sites* que te adicionam por currículo. Em meus contatos também tem empresas, você curte e fica sabendo de tudo.

Tadeu afirma que acessa as redes sociais da internet o dia todo e, inclusive, reconhece que esta tecnologia interacional ajuda-o na execução de determinadas tarefas do trabalho, apesar disto um momento nunca é único, no sentido de que Tadeu trabalha, mas não deixa de ver notícias de interesses diversos, o que consome mais horas de seu dia do que o entrevistado gostaria, por isso às vezes se obriga a fechar as janelas das redes sociais da internet. Em casa, Tadeu afirma que prefere acessar as redes sociais da internet a partir de seu aparelho celular, pois sente preguiça de ligar o computador [percebi, ao longo da fala do interlocutor, a construção da imagem do computador enquanto objeto de trabalho, por isso, ao terminar seu expediente, em tentativa de se desligar, ainda que parcialmente dos afazeres e das questões relacionadas a este ambiente, prefere seguir acessando as redes sociais da internet a partir de outro objeto, neste caso o celular, que possibilite interação e que seja menos caracterizado com o reconhecimento do entrevistado a atividade laboral que executa]. Noto, com isto, a criação de espaços distintos, no sentido dos territórios praticados de Certeau (2008), de acordo com o objeto com o qual o interlocutor se relaciona, capazes de conferir códigos simbólicos de posturas e práticas que operacionalizam na percepção dos significados das ações sociais que desempenhará. Segundo Tadeu ressalta:

acesso muito as redes sociais do trabalho, todo dia, de segunda a sexta, de 8 da manhã até 5 da tarde, direto. Final de semana, só uma ou duas horas, no máximo [ocasião na qual Tadeu se reúne e encontra os amigos *off-line*]. Eu trabalho mas 'tá lá o *Facebook* aberto. Às vezes me atrapalha, daí eu fecho [o *Facebook*] e volto a fazer o que 'tô fazendo. [Por exemplo] Às vezes tenho que adiantar algum serviço e dou uma pausa pra ver alguma coisa no *Facebook* que me chamou a atenção, mas eu sei que podia estar adiantando o trabalho. Mas em casa, acesso mais do meu celular, tenho preguiça de ligar o computador e vou lá com

o celular, mais fácil. Tenho esse celular a pouco tempo [mas o entrevistado reconhece que já o usa bastante].

Tadeu, a exemplo de Rodrigo, reconhece que muitos dos assuntos que acontecem *on-line* acabam influenciando em algumas prática *off-line* e *vice-versa*, sobre isto, relembra:

quando minha cachorra morreu ‘tava todo mundo compartilhando que ela precisava de um cachorro para doar sangue, ‘tava todo mundo compartilhando, querendo achar cachorro pra doar. A gente conseguiu, mas não deu certo, ela teve um infarto antes da transfusão. Mas no mesmo dia que eu fiz a primeira publicação a gente conseguiu o cachorro, a mobilização foi rápida no *Facebook*.

Não por acaso, os fatos mais triviais tornam-se pauta de divulgação pública e de discussão e debate. Qualquer brincadeira pode se tornar uma ofensa e a impressão é de que sempre há alguém a ler ou a observar, por isso há uma tendência, por alguns sujeitos, de espetacularizar suas vidas a partir da clara seleção e conteúdo que divulgarão como ponte de sociabilidade. Seguindo esta ideia, destaco o caso de Dalila que apenas divulga momentos “marcantes” para que seus alunos a admirem e tenham mais confiança de contrata-la enquanto professora de academia de ginástica. Sempre que está em algum módulo da especialização, Dalila publica em seu perfil onde está e com quem está, quando viaja a trabalho também gosta de divulgar isto em sua página, para que o grupo saiba para onde ela pode ir, uma vez que está trabalhando e se firmando cada dia mais como profissional. Assim, um fim de semana pode passar como de costume para algum amigo, mas Dalila destaca que um simples café da manhã está sendo tomado na orla do Rio de Janeiro. Ou seja: o que é trivial, o café da manhã, passa a ter um valor capaz de diferir Dalila dos demais, agregando prestígio social ou, inclusive, potencializar seu capital social a partir das mensagens e percepções que poderão ser geradas, tanto *on-line* quanto *off-line*.

A questão da armadilha, conforme tratado anteriormente, é um dos influenciadores para que uma das principais dificuldades relatadas pelos interlocutores aconteça. Esta situação diz respeito aos maus entendidos na comunicação via internet. Dalila afirma utilizar as redes não apenas para buscar informações gerais, sobre locais a conhecer, restaurantes novos na cidade, dentre outros, mas igualmente manter contato com seus alunos e acabar por conhecer mais a rotina destes. Entretanto salienta que, por mais cautelosa que seja naquilo que escreve, sempre há o risco de que algumas interpretações equivocadas aconteçam:

eu posso estar brincando e a pessoa levar a sério. Por mais que tu coloques uma caretinha rindo⁶⁸. É muito difícil conseguir se expressar no computador, é muito difícil tu estares pensando te expressar de uma forma e a pessoa entender de outra, até uma vírgula que tu não coloques, um ponto de exclamação que coloque um monte, uma letra maiúscula, a gente nunca sabe, é muito complicado. Às vezes evito comentar por causa disso, postei e apaguei em seguida porque fiquei com medo da pessoa se magoar, daí só curti⁶⁹ o que ela colocou e foi melhor.

Recuero (2012) justifica que a situação trazida por Dalila seria o resultado da mistura e hibridização de linguagens tradicionalmente diferentes, neste caso a oral e a escrita, e que, no caso das redes sociais da internet, vem-se combinadas, no sentido que se escreve, principalmente, com as características de como se fala. Assim, “a ‘fala’ na internet é também associada a um uso informal da língua, que também é mais característico da linguagem oral” (RECUERO, 2012, p.48). Desta forma, apesar da linguagem escrita ser a comumente utilizada nestas redes de Internet, salvo algumas situações em que materiais em vídeo são disponibilizados para acesso, o tom da conversa tende ao informal, uma vez que há a intenção de [dar vida] àquilo que está sendo dito, bem como a própria noção de sujeito é criada a partir de fotos e conteúdos. Desta forma,

podemos dizer que, embora não seja constituída de ‘fala’ na maioria das vezes, a conversação no ambiente virtual é constituída de interações próximas desta, que simulam a organização conversacional oral e que têm efeitos semelhantes nas interações sociais e na constituição dos grupos (RECUERO, 2012, p.49).

Aprofundando esta questão para além das particularidades comunicacionais, Mauss (1974) destaca a importância do psicológico no âmbito social do indivíduo, do fato social e da troca (construções) constituírem a base da vida social – assim, o fato social deve ser visto como um todo, incluindo os aspectos físico, fisiológico, psíquico, sociológico e, finalmente, a importância do inconsciente, neste caso na ação em diferentes campos (lingüística, religião, magia etc.), na conexão com o Outro. Estendendo estas análises, Lévi-Strauss (In: MAUSS, 1974), em análise introdutória à obra de Mauss, destaca que: “é próprio da natureza da sociedade exprimir-se simbolicamente em seus costumes e em suas instituições” (In:

⁶⁸ Referência aos códigos utilizados na internet que, através de letras e símbolos do teclado simulam desenhos de faces expressando sentimentos, como alegria, tristeza, dentre outros.

⁶⁹ Em algumas páginas, como o *Facebook*, há a possibilidade de apertar um botão chamado “Curtir” para expressar se você gostou ou não de determinada publicação.

MAUSS, 1974, p.07). Consequentemente, o aspecto social passa a ser considerado real a partir do momento que faz parte de um sistema. Esta ideia é compartilhada por Lévi-Strauss (1985), quando chama a atenção para o fato das relações sociais serem a própria materialização das estruturas sociais: “as relações sociais são a matéria-prima empregada para a construção dos modelos que tornam manifesta a própria estrutura social” (p.316).

Nas redes sociais da internet, bem como *off-line*, a identidade do sujeito é construída a partir de relatos, palavras e interações que estão dispostas em fluxo constante de sujeitos que as lêem, replicam ou comentam, o que leva à interpretação de uma ação na internet, como por exemplo uma conversa, estar envolvida em contextos múltiplos, anseios diversos e intenções plurais, haja vista a diversidade de sujeitos que poderão ora se encontrar em determinados conteúdos ora se distanciar. Algumas vezes, por exemplo um comentário feito sobre algum aspecto da vida, na internet, costuma ganhar mais força, agregar novos pontos de vista, inclusive da parte de seu autor pelo fato da mensagem ter entrado em contato com o espaço público.

Logo, o estudo das relações da tecnologia com os sujeitos e os impactos que estas podem causar nestes e vice-versa, leva a destacar que, no processo de interação com a tecnologia, a própria percepção do que se constitui o Nós se vê influenciada ou, de certa forma, alterada. Se antes a relação entre computadores e sujeitos estava restrita ao cálculo e operações de programadores racionalmente previstas, na atualidade o que se verificam são múltiplas fontes para inúmeros receptores, o que recai sobre outra questão determinante de estudo: a entrada, e sua consequente ampliação de acesso, da internet.

4.3 Sujeitos e tecnologias

A “armadilha”, assim denominada por Miller, das redes sociais da internet, pode ser também reconhecida como *ciberzapping*⁷⁰, característico do consumo fragmentado, imediato e pulverizado de informação na internet e nas redes sociais da internet. A esta velocidade da informação Bourdieu (1997) classifica, no contexto da televisão, como “um elo negativo entre a urgência e o pensamento” (1997, p.30), o que levanta o questionamento: mais comunicação significa mais informação? Partilho a indagação do sociólogo, entretanto não quero afirmar, com isso, que tudo o que se consome na internet é de qualidade duvidosa e superficial, apesar

⁷⁰ O termo é resultado da junção de duas palavras “*ciber*”, que remete à “cibercultura” e “*zapping*” conhecido como o ato de trocar constantemente os canais da televisão em busca de programação.

de não negar o imediatismo das buscas, bem como do próprio consumo por informação e, talvez, das interações que estão sendo construídas, tanto no mundo subjetivo quanto no social.

Danilo, hoje com 25 anos, possui redes sociais desde os seus 16 anos e afirma que sempre foi uma forma de conhecer pessoas e de trocar experiências:

quando entrava no site da Turma da Mônica era a única forma de interatividade e aquilo era um vício. Aos finais de semana o tempo limitado, mas entrava 1 hora, via quem ‘tava lá... O site era bate-papo, para mim era uma ferramenta nova, nunca entrava em canais de conversação porque antes era proibido em casa, lembro que até troquei carta com duas meninas que conheci no *chat*⁷¹.”

Quando indaguei o motivo da proibição aos *chats*, Danilo confirmou um cenário frequente aos entrevistados: antes, o computador não era pessoal, e sim um objeto compartilhado pelos demais membros da casa, neste caso os pais do interlocutor. Assim, na figura de um objeto de uso comum, certas privacidades não eram possíveis de serem mantidas, pois o acesso e utilização dos objetos estavam conferidos a mais de uma pessoa na residência. Sobre isto, recorro que antes o computador consistia em um aparelho doméstico compartilhado com todos os que viviam na casa, dado, especialmente seu valor de mercado, muito mais alto nos anos 90 do século passado, em relação ao início do século XXI, inclusive com mais possibilidades de formas de pagamento, daí porque hoje este objeto se tornou um bem quase que pessoal. O exemplo trazido pelo campo mostrou que todos os entrevistados possuíam seu próprio computador e raras foram as vezes que tiveram que compartilhá-lo com outros sujeitos de sua casa. Esta mudança em torno de um mesmo objeto, antes utilizado por um coletivo e hoje de maneira mais pessoal, interferiu, inclusive, para que uma seleção de conteúdo, muito mais individualizada, tivesse espaço, uma vez que, passando a ser este um objeto pessoal a relação entre sujeito e objeto passou a ser mais intimista. Consequentemente, o aumento da privacidade na utilização do computador acabou por melhor refletir as formas de se expressar a identidade de cada qual através de seus objetos exclusivos, conforme Danilo relembra:

computador chegou em casa no ano dois mil, ‘tava na 8ª série e era mais para os pais, aos poucos fui entrando e com acesso limitado: usa isso, não usa aquilo, era controlado. Hoje eu acesso mais de casa, no período da noite, geralmente. Nas férias, a maior parte do tempo, também estou em casa e acesso. Eu fico na internet, mas procuro estipular um prazo pra não ficar o dia todo conectado porque eu já

⁷¹ Salas onde os sujeitos podem manter diálogos grupais ou privados com outras pessoas.

passsei muito tempo conectado, mas eu era mais novo, então além da internet demorar mais, perdia a noção do tempo, quando via era o papai abrindo a porta e perguntando: ‘e aí? Que é que tu ‘tá fazendo acordado?’. Já cheguei a virar muita noite na internet e nas redes sociais.

Quando indaguei se Danilo sempre utilizou as redes sociais da internet com a mesma finalidade e com as mesmas práticas e intenções, o entrevistado afirma que estas sempre sofreram transformação no que dizia respeito aos interesses que possuía e aos objetivos e funcionalidades que conferia. Por conseguinte, reconhece nas suas redes sociais objetivos específicos, os quais destaco tanto comportamentos acerca de interações sociais com seus amigos e familiares, como a importância que as informações disponibilizadas nestas redes possuem na influência de decisões de compra, por exemplo, para o entrevistado:

Eu tenho duas redes sociais da internet: o *Facebook* e o *Orkut*. Antes eu usava o *Orkut* para falar com meus amigos, mas agora todo mundo tem *Facebook* e eu uso o *Orkut* só para ver descontos das empresas que tem lá, eu também vejo a opinião das pessoas que compraram o produto, até porque eu gosto muito de fazer compras *on-line*, pela comodidade mesmo. Então só entro no *Orkut* para ver o que tá em promoção. Mas o que eu uso mais é o *Facebook*, que é por onde eu falo com meus amigos e vejo algumas notícias.

Sobre a utilização principal que a rede *Facebook* possui para Danilo, o interlocutor acrescenta, em análise geral:

Hoje eu uso as redes sociais mais para manter contato com pessoas que já foram importantes, te ajudaram e não queres perder o vínculo, daí por mais que não se encontre toda vez ou não se ligue, mas tem o contato no *Facebook*. Já usei minhas redes para trabalho, para repassar informações, mas depois pensei: ‘ah credo, tem muita coisa da minha vida’, e tirei [as informações]. Mas costumo publicar umas informações de trabalho, quando sei que tem vaga de emprego em algum lugar, essas coisas. Agora colocar o teu perfil como um currículo ainda não. Eu até comecei a fazer isso, mas não acho muito legal porque tu deixas muito aberto. Eu, por exemplo, ‘tô em um trabalho, mas não ‘tô, devido problema de saúde. Daí colocar que eu estou fazendo curso pode ser complicado porque as pessoas não entendem e você dando muita satisfação, todo mundo dá opinião.

A fala de Danilo, ao detalhar as transformações que as interações realizadas com as redes sociais da internet, bem como do próprio relacionamento estabelecido com o objeto

computador, leva-me a destacar, como um dos principais desafios que encontrei, como o da dinamicidade da internet. Isto, conforme o que destaca Gell (1992), para quem a *web* é um movimento do pensamento e, por isso, é necessário analisar este objeto como um momento dentro de uma trajetória.

Desta forma, a partir das ideias e dos questionamentos planteados acima, realizei o levantamento da importância dos *sites* enquanto objetos de sociabilidade e de construção das identidades. Assim, o *ciberespaço*, por ser um contexto social, encontra-se aberto às inúmeras formas de significação que possam ter em mais de uma situação e para mais de um indivíduo. Considerando, mais uma vez, a contribuição de Geertz (1973), ressalto que é na cultura que a teia de significados se constrói e operará nas ações e pensamentos do sujeito.

Uma vez que cada cultura trará formas próprias de significação e de valorização, faço um breve parêntese para lembrar algo que ainda questiono sobre até qual ponto conseguimos conviver com a diversidade, tendo como base o pertinente questionamento do sociólogo francês Alain Touraine quando interroga “Poderemos viver juntos?: Iguais e Diferentes”, em mostra reflexiva acerca das transformações advindas com a pós-modernidade a partir da interface com tecnologias e cenários múltiplos, as quais transitam, segundo o pesquisador, em inevitáveis tensões instrumentais e simbólicas, tendo o sujeito como foco, especialmente, das transformações sociais. O aporte da pluralidade de atitudes e formas de interação lembra, mais uma vez, as bases trazidas por Geertz (1973) e das especificidades culturais na determinação das ações e dos contextos nos quais os sujeitos interagem.

Bem, como acabamos por nos ver/construir através da tecnologia, outras pessoas igualmente se vêem e também nos percebem e nos interpretam, o que acaba por influenciar nosso comportamento e a vida em comunidade, tanto a digital quanto a concreta. Se o computador é uma ferramenta, não o é tão somente isso, pois este

oferece-nos tanto novos modelos da mente como um novo meio no qual podemos projetar as nossas ideias e fantasias. Nestes últimos tempos, o computador tornou-se algo mais do que um misto de ferramenta e espelho: temos a possibilidade de passar para o outro lado do espelho. Estamos a aprender a viver em mundos virtuais. (TURKLE, 1997, p. 11-12)

Utilizando a ideia acima de espelho, é através deste que podemos, então, não só observarmos e experimentar facetas e posturas novas, mas de interagir com o Outro e de perceber ou construir traços de nossa identidade. Busco compreender a construção da identidade, entre os jovens, através da interação com redes sociais da internet, percebendo

este processo como uma relação complementar entre o espaço *off-line* e o *on-line*. Logo, se no *ciberespaço* lemos correspondências eletrônicas, publicamos e trocamos fotografias, enviamos mensagens, dentre outros, estas todas são formas de interação com o mundo, logo, com o ambiente social. Por isto, creio que as identidades, na época da internet, não podem ser compreendidas sem estarem vinculadas com uma contínua percepção do sujeito sobre si, inclusive mediante a influência de contextos e situações, tanto *off-line* quanto *on-line*, na vida destes.

Seguindo esta linha de análise, destaco os apontes de Simmel (1971), ao afirmar que, apesar da interação entre indivíduos sempre surgir a partir de propósitos específicos, não podemos deixar de considerar a importante parcela que os objetos desempenham neste processo, pois considerando a carga de informação e possibilidades de interpretações que estes objetos, no caso do estudo de Miller (2000), *sites*, possuem é através deles que as experiências de interação, conseqüentemente de sociabilidades, acontecem e se multiplicam, uma vez que o objeto em questão não precisa ser compreendido como algo estático e sim como um objeto que possui vida e trajetória próprias, independentes daquelas de seus usuários (ou também poderíamos acrescentar o debate de quem é o usuário de quem). Edgar destaca o papel que as redes sociais da internet desempenharam para esclarecer a homossexualidade. Assim, o interlocutor destaca, sobretudo, a obtenção de informações e as estratégias e possibilidades de sociabilidade que encontrou nestas redes, para que, ao conhecer pessoas, percebesse como estas se portavam, os locais que frequentavam, a forma como falavam. Tendo como exemplo a metáfora do espelho, Edgar enxergava nos outros laços que se afrouxavam ou se fortaleciam com práticas as quais se interessava ou demonstrava interesse e afinidade. Neste sentido, relembra:

no começo eu fiz parte de várias comunidades homossexuais, procurando por pessoas, mas mais amizade, se rolasse sexo depois, ótimo, se não, ótimo também,. O importante era conhecer pessoas, para saber como era o modo de vida delas, como elas se comportavam perante a sociedade, para julgar o que eu posso ou não posso fazer, o que eu gosto ou não.

Justamente pela identificação das atitudes e comportamentos é que eu agregaria ou não coisas a minha identidade. Daí eu fazia parte de *chats* que eram divididos por tema, desde falar de animais, até de sexo.

A troca de informações na rede é peça fundamental para que o conhecimento possa tanto ser emitido quanto recebido, assim é ensinado, mas também aprendido, configurando formas de comunicação, mas, sobretudo dos significados culturais (GEERTZ, 1973) que

nortearão as atitudes e o pensar dos indivíduos, bem como da busca identitária a partir de negociações e transformações constantes, uma vez que a sociedade é o resultado das interações culturais, estas sempre diversas e dinâmicas, conforme retrata Barth (2000). Por esta razão, as práticas sociais, tanto individuais quanto coletivas, são consequências dos simbolismos e interferências das formas de viver dos sujeitos envolvidos em determinado contexto.

A complexidade das redes sociais da internet reside no fato de que as esferas simbólicas de construções culturais e identitárias são tênues e frequentemente passíveis de permeabilidade. Por exemplo, se uma informação é disponibilizada em determinada rede na internet, esta não está acessível apenas aos sujeitos que integram o ambiente no qual foi publicada, uma vez que há a capacidade do replique de informações, permitindo que os mais diversos contextos, situações e sujeitos sejam acionados. Sobre esta situação, Edgar ressalta:

conheci meu atual namorado pelas redes sociais da internet, mas agora eu tenho mais cuidado porque tinham alguns conteúdos do *Facebook* que eu acessava com fotos de homens com estereótipos que eu achava interessante e eu curtia essas fotos e um dia ele [o namorado] comentou: ‘tem umas fotos que aparecem no teu *Facebook* de uns homens fortes, peludos’. E aí pensei: ‘meu Deus do céu, tô fazendo besteira!’. Primeira coisa que pensei: ‘poxa, ele vai ficar com raiva de mim pensando que eu ‘tô traindo’, mas depois pensei: ‘eu tenho crianças no meu *Facebook*, acho que algumas cenas, algumas imagens que eu curto chegam a ser um pouco chocantes’. Hoje em dia só admiro, transformei em obra de arte, não comento nem publico mais.

A problemática sobre o que se publica e o traço do limite entre público e privado também está relacionado ao uso que cada um daqueles sujeitos inseridos em uma mesma rede dará a elas. Enquanto uns argumentam, como Rodrigo e Dalila, que a internet é apenas utilizada para fins profissionais, relatam incômodos ao perceberem como determinadas questões são facilmente compartilhadas, enquanto deveriam pertencer à esfera particular do sujeito. O que leva a perceber que, mesmo dentro de uma rede com interesse específico ao sujeito, este não é, necessariamente, compartilhado por todo o coletivo que congrega, levando à discordância de posicionamento e, em alguns níveis, ao abandono da rede por parte do sujeito que não concorda com determinadas posturas. Desta forma, uma rede é convencionalizada e constituída por sujeitos que imprimem nesta, através de seus perfis pessoais, seus mundos interiores e extraem daí o que se pode ter de mais comum aos membros. O que é dissonante

provavelmente encontrará abrigo em outra rede e não será publicado naquela, em espécie de construções culturais com sua teia de significados permitidos e esperados (GEERTZ, 1973).

A temática ou a intencionalidade da comunicação está vinculada não apenas com o instante em que ocorrem, mas com as experiências e situações também pretéritas, uma vez que o sujeito apropria-se do conteúdo de intersecção daquilo que lhe constitui, e que é, conseqüentemente, partilhado socialmente, seja no plano de grupos da vida concreta, quanto das redes sociais da internet, para expressar o que lhe representa. As próprias questões tecnológicas podem incentivar de que maneira estas interações entre conteúdos, sujeitos e performances irão interferir na construção das identidades envolvidas, mediante a influência da teia cultural (GEERTZ, 1973) e dos processos dinâmicos de identidade, os quais trata Barth (2000) em seus estudos sobre as intencionalidades e as buscas que aproximam e afastam sujeitos e suas identidades, conforme destacado em capítulos prévios.

A respeito desta tecnicidade, Recuero (2012) cita não apenas a capacidade de publicar mensagens, lê-las e comentá-las, mas, especialmente, o replique permitido na *interface* com estas tecnologias. Destarte,

o que caracteriza essa conversação em rede, assim, é sua migração através das diversas redes sociais, sendo republicada por diversos grupos que assim ganham acesso à informação e participam da conversação. Observamos que essas conversações também acabam por introduzir indivíduos que não se conheciam e que não estavam diretamente conectados entre si (...), a partir das trocas na conversação, podem decidir conectar-se, adicionando-se às respectivas listas de amigos (RECUERO, 2012, p.125)

Logo, se um sujeito decide replicar alguma informação, obtida em outra rede social, para que seus “amigos”, advindos de redes diversas, tenham acesso ao conteúdo, é muito possível que aconteça um encontro de intenções diversas, cruzadas a partir de um conteúdo em comum. Esta ação poderá ser capaz de fortalecer laços de sociabilidade, afrouxá-los e repeli-los, conforme propõe Simmel (2006). Entretanto, neste intervalo, impressões diversas podem ser geradas, como por exemplo opiniões expressas, tanto positiva quanto negativamente sobre o conteúdo exposto. A possibilidade do replique é o que faz com que nem Lúcio nem Edgar divulguem informações de cunho mais pessoal, seja na vida dentro ou fora da internet, pois argumentam que, no fim, estas esferas sempre se cruzam, demonstrando que nem sempre é possível criar limites, seja no mundo *on-line* quanto *off-line* acerca do meio em que determinado conteúdo estará restrito. Esta dificuldade também pode ser interpretada

como o próprio ponto positivo da vida social, uma vez que, se não se tem uma clareza total dos limites de atuação e impacto de determinado conteúdo ou ação, inúmeras são as possibilidades de laços associativos entre sujeitos.

Desta forma, os objetos *sites* tornam-se capazes de agregar pessoas com interesses afins ou diferenciados, ao que Simmel (In: VELHO, 1976) indica, em seus estudos de sociabilidade, como o complexo organismo dos relacionamentos sociais, entretanto a abordagem trazida por Recuero (2012) e sua capacidade de multiplicar laços relacionais deve ser analisada igualmente através da dificuldade encontrada em se traçar os limites das esferas entre público e privado, uma vez que nem todos os conteúdos poderiam ser alvo de sociabilidade ou seriam do interesse de divulgação ampla ou para um sujeito específico.

4.4 Sociabilidade e cultura material nas páginas de internet

Sobre os fatores de sociabilidade tratados anteriormente, aprofundo a temática com os aportes trazidos pelas pesquisas de Simmel (2006), para quem o conteúdo seria o principal catalisador por reunir afinidades e interesses. Simmel sinaliza para as diferentes formas como o sujeito é capaz de exercer a sociabilidade no campo da vida social e, trazendo esta temática para as formas de interação entre sujeitos, a partir da utilização de computadores, da internet e das redes sociais disponibilizadas na internet, Turkle (1997) argumenta, sobre os propósitos de seu livro “A vida no ecrã. A identidade na era da internet”, que a própria mudança na utilização, ou seja o propósito, dos aparelhos tecnológicos, influenciou na forma de objetificação destes. Se antes o computador era apenas tido como uma ferramenta, hoje nossos conceitos e percepções acerca da realidade foram revistos com a interferência que estes objetos/sujeitos exercem naqueles que com eles interagem ou que são, de alguma maneira, afetados pela sua existência e características.

Por outras palavras, este não é um livro sobre computadores. É antes um livro sobre as relações intensas que as pessoas estabelecem com os computadores, e o modo como estas relações estão a mudar a nossa forma de pensar e sentir. O movimento duma cultura do cálculo para uma cultura da simulação acarretou mudanças naquilo que os computadores fazem *por* nós e naquilo que eles nos fazem *a* nós – às nossas relações e às nossas formas de pensar acerca de nós próprios (TURKLE, 1997, p.32, grifos do original).

Posto isto, observam-se inúmeros desdobramentos que as redes sociais podem representar e interferir, enquanto sujeitos, na constituição individual e nas relações de socialização dos indivíduos. Para tanto, é necessário que estes objetos sejam interpretados dentro dos conceitos da objetificação para que possam ser percebidos além de suas características tecnológicas e passem a ser compreendidos, igualmente na condição de coisas que representam, constroem e modificam, em distintos níveis, os sujeitos a sua volta. Exemplo disto é o de que, sendo o homem um ser social, o relacionamento acaba por ser estabelecido, inclusive, com alguns de seus objetos, entretanto a significação que estas ações receberam e a forma como foram praticadas e percebidas, modifica-se ao longo dos tempos e contextos.

Desta maneira, um sujeito decide ligar-se a determinada rede por um assunto específico ou por um interesse delimitado, como o caso anteriormente ressaltado de Edgar, acerca das informações que buscava nas redes sociais da internet sobre homossexualidade. Entretanto esta busca trará consigo um mundo tão vasto que poderá interferir em toda a configuração e postura da rede. Edgar relata que, durante suas experimentações sexuais, costumava fazer parte de fóruns sobre assuntos relacionados à homossexualidade, entretanto o entrevistado não fazia filtros sobre as pessoas que teriam acesso às informações que publicava. O comportamento foi responsável por gerar desconforto em sua família, especialmente quando sua mãe passou a fazer parte de uma de suas redes sociais da internet e reclamou que não seria interessante que as crianças da família, que também estavam na rede de Edgar, acompanhassem os “locais” por onde o interlocutor transitava na internet, muito menos suas opiniões sobre algo que considerava inapropriado e desnecessário, solicitando ao filho que parasse de publicar conteúdos de temática homossexual. Nenhum primo que estava na rede de Edgar havia se manifestado anteriormente sobre qualquer assunto relacionado à sua homossexualidade, porém bastou sua mãe entrar em um de seus ambientes sociais para que o entrevistado fosse chamado à atenção e sentisse reprimido e ordenado a evitar determinadas condutas.

Turkle (1997), em seu estudo sobre os *Multi-User Domains*⁷² (MUDs) destaca que são a opção do anonimato e a fluidez as principais características que demarcam a diferença da internet em relação a outras formas de comunicação e sociabilidade. É permitido, através destas particularidades, a experiência de optar por viver diversas experiências, acionando ou refutando determinados aspectos da identidade, de acordo com o contexto. Apesar disto,

⁷² Domínios de Multi-Usuários, em referências às redes sociais da internet, termo utilizado tanto para se referir às interações de jogos em grupos quanto para canais/salas de conversa, dentre outros.

ressalvo que esta não foi a ferramenta utilizada em profundidade pela maior parte dos entrevistados, visto que, um número significativo de interlocutores declarou preferirem não fazer uso do anonimato e reforçarem o que consideram traços mais marcantes de sua identidade, sobretudo as performances vividas no mundo *off-line*.

O que percebi, após análise mais detalhada é o que Simmel (2006) classificou como “seleção de conteúdo”, capaz de distinguir os laços de sociabilidade que serão estabelecidos ou afrouxados. Daí a razão pela qual, quando o interlocutor esbarrava em preconceitos ou situações delicadas, sobretudo nas questões da sexualidade e da religião, a opção pelo anonimato *on-line* era utilizada. Foucault (1997), em análise específica sobre a temática da sexualidade, mas, em uma visão macro, acerca da constituição de estados estáveis e condizentes com a norma, declara a questão de como o poder também é algo efêmero e que o discurso, assim como as identidades experimentadas, podem, e acabam por assim o ser, diversas, e apresentam sua própria forma de libertação e resistência ao que não é permitido, mas nem por isso deixaria de ser desejado, neste caso, no campo do comportamento, demonstrando que os discursos são diversos porque assim o são os sujeitos: fluidos e plurais. Por isso,

não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo de que teoria implícita derivam, ou que divisões morais introduzem, ou que ideologia – dominante ou dominada – representam; mas, ao contrário, cumpre interroga-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças torna necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos) (FOUCAULT, 1997, p.97).

Não à toa, os entrevistados buscavam divulgar aspectos de suas identidades, através das páginas da internet, com a intencionalidade de fornecer um contexto de características para cada situação e finalidade. A ideia metafórica de redes mostra que estando os sujeitos nos nós, o que lhes liga é um fio de interesses afins que pode, a qualquer instante, receberem a conexão e outros nós, bem como serem desatados para se ligarem com outras pontas. Entretanto, estes momentos de conexão de desconexão dos nós nem sempre é permanente, uma vez que existem interesses de prioridade, o que não significa um desaparecimento dos

secundários. Desta forma, alguns nós estarão muito mais fortes do que outros, de acordo com o conteúdo que se trata e com os interesses buscados, através destes laços relacionais e associativos, pelo sujeito.

As chamadas [janelas]⁷³ dos computadores na internet são as portas de entrada, e também de saída, às possibilidades que a internet oferece. Tratam-se de características de uma pulverização do sujeito que, quase como em uma obra de ficção científica, pode estar em vários lugares em espaço e tempo próprios e particulares ao mundo digital. A exemplo de uma experiência de sonho, na qual o conhecimento de si passa pela experiência do que nem sempre se é familiar ou usual. O romancista inglês, Lewis Carrol (2010), já no século XIX, trazia à tona a temática da busca por uma identidade, mas, sobretudo a experiência de possibilidades, conforme ressalta em sua obra “Alice na terra do espelho”. O escritor surrealista argentino Jorge Luís Borges, em seu “Livro dos Sonhos” também faz alusão ao jogo de imagens que temos e que acabamos por vivenciar do mundo ao redor e das percepções e anseios que trazemos adentro:

- Agora está sonhando. Com quem sonha? Sabes?
- Ninguém sabe.
- Sonha contigo. E se deixasse de sonhar, o que seria de ti?
- Não sei.
- Desapareceria. És uma figura de um sonho. Se este rei despertasse, te apagarias como uma vela. (BORGES, 1979, p.134)

A experiência da fluidez pós-moderna, facilitada pelo computador e pela internet, mostra que o sujeito pode ser muitos e, não necessariamente, desaparecer com determinadas características, práticas e comportamentos ao desligar o computador. O pressuposto que me interessa trazer à discussão é a de que algo do universo *on-line* acompanha o sujeito *off-line* e vice-versa. Uma vez que não considero esferas distintas e sim em permanente conexão, com características mais ou menos acionadas, de acordo com o contexto e as intencionalidades almejadas e percorridas em *flâneries*.

Sobre isto, pude perceber como, no decorrer das falas, grande parte dos entrevistados afirmou que, durante algum período, perderam o interesse por determinadas redes da internet. Em alguns casos o interesse foi recuperado, mas, na maior parte das vezes, houve a substituição de uma rede social da internet por outra. O que mais saltava à análise destas falas era um momento de vida que acarretava em mudanças comportamentais: a entrada na

⁷³ Denomina-se “janela” às diferentes portas de acesso a determinada informação.

Universidade, viagens realizadas, novas amizades, a entrada em um estágio, a graduação na Universidade e a mudança de trabalho foram os principais momentos de vida que determinavam quando uma rede deixava de fazer sentido para os sujeitos que entrevistei. Em alguns casos, o que se busca nas redes sociais da internet não possui uma relação direta com algo vivenciado *off-line*, mas, em virtude de despertar o interesse, o entrevistado ia em busca de determinada informação que considerava pertinente à formação de sua identidade, embora reconhecesse que em alguns casos a interpretação do senso comum era a de que se fazia parte de uma rede social sobre determinado assunto, automaticamente o sujeito havia passado ou passava por temáticas afins. Carla declarou, como exemplo da diversidade de conteúdos que lhe interessa e que lhe constrói:

No *Twitter*, eu gosto de música gospel e de rock, se a pessoa tiver algo interessante para me acrescentar eu não tenho problema com isso [com a diversidade de assuntos e identidades encontradas entre os sujeitos nas redes sociais da internet], até porque eu tenho muito cuidado para não rotular ninguém. Eu tento sempre ir além do primeiro impacto [primeiras impressões e conceitos]. Acho que deixo bem claro que tenho gosto bem diferente um do outro, nunca tive problema de esconder isso, ‘tá lá na minha página [perfil da internet da entrevistada]. [Por exemplo] Tinha um fórum que eu participava que era de debate sobre homossexualidade e era muito mais por ele trazer notícias, não por ser uma comunidade de pessoas homossexuais, muito mais pelas informações que trazia. Eu participo de fóruns de violência doméstica e nunca sofri violência doméstica, participo de fórum de abuso sexual, que eu também nunca sofri, não é uma coisa que esteja pertinente a minha história de vida, mas participo porque acho interessante os debates.

Sobre a percepção acima de Carla, reconheço que, embora não façam parte de ações, a busca por estas temáticas de interesse fazem sim parte da história de vida da interlocutora, ainda que estejam envolvidas com o plano das ideias e dos conceitos. Sendo assim, um conteúdo interessado e do qual se busca informação, não seria uma demarcação de história de vida? Não seria uma ação verbal ou mental? Desta forma, por mais que o sujeito não tenha a vivência de atitudes e situações físicas sobre determinados conteúdos, a ação do pensamento poderia implicar em traços de sua identidade.

Por conseguinte, não é apenas determinado conteúdo da rede da internet que adquire relevância, mas toda uma situação de vida percebida, ainda que muito mais no plano do subjetivo, pelo sujeito que o fazia distanciar-se das características que antes lhe eram mais presentes, mais marcantes ou até de maior interesse, em prol de outras conjunturas de vida.

Daí porque muitas das principais mudanças sentidas pelos entrevistados afetavam diretamente suas práticas sociais, conseqüentemente as formas de se relacionar com o conteúdo das redes e os sujeitos que a elas estavam ligados. Recuero (2012) argumenta que os perfis da internet são uma forma dos sujeitos demarcarem suas presenças em um espaço caracteristicamente fluídico e sem concretudes de espaço. Assim, o sujeito se constrói performaticamente através de fotos, assuntos que se interessa ou que publica, a maneira como se expressa, os amigos que possui, dentre outros. Desta forma,

ao construir um perfil, os atores precisam, reconstruir indícios que dêem pistas aos demais interagentes a respeito de quem são. Assim, elementos representações do corpo (como avatares), descrições, expressões linguísticas, gostos, convenções etc. são transportados para este perfil. São essas pistas que darão a quem entra no perfil uma ideia de quem é aquele ator. (RECUERO, 2012, p.140)

O ato de pertencimento a um determinado grupo/rede, confere o desenvolvimento de um capital social ao sujeito, com o intuito de fortalecer seus relacionamentos e suas experiências, o que acaba por interferir diretamente, bem como ser a própria causa de determinados traços na identidade do sujeito, uma vez que apesar de vir do coletivo, através das redes, este capital social pode ser apropriado ou transformado pelo indivíduo. No caso da internet, a possibilidade de acesso a quase todo e qualquer conteúdo, permite com que determinados contextos sejam conhecidos e possíveis de interação de uma maneira mais fácil do que o seriam no plano da vida *off-line*. Outrossim, o espaço do qual o sujeito poderá influenciar suas condutas e buscas, não mais será um limitador geográfico, uma vez que dirá respeito a um território praticado socialmente.

Lúcio destacou ter entrado em contato com fóruns de diversos países até decidir ser ateu, tema este não discutido em profundidade com sua família católica. Edgar teve certeza de sua homossexualidade a partir dos conteúdos que lia, vídeos que assistia e imagens que tinha acesso nas redes sociais que fazia parte na internet, as quais lhe conferiram não apenas material sobre a temática, como a segurança do anonimato acerca de uma questão que, afirma, esbarra em preconceitos sociais. Nos dois casos, as experiências tidas na internet não foram exploradas em profundidade no mundo *off-line* destes sujeitos, mas interferiram em suas identidades, tanto *on-line* quanto *off-line*. O que Barth (2000) classifica como a fluidez da construção identitária, mediante o contexto de significantes e de significados que configuram as relações com os demais e com o mundo social, a partir da construção do que reconheço como uma narrativa identitária.

Sobre isto Derrida (1996) frisa que a escrita de uma narrativa acontece não apenas com a participação do autor, mas pela contribuição da audiência, podendo ser o próprio silêncio ou a omissão de determinadas informações, uma estratégia de comunicação. Como Foucault (1971) assinala, os percursos gerativos do discurso podem ser os mais plurais possíveis, desta forma a interação com a tecnologia digital influencia na construção da identidade e de sua percepção. O desenvolvimento deste raciocínio, leva à recuperação do conceito sobre os computadores, no âmbito do social. Criados com o intuito de serem ferramentas, até quase o final do século XX, esta tecnologia era percebida como meras máquinas de fazer cálculo. Dentre algumas mudanças na utilização destes objetos é destacado o surgimento da internet como um dos grandes responsáveis por fazer com que as ideias postuladas por Derrida (1996) e por Foucault (1971) fossem observadas no ambiente digital.

Há quinze anos, na cultura popular, as pessoas estavam ainda a habituar-se à ideia de que os computadores podiam projectar e expandir o intelecto do utilizador. Hoje em dia, as pessoas começam a aceitar a noção de que os computadores podem expandir a presença física dum indivíduo. Algumas pessoas usam os computadores para expandir a sua presença física através de ligações vídeo em tempo real e salas de reunião virtuais. Outras recorrem à comunicação mediada pelo computador para encontros sexuais no ecrã (TURKLE, 1997, p.29).

Um perfil da internet não se constitui em algo estático, uma vez que acompanha as transformações sofridas pelo sujeito, quem pode mudar, a qualquer instante, uma ideia, uma opinião ou um interesse. Uma vez que os perfis auxiliam na interação e na contextualização relacional entre sujeitos, podem ser adaptados de acordo com os valores e as intenções de cada momento regido por expressões e percepções específicas. Todas estas consistem em maneiras associativas de se relacionar no espaço imaterial das redes da internet e de vestir de informações um corpo imaterial; e é nesta busca por se construir um “cartão de visita” a ser disponibilizado de acordo com as características e interesses de cada rede que o sujeito tem a possibilidade de experimentar facetas de si, interferindo em sua construção identitária.

A conversação, portanto, constitui e reconstrói o perfil, oferecendo elementos para a construção de identidade e também dependendo desta para se construir através de performances conversacionais com outros atores (RECUERO, 2012, p.141)

Da mesma maneira, ao longo do estudo de campo, percebi que cada rede social da internet possuía, muitas vezes, finalidades específicas para os interlocutores, podendo serem

apropriadas para propósitos específicos e que diferiam ou se complementavam entre si. Para Marta, enquanto seu perfil na rede *Twitter* está mais direcionado para a busca de informações profissionais, seu *Facebook* já tem um cunho lúdico informal mais marcante, a partir do momento que sua principal utilização é para entrar em contato com amigos. Já Tadeu argumentou que, embora busque priorizar seu perfil no *Facebook* para assuntos profissionais é impossível escapar dos pessoais e por isso vez ou outra enfrenta situações nas quais se torna complicado preservar sua privacidade. Por este motivo não gosta de assumir seu relacionamento com Danilo na rede e reconhece que, às vezes, procura se lembrar de selecionar as fotos das festas que frequenta e publica em seu perfil. Ainda assim Tadeu diz que adora ver fotos dos outros e divulgar as suas, caso contrário o *Facebook* perderia parte de seu atrativo. As fotos são uma das ferramentas comumente utilizadas para que o sujeito não apenas construa uma imagem, ou performance em rede, mas também contextualize as informações que os demais disponibilizam e sintam mais ou menos atraídos por estabelecer laços de sociabilidade.

No caso de Tadeu, há uma prioridade por fotos nas quais está viajando e trabalhando, uma possível mostra de como o entrevistado poderia estar a tentar [agradar], ambas facetas tanto profissionais quanto pessoais, no sentido de divulgar, imageticamente, o que de interessante está fazendo. Fotos da rotina, argumenta, não são interessantes, a partir do momento que não o posicionam como um sujeito que faz um “algo a mais”, como define. A expressão e o reconhecimento feitos pelo entrevistado é mostra de como as fotos podem ser usadas como construtores de performance e facilitadores de sociabilidade.

Há, assim, uma intenção de priorizar fotos que tratem de viagens, situações de destaque no trabalho ou momentos partilhados com um grupo de amigos, com o principal intuito de destacar, ainda que dentro da rotina de suas vidas, situações que possam despertar o interesse coletivo, por mais específico que este seja, fazendo com que o “banal”, o “trivial”, possa receber ares de destaque, um diferencial perante o que é coletivo. O que Sibila destaca como uma intenção de priorizar a mensagem e conferir uma potencialização atrativa da realidade, como no caso trazido por este trabalho de campo, através da percepção das

fotografias, que registram certos acontecimentos da vida cotidiana e os congelam para sempre em uma imagem fixa: não é raro que foto termine engolindo o referente, para ganhar mais *realidade* do que aquilo que em algum momento de fato aconteceu e foi fotografado. Do mesmo modo, também as palavras que tecem a minuciosa escrita autobiográfica parecem exalar um poder mágico: não só testemunham, mas também organizam e inclusive concedem *realidade* à própria

experiência. Tais relatos tecem a própria vida; de alguma maneira, a *realizam*. (SIBILA, 2007, p.185)

As distintas funcionalidades dadas às redes se justificam pelos específicos atributos estabelecidos tanto pelo indivíduo criador de determinado perfil em determinada rede, quanto consistirão em critérios acordados pelo coletivo. Esta foi a principal razão que levava os entrevistados a não possuírem apenas uma rede da internet e por estarem sempre migrando de contexto e de *interface*, levando-os a utilizarem várias ferramentas simultaneamente. Segundo Lia, enquanto se conecta para responder correios eletrônicos, aproveita para entrar no *Facebook* e ver “o que as pessoas estão fazendo”. A conta de *e-mail* consiste em uma ferramenta para tratar de assuntos em profundidade e de se comunicar, sobretudo em questões do trabalho. O *Facebook* é utilizado, como primeira intenção, para ócio e para se informar acerca do que, socialmente, seus amigos estão publicando ou dizem estar fazendo. Lia não gosta de publicar muitas coisas a seu respeito, mas sempre que pode, comenta uma foto ou deixa alguma mensagem para um amigo específico. Percebo nestas ações da entrevistada a intenção de fortalecer os laços sociais e incrementar o capital social advindo daquele relacionamento, caso contrário, os horários de vida extremamente diferentes acabariam por distanciá-la de pessoas que ainda gostaria de preservar o convívio, mesmo que este ocorra apenas e tão somente pela mediação das redes da internet.

eu não publico todo dia [nas redes sociais da internet], para eu fazer isso tem que ser alguma coisa interessante, no sentido de me marcar. Teve um dia que eu até coloquei: ‘ah, ‘tô muito preocupada, minha cachorrinha adoeceu’, mas não coloquei no sentido de: ‘quantas pessoas vão comentar?’, mas é como se eu estivesse desabafando, para mim é o que ‘tô vivendo. Se eu estiver em um momento difícil, não vou colocar lá uma foto, uma imagem pra todo mundo rir, não coloco coisas se aquilo não estiver refletindo a minha realidade naquele momento. Acaba que quando eu escrevo alguma coisa, tanto se estiver chateada ou se eu estiver muito feliz, eu quero dividir isso com as pessoas que eu conheço, com as pessoas próximas, que nem um convite para um casamento, uma formatura: tu queres dividir aquilo com as pessoas que são próximas, que te conhecem. Apesar de ser público, apesar de ser redes sociais eu não quero que o cara que tá lá do outro lado, que eu não sei nem quem é, saiba. Sou muito fechada, mas eu acho que tem um limite, mesmo sendo redes sociais com o acesso de tanta gente pela internet.

Agora sei que tem muita gente que faz coisas bem diferentes na internet: daí ou ela mudou ou a gente não sabe o que ela tá passando, mas eu acho que a página [o perfil na rede social da internet] acaba

sendo um desabafo. A gente não sabe o que a pessoa ‘tá passando, às vezes a gente muda de opinião num estalar de dedos.

A referência acima permite perceber como as autobiografias dos perfis das redes da internet possuem uma tendência a encaminhar os relatos para uma afirmação e construção do sujeito perante o social, de maneira que possa se destacar, seja através das fotos que publica ou nos assuntos que ressalta como de interesse. Assim, se no século XIX, escreviam-se diários e se grifavam informações de si com o intuito de se firmar diferenças e especificidades, através do relato de vidas contadas em narrativas extraordinárias e bem contadas, com uma nítida influência romântica, hoje o que se costuma perceber nas páginas de perfis pessoais da internet é um sujeito que se narra e se mostra de maneira a fazer parte, a assimilar, a resistir, a se resignificar e a construir o capital simbólico, a partir da relação estabelecida consigo e com o Outro, de sua identidade.

4.5 Sobre o encantamento e algumas considerações

O jogo de interesses, a seleção de redes sociais e a forma de interação com estas e com os sujeitos presentes nelas, acompanham a pesquisa realizada por Miller (2000) acerca das formas de apropriação realizadas pelos indivíduos. Sobre isto, a própria questão da performance e a intencionalidade que cada um dos entrevistados tinha em suas redes sociais, eram mostras do direcionamento de sociabilidade realizados através destes objetos. Desta maneira, as redes sociais da internet podem ser percebidas como a construção de anseios, intenções e objetivos.

Aproveito este capítulo para ratificar que as páginas das redes sociais da internet podem ser percebidas como o resultado da relação entre sujeitos e das próprias sensações trazidas quando estes entram em contato com seus perfis na rede, bem como as demais possibilidades propiciadas pela tecnologia. Miller (2000) alerta para a criação de uma essência vital nestes objetos, a qual pode chegar a níveis não controlados pelos sujeitos uma vez que, por ser partilhada, seu controle total não é possível, pois parte desta essência é exclusiva ao encantamento exercido pelas redes da internet nos sujeitos.

Destarte, a identidade pode ser encontrada com influências tanto do mundo público quanto no pessoal, pois quando o sujeito se projeta este também se dá conta de quem é ou de quem gostaria de ser, daí a importância das redes sociais, que sempre acompanharam a

trajetória humana, fossem na forma de núcleos familiares, de amizades, do trabalho ou, como mais recentemente temos nos deparado, com as redes sociais presentes no chamado ciberespaço. O sujeito se constitui de maneira fragmentada, porque as realidades nas quais se insere são diversas e fluídicas, tanto no que tange ao tempo quanto ao espaço, categorias estas exploradas nas bases desta pesquisa, conforme avalia Miller: “a criação do ciberespaço é claramente uma expansão do espaço-tempo” (2000, p.06).

Grande parte desta dinamicidade de espaço e de tempo pode ser percebida no contexto do ciberespaço, o qual diz respeito muito mais a um estado de trajetória do que algo. Desta maneira, as reflexões sobre esta temática estão centradas na questão da extensão que os sujeitos fazem destes ambientes de rede social, bem como nos diversos tipos de interferências geradas a partir da interação entre sujeitos e redes sociais da internet. Logo, a própria ideia de que se é dono de um determinado local na *web* é uma fantasiosa, pois este passa a ser um cenário de trocas sociais e não apenas individuais, configurando espaços de sociabilidade, experiência, performance e interação. Sobre este ponto, Gell (1998) ressalta a existência e capacidade da *web* de relacionar e colocar, em um palco de interação sujeitos e coisas, a objetificação. Isto posto,

a *web* (na sua forma total) é um objeto no qual nós somos capazes de seguir como um movimento do pensamento, um movimento da memória alcançando o passado e um movimento de aspiração, sondando entre um não realizado, ou talvez não realizável futuro. Através do estudo destes artefatos, nós somos capazes de ter uma ideia de como estas disposições externas (e eternas) destes atos públicos de objetificação e simultaneamente de envolvimento da consciência de uma coletividade, transcendem o ambiente individual e coordenam um particular aqui e agora (1998, p.258)

Acerca da questão tratada acima, o pesquisador social Mário Guimarães Jr. (2004) declara a necessidade para que o estudo do fazer antropológico no ciberespaço não seja mais analisado como formas de interações sociais em um aspecto superficial. Tendo como fundamento as propostas de Barth (2000), acerca da compreensão da identidade, como algo em constante dinamismo e que deve ser compreendido a partir das características da sociedade na qual se insere e que influencia sua construção e transformação, percebo o ato do sujeito de se representar nas redes sociais da internet como uma das plurais demonstrações de experiências possíveis para que características e interesses diversos sejam catalisados, de forma a criar e construir, a partir de diversos propósitos, uma identidade fluida. Assim,

Movendo o foco de investigação da materialidade das tecnologias para a natureza das práticas sociais e respectivas representações nas quais as mesmas estão inseridas. A natureza das tecnologias, portanto, não se encontra em sua materialidade, mas nas formas pelas quais as mesmas são utilizadas em cada contexto específico (GUIMARÃES JR., p.132, 2004).

Considero importante ratificar algumas características da etnografia realizada e já exposta em capítulos anteriores, dada a importância da leitura dos símbolos sociais, conforme proposto por Geertz (1973) e Barth (2000), bem como pelo paradigma hermenêutico e em seu desdobramento, a Antropologia Simbólica. Desta forma, estando a cultura vinculada com uma série de conceitos semióticos de significados, sua preocupação principal centra-se na forma pela qual os sujeitos compreendem o mundo ao redor e seu universo interno, através do uso de uma linguagem simbolicamente compartilhada. Estes sujeitos também agenciam em muito suas próprias culturas, inclusive suas tecnologias, conforme salienta o antropólogo Paul Rabinow (1999), quando interpreta de que maneira as representações são formas de se compreender os fatos sociais.

Tanto a questão da performance, anteriormente trazida por Butler (1993, 2003), quanto as representações das quais trata Rabinow (1999), são categorias de interesse prioritário no estudo da etnografia que realizei. O interesse que realizo neste projeto é o de perceber de que formas, ainda que mediados pela tecnologia, estes sujeitos podem representar-se a si e a inserirem suas performances em um mundo imaterial que nunca deixa de refletir escolhas, conseqüentemente, performances e representações, que ocorrem no mundo material. Faço uso, sobre esta questão, de uma afirmação de Rabinow (1999), que acompanha a ideia já anteriormente exposta sobre as performances de Butler (1993, 2003): “A conversação entre indivíduos e culturas somente é possível dentro de contextos moldados e limitados por relações históricas, culturais, políticas e práticas sociais parcialmente discursivas que as constituem.” (RABINOW, p.77, 1999).

Destaco a possibilidade de, nas redes sociais da internet, o sujeito estar mais livre para selecionar o conteúdo que deseja ter acesso ou que deseja estabelecer laço, ainda que por breve momento de sociabilidade. Enquanto alguns entrevistados mostraram cautela sobre a divulgação e fotos, outros buscaram selecionar acontecimentos, como festas e férias. Sempre que possível estas fotos possuem outros sujeitos que, ao terem seus nomes marcados por aquele que publicou a foto são notificados, automaticamente, seja via correio eletrônico, seja por mensagens que chegam dentro da própria rede social, na qual a foto se encontra disponível. Esta se mostra uma atualização dos exemplos de sociabilidade trazidos por

Simmel (1971, 2006), tanto sobre as pontes que o ato implica quanto para a questão do conteúdo e de sua seleção, trazida pelo autor, uma vez que promove o debate e a reunião das pessoas ali fotografadas, bem como permite o replique de comentários de quem a vê publicada.

O caso de Dalila é um exemplo de como fotos podem dizer muito, inclusive sobre suas características e potencialidades profissionais. Segundo a entrevistada, em virtude de ser professora de academia de ginástica sempre procura fazer uma seleção meticulosa das fotos que disponibiliza em suas redes sociais: “quando eu coloco [fotos], acabo vendo o que é bom, porque as pessoas vêem que a gente ‘tá bem, que ‘tá se cuidando, acabam vendo por esse lado. Uma divulgação também do meu trabalho.”.

Dado curioso é o de que, mesmo entre aqueles entrevistados que afirmaram não publicarem fotos suas, seja por falta de tempo ou por questões de privacidade, foi unânime o interesse em ver fotos, ainda que de pessoas não tão próximas a seu ciclo social. Aí residem uns dos pontos fortes das redes sociais da internet: pode-se ver muito, sobre vários, sem necessariamente se identificar ou realizar algum comentário, diferente da vida *off-line* que, muitas vezes, demanda mais expressões e práticas verbais ou gestuais na interação social.

Dalila afirmou utilizar outras ferramentas das redes sociais, as quais acabam por, mesmo que não seja a intenção consciente da entrevistada, divulgar determinados aspectos de sua identidade e de buscar consequências positivas para sua atuação profissional. Exemplo disto é o registro do local que se encontra em determinado momento, o denominado *check-in*⁷⁴, o qual Dalila realiza frequentemente:

estava na pós-graduação e coloquei o *check-in*, até para meus alunos saberem o que estava fazendo, para saberem que estava me qualificando, daí viram e na segunda já vão chegar me perguntando: o que foi, como foi, uma forma de interação, de divulgar, porque às vezes é difícil a pessoa saber que ‘tô fazendo um curso e daí é bom as pessoas do meu dia a dia, do meu trabalho, saberem.

A grande questão é que, dada a liberdade para se colocar qualquer foto, o sujeito pode tanto se representar tal qual é no mundo *off-line*, quanto revelar características específicas do que constitui a percepção e os anseios de e sobre si. Assim, as performances *on-line*, bem como as *off-line*, podem ser formas de ocultar ou destacar aspectos que também podem oscilar

⁷⁴ Esta ferramenta permite indicar, a partir de um rastreamento geográfico, a localização na qual determinada foto foi tirada ou local que se esteve.

e se transformar, o que não deixa de passar pela questão de como o sujeito se reconhece ou deseja ser percebido. De acordo com Moura,

uma ideia imagem – construída à medida do simulacro que a envolve e em resultado direto do permanente encontro/desencontro do corpo com o seu *outro-sublimado*, fabricado pelas novas tecnologias. A experiência quotidiana do sujeito contemporâneo encontra-se marcada pelos diversos dispositivos que o ligam e desligam do que o rodeia. Telemóvel, televisão, internet, jogos de computador, ... ligar/desligar – ligar/desligar - ligar/desligar – ligar/desligar ... O sujeito salta de máquina em máquina, funde-se com ela, dilui-se nela, exige tudo dela como ela exige tudo de si. Com isso algo se perde – algo se cria – algo se transforma. (2002, p.08)

Sendo assim, o ambiente do ciberespaço permite que o sujeito se encontre parcialmente liberado dos aspectos físicos de seu corpo. É acompanhado, desta maneira, muito mais da ideia de si próprio e a possibilidade da experiência de posturas e situações *on-line*, as quais, em algum nível, poderão sofrer interferências do plano *off-line* e vice-versa. Sobre este aspecto específico, faço a ressalva sobre o que muitas vezes é interpretado como fuga ou falseamento de si: o fato de que, para acessar a internet, não é necessário ter um corpo físico correspondente ao que se vive *on-line*, o que não significa que este não exista como representação dos auto reconhecimentos ou anseios da experiência *off-line*, a exemplo da seleção de fotos disponibilizadas pelos usuários em seus perfis. Rodrigo detalha que houve situações em que simulou ser do sexo feminino, nas redes sociais da internet:

Para experimentar umas coisas eu gosto do anonimato das redes porque Eu, minha vida, ninguém toca. Por isso não publico Nada sobre minha vida, só sobre meu trabalho, meu amor pela fotografia, não gosto de publicar fotos pessoais porque a gente pode receber um comentário ruim e ser atacado a qualquer instante, é muita exposição. Mas u gosto tanto do que faço [com o que trabalha] que só procuro essas coisas na internet e nos meus contatos das redes sociais. E pornô que todo mundo gosta, mas aí eu uso o anonimato.

Apesar da pontuação positiva acerca da liberdade oferecida pela internet e suas redes sociais, possuir um corpo físico no mundo *off-line* também influencia formação da identidade do sujeito, uma vez que este será o responsável por contar a(s) história(s), trajetória(s) e algumas das principais características do indivíduo, inclusive sobre as formas de relação que este estabelece com o mundo, consigo e com os demais. Destarte, o percurso de vida e das

próprias ideias e percepções do sujeito são [expostas] em seu corpo físico, na figura de um objeto que fala, que conta uma história.

Assim, corpo *off-line* e corpo *on-line* se encontram na esfera do campo das ideias e das características já possuídas ou em construção do sujeito, conectados nesta percepção pela subjetividade, em um sentido de que se possui o corpo e o corpo também nos possui, que participamos de redes sociais da internet, mas elas também nos possuem, elas também fazem parte daquilo que nos constitui e nos constrói, em situação de vertigem que configura o ato de possuir, mas simultaneamente de abrir mão do próprio corpo para, somente assim, poder vir a ser de outras formas, ultrapassando as fronteiras do material para contemplar as possibilidades do que é essência.

Neste ponto reside a questão destacada por Geertz (1973) acerca da teia de significados determinados e construídos culturalmente, a qual permite que um símbolo seja capaz de carregar inúmeros significados, os quais serão acionados de acordo com o contexto ao qual se refere determinada análise, uma vez que “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, p.12, 1979). Ao longo das falas dos entrevistados, percebi que as fotos disponibilizadas nas redes sociais da internet funcionavam como símbolos de performance acerca do que se deseja passar ou da identidade que o sujeito procura transparecer. Por conseguinte, a tecnologia fomenta anseios que já existiam no sujeito: da experiência, da imaginação, da busca, da influência, da construção; razões estas que levaram a uma modificação e uma ressignificação das formas interativas com o mundo e com a individualidade, em um encontro/desencanto do sujeito que surge a partir destas novas interações com o mundo e com os demais.

Assim, se em alguns casos a ideia do “anonimato” permite percorrer situações que de outra forma não seriam escolhidas caso a identidade fosse revelada, em outros momentos o sujeito faz questão de ser assim reconhecido e se (auto)afirmar, apesar disto ambas as situações não são, necessariamente, ambíguas, pois todas estão interligadas pelas intencionalidades identitárias do sujeito, de acordo com o momento, a finalidade, os objetivos e, inclusive, a justificativa que pode ser dada, na teia dos significados culturais e sociais, para as ações e interpretações realizadas. Percebo como as redes sociais da internet permitem que os sujeitos possam ter suas vidas e determinados assuntos partilhados, com o intuito de aumentar não apenas a exposição de suas individualidades, mas de promover suas representações, seus valores e aquilo que lhes é complementar na identidade, através das experiências trazidas pela interação social. Assim, há uma busca pelo aprofundamento do

capital social e de sua identidade, seja em uma visão global, quanto sobre assuntos específicos. É nesta busca que, constantemente, podem-se agregar, questionar e descartar valores e conceitos, performances e subjetividades de maneira a nunca se ter uma sujeito de práticas fixas, mas, conforme o propõe Nietzsche (2002), um sujeito que é transição e queda, é ponte e não fim.

CONCLUSÃO

“Nossa caminhada não tem começo nem fim,
só continuidade.”
(Renée Gumiel)

O estudo da identidade proposto neste projeto esteve focado em compreender de que forma os jovens, constroem suas identidades, considerando as relações estabelecidas entre *on-line* e *off-line*, dinâmicas em permanente construção e em situação relacional com o outro e com o social. Logo, a metodologia do recorte dos interlocutores deste projeto considerou a fluidez que marca as experiências sociais e as relações entre gerações.

Dada à dinamicidade e a necessidade de operar com análises que envolveram tanto aspectos do *on-line* quanto do *off-line*, a categoria espaço foi percebida enquanto um cenário de práticas sociais e não uma localização geográfica. A construção e desconstrução destes locais estão centradas, especialmente, no subjetivo e no jogo de interesses dos sujeitos, o que envolve as finalidades e funções que cada espaço adquirirá àqueles que aí e com ele estabelecem relações.

A classe social não foi definida a partir de características econômicas apenas e sim a partir de um marcador social operado mediante valores construídos no campo social e cultural, tendo como base uma relação de significados compartilhada por sujeitos inseridos e envolvidos em determinado contexto. Demonstrando que a dinamicidade e as escolhas são operadas com influência do coletivo e do subjetivo, ligados a sistemas classificatórios simbolicamente representados, construídos, transformados e utilizados.

Uma vez que as redes sociais da internet se configuram em territórios de espaços praticados, podem convergir interesses e propósitos diversos, o que levou alguns entrevistados a destacarem a falta de privacidade que sentem em algumas situações, bem como o sentimento da vigilância. Apesar disto, não deixam de ser oportunidades para que o sujeito trace novas experiências ou aprofunde determinadas questões pertinentes em maior ou menor escala à construção de suas identidades. O julgamento advindo do senso comum sobre as redes sociais da internet muitas vezes as percebem como espaços de fuga da realidade, entretanto foi constatado, através do trabalho de campo, que *on-line* e *off-line* não se configuram como esferas antagônicas e sim como realidades complementares. Desta forma, estas esferas estão em constante comunicação e interferência, estabelecendo relação quase simbiótica, pois o que se vive no *off-line* geralmente reflete situações, anseios e buscas com o *on-line*, e vice-versa.

Tendo em consideração o exposto acima, as categorias que envolvem a compreensão do sujeito e de sua identidade foram estudadas de forma a demonstrar que muitas ideias trazidas no fundamento dos estudos da Antropologia consistiam em aportes necessários à operacionalização das análises advindas do campo. Logo, considero de fundamental importância a incorporação da Antropologia, a qual norteou as reflexões tecidas neste estudo e foi a ciência responsável por perceber sujeitos e tecnologias para além das características operacionais e de valores comunicacionais, conforme desenvolvido por outras pesquisas na área da Comunicação Social no Brasil.

Graças ao aporte antropológico, foi possível conciliar este projeto não apenas com as contribuições advindas da Comunicação, mas aprofundar as informações trazidas do campo com o embasamento dos debates acerca de classe social, das categorias de performance e gênero, da relação do sujeito com sua subjetividade, da relação social, dentre outros. Por conseguinte, o passo dado neste projeto teve o intuito de atentar para outras questões que formam a identidade do sujeito e vão para além das trocas conversacionais operadas e da maneira como estas interfaces funcionam. Esta argumentação está embasada na emergência que se acredita necessária ao aprofundamento dos estudos acerca da internet e das relações que aí se inserem, tanto entre sujeitos quanto entre sujeitos e perfis da internet. Mais do que fenômenos de comunicação, as redes sociais da internet bem como a forma pela qual influenciam nos comportamentos dos indivíduos e são tomadas por estes sujeitos, dizem respeito a reflexos do social e da cultura.

A construção de significados sociais e a forma como estes são culturalmente construídos, interpretados, adaptados e transformados foi fundamental para apreender de que maneira as identidades e as interações com o mundo acontecem mediante intencionalidades, expectativas, julgamentos e pré-conceitos. A cultura e seus significados são os responsáveis por traçar grande parte dos comportamentos sociais, sendo assim, a identidade se constitui em desafio de estudo, pois envolve a interpretação de mundos e categorias diversas dentro do contexto social. A construção das identidades dos indivíduos tem influência das intenções, buscas, questionamentos e significações ligados tanto ao social quanto ao individual do sujeito, em experiências de vidas dinâmicas e diversas.

Neste contexto de dinamicidade de experiências, os laços estabelecidos demonstram a aproximação ou o afastamento entre sujeitos de acordo com o momento, o que não significa a perpetuidade e forma fixa destas interações. Desta maneira, a concepção de grupo deve ser vista como reunião não homogênea de sujeitos que se conectam, em determinado instante, por

motivo e razão específicos, podendo, em outras situações estarem separados ou mais afastados.

As redes sociais da internet levam a refletir sobre como estas identidades e as sociabilidades podem ser operacionalizadas no *on-line*, dado que a concepção do corpo, enquanto matéria física terá sua representação operada em fotografias, formas de falar e conteúdos compartilhados. Destarte, o sujeito aciona características de sua identidade de modo a construir uma narrativa pessoal, a qual, no instante em que entra em interação com os demais, poderá sofrer modificações, como a forma de se expressar e a expectativa gerada sobre o que se espera da interação com o outro. Não obstante, os limites entre público e privado são tênues e possibilitam transposição, uma vez que a rede social da internet bem como qualquer coletivo agregará sujeitos que compartilharão determinados laços de sociabilidade, mas que podem se mostrar divergentes e antagônicos sobre outros.

Muitas das questões as quais os interlocutores demonstraram receio na exposição *off-line*, como temáticas da religião e da sexualidade, eram vivenciadas no *on-line* por meio de atitudes que não tinham oportunidade de acontecimento no *off-line*. Apesar disto, o sujeito raramente se desvinculava dos comprometimentos e das representatividades de determinada postura exercida no *off-line*. Por esta razão, alguns optavam pelo anonimato ou possuíam cautela em suas ações, esta observação demonstra que não se pode considerar a vivência *on-line* como uma fuga daquela *off-line*. O que foi possível perceber foi que *on-line* e *off-line* operam de maneira complementar, ora a reforçar, ora a explorar espaços e características, assim como a ideia da identidade que se tem de si não abandona estes sujeitos. Por esta razão, não considero os comportamentos e atitudes expostos pelos sujeitos através do campo realizado como antagônicos, e sim como plurais e fluídos, o que corresponde aos fundamentos teóricos trazidos nas bases dos estudos antropológicos utilizados.

As análises realizadas neste projeto demonstraram a influência da cultura material, e mais especificamente do conceito de objetificação, na compreensão da influência que as redes sociais da internet podem exercer na vida dos sujeitos. Considerando que estas ferramentas tecnológicas integram o sistema de interação entre os sujeitos, elas não podem ser percebidas tão somente como plataformas comunicacionais, mas para além disto, dizem respeito a formas de encantamento e de atração dos sujeitos, graças ao envolvimento não apenas estético oferecido por estas plataformas, como também pela capacidade destas de reunirem diversos indivíduos e possibilidades.

Observar o comportamento humano na interação com os objetos que os constroem é considerar toda a carga de importância que estes possuem na vida em sociedade. Por este

motivo, apurar a compreensão sobre a objetificação das coisas que cercam o mundo social, tanto coletivo quanto subjetivo, seja no *on-line* como no *off-line*, é uma forma de compreender como estas relações entre sujeitos e tecnologia integram as esferas da construção do ser social e de sua identidade, em processo vital de interação, toque, percepção e sociabilidade.

Durante as entrevistas, foram assinalados diferentes propósitos que buscavam justificar determinada conduta ou forma de agir, entretanto, todos eles se viam refletidos nos anseios próprios do sujeito para a construção de sua identidade e da interação com os demais. Dito desta maneira, os casais que nem sempre assumiam o relacionamento no *on-line* eram os mesmos que no *off-line* reservavam tal informação para poucos sujeitos de seu ciclo social, em demonstração de que o que era considerado de caráter extremamente pessoal, o era tanto no *off-line* quanto no *on-line*. Os sujeitos, sobretudo aqueles que se reconheceram homossexuais, evitavam tratar da questão no universo *on-line* como reflexo de preconceitos e situações encontradas no *off-line*. Neste processo dialético de construção das narrativas a partir das falas individuais e de como estas são inseridas na sociedade, percebi que um comportamento ou uma forma de pensar no *off-line* pode encontrar outras correspondências no *on-line*, considerando a riqueza trazida pela trajetória vivida pelo indivíduo.

Deste modo, criar um perfil na internet está relacionado com escolhas realizadas que interferem e (des)constróem as identidades do sujeito em constante mudança. A fluidez que acompanha a identidade é a demonstração de que o sujeito, em relação consigo e com os demais, é capaz de transformar o outro, o contexto ao seu redor, e também a si, em um eterno vir-a-ser no qual espaços e características são negociados mediante necessidades e intenções. A complementariedade do *on-line* e do *off-line* mostra a sincronia que operam, portanto não cabe aqui determinar se o que os sujeitos vivenciam nas redes sociais da internet e no *off-line* é ou não verdadeiro, uma vez que se cairia em padrões normativos os quais não considero oportunos às compreensões aqui propostas. Afinal, cada indivíduo trás um universo dentro de si, tão rico e matizado que faz com que as identidades aqui analisadas estejam em frequente transformação.

Muitas vezes, o estudo da interação entre sujeitos e tecnologia pode levar a uma visão parcial sobre como ela se operacionaliza na prática, conforme foi o caso dos principais trabalhos já desenvolvidos na área da Comunicação no Brasil, os quais se encontraram fundamentados nas trocas de mensagens e nas características de interface das tecnologias. Por isto, as bases antropológicas conferidas a este projeto foram necessárias para que a discussão explorasse outros sentidos e perspectivas em relação ao tema. Agrada-me imaginar a

possibilidade dos interlocutores de seguirem se modificando e não serem os mesmos do início desta pesquisa, o que me faz perceber que as análises aqui realizadas devem ser compreendidas segundo um recorte de tempo e espaço, e não como temática finalizada, tendo em vista que novos contextos podem surgir, bem como outras categorias podem ser incorporadas à análise da construção das identidades, explicitando desta forma as relações sociais e culturais como um campo frutífero para os estudos antropológicos dos sujeitos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADORNO, T. W.; HORCKEIMER, M. 1985. *Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos*. Trad.: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

AZZAM, C. Jr. 1993. *Antropologia e interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz*. Campinas: Editora da UNICAMP.

BACCEGA, M. A. 2007. *O impacto da publicidade no campo comunicação/educação. Estudos Contemporâneos da Comunicação*. DORNELLES, Beatriz; HAUSSEN, Doris Fagundes (orgs.). Porto Alegre: EDIPUCR, pp. 67-82.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (orgs.). 2006. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BARTH, F. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

BARTHES, R. 1977. *Elementos de Semiologia*. Trad.: Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix.

_____. 1999. *S/Z*. Trad.: Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70.

BAUDELAIRE, C. 2006. *O Pintor da Vida Moderna*. Trad.: Teresa Cruz. 4a ed. Lisboa: Nova Veja.

BAUDRILLARD, J. 1973. *O sistema dos objetos*. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva.

_____. 1992. *A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos*. Campinas: Papirus.

BAUMAN, Z. 2008. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad.: José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

_____. 2009. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BELTRÃO, J. F.; VILLAS, R. N. N. (orgs.). 1992. *Ciência e tecnologia: desafio amazônico*. Belém: Cejup.

BELTRÃO, L. 2001. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias*. Porto Alegre: Edipucrs.

BENJAMIM, W. 2006. *Passagens*. Trad.: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

BERMAN, M. 2007. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Trad.: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda.

BORGES, J. L. 1979. *Livro dos Sonhos*. São Paulo: Difel.

BOURDIEU, P. 1979. *O desencantamento do mundo: Estruturas econômicas e estruturas temporais*. Trad.: Silvia Mazza. São Paulo: Editora Perspectiva.

_____. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

_____. 2007. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.

BOWDEN, R. 2004. *A critique of Alfred Gell on "Art and Agency"*. **Oceania**. v.74, n.4, pp.309-324.

BRITO, S. (Org.). 1968. *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar.

BUTLER, J. 1993. *Bodies that matter*. London: Routledge.

_____. 2003. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. 2004. *Undoing gender*. New York: Routledge.

CAIRO, C. del; MARÍN, J. J. 2008. *Clifford Geertz y el ensamble de un proyecto antropológico crítico*. **Tabula Rasa**. Bogotá. n.8. Jan-Jun. Disponível em: <<http://tinyurl.com/a4ulpur>>. Acesso em 18 de Jan. 2013.

CALDEIRA, T. P. do R. 1988. *A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia*. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP.

CALVINO, Í. 1993. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 9-16.

CANCLINI, N. G. 1999. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. 2003. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad.: Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. 2007. *O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v.12, n.1, Disponível em <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em 23 de Fev. 2012.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. 1976. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

_____. 1979. *Introdução a uma leitura de Mauss*. In: **Marcell Mauss**. São Paulo: Ática, pp. 07-52.

_____. 1988a. *Sobre o Pensamento Antropológico. As categorias do Entendimento na Antropologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____. 1988b. *Tempo e Tradição: interpretando a Antropologia. Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. *Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na Antropologia Brasileira*. **Cadernos Pagu**. 28. Campinas. Jan-Jul, pp.9-63.

CARROL, L. 2010. *Alice através do espelho*. São Paulo: Salamandra.

CASTELLS, M. 2001. *La Era de la Información: Economía, Sociedad y Cultura*. Madrid: Alianza Editorial.

_____. 2003. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 2010. *O poder da identidade*. Trad.: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda.

CAVIGNAC, J. A. 2001. *Maurice Leenhardt e o início da pesquisa de campo na Antropologia Francesa*. ANPOCS.

CERTEAU, M. de. 2008. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.

CHARLOT, B. 2000. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artemed.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. 1998. In: GONÇALVES, José Reginaldo S. (org.). *A experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, pp. 17-62.

COELHO, V. C. 1998. *Ritos encantatórios: os signos que serpenteiam as chamadas bruxas*. São Paulo: Annablume. Disponível em <<http://tinyurl.com/6q677yl>>. Acesso em 22 de Mar. 2012.

COHN, S.; SAVAIONI, R. (orgs.). 2009. *Cultura Digital.br*. Rio de Janeiro: Azougue.

CONKEY, M. W. 2008. *Style, Design and Function*. **Handbook of Material Culture**. New York: Sage, pp.355-372.

COUTINHO, I.; MENDES DA SILVEIRA JR., P. (orgs.). 2007. *Comunicação: Tecnologia e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad X.

CRAPANZANO, V. 1986. *The masking of subversion in ethnographic description*. In: CLIFFORD, James and MARCUS, George E. (eds). **Writing Culture. The poetics and politics of ethnography**. California: University of California Press, pp. 51- 76.

DA MATTA, R. 1983. *Repensando E.R. Leach*. In: **Edmund Leach**. Roberto Da Matta (org.) São Paulo: Ática Coleção Grandes Cientistas, pp. 07-54.

DAYRELL, J. 2003. *O jovem como sujeito social*. Universidade Federal de Minas Gerais, n. 24, **Faculdade de Educação**, pp.40-52. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em 19 de fev. 2011.

DEBERT. G. G. 1999. *A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP/EDUSP.

_____ 1994. *A aposentadoria e a invenção da “Terceira Idade”*. **Textos Didáticos – Antropologia e Velhice**. n. 13. Campinas: Unicamp.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1997. *Mil Platôs*: v. 5. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, G. 2004. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'Água.

DERRIDA, J. 1996. *Deconstruction in a nutshell: a conversation with Jacques Derrida*. Fordham University Press. Disponível em <<http://tinyurl.com/7pmt5km>>. Acesso em 25 de Fev. 2012.

DeFLEUR, M.; BALL-ROKEACH, S. 1993. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar.

Dossiê MTV. 2010. Disponível em <http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf>. Acesso em 28 de jun. 2011.

DIAS, A. B. 2005. *Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador (BA)*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, apresentada à UERJ.

DURHAM, E. 1986. *Malinowski*. São Paulo: Ática, pp. 7-23.

DURKHEIM, É; MAUSS, M. 1981. *Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas*. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, pp. 399-455.

DURKHEIM, É. 1993. *O que é Fato Social e A sociedade como fonte do pensamento lógico*. **Durkheim** (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, pp. 46-52 e 166-182.

D'INCAO, M. A. (org). *Sociabilidade: Espaço e Sociedade*. São Paulo: Grupo Editores, 1999.

Enciclopédia e Dicionários Porto Editora. Disponível em <www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/slogan>. Acesso em 25 de jun. 2011.

ECO, H. 1993. *Apocalípticos e Integrados*. Trad.: Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

EISENSTADT, S. N. 1976. *De geração a geração*. Coleção Estudos. n. 41. São Paulo: Perspectiva.

ELIAS, N. 1990. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ESCOBAR, A. *Bienvenidos a Cyberia. Notas para uma Antropologia da Cibercultura*. Disponível em <<http://tinyurl.com/7g7dsvq>>. Acesso em 08 de nov. 2011.

ESTADÃO, J. O. 2012. *Facebook supera audiência do Orkut*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/bl8wbns>>. Acesso em 30 de Fev. 2013.

FABIAN, J. 2006. *The other revisited. Critical afterthoughts*. **Anthropological Theory**, v. 6, pp. 139–152.

Facebook Sponsored Stories. How are they doing? Disponível em <<http://tinyurl.com/3mjdbuf>>. Acesso em 04. Jul. 11.

FERREIRA, G. M. 2003 *Em busca da disciplinarização da Comunicação: da noção de campo aos domínios da pesquisa*. **Epistemologia da Comunicação**. LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). São Paulo: Edições Loyola. pp. 253-276.

FERREIRA, J. 2000. *Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno*. **RBCS**. v.15. n. 44, pp.103-117.

FERREIRA, N. S. C. 2003. *É possível humanizar a formação no mundo globalizado? Sim, é possível*. **A Gestão da Educação na Sociedade Mundializada: por uma nova cidadania**. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 15-30.

FLUSSER, V. 2007. *Língua e realidade*. São Paulo, Annablume. Disponível em <<http://tinyurl.com/7q46na6>>. Acesso em 08 de Mar. 2012.

FOUCAULT, M. 1971. *L'Ordre du discours*, Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970 (Éditions Gallimard, Paris) Trad.: Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento. Disponível em <<http://filoesco.unb.br/foucault/ordem.pdf>>. Acesso em 26 de Jun. 2011.

_____. 1976. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 1979. *Microfísica do poder*. MACHADO, Roberto (Trad. E Org.). Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. 1984. *Deux essais sur le sujet et le pouvoir*, in Hubert Freyfus e Paul Rabinow, Michel Foucault. **Un parcours philosophique**, Paris, Gallimard, pp. 297-321. Trad. parcial disponível em <<http://filoesco.unb.br/foucault/sujeitopoder.pdf>>. Acesso em 25 de jun. 2011.

FOURNIER, M. 1993. *Marcel Mauss ou a dádiva de si*. **RCBS**. n.21, pp.104-112.

FRÚGOLI, H. Jr. 2007. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GADAMER, H-G. 1997. *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes.

- GELL, A. 1988. *Technology and Magic*. **Anthropology Today**, pp.6-9.
- _____. 1992. *The technology of enchantment and the enchantment of technology*. Oxford: Clarendon Press, pp.40-63.
- _____. 1996. *Vogel's Net: Trap as Artworks and Artworks as Traps*. **Journal of Material Culture**, pp.15-38.
- _____. 1998. *Art and Agency*. Oxford: Oxford University Press.
- GEERTZ, C. 1973. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.
- _____. 1995. *After the fact: two countries, four decades, one anthropologist*. Cambridge: Harvard University Press.
- _____. 2004. *O selvagem cerebral: sobre a obra de Claude Lévi-Strauss*. Trad.: Antonio M. Dias da Costa. **Cadernos de Campo**, n.. 12. FFLCH-USP, pp. 119-132.
- _____. 2005. *El mundo en un texto. Como leer "Tristes trópicos"*. **El Antropólogo como autor**. Ediciones Paidós Ibérica. Buenos Aires. Em português: *Obras e Vidas: O antropólogo como autor*. 2.ed. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____. 2008. *O Saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- GIDDENS, A. 1990. *The consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- _____. 2002. *Modernidade e Identidade*. Trad.: Plínio Dentzien. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- GLOBO, J. O. 2012. *Facebook alcança 1 bilhão de usuários ativos mensais*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/bwlodxx>>. Acesso em 30 de Fev. 2013.
- GOMES, M. B. 2011. *A convergência das Mídias*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em <<http://tinyurl.com/6pn68pv>>. Acesso em 21 de Fev 2012.
- GOSDEN, C. 2005. *What do Objects want?*. University of Oxford, vol.12. n. 3. Set. *Journal of Archaeological Method and Theory*.
- GROOPO, L. A. 2000. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. 2005. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

GUIMARÃES JR., M. J. L. 2004. *De pés descalços no ciberespaço. Tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line*. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n. 21, pp. 123-154. Jan./jun. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20622.pdf>>. Acesso em 09 de nov. 2011.

HALL, S. 2003a. *A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall*. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad.: Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, pp. 407-434.

_____. 2003b. Entrevista feita por Heloisa Buarque de Hollanda (professora da UFRJ e diretora da Aeroplano Editora e Consultoria) e Liv Sovik (professora da UFRJ e organizadora do livro de Stuart Hall, *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Editora UFMG). Disponível em <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=719>>. Acesso em 15 de nov. 2010.

_____. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. : Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

HARAWAY, D. 2004. *Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*. Cadernos Pagu, 22, pp.201-247. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em 07 de abr. 2011.

_____. 2009. *Manifesto ciborgue*. Disponível em <<http://deriva.wikispaces.com/Manifesto+Ciborgue>>. Acesso em 28 de set. 2012.

HEILBORN, M. L. [et al.]. 2006. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.

HIJAZI, O. 2008. *Marketing en los nuevos tempos*. Barcelona: Ediciones Deusto.

HIRSCH, S. M.; WRIGHT, P. G. 1988. *De Bali as posmodernismo: una entrevista con Clifford Geertz*. **Aletridades**, pp.119-126.

Ibope Nielsen Online. 2011. Disponível em <<http://tinyurl.com/2bccp5>>. Acesso em 15. fev. 11.

Human Facebook Default Avatar. 2010. Disponível em: <<http://tinyurl.com/4y4atzx>>. Acesso em 01 de mar. 2013.

JAMESON, F. 2005. *Modernidade singular*. Trad.: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JULIO, B. G. de O. 2005. *Identidade e interação social em comunicação mediada por computador*. Dissertação de Mestrado da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <<http://tinyurl.com/3h9dywm>>. Acesso em 22 de jan. 2011.

KARSAKLIAN, E. 2009. *Comportamento do consumidor*. 2. ed. São Paulo: Atlas.

KIMMEL, M. S. 1998. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. **Horizontes Antropológicos**. UFRGS/IFCH. Porto Alegre, pp.103-118.

KOTLER, P. 2006. *Dirección de Marketing*. Madrid: Pearson Educación.

KUPER, A. 1978. In: *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 169-196 e pp. 197-218.

LACERDA, J. de S. 2001. *Mentiras sinceras me interessam. A construção de representações, identidades e vínculos sociais na comunicação mediada por computador*. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/lacerda-juciano-mentiras-sinceras.pdf>>. Acesso em 22 de fev. 2011.

LANDOWSKI, E. 1992. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes.

_____. 2002. *Presenças do outro*. Trad.: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora Perspectiva.

LATOUR, B. 1994. *Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34 Letras.

LE GOFF, J. 2003. *História e Memória*. Trad.: Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5.ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

LEACH, E. R. 1973. *Lévi-Strauss*. São Paulo, Ed. Cutrix.

_____. 1996. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, pp. 09-80 e pp. 321-333.

_____. 2001. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, pp. 13-51.

LEENHARDT, M. 1971. *Do Kamo. La personne et le mythe dans Le monde mélanésien*. Editions Gallimard, pp. 7-96.

LEMOS, A. 2009. In: *Cultura Digital.br*. COHN, Sergio; SAVAZONI, Rodrigo. (Orgs.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue. Disponível em <<http://tinyurl.com/yb4y825>>. Acesso em 04 de jul. 11.

LEVI, G.; SCHIMITT, J-C. 1991. *História dos Jovens*. v.1 – *Da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1996. *História dos Jovens*. v.2 – *Á época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras.

LÉVI-STRAUSS, C. 1974. *Introdução: A obra de Marcel Mauss*. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, pp. 1-36.

_____. 1980. Aula Inaugural. In: ZALUAR, Alba (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 211-222.

_____. 1989. *A noção de estrutura em etnologia*. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 313-360.

LEVY, P. 1993. *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do pensamento na Era da Informática*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. 1996. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. 1.ed. São Paulo: Editora 34.

LIPOVETSKY, G. 2004. *Os tempos hipermodernos*. Trad.: Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla.

LOURO, G. 2006. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.

MAFFESOLI, M. 1996. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes.

_____. 2001. *Une lecture de Georg Simmel*. **Sociétés**. n. 74, pp.5-19.

MALIGHETTI, R. 2004. *Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos*. Caderno Pós Ciências Sociais. São Luís, v. 1, n. 1, pp. 109-22.

MALINOWSKI, B. 1976. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.

_____. 1997. *Um Diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record.

MARCUS, G. 1995. *Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal*. Disponível em

<<http://www.unc.edu/~restrepo/trabajo%20de%20grado/etnografia%20multilocal-marcus.pdf>>. Acesso em 28 de set. 2012.

MARQUES DE MELO, J. 1998. *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis: Vozes.

MARTIN, E. 1994. *Flexible Bodies*. Boston: Beacon Press.

_____. 2006. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond.

MARTÍN-BARBERO, J. 1995. América latina e os anos recentes da recepção em comunicação social, In: SOUSA, Mauro W. de (org), *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense.

_____. 1997. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRio de Janeiro.

MATTELART, A.; MATTELART, M. 2010. *História das teorias da Comunicação*. Trad.: Luiz Paulo Rouanet. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola.

MAUSS, M. 1974a. *Sociologia e Antropologia*. Tradução Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Edusp.

_____. 1974b. *Técnicas corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP.

_____. 1974c. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp.

McLUHAN, M. 1998. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad.: Décio Pignatari. 1. ed. São Paulo: Cultrix.

MELUCCI, A.; FABBRINI, A. 1992. *L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*. Milano: Feltrinelli.

Mídias sociais nas empresas. O relacionamento online com o mercado. 2010. Disponível em <<http://tinyurl.com/3pwxhme>>. Acesso em 15 de fev. 11.

MILLER, D. 1987. *Artefacts in their contexts*. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Blackwell, pp.109-130.

_____. 2000. *The fame of trinis: websites as traps*. London, University College: *Journal of Material Culture*.

_____. 2007. *Consumo como Cultura Material*. **Horizontes Antropológicos**. Ano 13. n. 28. Jul-Dez, pp.33-63.

MOCELLIM, A. 2008. *Internet e identidade: um estudo sobre o website Orkut*. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<http://tinyurl.com/7g4b9sh>>. Acesso em 15 de fev. 2011.

Modelo de Shannon. 2010. Disponível em <<http://tinyurl.com/3zvhgcg>>. Acesso em 27 de jun. 2011.

MONTARDO, S. P. 2004. *Comunicação na cibercultura: Nova abordagem do pensamento de Georg Simmel*. Núcleo de Pesquisa 08 – Tecnologia da Informação e da Comunicação, do XXVII Intercom. Disponível em <<http://tinyurl.com/7re64mc>>. Acesso em 20 de fev. 2011.

MORACE, F. (org.). 2009. *Consumo Autoral. As gerações como empresas criativas*. Trad.: Kathia Castilho. São Paulo: Estação das letras e Cores Editora.

MORAES, E. F. de (org.). 1983. *Georg Simmel: Sociologia*. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática.

MORIGI, V. J. 2004. *Teoria Social e Comunicação: Representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos*. Disponível em <<http://tinyurl.com/7uc7bts>>. Acesso em 26 de Jun. 2011.

MOSCOVICI, S.; MARKOVÁ, I. 2003. *La presentación de las representaciones sociales: diálogo con Serge Moscovici*. In: CASTORINA, José Antonio (org). *Representaciones Sociales: problemas teóricos y conocimientos infantiles*. Barcelona: Gedis editorial, pp. 111-152.

MOURA, C. 2002. *A Vertigem: Da ausência como lugar do corpo*. Universidade da Beira Interior, Março. Disponível em <<http://tinyurl.com/7u5er54>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

MOUTINHO, L. 2004. *Razão e “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: UNESP.

NERY, V. C. A; TEMER, A. C. R. P. 2009. *Para entender as Teorias da Comunicação*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU.

Nielsen Mobile Insights. 2011. Disponível em <<http://tinyurl.com/4xcfb52>>. Acesso em 15 de Fev. 2011.

NIETZSCHE, F. 2002. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Hemus. Disponível em <<http://tinyurl.com/7thg8to>>. Acesso em 24 de Fev. 2012.

NOGUEIRA, E. J.; CAPITANINI, M. E. S. 1999. *Construção social das etapas da vida: reflexões sobre a velhice*. In *Revista de estudos universitários*. Nº1. V. 25. Sorocaba, pp. 75-83.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. 2004. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker Editores.

OLDENBURG, R. 1999. *The great good place: cafés, coffee shops, bookstores, bars, hair salons and other hangouts at the heart of a community*. New York: Marlowe&Company.

ORTNER, S. 2007. *Subjetividade e crítica cultural*. Horizontes Antropológicos. v.13. n. 28. Jul-Dez. Porto Alegre. Disponível em: <<http://tinyurl.com/a3hhyle>>. Acesso em 18 de Jan. 2013.

PANOURGIÁ, N. 2002. *Interview with Clifford Geertz*. In: *Anthropological Theory*, pp. 421-431.

PARENTE, A. 1999. *O virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulin. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/19455767/O-Virtual-e-O-Hirpertextual-Andre-Parente>>. Acesso em 23 de Fev. 2012.

PEIRANO, M. 1990. *Só para iniciados*. In: *Estudos Históricos*, vol.3, n.5, Rio de Janeiro, pp. 93-102.

_____. 1997. *Onde está a antropologia?* **Mana**. Museu Nacional. Rio de Janeiro. Out. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2441.pdf>>. Acesso em 12 de Set. 2011.

_____. 1999. *A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil*. **Série Antropologia 255**. Departamento de Antropologia/UnB. Brasília. Disponível em <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf>>. Acesso em 18 de Fev. 2011.

PEIRCE, C. S. 2003. *Semiótica*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva.

PERLONGHER, N. 2008. *O negócio do michê*. 2.ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.

PESSOA, F. 2011. *O livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.

PINHO NETO, J. A. de S. 2010. *Informação e sociabilidade nas comunidades virtuais: um estudo sobre o Orkut*. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em <<http://tinyurl.com/7ve39yr>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

PREIS MORAES, H. J. 2011. *Inteligência coletiva: o ciberespaço como retrato da sociedade ou uma discussão da ética da estética*. In: Revista FAMECOS. Mídia, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre, v. 18, n. 2, Mai-Ago. Disponível em <<http://tinyurl.com/86tkn9y>>. Acesso em 09 de Nov. 2011, pp. 542-556.

Projeto Sonho Brasileiro. 2011. Disponível em <<http://osonhobrasileiro.com.br/indexn.php>>. Acesso em 28 de Jun. 2011.

RABINOW, P. 1999. *Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na Antropologia*. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, pp.71-108.

RECUERO, R. da C. 2004. *Redes sociais na internet: considerações iniciais* Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

_____. 2011. *Comunidades virtuais: Uma abordagem teórica*. V Seminário Internacional de Comunicação, GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>>. Acesso em 18 de Fev. 2012.

_____. 2012. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.

REDE, M. 2003. *Estudos de Cultura Material: uma vertente francesa*. **Anais do Museu Paulista**. v.8/9. n.9, pp.281-292.

REIS, C. J. 2002. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. 2009. *A vida social é atualizar reciprocidades*. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis. EDUFSC, v.43, n.2, pp.491-499.

ROCHA, E. 2006. *Representações do consumo: Estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro: Mauad.

RODRIGUES, R. 2010. *Ciberespaços Públicos: As novas Ágoras de discussão*. Universidade da Beira Interior. Disponível em <<http://tinyurl.com/89t3ytd>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

ROSALDO, R. 1991. *Subjetividad en el análisis social*. In: *Cultura y Verdad. Nueva propuesta de análisis social*. México: Grijalbo, pp.157-79.

ROSÁRIO, U. 1993. *Cultura brasileira*. Belém: Cejup.

RÜDIGER, F. 2003. *Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores*. 2. ed. São Paulo: Edicon.

SAHLINS, M. 2003. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SÁNCHEZ, Y. 2007. *Generación Y*. Disponível em <<http://tinyurl.com/yjvkrqo>>. Acesso em 10 de Mar. 2012.

SANTAELLA, L.; ARANTES, P. (orgs.). 2008. *Estéticas Tecnológicas. Novos modos de sentir*. São Paulo: Educ.

SANTOS, M. 2008. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SAUSSURE, F. de. 1978. *Curso de linguística geral*. 3.ed. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

SCOTT, J. 1990. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. **Educação e Realidade**. Jul-dez, pp.71-98.

SEDGWICK, E. K. 2007. *A epistemologia do armário*. **Cadernos Pagu**. 28. Jan-jun, pp.19-54.

SERRA, P. 2006. *On-line e off-line: Concordâncias, oposições e complementaridades*. Universidade da Beira Interior. Disponível em <<http://tinyurl.com/7hmokhh>>. Acesso em 23 de Fev. 2012.

SIBILA, P. 2007. In: *Comunicação e Sociabilidade: Cenários Contemporâneos*. CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad X.

SIGAUD, L. 1999. *As vicissitudes do “Ensaio sobre o Dom”*. **Mana**. 5, pp.89-124.

SILVA, A. M. P. da. 2004. *Ciberantropologia: O estudo das comunidades virtuais*. Universidade Aberta. Disponível em <<http://tinyurl.com/7tnjnpu>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

SILVA, M. L. da. 2002. Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Ciências da Comunicação. *Perspectivas weberianas da Sociedade Rede*. Disponível em <<http://tinyurl.com/834972r>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

SIMMEL, G. 1971. *Philosophy of the Social Sciences*. In: LEVINE, Donald N. **On individuality and Social Forms**. Chicago and London: The University of Chicago Press, pp.3-40.

_____. 2006. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad.: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

SOARES, L. E. *Hermenêutica e Ciências Humanas*. 1988. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, p. 100-142.

SODRÉ, M. 2002. *Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes.

SORO, E. S. 2006. *Acción Comunicativa en el Ciberespacio: el análisis de las páginas web personales*. Universitat Jaume I. Disponível em <<http://tinyurl.com/88bajhj>>. Acesso em 22 de Fev. 2012.

TAPSCOTT, D. 2010. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Trad.: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios.

THOMPSON, J. B. 1995. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad.: Carmen Grisci et. al. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes.

_____. 1998. *A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia*. Trad.: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Editora Vozes.

TILLEY, C. 2008. *Objetification*. Handbook of Material Culture, New York: Sage, pp.60-73.

TOURAINÉ, A. 2003. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Rio de Janeiro: Vozes.

TRAJANO FILHO, W. 1986. *Que barulho é esse, o dos Pós-Modernos?* In: **Anuário Antropológico 86**. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/UnB, pp.133-152.

LIBERAL, J. O. 2012. *Pessoas que entram no Facebook para encontrar amigos acabam ainda mais sozinhas*. Jornal O Liberal, 13 de Fev. Disponível em <<http://tinyurl.com/7y4r5w6>>. Acesso em 10 de Mar. 2012.

TURKLE, S. 1997. *A vida no Ecrã. A Identidade na Era da internet*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

UOL, P. de N. 2012. *Twitter passa dos 500 milhões de usuários, mas números mostram queda do microblog no Brasil*. Portal de Notícias UOL. Disponível em: <<http://tinyurl.com/avkqakm>>. Acesso em 30 de Fev. 2013

VELHO, G. (Org.). 1990. *Individualismo e juventude*. Comunicações do PPGAS. n. 18. Rio de Janeiro.

_____. 2006. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In ALMEIDA, Maria Izabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, pp.192-200.

VANCE, C. 1995. *A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. **Physis: Revista de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, UERJ, v.30, pp.47-62.

VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. 3a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

WIND, E. 1997. *A eloquência dos símbolos*. Trad.: José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

WINGFIELD, C. 2010. *Touching the Buddha: encounters with a charismatic object*. **Museum Materialities: objects, engagements, interpretations**. Routledge, pp.53-70.

WOLTON, D. 1999. *Pensar a Comunicação*. Trad: Vanda Anastácio. Portugal, Miraflores: Difusão Editorial.

APÊNDICE - ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO PARA TRABALHO DE CAMPO

Filtro:

-Participar de redes sociais da internet

Perguntas de identificação:

Idade:

Sexo ao nascer :

Como se define:

Como vc define a sua COR?

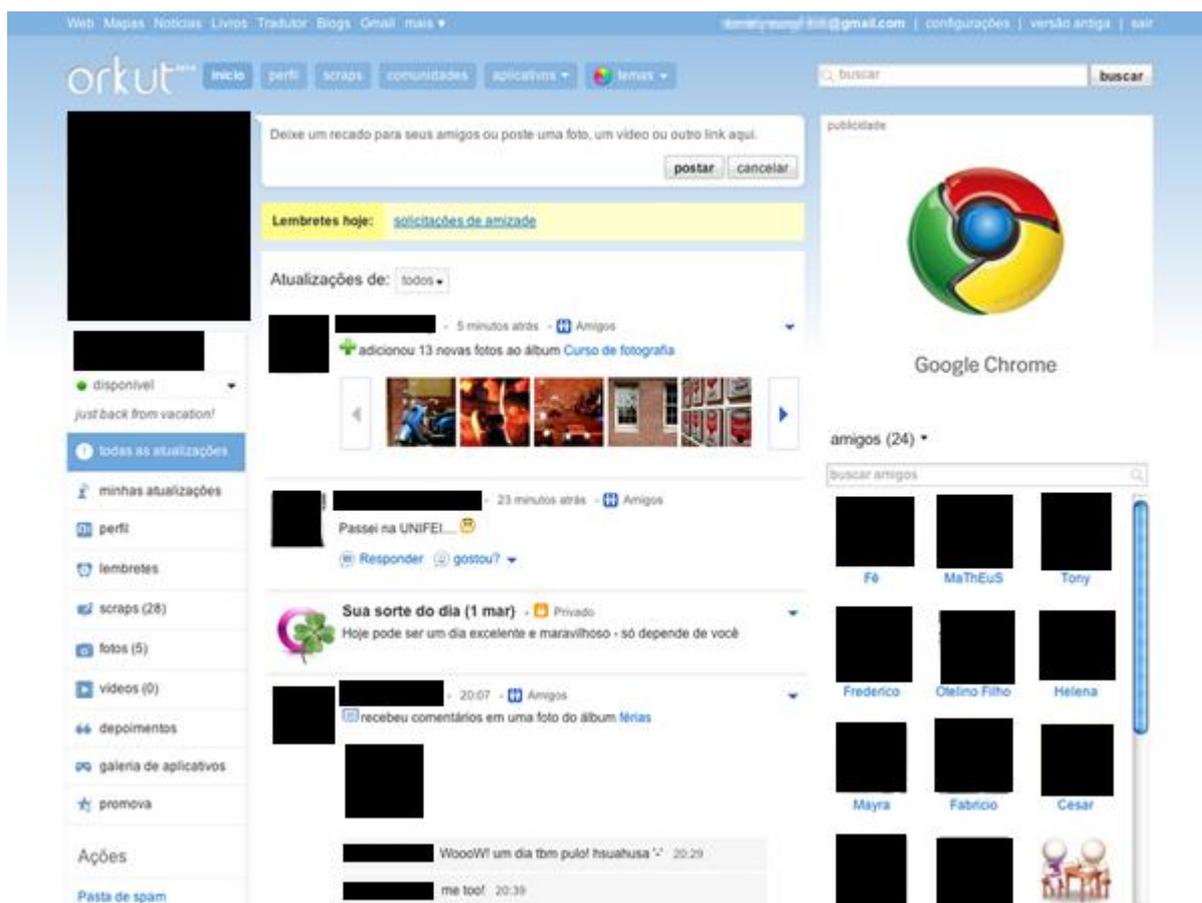
- 1- Há quanto tempo faz parte de redes sociais da internet?
- 2- De quais redes sociais da internet faz parte e qual/quais a que mais acessa? Por quê?
- 3- O que mais busca nestas redes sociais da internet?
- 4- A maior parte das pessoas com as quais você se relaciona no cotidiano também são as que você mais se relaciona nas redes sociais? Por quê?
- 5- Os contatos de suas redes sociais são conhecidos seus pessoalmente?
- 6- No que você considera que as redes sociais mais influenciam na sua vida?
- 7- Você considera que há algo de diferente na pessoa que você é no plano concreto e no plano do não concreto? Em que sentido?
- 8- Você considera que há algo de diferente nas pessoas que freqüentam a rede naquilo que elas apresentam no plano concreto e no plano do não concreto? Em que sentido?
- 9- Você costuma colocar fotos atualizadas em sua rede social? De quais momentos principais? Por quê?
- 10- De onde você mais costuma acessar as redes sociais da internet?
- 11- Com qual frequência? Por quê?
- 12- Qual a principal vantagem e desvantagem de fazer parte das redes sociais da internet?
- 13- Você já viveu relacionamentos amorosos a partir da internet?
- 14- Quem na sua casa acessa internet e faz parte de redes além de você?
- 15- Seus pais/ irmãos participam de redes em comum com você? Como é essa experiência?
- 16- Você já postou coisas na internet que se arrependeu? Quais?
- 17- O que você não gosta de postar na internet?

18- Você tem redes que não se conciliam? Que são bem diferentes? E quando elas se cruzam, como vc faz? Ou você evita esse cruzamento? (pensar os diferentes tipos de redes que estamos: famílias, grupo militante, grupos alternativos homossexuais com assuntos correspondentes e que são publicados para todos virem... como lidar com esses vários pertencimentos que se cruzam ao postar notícias?)

19- Viver sem internet e sem redes sociais da internet para você significa...

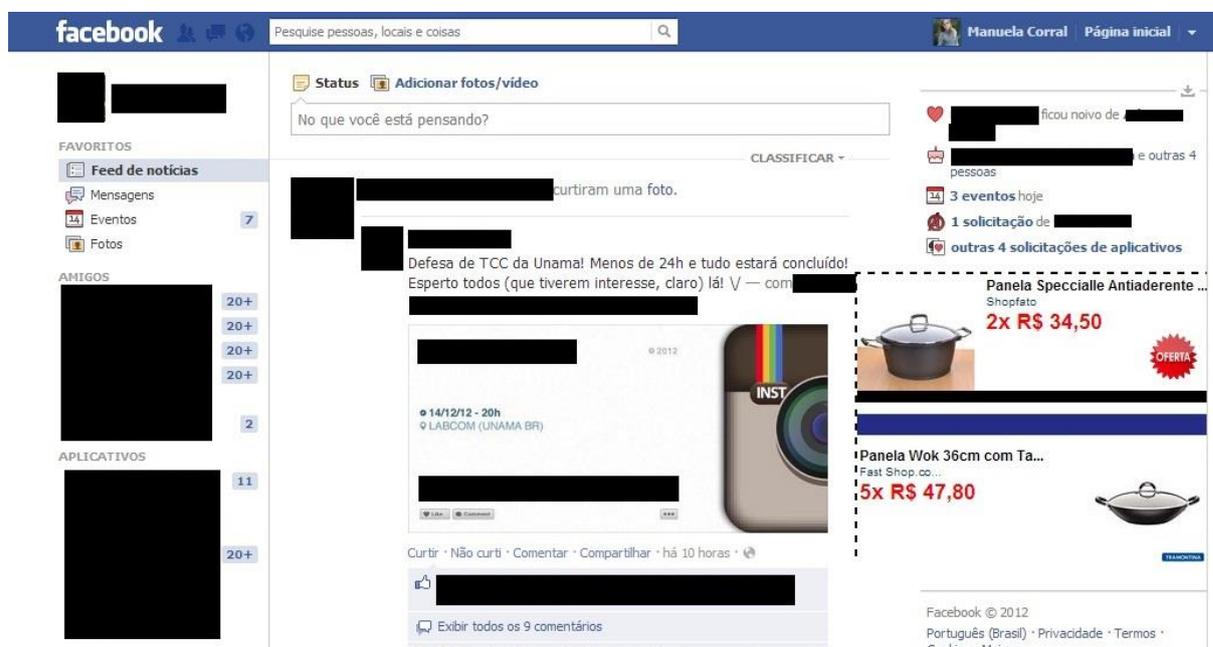
ANEXOS

ANEXO 1 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO DO ORKUT



Nota: Imagens e nomes foram suprimidos de maneira a manter a privacidade do sujeito do perfil.

ANEXO 2 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO DO FACEBOOK



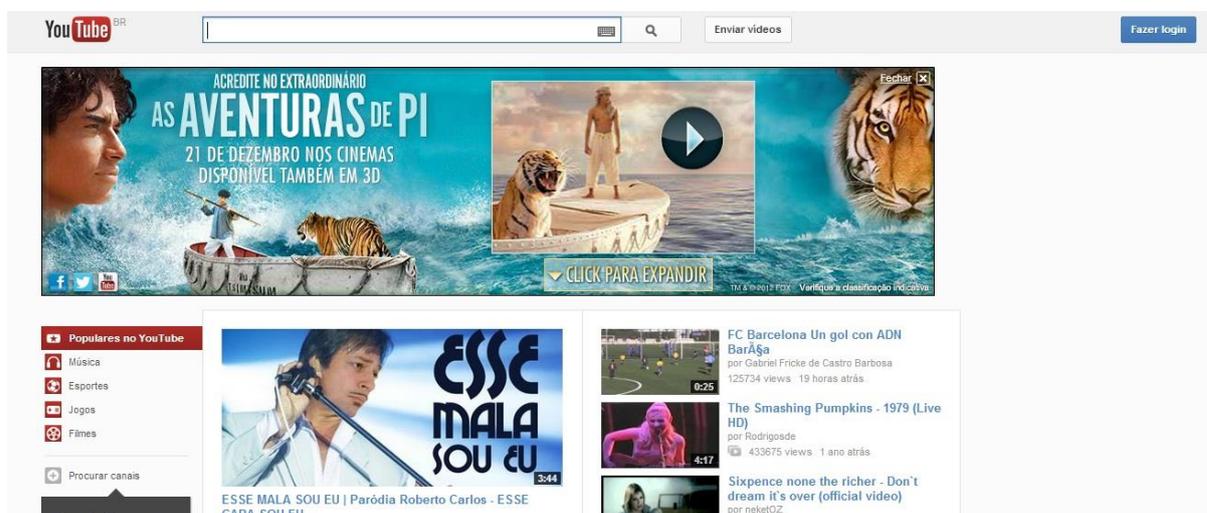
Nota: Imagens e nomes foram suprimidos de maneira a manter a privacidade do sujeito do perfil.

ANEXO 3 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO DO TWITTER



Nota: Imagens e nomes foram suprimidos de maneira a manter a privacidade do sujeito do perfil.

ANEXO 4 – MODELO DE IMAGEM - PÁGINA INICIAL DO YOUTUBE



ANEXO 5 – DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM MTV